

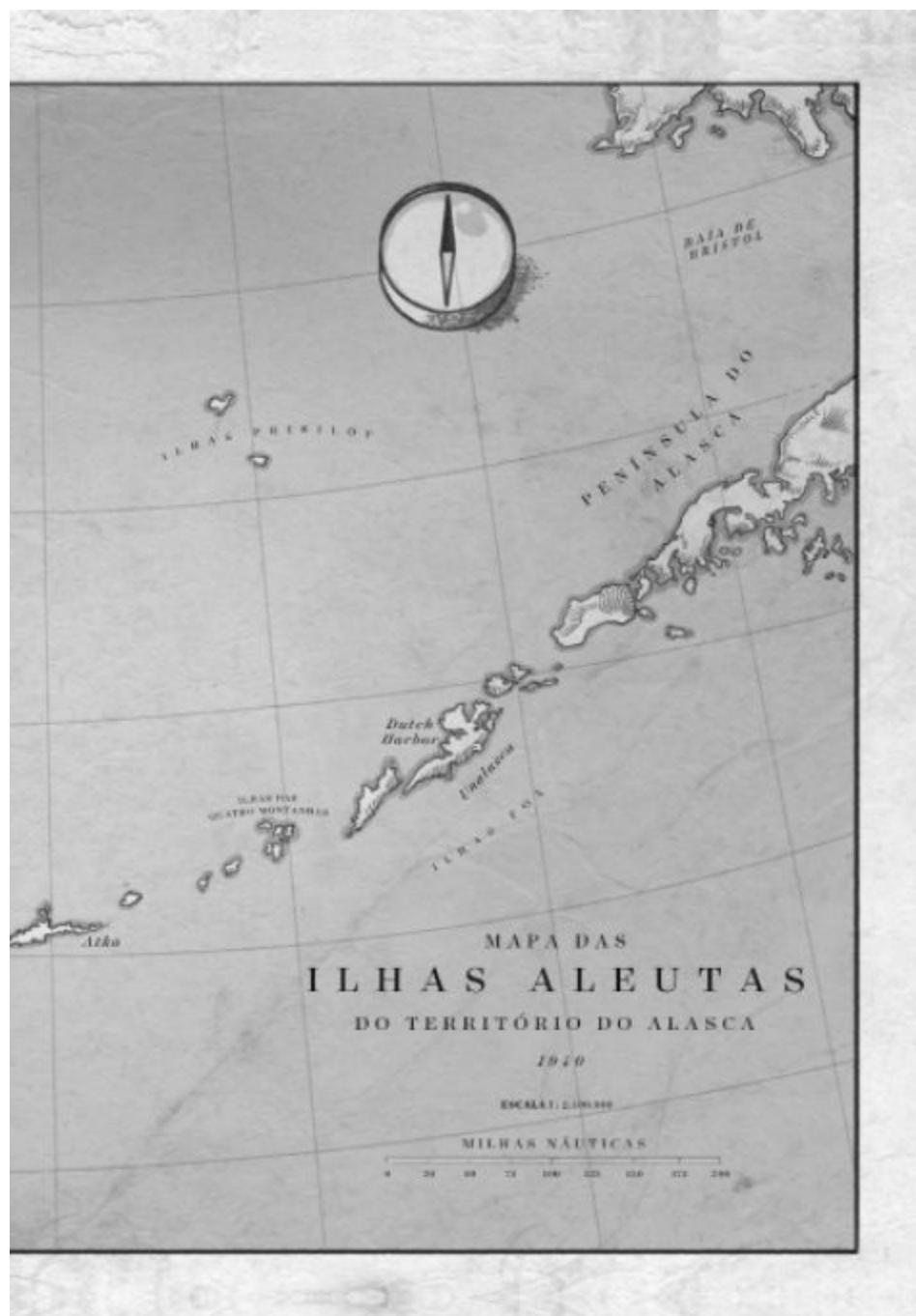
Um romance arrebatador sobre a vida, a honra e o amor.

BRIAN PAYTON

ONDE NASCEM OS VENTOS

GOBOLIVROS





Brian Payton

Onde nascem os ventos

Tradução: Claudio Carina

Sumário

[Começar](#)

[Mapa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Parte Um](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[Parte Dois](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[CATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[VINTE E QUATRO](#)

[VINTE E CINCO](#)

[VINTE E SEIS](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[NOTA DO AUTOR](#)

copyright © 2014 by Brian Payton

Copyright da tradução © 2014 by Editora Globo S.A. para a presente edição

Título original: *The Wind Is Not a River*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Editor responsável: Eugenia Ribas-Vieira

Editor assistente: Sarah Czapski Simoni

Preparação de texto: Laila Guilherme

Revisão: Vanessa Rodrigues e Matheus Perez

Paginação: Linea Editora Ltda.

Capa: Sérgio Campante

Foto da capa: © Mark Owen/Arcangel Images e Thinkstock

Mapa: karmo

1ª edição, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P367o

Payton, Brian

Onde nascem os ventos / Brian Payton ; tradução Claudio Carina. – 1. ed. – São Paulo : Globo Livros, 2015.

Tradução de: *The Wind Is Not a River*

ISBN 978-85-250-6047-1

1. Romance americano. I. Carina, Claudio. II. Título.

CDD: 813

14-16340 CDD: 821.111(73)-3

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1485 – 05346-002 – São Paulo / SP

www.globolivros.com.br

Para Lily

UM

1º DE ABRIL DE 1943

QUANDO JOHN EASLEY abre os olhos no meio do dia e olha para o céu, não vê sua vida passar diante de si. Vê apenas um tecido límpido de céu acinzentado sem muitas nuances. Pisca duas vezes antes de se concentrar nas minúsculas manchas escuras que pairam nas nuvens. Elas passeiam por todo o seu campo de visão. No último inverno, o médico as diagnosticou como *flutuadores*. Disse que na idade de Easley, trinta e oito, muita gente as têm. Pedacinhos do revestimento interno do globo ocular que se soltam e nadam na gelatina. Na verdade, o que Easley vê não são as manchinhas, mas as sombras que projetam ao passar sobre a retina. Para evitar a distração, o médico o aconselhou a não olhar para páginas em branco, para o céu ou para a neve. Esses são seus primeiros pensamentos conscientes na ilha de Attu.

Ele se senta ereto. Quando faz isso, sente que a cabeça tem um *momentum* próprio, como se quisesse continuar sua trajetória para cima. Sente uma pontada aguda nas costelas. Apoia as mãos nuas na neve, para não desabar. O paraquedas se agita atrás dele — uma violação ictérica da paisagem perfeitamente branca. A neblina é tão espessa que ele não consegue ver o fim da seda. Por um momento, sente medo de ser colhido por uma brisa e arremessado mais acima na encosta.

Aviões uivam e circulam no alto, invisíveis.

Easley flexiona as mãos. As luvas foram arrancadas pela velocidade da queda. Olha para as pernas compridas e mexe as botas de um lado a outro. Tira a touca de voo da cabeça, passa os dedos pelo cabelo, procura sinais de sangue. Não encontrando nada, solta as correias, rola sobre a barriga e se levanta. Surpreendentemente, ele está vivo e inteiro. E começa assim.

A neblina é mais que uma aliada; é uma amiga íntima e pessoal, permitindo que escape à detecção. Mas também o separa da tripulação, se é que alguém mais sobreviveu. Surge o lampejo coruscante de uma lembrança: a lapela de um aviador, desabrochando como uma flor antes de a cabeça do homem pender, imóvel, para a frente.

Não muito abaixo da encosta, a neve se alarga num campo aberto que se perde na névoa. Caules já amarronzados, de um metro, da colheita de centeio do ano passado, estão achatados no solo pelo peso do inverno. Easley volta um pouco, recolhe o paraquedas e rapidamente o enfia na mochila. Não é fácil fazer caber. Pendura o fardo nos ombros, estremece com a dor na lateral do corpo, mas se levanta desafiante, pensando no que fazer.

O estampido dos disparos ocasionais de aeronaves japonesas começa a definir o espaço. Junto com as rajadas distantes — oito, quinze quilômetros? —, soa a cascata da arrebenção

mais próxima. Mas, assim como a visão em águas profundas, a névoa confunde, distorce. Não há cobertura no raio de cem metros de visibilidade. Ele está totalmente exposto. Tira a mochila do ombro e a usa como uma banqueta.

Olha para as costas das mãos, que estão rosadas de frio. Ultimamente elas têm trazido lembranças de seu pai. Não são mais mãos de um jovem, lisas e sem manchas. De repente, todos os poros e veias parecem se revelar. Uma topografia de linhas finas e cicatrizes esmaecidas.

John Easley tinha só sete anos quando soltou a mão suada do irmão na Victoria Station de Londres. Eles tinham chegado de Vancouver no dia anterior, via Montreal, condenados a passar os oito meses seguintes num minúsculo apartamento, enquanto o pai regularizava suas credenciais de engenheiro. John teria responsabilidades. No momento, porém, com a mãe ausente à procura de emprego e o pai na fila para comprar bilhetes do metrô, a única tarefa de John era ficar no banco cuidando de Warren, de três anos. Mas aqueles trens magníficos entrando e saindo da estação o deixavam encantado. Tinha certeza de que ainda segurava a mão do irmão quando saiu vagando pela multidão, assim como sabia que fora ele quem se soltara.

A culpa chegava como uma febre. Depois de todos aqueles anos, ele ainda se sentia culpado. Quando se virou para trás, os bancos, as plataformas, tudo parecia igual. Havia muitas crianças pequenas para escolher, todas firmemente ligadas a outras famílias. O que começara como um andar apressado se transformara numa corrida para fora da estação, com a convicção de que já era tarde demais. A adrenalina deu lugar à náusea, e ele foi envolvido por uma tontura.

Acordou no meio de um círculo de rostos femininos e a vaga ideia de que tinha renascido dos mortos. Mas logo o pai apareceu, com o irmão Warren no colo, o rosto pálido e contraído. Agradeceu às mulheres e pegou John pelo braço. Assim que se distanciaram um pouco da cena, depositou Warren na calçada e virou-se para o filho mais velho.

— Por que você deixou o seu irmão? Aonde pensou que ia? — Em seguida, pela primeira e única vez, Easley viu o pai perder o controle. Sem querer que ninguém o visse chorar, o pai cobriu o rosto com as duas mãos, envergonhado.

O fogo antiaéreo aumenta esporadicamente antes de cessar de vez. O vento começa a se agitar. Easley levanta e olha em direção à névoa. Desce duzentos metros da encosta, deixa a última camada de neve e pisa no centeio amassado. O terreno, macio e esponjoso sob os pés, desce em direção à praia. Nenhuma árvore à vista, nenhum tipo de arbusto.

Um pequeno riacho divide o caminho à frente. Menos de um metro de largura, serpeando pela vegetação ressecada. Easley deita de bruços, a cabeça pendendo sobre a água. Encosta os lábios no riachinho gelado e bebe com tanta vontade que a cabeça começa a doer. Quando a dor diminui, bebe outra vez, como se não visse água há dias.

Ergue-se um pouco e nota um brilho na correnteza, um lampejo de reflexo de sol. Uma lufada de vento faz com que a gola de pele da jaqueta de voo bata em seu rosto antes de voltar para o lugar. O guincho de uma andorinha do Ártico é seguido, estranhamente, por um som que

parece um tossido. Easley olha ao redor. Agora talvez tenha uns trinta metros de visibilidade, que melhora rapidamente. Quanto mais longe ele vê, mais percebe o quanto está exposto. Não há nenhum tronco ou rocha onde se esconder, nenhuma valeta na qual se possa proteger. Seu coração bate mais forte. Easley se esforça para ouvir o tossido de novo, mas só detecta a arrebenção das ondas. Fica parado com os polegares enfiados nas alças das correias do paraquedas, sem saber o que fazer.

Então se vira e vê uma fenda se abrindo na neblina. Como uma cortina infinita se abrindo, a fenda se alarga e se afasta, iluminando o terreno, aquecendo o ar quando ele se aproxima. Finalmente a cobertura se abre, e o sol brilha bem acima. É uma coisa tão miraculosa que, por um momento, Easley esquece que está atrás das linhas inimigas.

A abertura se estende encosta abaixo e chega até a costa. Dá para divisar a espuma branca das ondas sob o céu azul pálido. Quando a abertura se expande e libera mais terreno, Easley ouve mais uma vez a tossida baixa e busca sua fonte atrás do vapor. Desarmado, só consegue observar uma figura tomando forma perto da orla da praia. Um japonês? Um membro da tripulação? Está claro que o homem o avistou. Easley não sabe se levanta as mãos ou se foge.

A névoa escorrega como seda das encostas de um vulcão dormente, revelando uma beleza frígida. Tudo fica exposto no alívio atrevido do raro sol das Aleutas — retalhos de branco, cascas amarronzadas da vegetação anual, o azul avermelhado do Pacífico Norte. Quando reconhece a figura solitária, Easley reprime uma vontade de gritar de alegria. Desengancha os polegares das correias, ergue a mão e acena.

Uma nova explosão de fogo antiaéreo faz com que os dois homens se ajoelhem.

Em seguida, tão rapidamente quanto começou, a neblina para de se afastar. Como uma onda descendo pela praia até o mar, a névoa hesita, refaz o caminho, volta a fluir. Os dois andam em direção um ao outro na névoa que se acumula, a cor e as luzes anteriores agora parecendo um sonho. Aproximam-se com largos sorrisos, como se fossem os únicos a entender a piada. E, quando se encontram, trocam um abraço longo e forte, como homens que enganaram a morte juntos — como homens convencidos de que o pior já passou.

O garoto, Karl Bitburg, está exausto. Easley percebe que está ensopado assim que se abraçam. O garoto fica sorrindo, tremendo. Easley imagina que não tenha mais de dezenove anos e, de repente, duvida se ele chegará aos vinte.

— Você encontrou mais alguém? — O garoto fala com um sotaque arrastado.

— Não. Você caiu na água?

— A uns trinta metros da praia. Saí assim que pude e puxei o paraquedas. Eu me escondi embaixo de uma pedra ali. — Fez um sinal em direção à praia. — Acho que nenhum japonês me viu. Eles estão do outro lado do penhasco.

— Foi só uma questão de sorte eu ter pousado em terra — diz Easley. A neblina estava tão espessa que só conseguiu ver onde estava caindo segundos antes de chegar ao chão. Não viu nenhum outro paraquedas e perdeu completamente a visão do avião. Enquanto conta sua história, Easley observa os tremores do garoto e, pela primeira vez, considera o verdadeiro poder do frio e da umidade que os envolve. O rosto do garoto está pálido, sua estatura está menor. Não se parece em nada com o garoto convencido e animado que Easley conhecera dois dias antes.

— Devíamos procurar os outros — observa o garoto.

— Nós precisamos é enxugar você.

— Vamos encontrar nossos amigos. Isso é o que vamos fazer. — O garoto fica um pouco mais ereto, estica o queixo. — Eu conheço esses sujeitos. Eu vivo com esses caras. Você só veio de carona.

— Se você não secar nem parar de tremer, vai estar morto de manhã.

O encontro com o garoto tira Easley do entorpecimento em que estava, apresentando um ponto de enfoque. Também propicia a primeira noção de um futuro desde o pouso na neve.

— Aviador de primeira classe — diz o garoto, anunciando sua patente. — Você nem deveria estar aqui. Eu sou responsável até encontrarmos o tenente.

— Como quiser — responde Easley. — Mas, agora que a neblina voltou, poderíamos acender um fogo para você secar. Arranjar um lugar para receber os seus amigos... se houver alguém para receber. — Percebe que o garoto está tentando ser razoável. — Os japas podem estar de olho. Nós devíamos encontrar alguma cobertura.

— Eles podem sentir o cheiro da fumaça.

— E você vai estar liquidado se tiver uma hipotermia.

O garoto põe as mãos no quadril e olha para a neblina.

— Meu isqueiro está ensopado.

Easley enfia a mão no bolso e tira seu Zippo novo e brilhante. Abre a tampa, acende uma chama forte e alaranjada.

Há poucos gravetos ao redor, não dá nem para sonhar com madeira seca. Easley sabe muito bem que não existem árvores nas ilhas Aleutas, a única madeira disponível são pedaços de troncos e galhos vindos de praias distantes. Os melhores pedaços são encontrados nos locais em que a praia se transforma em juncos e centeio, onde as ondas fortes arrancaram as raízes da terra. Abaixo das saliências formadas, juntam-se alguns caules e gravetos. Os gravetos e as folhas secas são suficientes para acender um fogo.

Eles encontram uma ravina pouco acima da linha da maré. Logo vai escurecer. O garoto fica diante do fogo em frente a Easley, despido até a cintura, segurando a pesada jaqueta de pele de carneiro sobre as chamas.

Seu corpo é branco e musculoso. Estatura média, pouco mais baixo que Easley. Embora

tenha um físico de atleta, Easley percebe que aquilo não vai adiantar muito ali. A ausência total de gordura não é um bom sinal. Uma nova tatuagem desponta em seu ombro: a âncora e a águia da Marinha dos Estados Unidos. A marca de um guerreiro. Parece ridícula a Easley, naquela pele branca e desprotegida. Faz o garoto parecer ainda mais jovem. O macacão de voo ensopado, sua única proteção de verdade, provavelmente nunca vai secar.

Easley fica olhando o garoto tremendo perto das labaredas, anda até o seu lado. Tira sua jaqueta de voo e põe nos ombros dele. O garoto se enrola no calor, aquiescendo com gratidão. Depois Easley tira sua calça de couro de voo e a dá para ele. Isso deixa Easley com uma calça de algodão, camisa e um agasalho leve.

O garoto tira o resto das roupas molhadas e veste a calça de Easley. Em seguida, os braços trêmulos, segura as roupas molhadas sobre o fogo.

— Em geral eu não mostro as joias da família no primeiro encontro — diz —, mesmo que sempre faça uma tentativa.

A ravina tem menos de três metros de profundidade, mas é suficiente para esconder a fogueira, a não ser, talvez, que seja avistada das montanhas a alguns quilômetros de distância, ou diretamente do mar. As coisas podiam estar piores. Os dois não estão feridos, o inimigo parece não saber da presença deles, e o garoto está reanimando a cada minuto que passa. Vão conseguir sobreviver à noite.

Quando cai a escuridão, a neblina se dissipa, e as estrelas brilham com um ar desafiador. As montanhas pairam arroxeadas, e a fosforescência ondulante do quebra-mar propicia a única divisória entre a escuridão da terra e do mar.

Easley começa a entender que eles só estão perdendo tempo. Seis aviões partiram para o bombardeio. A Marinha só sabe quais não voltaram. Talvez algum artilheiro de outro aparelho tenha visto seu avião cair no mar gelado. Está convencido de que não estão mais procurando por eles — nem por ele em particular. Devem presumir que tenham se afogado ou sido capturados. Todo homem que passou por isso sabe que não há esperança de resgate. Na ilha de Adak, os amigos do garoto vão considerá-lo desaparecido em ação com a tripulação e erguer um copo em sua memória nessa noite. Em uma semana, os pais dele receberão uma carta vaga, amanteigada de platitudes. O filho distinguiu-se no cumprimento do dever, lutou com distinção.

A mulher de Easley não vai receber uma carta assim. A essa altura, Helen já sabe que ele voltou ao Alasca, mas nem imagina que teria chegado até as Aleutas. Easley relembra suas mãos elegantes, o sorriso irônico, o cabelo macio caindo na nuca, mas acaba se sentindo culpado por tê-la deixado. Imagina Helen antes da guerra, antes de tudo ter mudado, sentada na exuberante lareira da casa do pai, banhada de luz e calor.

Easley acorda com uma dor na costela. O garoto está enrodilhado ao seu lado, dormindo no paraquedas. A cobertura de raízes permanece acima; o mar não invadiu. Quando o fogo se

apagou na noite anterior, eles cobriram as brasas e buscaram abrigo onde encontraram madeira, na linha mais alta da maré. Quase não havia lugar para os dois. Ignorando o protocolo de manter alguém de vigia, abriram o paraquedas de Easley, se enrolaram na seda e adormeceram logo.

Easley vira a cabeça e observa a brancura ofuscante. Vê um par de botas a uns doze metros de distância, sobre um recente acúmulo de neve. Um instante depois, um pequeno jorro amarelo. Easley prende a respiração. Quando o soldado termina, anda até a praia e olha para o mar. Logo chegam mais quatro soldados arrastando os pés, lançando olhares para as colinas e as montanhas. Não percebem o pequeno esconderijo. Meros cinco centímetros de neve cobriram rastros e imprudências prévias. Os japoneses parecem exaustos e entediados. Não veem nada.

Easley se abaixa, tapa a boca do garoto e aperta as bochechas dele. O menino acorda assustado, olha nos olhos de Easley, vira-se devagar e vê os homens acendendo cigarros, alternando o fuzil de um ombro para o outro. Quando desaparecem da vista, Easley dá um suspiro e volta a deitar.

— Droga! — O garoto esfrega os olhos. — Parece que você vai fazer uma reportagem maior do que desejava.

Reportagem. A palavra bate como um insulto. Quando o avião decolou, o piloto anunciou que havia um jornalista a bordo. Correspondente de guerra, nem mais nem menos. Já tinha passado da hora de o mundo saber o que estava acontecendo.

Os dois ficam em silêncio, atentos, vendo o dia ganhar força e a neve derreter nas bordas da toca onde se encontram.

A primeira viagem de Easley ao território do Alasca fora há quase um ano, num trabalho para a revista *National Geographic*. Sua viagem pela ilha de Atka cobria metade do arquipélago de mil e setecentos quilômetros em duas semanas, na primavera, passando por verdejantes colinas de um lugar que, ao menos visto do alto, lembrava Molokai, no Havaí. Antes daquele trabalho, ele só soubera vagamente da existência daquelas ilhas. Entrevistou moradores tímidos porém receptivos e foi convidado para pescar com eles. Frequentou a Igreja Ortodoxa, inalando o incenso e a pompa. Ficou fascinado com a história natural e humana da ilha — os laços nativos com a Rússia, o povo e a cultura. Teve contato com um mundo pouco conhecido e bastante remoto.

Mas no dia 3 de junho de 1942, três dias antes da programada volta de Easley para casa, os japoneses lançaram um ataque com caças leves e bombardearam a base naval de Dutch Harbor e a base do Exército de Fort Mears, matando quarenta e três homens, incinerando navios e edifícios. Aqueles postos avançados nas ilhas de Unalaska e Amaknak, perto do continente do Alasca, eram as únicas defesas dos Estados Unidos no arquipélago das Aleutas. No dia 7 de junho aconteceu a vitória do país em Midway. Naquele mesmo dia, seis meses depois do ataque a Pearl Harbor, os norte-americanos ficaram sabendo que o Exército japonês havia tomado as ilhas de Kiska e Attu, no extremo do arquipélago. Onze dias depois, a Marinha norte-americana

fez uma breve declaração à imprensa, minimizando os eventos. O trabalho original de Easley, um artigo sobre história natural, foi logo posto de lado. Quando finalmente chegou a Dutch Harbor, o lugar ainda fumegava.

Um dos poucos jornalistas presentes naquele novo teatro da guerra, Easley ouvia com atenção despachos oficiais e os passava aos ansiosos editores de jornais nos Estados Unidos. Mas logo começou a entrevistar pilotos que retornavam de voos de reconhecimento. Tomava notas do que diziam, rumores de como os japoneses estavam se entrincheirando. Com todo o cuidado, editava o próprio texto, eliminando qualquer coisa que julgasse comprometedor para os soldados, e mesmo assim os censores militares riscavam com tinta preta a maior parte dos fatos. Acabava ficando com uma cópia que dizia:

*acampamentos inimigos em
reforçados sob cobertura da neblina. navios do Exército Imperial
japoneses foram localizados em e tentando reabastecer.
Enquanto aviões e homens foram perdidos para o agressor, as
maiores ameaças às nossas tropas até agora são o vento, a umidade e o frio.*

Pouco depois, todos os correspondentes de imprensa foram removidos do Alasca — apesar de os congressistas estarem agora bradando por notícias daquele pedaço longínquo do solo norte-americano, novidades que não as transmitidas pela Rosa de Tóquio. Mas as notícias das Aleutas estavam agora sob o intenso escrutínio do Ministério da Guerra, uma questão de segurança nacional. Enquanto o fluxo de informações do Alasca gotejava, o envolvimento norte-americano no norte da África e em Guadalcanal servia para distrair a atenção. E as agências de informação estatais ainda trombeteando, em alto e bom som, a vitória em Midway.

Alguém quer que essa batalha seja travada longe dos holofotes. O que eles estavam escondendo nas Aleutas? Se os japoneses mantinham uma base para ataques ao continente, os civis no Alasca, na Colúmbia Britânica e no estado de Washington tinham o direito de saber e se preparar. Easley era um dos poucos jornalistas com algum conhecimento sobre aquela parte do mundo. Que tipo de repórter recusa uma tarefa como essa?

Alguns meses mais tarde, contra a recomendação de seus editores, de amigos e de Helen, Easley embarcou com outro jornalista como marujo num navio da Marinha mercante. Os dois não chegaram às Aleutas, mas passaram uma semana na ilha Kodiak, fazendo perguntas antes de os figurões do Exército serem informados. Foram embarcados para o Sul depois de um longo interrogatório e uma advertência de que poderiam ser presos e enquadrados pela Lei Antiespionagem. Na vez seguinte, Easley viajaria sozinho e se esconderia em plena luz. Na terceira vez ele foi de avião, usando um uniforme de tenente da Força Aérea Real Canadense — o uniforme que pertencia ao seu irmão. Falsificou documentos requisitando *status* de observador para futuras operações em conjunto no teatro das Aleutas.

Easley logo juntou os fatos básicos que a Marinha conhecia. Mais de dois mil soldados inimigos estão entrincheirados ao redor do pequeno vilarejo de Attu. A julgar pelas barracas,

pelos veículos e pelas estradas que os japoneses construíram na ilha de Kiska, nas imediações, poderia haver algo como dez mil soldados aquartelados ali. A ideia de que aquelas ilhas remotas pudessem ser uma brecha por onde a guerra pudesse fluir para a América do Norte é algo que a Marinha não quer que os civis considerem. Estão apostando que esse problema pode ser contido. O plano é desgastar o inimigo antes de um ataque anfíbio. O bombardeio regular de suas baterias antiaéreas, hangares de hidroaviões, docas de submarinos e pistas de pouso mantém os japoneses ocupados tapando buracos. Sempre que o clima permite, são despachados sobrevoos até seis vezes por dia a partir de Adak, a base avançada de operações contra as posições inimigas.

Em Adak, ele conhecera o piloto de uma aeronave que concordou em transportá-lo quando Easley explicara que ninguém nos Estados Unidos sabia o que ele e seus homens estavam enfrentando. O tenente Sanchez era um homem arguto e inteligente, mais ou menos da idade de Easley, com um sorriso rápido e contagiante. Disse que o fato de os jornalistas não cobrirem aquela guerra era o equivalente a um rápido chute no saco. Dois dias depois, Easley foi jogado pela escotilha enquanto o hidroavião Catalina em que estava mergulhou no céu turbulento.

Easley sai se arrastando de debaixo do beiral e dá uma boa olhada ao redor. Fica em pé meio cambaleante, estica as costas, apalpa as costelas doloridas. O garoto junta-se a ele, e os dois estudam as pegadas das botas dos japoneses na neve, encantados com a probabilidade de terem sido descobertos.

No entanto, a camada de neve também estimula Easley a se concentrar na necessidade imediata de encontrar alimento, abrigo e um esconderijo seguro. E percebe ainda o quadro maior, o fato de que, mesmo evitando as patrulhas inimigas, não pode escapar da umidade e do frio.

Pelo menos neste momento o sol está aparente. Os raios os levam a franzir os olhos. Para melhorar a moral, Easley atesta que, com a taxa de derretimento atual, a maior parte da neve terá sumido no final do dia.

O garoto demonstra a maneira certa de redobrar um paraquedas. Easley observa os movimentos repetidos muitas vezes, a memória automática, e o fato de que isso lhe dá alguma ilusão de controle. Quando a tarefa é concluída, os dois ficam com as mãos no quadril, olhando para o pacote impecável.

— Vamos ver o que mais nós temos. — O menino esvazia os bolsos em cima da lona. Surgem um canivete, o isqueiro afogado, uma chave, um bastão de goma de mascar e quatro cigarros amassados.

— De onde é a chave?

— Da porta da frente da minha casa.

Easley revira os bolsos e só apresenta seu Zippo e uma moeda. Depois fuça nos bolsos mais uma vez, mas sem acrescentar nada às provisões. O garoto segura a moeda entre o polegar

e o indicador.

— Uma ex-namorada me deu pra dar sorte — explica, omitindo a parte em que a namorada se transforma em esposa.

— E daí, você teve sorte?

A descarga de adrenalina pega Easley de surpresa. Considera o garoto por um momento: olhos animados tentando parecer casuais. Esse reconhecimento evita que Easley o esmurre.

— Acho que não. — O garoto parte a goma de mascar em duas, põe um pedaço na boca e oferece a outra metade a Easley. — Você não me parece um sujeito de sorte. Toma... — Joga a moeda para Easley. — Você pode me pagar uma bebida quando sairmos desse monte de merda congelado.

Sob a insistência do garoto, eles passam boa parte do dia em busca de outros membros da tripulação. Nariz e faces ardendo, dedos e artelhos latejantes. Quando voltam à ravina estão famintos, desanimados e — como a preocupação de Easley — sem a ilusão de que alguém mais do avião tenha sobrevivido. Os dois se dividem e vasculham a praia. Easley em busca de madeira para uma fogueira, o menino procurando algo para comer.

Apesar de Easley estar mais bem preparado dessa vez, a fogueira da noite ainda dá trabalho. As costelas doem a cada respiração para soprar as brasas. Ainda assim fica contente de ter usado menos fluido de isqueiro.

O garoto volta com a jaqueta cheia de grandes mexilhões azuis e moluscos meio esmagados, alguns irreconhecíveis e tão amassados que mancham o tecido. Triunfante, ele joga tudo na grama e volta à praia. Retorna com uma pedra achatada, que coloca perto das brasas.

— Eu estava pensando. Como vamos saber se é seguro comer essas coisas?

Easley pega um dos mexilhões quebrados. Morde o interior do próprio lábio inferior para tirar um pouco de sangue. Depois enfia o dedo na carne gosmenta do mexilhão e o esfrega no corte da boca.

— O que isso deve fazer?

Easley passa a língua no lábio algumas vezes, forçando a gosma no corte.

— Não sei se eles têm ou não maré vermelha por aqui. Se o lábio adormecer, é sinal de que a alga foi contaminada. Está tóxica. Caso contrário, não tem problema. — Easley espera alguns minutos, até belisca o lábio algumas vezes para garantir. Quando afinal faz um sinal positivo com a cabeça, o menino esfrega as mãos de alegria.

Colocam os mexilhões na pedra chata e quente, observando enquanto se abrem com o calor. O garoto oferece o primeiro a Easley, ainda fumegante na concha. Os dois tiram um pedaço e mastigam, olhando um para o outro por cima das labaredas. O garoto faz uma careta, mas logo pega mais um.

Passam quase uma hora assando e comendo o jantar. Para Easley essa cena, essa sensação, evoca uma viagem de navegação pelas ilhas do Golfo com o irmão, Warren, a última jornada daquele tipo da temporada, a primeira que lhes permitiram fazer sozinhos. O barco era pequeno demais para dois dormirem confortáveis, e eles estenderam os cobertores numa praia a sotavento. Como mais velho, Easley ficou encarregado de tudo naquela expedição — dos mapas, da navegação, da comida. Não que Warren, então com treze anos, não pudesse dividir essas tarefas. Já era um marinheiro competente. Easley não delegou responsabilidades exatamente por sentir sua primazia esmaecendo.

O capim ao lado da fogueira se resseca, e as roupas que vestem perdem parte da umidade absorvida ao longo do dia. Depois de comer, o garoto levanta e vai até o riacho tomar água. Volta enxugando os lábios com as costas da mão, olhando para Easley.

— Onde você aprendeu esse negócio dos moluscos?

— Com um índio.

— De onde você disse que é mesmo?

— Acho que eu não disse.

— Bom, agora estou perguntando.

— Eu moro em Seattle há alguns anos — responde Easley. — Antes disso, Vancouver.

— No Canadá.

— Isso mesmo.

— E por quê?

— Porque foi lá que eu nasci.

O garoto processa a informação em silêncio, como se estivesse fazendo contas. Depois diz:

— Nunca conheci um canadense, ou pelo menos acho que não.

— Pois agora você tá dormindo com um.

— Você poderia ter escrito o seu artigo em Adak. Não precisava estar naquele avião, não é?

— Já que você mencionou, eu também não sei muita coisa sobre você — replica Easley. — Me fale só dos pontos principais. A gente pode preencher com os detalhes com o passar das semanas e dos meses.

— Não vai ter essa de semanas.

Easley percebe e lamenta o fracasso da piada. O menino se estica no outro lado da fogueira e apoia a cabeça nas mãos. Observa Easley com atenção, deixando o tempo passar.

— Quantos anos você disse que tem?

— Trinta e oito. De que parte do Texas você é?

— Esse sotaque que você identificou é do oeste do Texas. Roan, Texas. Grande a ponto de ter duas tabernas, mas tão pequeno que você sabe o número do sutiã de todas as garotas da

cidade.

Estava claro que aquelas palavras tinham passado pelos lábios dele outras vezes.

O garoto descreve uma terra sem plantações e com poços de petróleo com pouco ou nenhum retorno. Um pai que nunca conheceu, mudanças constantes de um barraco alugado para outro. Amigos que o atormentavam no bilhar, batismos em canais de irrigação, cerveja gelada contrabandeada numa paisagem de verão. Easley visualiza uma região seca e quente onde a camisa cola no corpo de suor.

O menino queria jogar rúgbi, mas, sem porte físico, descobriu que tinha de ter o coração duas vezes maior do que o sujeito ao lado. Percebeu que não era o caso. Foi bem no ensino médio e chegou a cursar um semestre de faculdade antes de se alistar na guerra. Quando partiu para fazer o treinamento básico, a mãe nem o acompanhou até a porta. Ficou parada, ele conta, emoldurada na janela engordurada com uma expressão neutra e os braços cruzados agarrando o vestido. Antes de o caminhão se afastar, ele se lembra bem de ter visto as luzes se apagarem e a casa ficar escura.

Easley volta a se sentir à beira de um espaço vazio conhecido, o momento limítrofe quando se sente compelido a mostrar alguma parte privada de sua vida. Quer falar com o garoto sobre como perdera o irmão na guerra. E agora, talvez, a esposa também. O menino se expõe naturalmente. Easley considera: *Por que não respondo da mesma forma?*

O garoto senta e tira seu punhado de tabaco amassado. Ele o põe no colo e pega uma grande folha marrom na borda da fogueira. O ar começa a se agitar outra vez, e estrelas pululam atrás das nuvens. Nem sinal da lua. Easley vê o garoto espalhar o tabaco na folha seca, enrolá-lo de um lado e de outro. Passa a língua como se fosse papel de cigarro, tentando manter a forma. Até que funciona. Aperta as duas pontas e acaba com um lamentável charutinho. O menino sorri. Aproxima uma ponta do fogo, dá umas baforadas, depois exala com uma expressão de satisfação. Oferece a Easley, que com prazer inala a fumaça quente nos pulmões. Easley prefere cachimbos de espuma do mar, na sua outra vida, mas agora saboreia aquela bagana infeliz como se estivesse no paraíso. O garoto enrola mais um, e os dois se sentem aquecidos e satisfeitos, ouvindo o som das ondas. É o primeiro momento de prazer que desfrutam desde que caíram das nuvens.

Quando o suprimento de lenha vai se acabando, eles enterram as brasas e voltam ao esconderijo. Enrolam-se no paraquedas e tentam ignorar a areia sugando o calor dos seus ossos. Pelo menos não estão expostos ao vento. Depois de algumas mudanças de posição, eles se acomodam e ficam ouvindo o ritmo da maré baixando. Easley já está quase divagando no sono quando ouve um som quase imperceptível, sussurrado e confortante. O garoto fala bem baixinho. Agradece por ter se esgueirado do inimigo, pelos mexilhões e pelos gravetos de madeira quase seca, pela dádiva de um novo dia. Agradece ao Senhor pela companhia de um certo John Easley.

A chuva dispersa a neblina, aumentando a claridade. Revela um mundo monocromático de variados tons de fumaça. Os dois enrolam o paraquedas e partem em busca de comida, abrigo, sinais de outros homens, o aquecimento pela locomoção. As únicas criaturas que encontram são gaivotas de asas azuladas patrulhando a praia com enfado. Easley vê gotas de chuva rolares de suas penas em contas perfeitas, como do capô de um automóvel bem encerado. As gaivotas parecem olhar para ele como as pessoas olhariam um condenado a caminho do patíbulo: com curiosidade, mas sem querer encará-lo, por uma questão de respeito. Easley imagina que gosto elas teriam, grelhadas na brasa de uma fogueira de gravetos.

Depois de percorridos muitos quilômetros de praia, torna-se claro que a ilha não é pródiga em abrigos. A costa se delineia em angras arredondadas e termina em promontórios rochosos. Acima da linha da maré alta, campos de centeio se achatam na terra. Depois de uns setenta metros de subida, neve. Nada que possa ser chamado de árvore ou arbusto. Nenhum afloramento carregado de frutas silvestres. Nada de gado nem ovelhas pastando, tampouco cervos, coelhos ou esquilos. A única fonte de proteína possível encontra-se nos visitantes — pássaros do céu e peixes do mar.

O garoto, andando na frente, dá duro para manter a dianteira, a postura revelando seu esforço. A qualquer momento os dois poderiam ser avistados a quilômetros de distância, sempre sujeitos ao fogo de um franco-atirador.

Na praia seguinte, eles encontram uma pequena elevação que se ergue até um pico rochoso de três patamares. Observam o horizonte em busca de navios aliados e as colinas, para ver se há inimigos antes de descenderem, encolhidos, tomando cuidado para não oferecer uma silhueta na visão panorâmica do mar. O menino é acometido de um acesso de tosse e obrigado a sentar para recuperar o fôlego. Easley examina o território deserto. Nada que provoque algum comentário. Somente pássaros complacentes vagando pela praia. Mais do mesmo, nada de mais.

Enquanto perambulam, Easley volta a pensar no avião, no ronco dos motores, no seu pânico silente e indefeso quando a aeronave tem a fuselagem e as asas rasgadas pelo fogo antiaéreo. Relembra o rosto pálido e os olhos assustados do copiloto. Como o homem verificou duas vezes o paraquedas de Easley antes de jogá-lo pela escotilha.

O ritmo das botas na areia sublinha o silêncio entre eles.

Afinal, o garoto pergunta:

— Por que nós queremos essas ilhas?

— Sinto muito pelos seus amigos. Sinto muito pelo Sanchez.

O garoto olha para a areia atrás.

— A gente devia andar na grama sempre que der. Estamos deixando rastros aqui.

No final da praia encontram uma ravina, onde um regato goteja de um beiral sobre uma pilha de pedras. A água passa direto pela entrada de uma gruta, espalhando-se numa chuva fina e, depois, numa queda de sete metros.

A gruta tem cerca de doze metros de profundidade e metade disso de largura, formando um ângulo com a praia. O chão de pedra sobe até encontrar o teto no fundo. Quase todas as paredes transpiram. A parte do fundo, pelo menos, não é borrifada pela água. Como recém-casados inspecionando seu primeiro bangalô, os dois exageram os aspectos positivos, ignorando o fato de ser um buraco ao lado de uma ravina.

— Fica afastada da praia, e a maré não vai ser problema. — Easley senta numa pedra.

O menino assoa o nariz na manga.

— Nós podemos desviar o curso da água.

Easley olha para ele e vê uma determinação que logo pode se tornar contagiante.

— Podemos subir e construir uma pequena represa — continua o garoto. — Algumas pedras e um pouco de areia. Algumas horas de trabalho.

— Podemos fazer uma fogueira, mas só durante a noite — observa Easley, apontando a entrada da caverna. Olha para o outro lado da ravina e, depois, para a lâmina do céu. — Nesse ângulo, ninguém vai conseguir ver a luz, a não ser talvez um navio de passagem. Estamos a quilômetros dos japas, eles não vão sentir o cheiro da fumaça.

O garoto coça a cabeça.

— Eu diria que você é o feliz proprietário de uma caverna.

Quando Easley volta com os paraquedas, a luz não revela mais nenhuma cor além do cinza. O garoto não está à vista. A pequena queda-d'água que passava pela entrada da gruta foi reduzida a um gotejar lento. Dentro, lá no fundo, foi construída uma cama de capim. Uma espécie de ninho muito grande. O garoto fez maravilhas em sua ausência. Easley havia hesitado em se separarem, mesmo só por algumas horas, mas agora vê que foi uma sábia decisão. Vai até o fundo da caverna, senta no ninho, decide que vai servir ao seu propósito. Seu alívio por ter abrigo, ainda que rudimentar, é contrabalançado pelo medo de os dois morrerem aqui, encolhidos de frio naquela umidade, vencidos pela fome.

Helen encontrou o primeiro lugar em que moraram num pequeno cartaz escrito à mão numa vitrine. O mercado de aluguéis em Seattle estava difícil, com a Boeing trabalhando a todo o vapor, produzindo caças e bombardeiros para encher os céus da Europa e do Pacífico. Já fazia mais de uma semana que ela estava procurando.

Era no andar térreo de uma pequena casa vitoriana na rua Aden. O proprietário usava terno preto e chapéu e se comportava de acordo com o traje. Sua mãe idosa tinha falecido recentemente, e ele não estava preparado para abrir mão de suas posses. Mudara-se para o andar de cima, deixando os quartos de baixo para inquilinos. Disse que queria pessoas de bem e confiáveis para ocupar a casa onde vivera na infância. Se as coisas corressem bem, eles teriam preferência numa oferta de compra depois da guerra. Quando chegou a hora da entrega das chaves, o homem hesitou, no que pareceu uma reação emocional espontânea. Helen pôs a mão

no ombro dele, como se fosse de um amigo encrocado. Pediu que não se preocupasse, que ele tinha tomado a decisão certa. Easley viu o humor do homem se transformar totalmente.

Naquela primeira noite eles fizeram amor no chão da sala de visitas. Easley soube então que amava Helen mais que a própria vida. Naquele momento, imaginou que a alegria e o prazer que sentia com o corpo dela eram mais completos do que qualquer outro homem jamais sentira. Reconstruiu a cena e tirou uma fotografia mental — dela, naquela luz, naquele espaço e naquele tempo. Teve a presença de espírito de perceber o ápice. Sentiu nos ossos. Depois daquela noite, não havia como sua vida ficar melhor. Para Easley, era como se eles tivessem descoberto, *inventado* uma coisa nova e profunda. Abana a cabeça ao pensar na concepção ridícula daquilo tudo. Quis contar a ela, mas achou melhor não fazer isso. Apesar de ser quase doze anos mais nova, ela poderia gargalhar diante de uma ilusão tão adolescente.

Como consegui me distanciar tanto daquela noite?, ele se pergunta.

O garoto entra na gruta trazendo uma jaqueta cheia de mexilhões, um sorriso frouxo pendurado nos lábios, orgulhoso do que havia feito.

— Você andou ocupado — diz Easley, olhando para o local onde ficava a queda-d'água. — Vai fazer sua esposa muito feliz algum dia.

O garoto reúne toda a carga num braço, liberando o outro para fazer uma continência com um dedo só.

Nessa noite não haverá fogueira. Até a luz acinzentada está fraca demais, e não há tempo para organizar uma busca por combustível. O vento está aumentando. Os dois notam e reconhecem aquele fato sem palavras. Já começaram a desenvolver um vocabulário de olhares e gestos.

Eles abrem e comem os mexilhões, ouvindo o vento chicotear a costa. Não se sentem saciados, tendo consumido apenas o bastante para aliviar a fome. A carne crua e borrachuda já começa a enjoar. Nesse momento de baixa, Easley precisa encontrar uma forma de encorajar a si mesmo e ao garoto.

Amanhã, diz Easley, a gente vai fazer uma boa fogueira. Vamos cozinhar em fogos menores e mais quentes, que exigem menos combustível. As pedras quentes vão reter o calor, algumas vão até servir para aquecer a cama. Eles podem trançar umas redes. Vão ficar escondidos na caverna e observar o inimigo até conseguirem sinalizar para ser resgatados por alguma missão aérea, ou esperar pela invasão que por certo vai acontecer. Os japoneses já estão ali há dez meses. Quanto tempo mais você acha que o Tio Sam vai permitir essa afronta?

O garoto concorda. No momento, parece se resignar mais à razão do que à patente ou ao protocolo. Easley fica contente, pois os dois devem estar de acordo em toda e qualquer decisão. Devem pensar como uma só mente. A paz entre eles é sua única segurança.

Naquela noite, em cima do ninho, o garoto puxa o paraquedas até o queixo.

— A tempestade está forte! — observa. Easley ouve a fúria do vento descendo a encosta, a ventania típica das Aleutas, acelerando montanha abaixo em direção ao mar. Aqui o vento se transforma numa avalanche, uma debandada de sons e sensações que arrancam lágrimas dos olhos e jogam a gente no chão. Easley também se cobre mais com a seda e se admira da boa sorte de terem encontrado abrigo a tempo. Enquanto o vento assola a paisagem, ali apenas uma leve brisa sopra em seu rosto.

— Qual é a primeira coisa que você quer fazer quando sairmos daqui? — pergunta o garoto, encostado nas costas de Easley.

— Primeira coisa? — Easley dá um suspiro. — Encarar um filé e um bolo de chocolate. E você?

— Um banho. Uma travessa de costela. Ficar bêbado e sair dirigindo minha picape com o vento batendo no rosto... Cara, eu adoro dirigir!

— Tem alguém esperando você?

— Queenie, minha cachorra. Já está velha, mas assim mesmo vai me derrubar no chão. — O garoto deita de costas. — O que aconteceu com aquela sua garota da sorte?

Easley não sente mais raiva — nem do garoto por ter perguntado, nem de Helen, nem de si mesmo. Considera contar toda a história, mas o garoto fala primeiro:

— Se não quiser falar sobre essas coisas, não fala. Não quero ser intrometido.

— Tudo bem.

Um estrondo e um baque repercutem na praia, quando uma onda muito grande se empala no penhasco. Os dois ficam em silêncio para ouvir a violência.

— Acho que a gente devia estabelecer uma regra — continua o garoto. — Vamos baixar a guarda e fazer perguntas diretas. Nada de mentiras ou segredos. Sem dissimulações. Do meu ponto de vista, nós devemos isso um ao outro. A gente poderia ser os dois últimos homens na Terra. Então vamos nos honrar sendo diretos um com o outro.

— Me parece justo.

— Você acha que a gente volta pra casa?

— Pode demorar um pouco. — É o mais próximo da verdade que Easley consegue chegar.

— Uma parte de mim tem planos para o amanhã — diz o garoto. — Ideias sobre conseguirmos carne e lenha. Melhorar as coisas até alguém vir nos buscar. Mas parte de mim se sente como um fantasma. Como se já estivessemos assombrando esse lugar sem nem saber que estamos mortos.

— Escuta uma coisa. Nós dois somos fortes. Vamos encontrar alimento melhor. O clima vai melhorar. Já estamos na primavera... Você estabeleceu uma regra. Agora vou ditar outra. Digo que cada um de nós pode fazer isso uma vez. Tem uma chance de se queixar. O outro escuta, chama o primeiro de bebê chorão, e depois os dois voltam ao trabalho. Essa é a sua vez

de choramingar, por isso aproveite bem.

A risada do garoto se transforma numa tosse, antes de silenciar.

Horas depois, Easley acorda sobressaltado. O vento parece ter cessado inteiramente. A manhã não pode estar longe. Pouco além da orla, depois dos sons e dos chiados da arrebentação, Easley ouve o burburinho de um motor náutico e os estalidos de um casco passando pela água. Ergue-se sobre um cotovelo e espia na escuridão. Um forte fecho de luz varre a praia. Passa pela entrada da gruta sem se deter. Uma lancha de resgate da Marinha norte-americana? Esse primeiro e esperançoso pensamento dura pouco. Uma embarcação tão pequena só pode ter vindo da própria ilha.

Instantes depois, os sons e as luzes se foram. O garoto nem se mexe. Easley volta a deitar ao seu lado.

DOIS

ELA ESTÁ AFUNDANDO — nas roupas, no colchão, no chão. Sua mente diz que está segura, acomodada numa clínica, mas as vísceras contam outra história. É o sangue, claro. Pulsando leve na veia, no ritmo do coração. Tem uma incontida sensação de *déjà vu*, de estar ligada — sabendo que sua vida está sendo armazenada e preservada, para ser usada por outro alguém, bem longe. Primeiro fluindo para o jarro de vidro, depois nas veias de outra pessoa que precisa mais ainda. Afundando, gotejando e fluindo.

Ela para de imaginar que chegará a fluir direto para o corpo dele. Ele teria de estar gravemente ferido para isso acontecer. E ele não está ferido. Não, ela imagina o sangue fluindo para o braço do soldado que lutou para protegê-lo, para nos proteger a todos.

A enfermeira tem só dezoito anos, sete a menos que Helen. A cabeça da garota bloqueia a luz de cima quando ela se debruça, cuidando do fluxo. Sua confiança lhe confere certa beleza. Se ao menos Helen tivesse maior senso de direção na escola, talvez também pudesse ser enfermeira. Tão necessárias nesses dias. Um papel de nutriz, sem dúvida, mas que podia conferir uma verdadeira independência a uma mulher. Quando era garota, Helen concebera muito futuros possíveis para si mesma. No começo, dançava no balé ou tocava violino na orquestra. Depois, mais pragmática, imaginou uma carreira como professora de literatura inglesa ou francesa. Agora, é claro, vê que seu pai, os irmãos, depois John, sempre a protegeram e abrigaram. Continuava sem ser testada. Mas, nesse novo e difuso mundo com poucos homens, sabia que chegara a hora do seu teste.

A enfermeira quer saber se ela tem alguma sensação de desmaio.

— É a minha primeira vez — responde Helen. — Primeira vez nessa clínica, primeira vez que doo sangue. Mas é como se já tivesse estado nessa situação. Lembro-me de você fazendo essa pergunta.

— Acontece. Às vezes a gente apaga por um ou dois segundos, mas quase não percebe, por já estar deitada. Quando volta a si, a última coisa de que se lembra sempre parece muito importante.

— Não. Tenho certeza...

— Aqui já acabou. — A enfermeira retira a agulha e aperta o local com o indicador. — Mas eu ficaria deitada por um tempo, se fosse você. Para recuperar o equilíbrio, antes de comer alguma coisa. O mundo vai se firmar outra vez, depois de um pouco de amido e açúcar.

Helen olha por cima do cardápio quando ele se aboleta num banco no balcão. Está de costas para ela. Marcando território, joga o chapéu no banco ao lado, ajeita a xícara no pires, acena

para a garçonne pedindo café. A inesperada sensação de esperança ao vê-lo pega Helen de surpresa. Levanta um pouco mais o cardápio, ajeita-se no banco, sem saber como agir.

Tom Sorenson parece fisicamente inadequado para a profissão que escolheu. Helen vê suas mãos carnudas enlaçarem a xícara com dedos grossos de mecânico. Sempre teve problemas para imaginar que podia ganhar a vida nas teclas de uma máquina de escrever Smith--Corona. O pescoço é um tronco grosso crescendo dos ombros de um estivador. Pele bronzeada de fazendeiro, totalmente fora da estação. Helen se levanta e arruma a blusa, antes de andar até ele e pôr a mão em suas costas.

— Helen! Ora... veja só.

Ele a abraça com uma afeição sincera, depois a examina a distância.

— Você está ótima! — fala, medindo-a de cima a baixo.

Naqueles dias, Helen tem dificuldades em manter as aparências. Mas hoje seu cabelo está enrolado e penteado. O batom vermelho cintila na cútis empoada.

— Tom... Não sei por onde começar.

— Comigo indo sentar na sua mesa.

Helen não o conhece bem, mas sua relação com John gera uma familiaridade que transcende as poucas conversas que tiveram, os poucos jantares em que se encontraram. Trata-se de um colega de John, alguém que John admira, um amigo com quem mantém uma rivalidade profissional. Na noite passada, quando viu um artigo dele no *Post-Intelligencer* sobre o Campo de McChord em Tacoma, ela imaginou que ele devia ter voltado à cidade. Foi ao escritório dele direto da clínica. Tinha acabado de sair, informou a recepcionista. Estava em horário de almoço, mas tinha seus locais habituais.

Sua maior esperança está agora à sua frente na mesa, tagarelando notícias entre mordidas num sanduíche de presunto. Sorenson fora expulso do Alasca com John naquela segunda viagem — só que tivera o bom senso de voltar para casa. Acabara de retornar de uma viagem de três meses no Pacífico Sul, em que redigia notícias a partir do Havaí. A guerra, diz, é uma instituição a que todos começam a se acostumar.

Helen ouve as notícias com educação, consultando discretamente o relógio de pulso. Há alguns anos trabalha numa loja de roupas no centro, para ajudar no pagamento da entrada de uma casa modesta. Já está atrasada; sua colega não pode sair para almoçar enquanto ela não voltar. Interromper um homem contando histórias de guerra não é coisa que se faça, mas ela não pode perder essa oportunidade.

Ela estende o braço e espalma a mão no meio da mesa.

— E o que você soube sobre o John?

A postura dele se desfaz. Passa o guardanapo nos lábios.

— Era exatamente o que eu ia perguntar a você.

— Eu não tenho notícias dele há três meses! — Helen recolhe a mão. — Ele ia tentar voltar outra vez para o Alasca, e eu...

— Outra vez? Havia uns sujeitos falando em voltar pra lá. Achei que era só conversa fiada.

— John voltou.

A notícia o deixa agitado. Não consegue disfarçar sua surpresa.

— Você sabe onde ele pode estar? — Sente uma onda de raiva e vergonha ao revelar que não sabe onde está o marido, que foi mais ou menos abandonada.

— Eu não falo com ele desde que fomos expulsos em julho. — Tom mastiga o resto do sanduíche, reorganizando os talheres de maneira desajeitada. Abana a cabeça com admiração.

— Que filho da mãe...

Helen reconhece o instinto masculino primordial: competição. Mesmo entre amigos, preocupação ocupa um longínquo segundo lugar. Ele pega a xícara, que ela pode ver que está vazia. Dá um gole de ar assim mesmo.

— Tom, desculpe. Eu estou muito atrasada para o trabalho. Foi muito bom te ver.

Helen faz menção de pegar a bolsa, mas ele já se apossou da conta. Ela agradece com um aceno de cabeça e se esgueira da cabine.

— Eu já falei com o editor dele na *National Geographic*, com editores de jornais daqui de Seattle, com outros repórteres. Já telefonei para fotógrafos e agências de notícias. Já tentei tudo o que consegui imaginar. Não sei mais o que fazer. — Fica parada de braços cruzados, depois se lembra de dar um cartão. — Se você conseguir descobrir algo, eu...

— Com o maior prazer. Eu ligo antes do final da semana.

Helen o abraça de leve, vira-se para ir embora. Sorenson fica olhando enquanto ela passa pelos animados clientes e sai ao ar livre.

Está chovendo de novo. Helen anda pela calçada ladeando o prédio, protegida por toldos e beirais. Anda o mais rápido que a saia justa e os sapatos permitem. Tinha investido muito na esperança de seu encontro com Tom Sorenson. Recita um pai-nosso e uma ave--maria em silêncio, seguidos por uma oração de sua autoria pelo retorno do marido. É interrompida pela visão de um homem andando em sua direção. Continua no mesmo caminho, sem desviar, até os dois se encontrarem. Helen fica olhando até ele ceder a passagem guarnecida e se desviar para andar debaixo da chuva.

Depois do trabalho, ela chega pela porta da frente da casa, ladeada de açafrão branco e botões de narciso silvestre. O gramado mostra marcas do inverno passado, mas vai ficando mais verde com os dias mais longos. Precisa contratar algum garoto da vizinhança para aparar a grama quando chegar o momento, ou quem sabe fazer isso sozinha e ignorar os olhares penalizados. O lugar não é grande coisa no contexto geral, mas é a primeira casa dos dois.

Com um discreto olhar sobre o ombro — as casas do outro lado da rua estão quietas, e a calçada, vazia —, Helen se aproxima da porta, chave pronta na mão. Abre a fechadura, entra e tranca a porta em três segundos. É uma manobra precisa e coreografada. Leu recentemente numa revista que mulheres solteiras estão em posição mais vulnerável quando chegam ou saem, principalmente de casa. Lá dentro, ela pendura o casaco, tira os sapatos em silêncio.

Em três dias, o pai dela vai chegar para o jantar de domingo. Todas as semanas ela vive a expectativa dessas visitas, que se tornaram essenciais para sua paz de espírito. Ninguém mais passou por aquela porta desde que John partira, em janeiro.

A sala de estar está limpa e arrumada, de maneira quase obsessiva. Revistas organizadas, livros nas prateleiras, sem poeira nenhuma. A única coisa fora do lugar é a pequena edição verde de *Os sofrimentos do jovem Werther*, que continua no chão perto da parede onde ela a jogou. A história do amor desesperançado, extravagante e totalmente autodestrutivo de um homem. Tolamente, Helen acreditara que a história de Goethe sobre alguém mais triste que ela pudesse propiciar algum alívio ou conforto.

No quarto do casal, ela tira as roupas de trabalho, pendurando o suéter no armário, ao lado das camisas passadas de John. Todos os dias ela resiste à vontade de arrumar a confusão de sapatos no chão. Mas continuam do jeito que ele sempre os deixa.

Há um crucifixo na parede perto da cama, o mesmo que ficava na cabeceira da cama da mãe dela na França, quando criança. No criado-mudo, uma enorme concha de abalone reflete a luz na superfície de madrepérola. John a encontrara na praia, em sua primeira viagem às ilhas Aleutas. Agora é onde Helen guarda seus brincos e colares.

As fotos emolduradas mostram laivos de vaidade. A maior é o retrato de sua mãe ainda jovem. Uma noiva de guerra da Normandia, mas sua compleição tem um matiz quase latino. Olhos tão escuros que as pupilas parecem fundidas na íris. Um sorriso franco e orgulhoso de puro marfim. Completara dezenove anos dois meses antes. Em outra foto, Helen e os irmãos na cerimônia de crisma (ela parece uma boneca entre jovens lutadores), John e o irmão num jogo de beisebol e um retrato dela com John no dia do casamento. Mas a foto preferida dos dois, a que ela tem perto da cama, fora tirada por um estranho que passava pela praia da ilha Vancouver, na sua primeira viagem ao Norte, quando John a “apresentou” ao Canadá. Os dois estão abraçados e olhando em direções contrárias, sorrindo como se estivessem compartilhando uma piada inapropriada. Constata que não tem uma boa foto do pai, o único membro da família ainda presente em sua vida. Um descuido que ela pretende corrigir já há algum tempo.

Um segundo aposento foi transformado no escritório dele, apesar dos planos de formar uma família. Quando John foi embora, ela vasculhou minuciosamente seus arquivos em busca de indícios do local aonde ele poderia ter ido, embora receasse já saber. Agora ela quase não abre o escritório. A escrivaninha improvisada de John está praticamente vazia, a não ser pelo belo *bidarka* de brinquedo, o tradicional caiaque das Aleutas. Ela o pusera no aparador. Mas não

aguenta mais olhar para aquilo.

Houve uma época em que Helen achava que podia sentir seus filhos ainda não nascidos. Não conseguia saber se eram meninos ou meninas — o formato do rosto, a cor dos cabelos —, mas para ela eram uma presença distinta do mesmo jeito. Apesar da paixão e das tentativas cada vez mais determinadas, até agora não tinham conseguido dar vida a eles. John dizia que eles só precisavam de mais tempo. Olhando para trás, a pressão que ela fazia sobre os dois sem dúvida estimulava a atração dele pelo trabalho.

Em três anos de casamento, John dissera que amava Helen talvez uma meia dúzia de vezes. Em cada ocasião, o ruído dentro da sua cabeça cessava de repente, deixando-a profundamente serena e centrada. Antes de ele partir, ouvir aquelas palavras parecia mais importante do qualquer outra coisa. Mais importante do que as coisas pelas quais ele lutara tanto: uma casa, companhia, segurança, um futuro que pudessem construir e dividir. Era o jeito de John falar com ela. Helen ainda não tinha aprendido a ouvir.

E então o irmão dele morreu.

Depois da notícia da morte de Warren, o silêncio de John foi um ralo sorvedouro que surgiu numa parte da vida dos dois. Ela tentou o possível para fingir que não estava lá. A tristeza egoísta e autodestrutiva de John acabou rachando os alicerces, ameaçando botar tudo abaixo. O trabalho o afastava por semanas a fio, e ele continuava distante quando voltava. Deixou que sua dor consumisse a vida a dois.

O vento soprava na noite em que ele partiu; a casa rangia como um velho navio no mar. Os dois estavam no sofá, cobertos com velhas mantas de lã, quando ele anunciou que ia viajar outra vez. Helen sentiu como se estivesse caindo. Lutou contra a ânsia de se agarrar nele. Não havia escolha, ele disse; era uma questão de dever. Era necessário documentar uma parte da guerra que tinha levado seu irmão, a parte que parecia ter caído no colo dele. Se alguém não estivesse lá para observar e registrar, captar tudo numa página, seria como se nunca tivesse acontecido. Os sacrifícios feitos em nosso favor devem ser conhecidos para que possam ser lembrados, explicou. Helen respondeu que a família dele já tinha dado bastante. Seu dever não era com o irmão morto, mas com os vivos — com ela e a vida que tinham juntos. Numa desesperada tentativa de fazê-lo entender, ela falou as palavras pelas quais continuava a lamentar:

Se você for embora agora, não precisa mais voltar. Porque eu não vou estar aqui quando você voltar.

Easley pôs um dedo nos lábios dela.

A casa estava fria. Mesmo assim ele desabotoou a blusa dela. Passou a mão por sua pele, empurrou o cobertor. Desafivelou o cinto na luz difusa do abajur, a expressão dura e determinada. Deitada de costas no braço do sofá, Helen ficou imóvel quando ele se debruçou sobre seu corpo. Isso não tinha nada a ver com fazer um filho. Era para os dois. Ainda assim, Easley evitou os olhos dela quando Helen procurou os dele. Ela sentiu mais uma vez o

abandono, a paixão que ele escondia dentro de si. Foram para a cama e dormiram de costas um para o outro. De manhã, ele tinha partido.

Gotas de chuva embaçavam o vidro, distorcendo as árvores e a casa em frente. Vinte e cinco anos de idade, e ela já tinha pavor de que seus dias mais felizes tivessem ficado no passado. John gosta de dizer que as palavras têm poucas consequências, tão banais quanto notícias do dia anterior. E isso vindo de um escritor. A ação, ele diz, é a única linguagem apropriada ao amor.

Ao lado da cama do casal ela reza a Deus, para aplacar sua raiva. Reza à Virgem Maria, para superar o desespero. Reza a São Judas Tadeu, padroeiro das causas perdidas. Tem um sobressalto quando o telefone toca.

Tom Sorenson pede desculpas antecipadamente. Diz que não soube muita coisa, a não ser a confirmação de que John estava procurando trabalho na cobertura da guerra no Alasca. Se ele conseguiu ou não, parece que ninguém sabia. Se fosse um jogador, ele apostaria que John tinha conseguido entrar “em ação” — em Dutch Harbor ou até mesmo em Adak. Consultara diversos editores aqui em Seattle, em Los Angeles e em Nova York, mas ninguém tinha notícias dele. Acrescenta que o governo evacuou os nativos do arquipélago das Aleutas, com exceção dos que foram detidos pelo inimigo na ilha de Attu. Norte-americanos mantidos prisioneiros em terras norte-americanas. Uma história que todos precisamos conhecer. A voz dele parece cansada, desanimada. Talvez pela confirmação de que a trilha de John tinha esfriado, ou pela sensação de que também deveria estar lá. Nessa pausa, Helen sente que ele procura palavras de estímulo.

— Acredito que vamos ler matérias de John em breve — diz. — Na primeira página, acima da dobra.

Helen desliga o telefone e vai até a sala de jantar, que foi cedida para trabalhos de pesquisa. A mesa foi ampliada para abrir mais espaço utilizável. Os recortes dos poucos relatos que agora chegam do Alasca — pouco mais do que boletins oficiais da Marinha — estão dispostos em ordem cronológica. Ela pega o grande atlas e o abre numa página mostrando o extenso território. Manchas de grafite sinalizam a página que tanto chamava a atenção de John. Ela imagina o seu toque, visualiza a palma da mão dele aberta, a cicatriz que percorre as juntas de sua mão direita.

Analisando o mapa daquele obscuro território, Helen pensa em quanto se parece com um elefante de perfil. A cabeça do Alasca está nos mares polares, as presas chegando ao oeste da Sibéria. Mais especificamente, as presas de um grande mamute. Fica imaginando quanto do território os japoneses controlam agora e onde John poderia estar naquelas presas.

Arquipélago das Aleutas: catorze grandes ilhas vulcânicas e cinquenta e cinco ilhotas, espalhadas em mais de mil e seiscentos quilômetros. Em algum lugar ali, ele está vivo. Nos bons dias, sua fé encobre as dúvidas. E o que é a fé senão acreditar sem *depend*er de uma

prova, uma convicção que se sustenta por si só? Ela sabe que John reviraria os olhos a esse pensamento. A imagem a faz sorrir.

Se John fosse um soldado, seria possível procurar saber onde sua unidade estava aquartelada. Poderia escrever para ele! Ela sabe que John responderia se pudesse. Mas só existe o silêncio.

Helen não sabe como vai encontrá-lo. Só sabe que precisa ir até lá para fazer isso.

Depois da chuva insistente da noite passada, o toque do sol é reanimador. Helen usa um vestido estampado com temas florais, branco e lilás, um dos favoritos de John. Diferencia Helen do uniforme cinzento daquela reduzida classe de homens que de alguma forma conseguiram ficar em casa.

A loja de roupas femininas Maxine's ocupa dois grandes andares no coração da cidade, entre a livraria Sable's e a farmácia Rexall. A supervisora de Helen, Penny, está no balcão, preenchendo pedidos para a coleção de verão. Tem o costume de fazer isso com bastante antecedência, para ter alguma margem de segurança em caso de falta de estoque ou atrasos.

Penny perdeu o marido nas ilhas Salomão. Não tem filhos para aliviar sua dor ou iluminar seu futuro. Compensa isso com grande diligência em seus deveres e esperando que todo mundo faça o mesmo. Por isso, Helen a perdoa.

— Pássaro madrugador — diz Penny quando Helen entra na loja. Penny a observa com olhos grandes e castanhos, sombreados pela falta de sono.

— Bom dia. Quis chegar um pouco mais cedo pra informar que... bem, que estou saindo.

— Como assim? Você acabou de ser contratada.

— Eu... É por causa do John. Eu... — Helen tinha preparado um discurso, antecipando como sua decisão poderia afetar Penny, que recebera a notícia da morte do marido no dia em que ele fora enterrado no mar.

— Ainda não sei bem pra onde estou indo, mas tenho de ir — diz Helen, temendo que a supervisora reaja mal. — Preciso tentar encontrar John.

Penny fica olhando para o balcão entre as duas.

— Vou continuar mais uma semana ou pouco mais, enquanto organizo as coisas. Espero que seja tempo suficiente pra você encontrar outra garota.

— Não é necessário. — Penny finge estar interessada no formulário. — O seu cheque vai estar pronto na sexta-feira. Pode vir buscar, ou posso mandar pelo correio se preferir.

— Eu não vou partir tão depressa.

— Trabalhar com alguém que já resolveu sair é ruim para o moral. Pode tirar o dia de folga e volte pra pegar o cheque na sexta.

— Não faça isso, Penny. Por favor. Pelo menos me deseje boa sorte.

— Helen, ele vai estar bem. John é um repórter... não um soldado.

Helen não se move e mantém o olhar, até Penny ser forçada a olhar para cima.

— Vou sentir sua falta. — Não era o que ela queria dizer, o que aumenta ainda mais o seu pesar.

Helen contorna o balcão, abraça sua chefe, fica abraçada até ela aceitar.

— Ponha a placa no lado de fora — diz Penny. — Vou fazer você trabalhar como um cão pelo resto da semana.

Helen se afasta e passa pelas prateleiras de roupas, cujo inventário ela sabe de cor, por manequins com que se relaciona em termos bem familiares. Os sininhos tocam quando ela passa pela porta com o cartaz, saindo na luz da manhã. Abre o cavalete, faz um pequeno ajuste, dá um passo atrás para avaliar o efeito.

Helen ergue os olhos e vê um jovem magro virar a esquina, os braços agitados ao ganhar velocidade. Ele se desvia das pessoas e de cabines telefônicas enquanto reduz a distância até ela. Não usa chapéu, e as abas do paletó aberto balançam ao lado do corpo. Olha de um lado para outro, procurando. Só então ela reconhece o garoto de quinze anos que mora ao lado da casa onde morava quando era criança. Do que ele está correndo, ou para quê? Quando avista Helen, ele aumenta a velocidade, vindo em sua direção.

— Jimmy?

— O seu pai... — fala, ofegante. — Ele apareceu lá em casa. Não consegue falar. E o braço. Ele não consegue mexer. Minha mãe e meu pai o levaram pro hospital.

O jovem segura a mão dela.

— Vamos.

Helen tira os sapatos, pega na mão dele e sai correndo.

TRÊS

DURANTE O BOMBARDEIO, Easley observa os pássaros. De dentro da caverna, ele consegue ver apenas o lado mais distante do desfiladeiro e o céu de um cinza pesado. Observa gaivotas e andorinhas flutuando pelas rajadas de vento acima e caçando nas rochas abaixo. O som das bombas norte-americanas arrasando a ilha é distante, mas ameaçador. Ouve o zumbido dos aviões no céu, as rajadas das baterias antiaéreas japonesas e os baques ocasionais das bombas abrindo buracos na terra. Mas os pássaros parecem não reparar em nada. Durante uma explosão particularmente trovejante, Easley vê uma gaivota equilibrada sobre uma das patas, alisando a parte inferior da asa.

A barba do garoto está crescendo em tufos dispersos, o que apenas chama atenção para sua pouca idade, em vez de fazê-lo parecer mais velho. A penugem dourada é um ou dois tons mais escura que o cabelo, e há falhas entre as costeletas, o bigode e os pelos que crescem no queixo. Pela primeira vez, Easley se pergunta como está sua aparência. Já faz quase uma semana que não vê o próprio reflexo.

Eles não se falam durante os bombardeios. Ficam sentados, em silêncio, nos assentos improvisados de rochas achatadas cobertas por uma fina camada de vegetação. Não é tão desconfortável. Já fizeram algum progresso na fortificação da caverna: os paraquedas foram transformados em redes; as linhas de ancoragem, amarradas em pedras grandes, e a seda, pendurada a uns quarenta centímetros do chão úmido. O tecido excedente dobrado na forma de revestimento serve para manter o calor do corpo. Todas as noites eles pegam algumas pedras da fogueira e as colocam embaixo das redes para gerar a ilusão de calor.

A fogueira é motivo de orgulho. Os dois construíram um quebra-vento para conter o calor e o redirecionar para dentro da gruta. A pequena parede construída ao redor é resistente, curva e — dadas as circunstâncias — conquistaria o respeito de um pedreiro qualificado. A parte superior é usada para assar mariscos, botas e meias.

Uma terceira série de explosões é ouvida a distância. Soa como a última carga. As nuvens baixas ecoam e amplificam o som. Easley e o garoto trocam um olhar e voltam a encarar os pássaros — que não parecem demonstrar o menor sinal de agitação.

Os dois desenvolveram um grande interesse por pássaros. O primeiro que mataram foi um corvo-marinho exausto, que na ocasião estendia as asas para se secar. A carne era gordurosa e tinha gosto de mar, mas foi um grande progresso depois dos mexilhões. Naquela noite seus rostos reluziram com a gordura à luz da fogueira. E hoje, antes do bombardeio, eles tiveram a imensa sorte de matar um lagópode-branco. A ave, semelhante a uma perdiz, fora capturada com a penugem de inverno dando lugar à de verão, a cabeça e as costas marrons e as pernas e a

cauda ainda brancas. Matá-la exigiu pouca habilidade. A ave não fez nenhuma manobra evasiva, simplesmente ficou imóvel e torceu para que os homens não a tivessem visto. O garoto lançou uma pedra a pouca distância, com uma precisão impressionante, bem na cabeça. Easley pegou o lagópode e o ergueu no alto como um troféu, enquanto o menino deu saltos de celebração até tropeçar na grama e cair, os pés chutando o ar tolamente. Easley encarou os olhos ainda reluzentes da presa e a beijou bem no bico.

A visibilidade está baixa demais, não vale a pena tentar sinalizar para os aviões de novo. Já houve três tentativas, com os paraquedas rapidamente removidos e estendidos na grama. Nenhum sucesso. O risco de chamar a atenção de uma patrulha japonesa a pé não parece compensar a tênue esperança de alguém avistá-los através das nuvens. Eles esperam por condições mais favoráveis para mandar um sinal aos aviões, cientes de que talvez a ajuda nunca venha.

Agora que a guerra parece ter terminado pelo resto do dia, o garoto pega o lagópode e começa a depená-lo, soltando as penas na fogueira. Easley dá uma olhada no estoque de madeira: alguns gravetos secos empilhados até o joelho do menino e uma quantidade maior de madeira meio úmida guardada com cuidado na caverna. Está ficando mais difícil conseguir lenha, e seu uso tem se tornado ainda mais esparso. Easley decide ver se o oceano jogou algo novo na praia. Pega a mochila do paraquedas e a coloca no ombro.

— Vou dar uma saída para comprar bebida e cigarro.

— Não se esqueça da torta.

De cima da caverna, Easley consegue enxergar vários quilômetros ao longo da costa. Como de hábito, examina as nuvens em busca de aviões e o horizonte em busca de navios, mas logo dá meia-volta — esqueceu-se de ver se havia alguém atrás.

O ar mais quente dos últimos dias empurrou a linha de neve colina acima, deixando o sopé descoberto. Embora as nuvens escondam os picos, ele consegue ver pedaços das encostas. Nesse momento, os flutuadores entram em foco: poeira à deriva, fiapos e mosquitos. Easley esfrega os olhos e volta a observar. Dessa vez vê uma longa silhueta escura contra a neve. Continua encarando até a figura se mover. Não é uma ilusão de ótica.

Deitado com o rosto pressionado na grama, Easley espera vários minutos antes de erguer a cabeça de novo. Como uma ameba sob um microscópio, o ponto preto lentamente se divide em dois, que se movem paralelos pelo terreno branco. Easley protege os olhos do sol. Rapidamente descarta ursos, cabras ou qualquer animal de porte considerável com quatro patas, pois não há nenhum nessa ilha. O único habitante é a pequena raposa-do-ártico. Os pontos negros são homens marchando em fila única, uma aglomeração muitas vezes maior do que qualquer grupo de sobreviventes de uma tripulação abatida. Easley observa os japoneses fazerem seu caminho lentamente colina acima, antes de desaparecerem na nuvem.

O garoto recebe a notícia como se fosse um enigma. Deixa a ave de lado e encara as pedras. Finalmente diz:

— E você não veio me chamar?

— Não seja bobo.

— Talvez eu tenha uma visão melhor que a sua.

— Olha. Eu deitei no chão. Estava tentando ser discreto. Não queria entregar nossa posição.

O garoto se recosta e cruza os braços no peito.

— E se eles fossem dos nossos? Talvez estivessem se escondendo, como nós, tentando atravessar a ilha.

— Para?

— Para o quê?

— Esse é o meu ponto. Pra quê? Pra encontrar o quê? Pra comer o quê? Se eles estão vivos, sabem tão bem quanto nós que os japoneses estão bem ali. Não estariam perambulando pela neve, expostos no meio do dia, a menos que tivessem ficado malucos.

O rosto do garoto fica rosado.

— Aqueles caras são meus amigos. Você não conhece eles... E, se há pessoas vagando por aqui, sou eu que decido se são japas ou não. *Eu* tenho a patente mais alta.

— Patente. Foda-se a sua patente... Eles eram japoneses, e eu só posso rezar para que não tenham nos visto antes, pulando como idiotas.

O garoto encara Easley com determinação, sem querer desviar os olhos primeiro. Finalmente levanta e sai da gruta batendo os pés.

Easley sai para a ravina, vê o garoto se arrastar até a grama e ficar imóvel. Vai atrás. Juntos, ambos examinam as colinas e as montanhas desertas. O inimigo não pode ser visto, mas certamente está ali, logo depois do cume.

— Quando você está sobrevoando o continente, pensa que não é tão ruim, porque sempre dá pra encontrar algum lugar pra pousar se as coisas saírem de controle — explica o garoto. — Sobrevoando o Pacífico Sul? O pessoal que é derrubado lá pode ficar na água por horas, às vezes um dia ou dois, e ainda ter esperanças de aparecer algum resgate. Aqui? Sem chance, se você cair no mar. É uma questão de minutos. Se o seu avião cai aqui, acabou.

Talvez leve alguns minutos a mais no canal da Mancha, pensa Easley.

Oito graus. Fora a temperatura registrada da água perto de Plymouth no dia em que o avião do seu irmão caíra. Hoje, no entorno de Attu, a água está uns seis graus mais fria. Será que Warren sobreviveu à queda? Saiu do avião e nadou? Já faz alguns meses que Easley pensa nisso, estudando o cenário, imaginando o que pode ter acontecido, obcecado, atormentado. Mas, se ele não explicar que parte de si mesmo, de sua própria carne e sangue, já enfrentou esse

destino, como é que o garoto pode saber?

— Bem — diz Easley. — Parece que você venceu as probabilidades. Vamos torcer para sua sorte não ter se esgotado.

O garoto olha para ele com uma expressão vazia, depois recua como um texugo pelo lado da ravina.

Easley se deita de costas e observa as nuvens cada vez mais baixas, conjurando visões de sua vida anterior: uma vida que parece cada vez mais remota. Fica deitado na grama até sentir o cheiro de fumaça vindo de baixo. Tomado por uma onda de pânico, ele se vira para ver. A neblina está baixando de novo, e o vento vem da direção das montanhas. O fogo não vai entregar a posição deles.

Em seguida, escuta um barítono impaciente:

— Se você não descer aqui pra me dar uma força, eu vou comer todo esse negócio sozinho!

Dois dias depois, Easley está na praia, a quase um quilômetro da caverna, quando acontece de novo. Dessa vez não há nenhuma dúvida. Ele está com a calça ao redor dos calcanhares, de cócoras na beira da grama. Já superou a sensação de ridículo, apesar de as tarambolas o observarem de soslaio enquanto passam em sua marcha ordenada, como homens de negócios atrasados para uma reunião. O ar frio soprando entre suas pernas o lembra de quanto está vulnerável e despreparado para sobreviver no mundo das tarambolas.

O som de um avião chega até ele quase no mesmo instante em que se agacha. Um instante antes de se sentir satisfeito consigo mesmo, por ter encontrado lenha, por ter evitado sua captura por mais um dia e por finalmente conseguir limpar o conturbado sistema digestório. Easley vira o pescoço para ver. Quando isso se revela insuficiente, ele dá uns saltos, ainda agachado, perscrutando o céu. E lá está, bem além do vulcão, um hidroavião seguindo mais ou menos na direção dele. Easley puxa a calça com força até o quadril e se joga no chão, tudo na mesma manobra desesperada. A dor nas costelas é despertada. O avião perde altitude e sobrevoa os sopés a caminho da praia.

Easley se encolhe o máximo possível, tentando se fundir com a terra. Prende o fôlego, como se o piloto pudesse ouvir sua respiração. Lentamente rola e vira de costas, vendo o avião passar reto. Solitário, grandes flutuadores, dois pontos vermelho-alaranjados pintados nas asas. Easley se lembra de histórias do ano anterior sobre as Filipinas, de japoneses privando de comida, surrando, atacando com baionetas e atirando em seus prisioneiros de guerra. Busca por sinais de detecção: mudança na direção ou na inclinação das asas. Nada. Pensa no garoto, caçando lagópodes. Receia que ele não tenha se escondido a tempo.

O avião voa baixo sobre o Pacífico, seguindo para o leste, antes de fazer uma curva gradual para o sul. Mantém a trajetória e desaparece de vista. Quando o som do motor dá lugar

ao barulho das ondas, Easley fica de joelhos. Verifica o horizonte vazio, pega um punhado de folhas para se limpar antes que seu traseiro congele.

De volta à caverna, Easley larga uma pilha de lenha sobre as pedras, grato por ver o garoto inteiro, aliviado por não ter de enfrentar o futuro sozinho.

— Ouvi antes de ver qualquer coisa — diz o garoto. — Voltei correndo antes de ele passar pela nuvem.

Entrar em fendas, agachar-se atrás de pedras e trafegar pela parte mais baixa da terra. São métodos que reduzem a possibilidade de detecção por parte de outros homens a pé, mas a vista da janela da cabine de um piloto oferece uma perspectiva ilimitada, além da capacidade de dar meia-volta, circular e perseguir.

Easley se agacha, tira os pedaços menores de madeira do fundo da mochila e ordena a pilha de acordo com tamanho e nível de umidade. De repente lhe ocorre que talvez os japoneses já saibam que eles estão lá. Talvez já tenham feito apostas sobre quanto tempo ele e o garoto vão sobreviver. Mas Easley não acredita nessa hipótese. A única coisa que eles têm em abundância é tempo. Tempo para elaborar um pensamento ou uma opinião com base em evidências concretas e para amenizar a mensagem antes de divulgá-la. Esse cuidado é coerente com o código de honestidade mantido por ambos: ajuda a evitar confusões ou potenciais conflitos.

— Encontrei um tronco grande hoje — comenta Easley. — Vai precisar de nós dois para trazê-lo, mas vale a pena.

Indisposto a ficar em segundo lugar, o garoto passa o braço atrás de uma pedra e puxa um lagópode fresquinho, que joga aos pés de Easley. A ave é ainda maior que a primeira. Em seguida, ele pega a mochila e tira um punhado de pequenos bulbos amarelos que parecem parcialmente abertos para a primavera.

— Pode provar — diz, oferecendo alguns a Easley. — Parece aipo.

Easley experimenta e concorda. Nessa noite eles farão um verdadeiro banquete.

— Melhor ficar aqui dentro. Tomar cuidado por um tempo — sugere Easley. — Esperar até escurecer para acender o fogo.

O garoto limpa as mãos na calça. Em seguida, sem conter o orgulho, pega o lagópode e caminha até a fogueira. Começa a depenar a ave, mas logo para e ergue os olhos.

— Talvez o jovem caçador possa tirar uma folga enquanto o velho limpa o jantar. É o mínimo que você pode fazer pelo meu aniversário.

— Hoje?

— Acredito que sim. E eu aqui, preso num buraco com você.

— Bem, então está decidido. Eu cuido do jantar enquanto você me conta algo sobre a sua vida curta e medíocre.

O garoto se retira para a rede. Deita e se enrola com o material excedente, até formar um casulo que deixa apenas o rosto visível.

Easley depena e tira as entranhas da ave. Depois, quando a escuridão de fim de tarde se intensifica, prepara e acende a fogueira.

Apesar das melhorias, o conforto emocional proporcionado pelo fogo aceso ainda é muito maior que sua capacidade de aquecer a pele e os ossos. Easley espera a brasa pegar. As sombras se movem ao longo das paredes úmidas, que refletem a luz dourada do fogo e criam a ilusão de estrelas numa noite sem nuvens. Quanto tempo eles vão sobreviver depois que a lenha acabar? Uma semana? Duas? Com o estoque da ilha quase esgotado, eles terão de percorrer distâncias cada vez maiores. Easley pega dois pedaços grandes de madeira e os coloca sobre as chamas.

O garoto está pensativo, atipicamente silencioso.

— Na sua idade eu estudava numa escola de arte — diz Easley, para puxar assunto. — Queria ser pintor. Natureza-morta. História natural. Um novo Aubudon.

— Um novo o quê?

— Um pintor. Achei que ia viajar pelo mundo, depois me enfiar em algum sótão na cidade e ficar bebendo e trepando. Até deixei uma pequena barba crescer. — Easley olha na direção do garoto e o vê sorrindo. — Mas não cheguei a pintar muita coisa. Isso foi parte do problema.

— E qual foi a outra parte?

A gordura da ave borbulha, escorrendo pela madeira e chiando no carvão. O cheiro, irresistível, ativa alguma parte de Easley desligada da mente e da alma, algo profundo e impulsivo que ele só descobria agora. Ao virar os dois pedaços para expor o outro lado ao fogo, a gordura escorre por sua mão, e ele lambe como se fosse molho.

— A outra parte foi o que meu professor favorito me disse. Um dia ele me puxou de lado e falou que eu tinha talento suficiente pra me torturar pelo resto da vida, mas não o bastante pra me sair bem como artista. Explicou que o meu estilo era antiquado, que eu não tinha visão e não mostrava nenhuma promessa de desenvolver um estilo próprio. Disse que eu devia procurar outra coisa e que não era tarde demais para ser bom ou mesmo ótimo em alguma coisa. Desde que eu deixasse a pintura de lado.

— Velho malvado! — O garoto lambe os lábios por antecipação.

— Ele tinha mais ou menos a idade que eu tenho agora.

— Ainda assim, não deve ter sido algo agradável de ouvir.

— Então eu virei escritor. Mais ou menos.

— Mas você tem talento pra isso?

Easley faz um gesto, abrangendo a gruta.

— Talento suficiente pra bancar tudo isso...

— Que tipo de história você escreve?

— Artigos sobre vida selvagem, pessoas... Já ouviu falar da revista *National Geographic*?

— Já, eles vendem até no Texas. As imagens são bacanas.

A ave ainda não está pronta. Easley enfia a faca na pequena coxa, e o líquido escorre fino e opaco. Joga alguns bulbos de aipo silvestre na rede.

— Salada — explica. — O prato principal será servido em breve.

— Faculdade não era pra mim. — O garoto sai da rede e se aproxima do fogo. — Muitos caras ricos para o meu gosto.

— O que você estudou?

— História, inglês, um pouco de química. Não tinha a menor ideia do que estava fazendo.

Easley passa uma sobrecoxa para o garoto, reservando o outro lado para si, e põe o peito para assar.

— Quando fiz vinte anos, os meus amigos saíram comigo e me embebedaram — conta Easley. — Acordei no chão da casa de alguém que eu não conhecia. Não tinha ideia de como havia chegado lá... Acabei voltando pra casa a pé, descalço e sem a carteira.

— Eu passei o meu último aniversário no treinamento básico — diz o garoto. — Não contei pra ninguém. No aniversário antes daquele eu tive uma briga com a minha mãe. Ela não me deixava em paz. — Dá uma mordida na carne, e o sabor faz com que seus olhos se iluminem.

— Não deixava você em paz...

— Minha mãe arruinou a minha vida; esse é o jeito mais fácil de explicar. Ela me arruinou.

Easley experimenta o próprio pedaço e considera as opções. Engolir a isca e seguir para onde a conversa conduzir, arriscando estragar o dia, ou mudar de assunto com delicadeza e falar sobre outra coisa.

— Todos nós temos pais — ele arrisca.

— Não temos, não.

Easley mexe as brasas enquanto as palavras pairam no ar.

— O meu pai foi embora quando eu tinha três anos. Eu era filho único. Ele não conseguia mais aturar a minha mãe, então uma noite simplesmente foi embora. Abandonou tudo. Todo o dinheiro que tinha, as roupas, tudo. Nunca voltou. Bem, ela não aguentou. Nunca me tratou direito. Como um menino. Como um filho. Era como se eu fosse outra coisa. Ela sempre precisou demais de mim. Queria que eu dormisse com ela o tempo todo, sempre fazendo companhia. Aí, quando fiquei mais velho e precisei de privacidade, ela não aguentou. Fiquei no meu quarto, e ela me deixou em paz dos meus doze anos até por volta dos quinze. Passou parte daquele tempo com um homem. Daí ele também foi embora, e pouco depois ela começou a chorar e implorar na minha porta.

O garoto dá outra mordida, e Easley faz o melhor que pode para manter os olhos focados no fogo. O menino solta um suspiro alto.

— Ela ficava no meu pé o tempo todo. Comprava presentinhos pra mim quando não era meu aniversário. A gente passava todas as noites na cama dela. No começo ela só me segurava até adormecer, mas depois começou a fazer mais coisas. Daí, numa noite, aconteceu. Ela até mudava a roupa de cama do meu quarto antigo de vez em quando, pra parecer que eu estava dormindo lá, caso alguém reparasse. Tentei ir atrás das garotas na escola, como os meus amigos faziam, mas eu me sentia sujo. Como se fosse uma espécie de criminoso. — Ele fica sem fôlego e faz uma pausa, encarando as chamas. — Eu nunca contei isso a ninguém, mas pensei que talvez essa fosse a minha última chance. Você não quer escutar tudo isso, né?

— Eu vou escutar qualquer coisa que você queira me dizer.

— Eu nunca tive uma namorada normal. Uma garota da minha idade que gostasse de mim e quisesse ficar comigo. Não tenho ideia de como isso é. Minha mãe tirou tudo isso de mim. Ela me arruinou.

— Então você se alistou.

— Para me afastar dela. — O garoto dá outra mordida na carne. — Se a gente conseguir escapar, eu preciso ver como isso funciona. Preciso tentar.

Easley tinha pensado em contar mais sobre a própria vida ao garoto, sua vida doméstica, que agora estava começando a parecer muito boa em comparação. Ia falar sobre como tinha conhecido e se apaixonado por Helen. A surpresa que fora aquilo, bem quando estava se acostumando com a ideia — na idade avançada de trinta e dois anos — de talvez estar destinado a passar o resto da vida sozinho. Sobre como o momento certo é fundamental. Se ele tivesse conhecido Helen um ano antes ou depois, provavelmente a oportunidade teria sido perdida. Ia explicar como ambos foram felizes, até surgir a dificuldade de ter filhos e aparecer a guerra para pôr tudo em perspectiva. E como a lembrança de ter partido do jeito que partira o consumia dia e noite. Mas o momento certo é tudo, e agora não era a hora.

— Karl?

— Sim.

Easley suga o tutano de um osso pequeno e o joga no fogo.

— Nós estamos vivendo a vida no presente, mudando junto com o percurso. O passado é algo que outra pessoa fez muito tempo atrás. O que acontece amanhã é problema de outra pessoa. A única coisa real é o aqui e agora.

— Você acredita nisso?

— Soa bem, não soa?

— Sim — concorda o garoto. — Soa muito bem.

A luz da fogueira se reduz ao brilho das brasas, e pela abertura da caverna o céu noturno é visível. O garoto já está dormindo, a respiração leve e estável. As pedras chamuscadas embaixo das redes já esfriaram há um bom tempo. O frio testa os limites, ficando cada vez mais intenso, grau por grau. A mente de Easley se distrai: entre a história triste de Karl e os japoneses por perto, passando por pilhas imensas de lenha seca e descendo pelo convés inferior do antigo veleiro do pai.

O verão tinha sido excepcionalmente quente. Ele e Helen estavam num piquenique sob o sol de agosto, vendo os pequenos barcos aproveitarem ao máximo os escassos ventos da English Bay. Parecia que o mundo todo tinha ido para o mar naquele dia, mas a cabine era só deles.

Os dois tomaram vinho e fizeram piadas sobre navegar da ilha Vancouver até Hong Kong antes de o mês acabar. Ela ouvia seu discurso confuso, divertindo-se com a dificuldade dele em elaborar os pensamentos. Easley estava em pé na escotilha, tentando ficar de olho no mar. Ela se levantou e desabotoou a camisa dele. Passou a mão por seu ventre e o peitoral, puxando-o para baixo enquanto o barco seguia na direção do vento.

Easley se entrega ao luxo da presença de Helen em sua memória, do passado desaparecido. Uma contradição ao sermão que acabara de proferir, mas reconfortante do mesmo jeito. Será que só restam as lembranças quando se está escondido no escuro e no frio da beira do mundo?

O vento desce pelas colinas e entra uivando na caverna. O nariz, o queixo e as bochechas ficam dormentes, enquanto as brasas perdem força e se apagam.

QUATRO

JOE CONNELLY ANDA PELA CASA como um homem determinado a causar uma boa primeira impressão. Completa a xícara de Helen antes de ela ter tomado três goles do café.

— Senta, papai. Você está me deixando nervosa.

Joe está se exibindo para ela, assim como fez com os médicos. Movimenta-se com cuidado e propósito, antecipa o que vai ter de carregar ou levantar, usa a mão esquerda com destreza, na esperança de tirar a atenção da direita. Ele se move de forma a mascarar qualquer sinal de fraqueza.

Joe ficou internado no hospital por dois dias. Helen se sentiu desamparada enquanto o via sentado na cama, incapaz de formular palavras ou apertar a mão direita, os olhos arregalados e confusos. Mas, ainda assim, antes de o dia terminar ele já estava se esforçando para pronunciar frases discerníveis. No dia seguinte conseguiu — com certo esforço — erguer o braço direito e estender a mão trêmula, mas admitiu que a dormência persistia. Os médicos ficaram surpresos ao verem sua fala retornar tão rapidamente. Se o braço também terá uma boa recuperação, ninguém sabe. Apesar dos progressos médicos, eles dizem que os derrames continuam sendo um mistério. Talvez ele tenha outro durante o café da manhã no dia seguinte, ou pode viver até os cem anos sem nunca mais passar por isso. Não existe nenhum tratamento disponível, nada a fazer além de esperar para ver.

Helen decidiu rescindir o contrato de aluguel no instante em que chegou ao hospital. Contratou uns garotos do colegial para ajudá-la a empacotar os bens na casa que ela e John tinham dividido. Tentou, sem sucesso, impedi-los de pegar um atalho pelas flores enquanto carregavam o caminhão. Teve de ficar de lado, imaginando a expressão de John se ele voltasse e encontrasse outra família morando na casa dele. Algumas horas depois viu o pai abrir caminho, impotente, para os garotos levarem as caixas e os móveis até o porão da casa dele. Viu quanto ele lutava contra a ânsia de contribuir, fazer sua parte, erguer, puxar e empilhar.

Das posses guardadas durante sua vida de casada, Helen carregou uma única mala pela escadaria irregular de madeira que subia do porão. Fechou a porta e apagou a luz.

O piso superior, o corredor, a cozinha, a sala; todas as superfícies parecem marcadas pela pátina da história. Não é só porque as paredes ou móveis estão especialmente antigos ou gastos, mas há uma sensação de que tudo pertence a outra era — adereços que restaram do primeiro ato de sua vida. Ela envolve a xícara nas mãos.

— Detesto o motivo, mas devo dizer que é bom ter você em casa.

— Papai... — Ela está zonza, abalada pela súbita viagem no tempo. Seus pensamentos pulam para o próximo derrame, que ela receia que vai matar o pai, e voltam para imagens dele

como um homem mais jovem, quando ela acreditava que ele poderia protegê-la de qualquer mal. Depois a mente fecha o foco em sua posição atual, forçada a escolher entre cuidar do pai ou sair para encontrar o marido. Adiante de novo: se o avô morrer antes de eles nascerem, como vai descrevê-lo a seus filhos?

— É você quem está me fazendo um favor — diz Helen. — Está me poupando de ficar sozinha. Estica essas pernas, eu vou fazer o jantar. Tem alguma coisa na geladeira?

— *Você* vai fazer o jantar? Eu ainda sou duas vezes mais cozinheiro do que você jamais vai ser, com um pé nas costas. Não se esqueça de quem ensinou o pouco que você sabe.

Joe levanta de novo e desaparece na cozinha.

Mesmo antes do derrame, a artrite de Joe já o tinha deixado mais lento. Ainda assim, ele passava as semanas na igreja católica de Santa Brígida fazendo trabalhos leves de carpintaria, manutenção e restauração, sem aceitar sequer um centavo em troca. Helen tivera esperança de que o trabalho voluntário fosse uma oportunidade para o pai conversar e se socializar. Em vez disso, ele preferia frequentar a igreja no começo da semana, quando nem mesmo os padres costumam aparecer. A única coisa que pediu foi permissão para trabalhar no próprio ritmo, e não vê nenhuma razão para mudar. Joe vai encontrar formas de compensar o braço insubordinado.

Tanto por reputação como de fato, Joe Connelly trabalha duro desde criança. Conta histórias do tempo em que, aos doze anos, cortava lenha do amanhecer até o pôr do sol. Aos treze, foi promovido a cortador de telhas com um serrote. Quando veio o chamado por voluntários para a Grande Guerra, Joe se alistou imediatamente — como se fosse uma oferta única e limitada. Com quarenta anos, foi considerado velho demais para missões de combate e recebeu treino como radiotelegrafista. A caminho da Europa, esmagou a mão direita a bordo do navio de transporte durante uma tempestade no Atlântico Norte e, depois disso, passou boa parte da guerra num posto remoto de comunicação na Normandia. Após o armistício, Joe voltou para casa com uma noiva francesa, dois filhos pequenos e uma história fantástica sobre ter quebrado a mão no queixo de um huno.

Meses depois de a família chegar a Seattle, Helen nasceu. Joe conseguiu emprego no moinho. No ano em que a filha começou a estudar, a mulher de Joe morreu de câncer. Helen sempre acreditou que as coisas teriam sido muito mais simples se ela fosse um menino. Seu pai passou toda a sua criação evitando certos segredos e mistérios da feminilidade. Ela aprendeu sobre menstruação com um médico careca que usava óculos bifocais. Foi a própria Helen quem marcou a consulta, pois ficou com medo de sangrar até morrer e tinha vergonha de dizer a localização da ferida. Joe compensou essas falhas de inúmeras maneiras.

Os filhos cresceram e se mudaram anos atrás, incapazes de continuar a refrear a vontade de desafiar a autoridade do pai. Atravessaram o país de ponta a ponta, abriram uma pequena

firma de construção em Nova Jérsei e formaram suas próprias famílias. No dia do derrame, Helen ligou para o irmão mais velho, Frank, que prometeu passar o recado a Patrick. Ele disse que era um alívio saber que podiam contar com ela para manter o assunto “sob controle”.

Batatas e cebolas fritam na panela. Joe está ao lado do fogão, mexendo a comida com sua mão boa, a outra solta e esticada para baixo, como um fio de prumo indo para o chão. Helen o empurra com gentileza para o lado. Vê um par de costeletas — provavelmente sua ração de carne para duas semanas — exposto sobre o papel-manteiga.

— Como é que você cortou as batatas e as cebolas?

— Corte ao meio — ele explica — e coloque as metades numa segunda tábua de cortar. Corte, transfira, repita.

— Parece um acidente prestes a acontecer.

Joe está recostado na pia.

— Fique o tempo que quiser. Esta é a sua casa agora, especialmente com John longe.

— Cuidado com o que deseja.

As batatas começam a dourar, ela põe a carne na panela.

Finalmente ele pergunta:

— Você tem algum plano? Além de ficar me fazendo sombra?

Helen se volta para olhar para ele.

— Você vai ser o primeiro a saber.

Ele olha para o relógio de pêndulo.

— *O Sombra* vai começar. Você está acompanhando?

— Não, papai. Mas fique à vontade. — Ela liga o rádio e põe os pratos na mesa.

— Com toda essa bobagem eu acabei esquecendo de perguntar: você soube de alguma coisa?

Ele se refere, claro, a John.

— Nem uma palavra — Helen responde. — E você sabe que ele entraria em contato comigo, se pudesse.

— É uma guerra, querida. Ele pode estar nas trincheiras. Impedido de avançar. Tentando enviar um boletim... São tempos difíceis. Precisamos ser pacientes.

Helen sorri fracamente. Pergunta se ainda existem trincheiras. Isso provoca uma carranca.

Na mesa, Helen o observa examinando a refeição, tramando possíveis planos de ataque. Ela se estica e corta a carne no prato dele. Joe tenta afastar sua mão, mas ela persiste.

— Por favor, faça uma oração para ele esta noite.

Joe assente com a cabeça, mas o locutor está apresentando o programa, e sua atenção já está longe. Helen observa enquanto ele se debate com a comida e o garfo, a mão direita repousada no colo. Termina sua refeição, dá um beijo na testa do pai e o deixa com seu

programa.

No andar de cima, descobre um vaso de narcisos no criado-mudo ao lado da cama.

O posto de recrutamento do Corpo Auxiliar Feminino do Exército fervilha com uma energia redirecionada. O endereço coincide com o do folheto que Helen traz consigo há mais de uma semana. Ela examina as janelas, agora cobertas de cartazes implorando às mulheres que façam a sua parte pelo país. Recorda os velhos cartazes pendurados nas janelas dessa vitrine, que há apenas alguns anos promoviam viagens para o exótico Oriente e o ensolarado Pacífico Sul. Dentro do posto, as mulheres andam às pressas para todos os lados, portando pastas e envelopes como se estivessem fazendo apostas de última hora. Uma delas gesticula para que Helen se aproxime de sua mesa.

A mulher parece tão feliz em vê-la que é como se estivesse sendo aguardada. Helen reconhece seu rosto das aulas de catecismo, metade de uma vida atrás.

— Edith Brown — diz a mulher, a mão estendida numa linha reta a partir do ombro. — E você é Helen... Corrigan?

— Connelly... Pelo menos costumava ser. Agora sou Helen Easley.

— Sente-se. Acredita que você é a terceira garota que eu já conhecia a entrar aqui hoje?

Helen se lembra do pai, atrapalhado com a carteira antes de saírem para a consulta com o médico aquela manhã. Pensa em como agora ele precisa equilibrar a carteira no pulso do braço direito duro enquanto seleciona as notas com a mão esquerda. Ela quase não abriu a boca e já se sente uma traidora.

Edith explica as oportunidades à espera das mulheres no Corpo Auxiliar do Exército. Helen pode se tornar motorista, cozinheira, escriturária, mensageira ou trabalhar numa cantina. A própria Edith vai para a Inglaterra assim que os documentos chegarem. Seja qual for a escolha de Helen, ela fará uma contribuição real e será remunerada. Tudo começa com três meses de treinamento básico em Portland, Oregon.

Três meses? A cada dia, desde que decidiu partir, Helen se sente numa trajetória de queda, sofrendo a atração pesada da gravidade. Deve haver algum jeito.

— Posso escolher para onde ir?

— Claro que sim. Como eu disse, você pode ir para o exterior. Agora mesmo muitas meninas estão indo para a Inglaterra.

— E o Alasca, por exemplo?

Edith fica desconcertada por um momento.

— Nunca ouvi falar de garotas que tenham ido para o Alasca. — Ela se afasta da mesa. — Vou ver o que consigo descobrir.

As mulheres atravessam o escritório em uniformes elegantes e penteados curtos.

É um fervilhar de determinação feminina. Helen não pode deixar de se perguntar se algumas delas vão acabar levando um tiro ou sendo feitas em pedaços.

Edith volta abanando a cabeça.

— De todo modo, você não iria querer ir para lá. Parece que houve algum tipo de ataque. Já mandaram para casa a maioria das mulheres e famílias. Não estão preparados para mulheres.

Helen pega a bolsa e estende a mão. Promete pensar sobre o assunto.

— Pense com calma, mas não demore muito. Você não vai querer perder a diversão.

Helen acompanha o pai até Santa Brígida, onde está determinado a passar o dia tentando descobrir um modo de firmar uma grade solta sem ajuda de ninguém. Vê-lo tão ansioso para trabalhar a deixa inquieta, afetivamente insegura, convencida de que ele esconde algo mais. Observa enquanto ele desaparece pela porta da casa paroquial, depois continua descendo o quarteirão e segue para o centro da cidade de ônibus.

Na biblioteca, examina os jornais em busca de alguma menção ao Alasca. O vazio que sente logo é preenchido pelos temores de um avanço japonês, uma campanha ampla e sangrenta. Ela se recrimina por ter pensamentos tão indisciplinados e se esforça para aguçar a concentração. Nos classificados é recompensada com três boas indicações de empregos que oferecem passagem para o Norte: a fábrica de conservas de salmão, uma empresa de engenharia e o escritório de uma mina de carvão.

Os meses de pesquisa deixaram muito claro: o Alasca não é um lugar que ofereça uma vasta gama de trabalhos. Além de lutar contra os elementos, praticamente todo trabalho parece envolver a extração dos recursos da terra, da floresta e do mar. Faz uma lista de suas escassas qualificações: 1. Arquivamento; 2. Contabilidade; 3. Gerente de loja; 4. Dona de casa; 5. Cozinheira. Observa que sua vida profissional até agora foi tomada, em grande parte, por atividades que envolviam “tomar conta”. Será que deve mencionar sua fluência em francês, que aprendeu por causa da mãe? No Alasca isso não teria utilidade alguma. Infelizmente é uma datilógrafa medíocre. No que diz respeito a estenografia, daria na mesma se fossem hieróglifos ou runas.

Aos vinte e cinco anos, a mãe de Helen já dominava duas línguas estrangeiras, havia estudado música no exterior e fazia o balanço dos livros contábeis da leiteria da família. Já dera à luz três filhos, sobrevivera a uma guerra e emigrara para o Novo Mundo. Em momentos como esses, Helen se sente ofuscada por seu legado. Mas, se a ausência de John — se esta guerra — serviu para revelar uma única coisa, é que devemos repensar quem somos e o que somos capazes de fazer.

Helen empurra os jornais para o lado. O que ela quer? Faz outra lista: 1. John seguro em casa e a chance de começar uma família; 2. O pai vivo e bem cuidado; 3. O fim do pesadelo

dessa guerra. Dedica-se aos itens um e dois, aceitando que o item três está nas mãos do Todo-Poderoso.

Na cabine telefônica do saguão, Helen espalha suas anotações sobre os joelhos, juntando cinco dólares em moedas de 25 centavos. Quando chegar ao Alasca, ela vai improvisar, dar um jeito de encontrar o caminho para as ilhas. Terá de espalhar um monte de mentiras.

Três vezes lhe dizem que ninguém está contratando mulheres, nem mesmo em posições de apoio. Um homem ainda riu. O capataz da mina diz que sua melhor opção, um tiro certo, é encontrar uma firma que ofereça noivas encomendadas por correspondência.

Deitada em sua cama de infância, Helen observa a luz da rua projetando sombras no teto. O ronco de Joe reverbera pelo corredor. Rola para o lado, puxa o travesseiro extra e o aperta entre as coxas. John nunca ronca, a não ser que tenha bebido uísque.

Mais dois dias de impasses e indecisão a deixam segurando com força um velho folheto da Alaska Steamship Company, com base em Seattle. Se o governo ainda não tiver requisitado os navios, ela poderia reservar uma passagem para Juneau, ao norte. Mas por que fingir que vai a trabalho? Só é preciso dinheiro. Juneau fica longe das Aleutas, contudo é um começo. Por um momento ela se permite acreditar nas alegações do pai, de que ele pode se cuidar, como sempre fez, que não tem necessidade de cuidados o dia todo. Não existe realmente nenhum plano, a não ser a vontade de se aproximar de John. Seu silêncio contínuo só pode significar que ele não está mais disfarçado, e sim desaparecido. Ninguém mais estará à procura dele.

Ela precisa contar os planos ao pai. Precisa esvaziar sua conta bancária. Ele certamente vai encontrar furos em suas teorias e esquemas, mas nunca pediria que ficasse para cuidar dele. Vai desfiar uma longa lista de receios por sua segurança. Será que tentaria proibi-la de ir? Ela deve reconhecer seus temores, defender a decisão e acalmá-lo, sem recuar.

Helen passa a tarde de sexta ao sol fresco da primavera, comprando ceroulas, luvas revestidas e o casaco de lã mais grosso que encontra. Junta tudo o que imagina que vai precisar e, ainda assim, com cada item ticado da lista, sente-se cada vez menos preparada para ir. Fez pouquíssimas viagens, praticamente nenhuma sozinha. E agora se acha pronta para mergulhar de cabeça no vazio que arrebatou seu marido?

Na catedral de Saint James, Helen se ajoelha diante do altar e acende duas velas, uma para John e outra para o pai. Pede perdão pelo que se vê compelida a fazer, por deixar o pai para trás. Roga por orientação e proteção, pede com antecedência absolvição pelas mentiras e pelos enganos que certamente serão necessários. Olha para os pontos duplos de luz, rodeados por dezenas de outros desejos cintilando através do vidro de rubi.

Vinte minutos mais tarde, Helen empurra com o ombro as pesadas portas de vidro da

biblioteca. Passa pelos bibliotecários, que, a essa altura, devem considerá-la uma espécie de solteirona solitária e excêntrica. Tira da estante o *Post-Intelligencer* e o *Seattle Times* e guarda seus volumes pessoais debaixo da mesa.

Passa os olhos por cada jornal duas vezes: primeiro percorrendo as manchetes e as referências dos artigos, depois mergulhando em qualquer matéria possivelmente relacionada. Mesmo sendo um cenário da guerra, nenhum jornal oferece novidades do território. Na página quatro do *Times*, ela vê uma grande foto de um navio de tropas atualmente atracado no porto, com uma imagem inserida de Olivia de Havilland. Na parte inferior da coluna há uma foto menor de quatro mulheres que, segundo o título, também estarão a bordo para entreter as tropas. A atenção de Helen se desvia para o canto direito da foto, para outro rosto imediatamente familiar. Se puder acreditar nos próprios olhos, Ruth Simmons está de volta à cidade.

As duas se abraçam na calçada em frente à loja de departamentos Woolworths. O perfume de Ruth é demasiado doce e abundante. Elas entram e pedem *milk-shakes* no balcão. Enquanto Ruth se entusiasma com as maravilhas de Nova York, Helen tenta estimar o custo de seu conjunto: vestido de cetim verde, estola de pele, chapéu pequeno, meias de seda, lindos sapatos novos. Setenta e cinco dólares, pelo menos. Discretamente, Helen ajusta seu suéter e alisa os vincos da saia.

Helen e Ruth eram amigas íntimas de infância, até Ruth passar para outra turma. Enquanto Helen ganhava alguns papéis em produções da escola, Ruth não mostrava nenhum interesse por teatro ou cenários. No entanto, após a formatura, Ruth se mudou para Manhattan e logo conseguiu uma carreira de atriz.

No lugar da inveja, que se extinguiu há muito tempo, Helen agora se vê tomada de certo espanto. Não esperava ver Ruth novamente, exceto talvez numa revista ou num pequeno papel no cinema. Sempre que Helen liga o rádio, uma parte dela ouve a voz de Ruth em alguma encenação. Ruth conseguiu chegar aos palcos de Nova York, mas agora trabalha para o Tio Sam. A bordo de um navio de transporte de tropas, cruzando o Pacífico, até a frente de batalha. Helen sente a esperança surgir de modo inesperado.

Os traços físicos de Ruth variam do belo (olhos castanho-claros e maçãs do rosto salientes) ao comum (dentes inferiores apinhados), mas ela sempre foi mais do que a soma das partes. Sua expressão transmite malícia, diversão, prazer. Nunca será uma protagonista, mas seu apelo é inegável. Ruth sorve com ruído o final de seu refresco. Abre um estojo fino de prata e oferece um cigarro. Helen recusa com delicadeza.

Dois jovens pilotos entram cambaleando. Começou a chover lá fora, e seus ombros estão salpicados de pingos escuros. Eles se detêm de modo abrupto ao ver as duas, mas não conseguem enfrentar o olhar de Ruth. Pensam bem, examinam Helen com cuidado e logo escapolem por um dos corredores, como garotos de escola apanhados numa travessura.

— Não me diga que está andando em más companhias — diz Helen — ou que foi embora de Nova York para escapar da mulher do seu namorado.

— Bem que isso podia ser verdade. Nada seria mais emocionante. Mas eu estava começando um trabalho regular, até que Herr Hitler acabou com a minha festa.

Helen fica feliz ao constatar que, apesar do sucesso incipiente, Ruth ainda se recusa a se levar demasiado a sério.

— Há quanto tempo está na cidade? — pergunta.

— Vamos com calma. Me fale de você. Está com algum homem?

Só agora que Helen se lembra de ter tirado a aliança antes de esfregar as panelas na noite passada, colocando-a com cuidado na pequena tigela no peitoral da janela. Embora sinta necessidade de comunicar a tremenda boa sorte de ter conhecido John Easley, está despreparada para relatar novamente as histórias necessárias e dolorosas que aconteceram depois.

— Não no momento — responde Helen. Em vez disso, fala de seu trabalho na Maxine's, do sucesso dos irmãos no Leste, do derrame do pai.

Quando for a hora certa, ela vai contar que, depois de uma série de paixões de estudante e dois casos curtos, por fim conheceu e se apaixonou por John Easley. No início era a atração física que fazia sua cabeça girar. Ele era delicado, atencioso e instintivamente honesto, por mais que isso custasse. Com o tempo percebeu que ele emanava uma espécie de paz, que vinha de conhecer a própria alma. E a fez acreditar que essa paz era possível para ela também. Uma vez, muito tempo antes de conhecer John, havia perguntado ao pai o que procurar num companheiro. *Encontre alguém melhor do que você*, ele respondeu. *Com certeza foi o que eu fiz*. Essa sabedoria, ela levou a sério.

Ruth dá uma tragada contemplativa no cigarro e observa os aviadores que as olham furtivamente. Fixa o olhar neles até desistirem e se prepararem para ir embora. Na saída, puxam a ponta do quepe enquanto Ruth esboça um sorriso de vitória.

— Eu também não. Só tenho *homens*. — Para Ruth, atrair e manter a atenção dos homens parece ser uma espécie de jogo. Para Helen, isso significa brincar com fogo. — Hoje em dia o meu vale--refeição vem da USO. — Ruth remove com cuidado um cílio do olho com um dedo mindinho rosado e preciso. — Estamos indo para o Havaí com um show de variedades para as tropas. Somos oito pessoas. Claro que nos prometeram Olivia de Havilland na manchete, mas só acredito vendo. De qualquer maneira, somos bem cuidadas. Todo mundo está participando. Imagine a exposição.

— Isso parece...

— Você ainda dança? Espere aí, você tinha uma bela voz... devia vir com a gente.

— Pra fazer o quê?

— Bom, não estamos ensaiando ainda. Apenas dançando por algumas moedas. Os recrutas chegam a pôr as mãos na gente e ficam cercado por um minuto ou dois. Mas você não precisa

dançar com ninguém se não quiser. — Ela registra a surpresa de Helen. — É pela pátria... Vamos lá, tenho certeza de que consigo incluir você. Venha me encontrar às sete.

Ruth está numa fase de sucesso. Acende outro cigarro e encarna a personagem de uma comédia romântica em que ela atuou recentemente, transformando-se numa operadora de telefone intrometida — com um efeito hilário. Helen não se lembra da última vez em que riu tanto. Ruth parece perceber isso e faz o que pode para manter as risadas.

O Salão Sueco está enfeitado com as estrelas e as listras da bandeira, fitas de papel-crepom, cartazes promovendo a USO. A iluminação foi reduzida, e os rostos estão obscurecidos pela névoa de fumaça de cigarro. O lamento de um trompete ecoa por toda a pista de dança, quase vazia. No lugar da banda, uma garota solitária percorre com os dedos os discos no palco, atrás de alto-falantes do tamanho de baús. Encolhido perto da porta, um grupo de pilotos e soldados comuns, segurando quepes escovados e limpos, olha para a seleção de acompanhantes dispostas ao longo da parede oposta. Reúnem coragem para se mover.

Helen estuda Ruth, que abre caminho pela pista com um sargento. Ambos têm a mesma altura, e o pescoço gordo do soldado engole o queixo quando ele olha para os pés. Não há nenhuma graça na forma como ele se move. Mas eles sorriem e dão risada, e Ruth joga o cabelo como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Sem saber como se trajar para um evento desses, Helen escolheu um vestido azul-marinho modesto e prendeu o cabelo no alto. Mantém uma distância segura atrás de várias outras mulheres, desejando não ter vindo. Helen saíra da casa onde morava com o pai e os irmãos e fora direto para a vida com John. Sempre se sentiu alheia às intrigas secretas das mulheres, despreparada para as bruscas mudanças e entrelinhas. Era como se tivesse sido adotada longe de sua própria espécie, que agora lhe parecia um tanto excêntrica.

Cerca de uma dúzia de casais se movem na pista com variados graus de sucesso. Depois de protelar quanto pôde, Helen finalmente resolve participar. Dança por mais de uma hora com uma série de parceiros, e alguns voltam querendo mais. Um soldado raso de aparência banal, mais ou menos de sua idade, sabe muito bem o que está fazendo. Dançam duas músicas consecutivas, um suingue e um *jitterbug*. Ele lidera com os olhos, com o corpo, fazendo parecer como se cada passo fosse ideia dela.

Alguns homens — aqueles cheirando a loção pós-barba ou atiçados pelos amigos — tentam tomar liberdades. Uma pressão sobre o quadril, o roçar incidental num seio. Acompanhantes mais velhas andam pela pista, matronas cristãs aprumadas. Um toque no ombro e um sinal de advertência com o dedo põem fim à maioria das malandragens. Alguns homens são escoltados porta afora. E depois, muito depois de Helen pensar que ele tinha ido embora, o soldado raso reaparece para pegar a mão dela.

Helen é conduzida por passos que desconhecia e, ainda assim, consegue acompanhar. No meio da dança ela para de pensar completamente. Os dois se movimentam tão bem que os outros param para ficar olhando. Quando tudo chega ao fim, ele a deita sobre o braço e olha em seus olhos. Quando uma valsa lenta começa, eles saem da pista de dança.

— Ei, isso foi muito bom! — Ele enxuga a testa com um lenço. — Sei que não deveria perguntar, mas...

— Meu marido está envolvido nisso. É correspondente de guerra.

O soldado meneia a cabeça, olhando para o chão. Dá meio passo para trás, afunda as mãos nos bolsos.

— Desculpe. Onde você disse que ele estava?

— Território do Alasca. Estão rechaçando uma invasão.

Os olhos dele se estreitam com curiosidade.

— Novidade pra mim. — Dá um sorriso afetado. — Talvez fosse melhor deixar esses malditos amarelos entrarem e ficar só vendo enquanto congelam.

Ele não tem ideia. Nenhuma. E não está sozinho. As forças armadas tentam esconder a batalha mais próxima de casa. E agora aqui está ela, dançando com estranhos. Sente-se como se estivesse perdendo a cabeça. Helen cruza os braços e planta os pés. Encara-o até que o soldado se afaste.

Ela desliza para dentro da banheira com alívio, ansiosa para se livrar dos vestígios de suor e gel perfumado dos homens. O calor da água penetra sua pele, relaxando os músculos. Inclina-se para massagear o pé. No andar de baixo, o murmúrio do rádio é pontuado de vez em quando pela risada do pai, que ela adora. Sobretudo a risada que está dando agora mesmo, do tipo que tenta conter, com a boca fechada. O tipo que preferiria compartilhar se certa pessoa estivesse por perto.

No fim, a noite se redime com a confirmação de um fato notável: todas as mulheres estão sendo conduzidas até a margem da batalha. Mulheres como Ruth. Não há necessidade de nenhum passeio solitário de barco até Juneau, só para se atrapalhar com uma mentira depois da outra. Será melhor deixar que o Exército a leve até John. Como o pai poderia discutir com um empenho tão patriótico? Helen sente o início de um sorriso.

CINCO

OS ÚLTIMOS DOIS DIAS foram tão diferentes que pareciam pertencer a diferentes estações do ano. Um de céu brilhante, vento impetuoso e bombardeios aéreos, outro de nuvens baixas e quietude. Os pássaros estavam inexplicavelmente indiferentes durante o ataque, em meio a suas rotinas habituais, mas agora parecem cheios de marasmo, desmotivados, vadiando na grama. Até o mar está calmo. Easley nunca tinha visto um lugar que mudasse tanto em tão pouco tempo.

A caça fora malsucedida. Era como se a notícia de sua conduta assassina tivesse se espalhado por toda a população aviária. Parte da razão, Easley sabe, jaz em suas técnicas rústicas de caça. Embora a combinação de distração e uma pedra certa às vezes funcionasse no incrivelmente simples lagópode, era muito mais difícil derrubar os pássaros manhosos e numerosos que habitam a costa e sobrevoam o mar.

Juntos eles tentaram, como jogadores de beisebol, lançar pedras em gaivotas e papagaios-do-mar. O garoto tinha uma precisão maior, devido à infância norte-americana. Easley crescera jogando hóquei, um esporte sem nenhuma correlação óbvia com qualquer tipo de caça que não envolvesse ratos escuros espalhados por uma lagoa congelada. Na melhor das hipóteses, cada um deles conseguia lançar uma ou duas pedras antes que os pássaros levantassem voo para um ponto mais afastado da praia. Mexilhões e algas voltaram para o cardápio. Eles já dispensaram a formalidade de preparação e partilha das refeições. Agora simplesmente consomem tudo o que encontram, onde quer que seja.

Depois de duas semanas evadindo a captura, a calça suja de Easley pende do quadril, dura com o sal do suor e do mar. Sua bunda sumiu. A velocidade em que define o surpreende. Essa perda de peso também é óbvia no garoto: o rosto murcho, o pescoço e as coxas encolhidas. Ele tinha muito menos a perder. Assim, é com bastante apreensão que ambos lançam a mochila por cima dos ombros à luz indistinta da manhã.

— Pronto? — O garoto está mais alto do que o habitual. Quer convencer Easley de que está preparado para a aventura.

Fazem uma pausa, examinando o pobre buraco que serviu como lar. Easley enfia a mão no bolso para procurar a chave, dominado momentaneamente pelo instinto de trancar tudo antes de partirem. Disfarça esse deslize constrangedor coçando a virilha. Caminham para dentro do nevoeiro.

Easley deixa o garoto tomar a dianteira pelas encostas áridas, atravessando um rio frio e raso e, em seguida, seguindo em direção ao cume distante — uma fronteira que ainda teriam de cruzar. A trajetória segue por onde eles aterrissaram e, acreditam, vai até uma aldeia a uns vinte quilômetros adiante. O nevoeiro limita o campo de visão, e Easley aguça os ouvidos. Depois de

filtrar os sons familiares — o farfalhar das próprias botas passando pelo campo de centeio morto, o canto dos pássaros ao longo da costa —, ele se convence de que estão completamente a sós.

O plano é tirar vantagem da proteção do nevoeiro para se aproximarem da aldeia e do acampamento. Desde que ocuparam o pequeno povoado, os japoneses têm preenchido o tempo construindo um sistema de túneis e um píer. O garoto explica que isso havia sido confirmado por fotos aéreas de reconhecimento, vários meses antes. É uma incógnita o que o inimigo tem feito com os moradores locais. Se o nevoeiro se erguer, vão observar e esperar pela cobertura da escuridão. Se não, vão voltar para a segurança da gruta.

Não demora muito para encontrarem trechos com neve. Como as pegadas podem permanecer durante dias, evitam essas áreas com atenção.

Depois de uma hora de caminhada, os dois deparam com um poste apodrecido enfiado fundo numa plantação de velhos aipos silvestres. Desgastado pelo tempo e manchado com líquen laranja, o poste sobressai um metro da terra onde fora colocado por algum motivo desconhecido. Procuram em vão pela névoa brilhante por sinais semelhantes. Voltam para examinar o marcador solitário.

— Acha que é alguma coisa dos índios? — pergunta o garoto finalmente.

— Não sei.

— Talvez possamos levar de volta e queimar. Não creio que os aleutas vão se importar.

— Aleútes — corrige Easley. — Também chamam a si mesmos de unangans. Nem esquimós, nem índios. Estas ilhas pelas quais você está lutando pertencem a eles. Deveria pelo menos saber o nome deles.

— Estou lutando pelos Estados Unidos da América — replica o garoto, irritado.

Seguem adiante, deixando o poste intocado.

Ao meio-dia, o nevoeiro ainda não dá sinais de diminuir. Viajaram talvez três horas ao redor de ilhas de neve, trêmulos de fome. O terreno indistinguível dá a impressão de que pouco progresso está sendo feito. De repente o garoto se detém, puxa Easley de lado e sussurra em seu ouvido:

— Pelo que sabemos, este lugar pode estar cheio de japas. Toda uma manada deles poderia estar parada ali. — O garoto levanta o dedo para apontar, mas o gesto não tem sentido. A visibilidade não chega a cem metros.

— Vamos descer e procurar mexilhões — sugere Easley. — Se a névoa não se erguer em uma hora, percorremos a costa atrás de lenha.

O garoto dá de ombros.

Ao descer a encosta, Easley volta a se surpreender com a proximidade aparente de inverno e primavera. Passando poucos metros de neve há um trecho de verde vivo. O garoto se abaixa, tira um naco de aipo silvestre e o mete na boca. Easley se desloca para fazer o mesmo, mas pisa

num buraco coberto de musgo e fica encharcado até o joelho. Não chegou a pôr os pés numa mina terrestre ou armadilha, mas, como ambos os lados aprenderam na última Grande Guerra, pés molhados e frios que nunca secam também pode acabar derrubando um homem.

Através da névoa mais rarefeita, eles observam uma colônia de mexilhões agarrados às rochas na elevação da maré. Querendo deixar o menor número possível de indícios na praia aberta, Easley se oferece para ir pegá-los e tira as botas antes de atravessar a areia. Uma onda fria se ergue, fazendo a dor penetrar em seus ossos. Pálidos e um tanto azulados, seus pés parecem mais nus e patéticos do que nunca. Ele arranca os mexilhões da rocha e os enfia nos bolsos. Justamente quando sente que não aguenta mais a dor, ouve um arquejo profundo seguido por um barulho na água. Além da arrebentação, ele vê a cabeça marrom de um leão-marinho oscilando com a ondulação do mar.

Acima da praia, os dois comem sem falar. Talvez seja efeito da luz ou tontura, mas a visão da carne úmida e fria nas conchas brilhantes leva Easley de volta a um hotel na baía de São Francisco. Ele e Helen ocupavam uma mesa à janela do restaurante com vista para o pôr do sol. A chama forte e constante da vela entre ambos refletia nos olhos dela, que tinha partido clandestinamente com Easley logo depois de terem se conhecido. Fora a primeira de várias luas de mel não oficiais. Ela pedira mariscos e ostras, refletindo acerca da reputação de seus efeitos “amorosos”. Cada bocado era seguido de um gole de vinho. Ao sair do chuveiro na manhã seguinte e encontrá-la dançando sozinha pelo quarto, Easley soube que olhava para sua esposa. Deveria ter pedido sua mão ali mesmo, mas não encontrara nem coragem nem palavras — somente o medo de espantá-la.

A chuva aumenta a visibilidade. Easley e o garoto se levantam e continuam adiante.

Ensopados e tremendo, eles se aproximam de uma cordilheira com vista para o porto. Ao longe veem a aldeia dos aleútes, com sua igreja branca e cúpula de cebola, as casas simples de madeira aglomeradas ao longo da costa. Duas dúzias de construções, na melhor das hipóteses. Fumaça subindo lentamente das chaminés. Além da aldeia estão campos cheios de barracas japonesas, caminhões e plataformas de armas. Há um navio ancorado no porto, mas não se vê nenhum homem. Os dois ficam um tempo agachados, examinando ao redor à procura de sinais de movimento. Ocorre a Easley que em dez meses de ocupação ninguém mais chegou tão perto do inimigo.

— Canalhas espertos — observa o garoto, a respiração transformada em vapor. — Protegidos perto do fogo. — Vamos. Eles não vão sair nessa bagunça. Se voltarmos correndo, podemos reduzir o tempo pela metade. Fazer uma fogueira e... — Sua voz esmaece. Não há comida para cozinhar, nada mais a fazer.

A chuva se transforma em névoa e surge em meio a um vento frio e úmido. O calor corporal é a única defesa contra a exposição. Eles prosseguem, arrastando os pés, e Easley não consegue mais ignorar a dor na boca. É o terceiro dia seguido em que acorda com dor num

molar, mas hoje o incômodo ficou bem mais intenso.

Easley observa as pernas do garoto se arrastando, bambas. Como alguém lutando contra a correnteza.

Com dedos duros e trêmulos, Easley reúne o estoque restante de combustível. Restam nove pedaços de lenha na gruta escurecida, mais o toco da grande tora que encontraram na semana anterior. Com alguma sorte, o fogo vai ser suficiente para salvá-los. O garoto limpa as mãos pálidas na calça molhada, depois empilha um punhado de grama seca e preciosa. Easley acende o isqueiro e deixa livre a chama por um segundo, até o fogo pegar nos gravetos. O garoto se levanta e fica observando, braços e pernas trêmulos, como se ouvisse a melodia da dança de São Vito. Easley estende as mãos enrugadas para o fogo.

Em vinte minutos a fogueira começa a produzir calor. Em uma hora os dois tiram a camisa e a abanam, como toureiros em meio à fumaça e às chamas. Em seguida penduram as calças diretamente sobre o fogo, fazendo o ar quente percorrer o interior das pernas e a cintura. Meias e cuecas estão penduradas em espetos usados para cozinhar. As botas ficam brancas de sal. Ficam expostos ao calor até os arrepios diminuírem, depois voltam a se vestir com roupas ainda úmidas, mas cheias de vapor.

Colocam o último pedaço de lenha na brasa, soltam as redes e sobem no ninho feito pelo garoto no primeiro dia. Para preservar o calor do corpo, enrolam-se na seda até se assemelharem a uma múmia de gêmeos siameses. Faminto e esgotado, o garoto mergulha nos sonhos, enquanto a dor na boca de Easley fica cada vez mais violenta.

Tudo o que resta de calor e esperança se desvanece nas brasas. Easley vira, ajeita o corpo e vira novamente. Deseja uma libertação rápida — de um jeito ou de outro.

O garoto acorda no meio da noite, a disenteria borbulhando nas entranhas. Pede desculpas com seu jeito educado, do Sul, desvencilha-se do ninho e rasteja para fora. A escuridão é total. Easley ouve os tropeços enquanto ele procura o caminho da saída. Não vai muito longe antes de baixar a ceroula e se agachar.

Easley ergue a mão e toca o rosto, que inchou demais durante a noite. A dor parece se expandir do lado direito da mandíbula até o olho.

O garoto volta se esgueirando, pede mais desculpas e enrola a seda em torno dos dois.

Easley tem seus últimos pensamentos sobre Helen. Tenta visualizar seu corpo, cada mancha e cada curva. Os detalhes já começam a desaparecer. Helen se tornou uma série de sensações, o cheiro no alto da cabeça, o gosto de suor na pele, a coxa esticada sobre a cintura dele. Mas a dor na mandíbula ameaça todas as lembranças. Ainda assim, ele a sente beijando seu rosto, a cura transmitida pelos lábios.

Helen apoia o traveseiro sob sua cabeça e leva um garfo cheio de torta de abóbora até sua boca, garantindo que cada pedaço tenha bastante creme. Quando as migalhas caem na sua barriga, ela se debruça e lambe até limpar...

Ela estende os braços em sua direção, do outro lado do lago. O sorriso forçado não consegue ocultar o medo. Easley repete palavras suaves de incentivo para acalmar sua respiração. Logo seus pés tocam o chão, e ele salta em terra firme, queimado de sol e ensopado, abrindo a toalha aberta enquanto ela emerge, reluzente. Mesmo agora consegue sentir o frescor de sua pele quando enrola a toalha ao redor dela...

Helen se debruça sobre ele no banco do parque, fora do círculo de luz emitido pela lâmpada do poste solitário. A vertigem vem crescendo durante todo o dia, depois da notícia transmitida de manhã por um camarada perturbado que já foi muito próximo de seu irmão. As emoções inumeráveis se retorcem numa grossa espiral de ira. Helen pega a mão dele e a aninha no colo. Longe da mãe, do pai, do quarto que ele e Warren costumavam dividir, a tristeza se apodera de suas vísceras, a sensação opressiva o faz dobrar na cintura. Helen esfrega suas costas e espera, mas as lágrimas não conseguem sair...

O granizo é levado pelo vento para dentro da gruta, à luz fraca da manhã. Easley observa as partículas grudarem ao lado do resto da fogueira antes de se transformarem em lama na pedra. O garoto está sentado com o queixo apoiado nos joelhos dobrados, encarando o tempo cinzento. Quando vê que Easley acordou, abre um sorriso largo.

— Você é o filho da puta mais feio que já vi. — O garoto olha de soslaio. — Dói muito?

Easley se levanta e sente o sangue latejando na cabeça. A dor faz os olhos se encherem de água.

— Não sei do que você está falando.

— É melhor eu dar uma olhada. Vamos lá pra fora; já tem um pouco de luz.

Easley se senta numa pedra e abre a boca só um pouco. O garoto olha para baixo, cenho franzido, olhos vivos e brilhantes. Coloca as mãos frias na mandíbula de Easley e faz força para abrir mais sua boca, apontando-a na direção do céu.

— Inchada e vermelha. Os dentes parecem todos iguais para mim.

— Lá no fundo — diz Easley.

O garoto enfia os dedos. Mexe em vários dentes, antes de chegar ao culpado. Easley dá um gemido.

— Deve estar podre. — O garoto senta, limpando a baba de Easley no casaco.

Não há o que dizer. Eles não têm remédios. Nenhum equipamento médico, a não ser o canivete e o Zippo. Nem mesmo uma merda de uma escova de dente.

— Precisamos mandar examinar isso — diz o garoto, por fim.

— Mandar examinar? Que porra isso significa?

— Não sei! — O garoto cruza os braços na defensiva. — Temos de arrancar esse negócio. As pessoas morrem desse tipo de coisa.

— E como você pretende arrancar?

O garoto não responde.

— Precisamos de fogo, ou vamos ter problemas maiores do que um maldito dente — observa Easley. — Precisamos comer. — Então, depois de refletir: — Talvez você esteja certo. Talvez seja hora de discutir as nossas opções.

— Opções?

— Não precisamos morrer aqui.

O garoto se curva e aproxima seu rosto ao de Easley.

— Não vamos nos entregar, se é isso que quer dizer. Você tem ideia do que os japas fazem com os prisioneiros? Vão nos torturar para arrancar segredos e depois nos matar. Ninguém saberia a diferença. Todo mundo já acha que estamos mortos. — O garoto dá um passo para trás e chuta uma pedra. — O problema é que você não está à altura da situação. Veio para escrever sua reportagem e dar o fora. Você é um... descomprometido.

— Descomprometido? — A indignação de Easley é prejudicada pela ridícula cara de balão. — Os canadenses, os australianos... até os *neozelandeses* lutaram, enquanto vocês desgraçados não fizeram nada.

— Talvez. Mas o que isso tem a ver com você? Você não está aqui pra lutar. Você toma notas.

Easley pensa em esclarecer a essa criança sobre os eventos mundiais que antecederam o ataque a Pearl Harbor. Contar sobre o sangue já derramado que continua a fluir na Europa. Pensa em dizer algo que nunca disse a nenhuma alma viva. Como, em 1939, ele se apresentara no posto de recrutamento do Regimento da Colúmbia Britânica e fora recusado devido a uma úlcera não diagnosticada e um batimento cardíaco supostamente irregular. Talvez devesse explicar que, apesar de seus protestos, o irmão fora aceito pela Força Aérea Real Canadense (RCAF) e acabara engolido pelo mar. Mas, em vez de dizer alguma coisa, Easley apenas ri alto diante do absurdo de tudo aquilo.

As discussões são revigorantes. Despertam algo vital. Fazem esquecer, por um momento, a decadência sombria. Deixe o garoto ficar com raiva. Que diga o que pensa e que a raiva se gaste em palavras.

— Quer saber? Eu fui treinado para lutar — o garoto declara. — Não se comporte como se tivesse tomado todas as decisões e soubesse o que é melhor desde o primeiro momento. Deixe a guerra para os guerreiros.

Karl Bitburg, aviador de primeira classe da Força Aérea, parece uma criança vestida com as roupas do pai. Seu traje pende de um corpo franzino. Um saco sujo cheio de ângulos: cotovelos, ombros, joelhos.

— Digamos que estou cuidando de você — diz Easley. — Eu me acostumei com a companhia.

— É mesmo? — O garoto mete os punhos nos bolsos. — Eu já disse tudo sobre mim. Agora o que eu quero saber é: quem diabos é você?

Quanto tempo leva para alguém morrer de fome ou de exposição? Easley imagina os dois trabalhando lado a lado para apressar o fim. Dezesseis dias já se passaram, e Easley calcula se ainda resta a metade desse número. Isso, se conseguirem continuar evitando a captura. Se puderem continuar juntos.

Easley se esforça para levantar, mas sente o solo inclinando e saindo debaixo de seus pés. Agacha até recuperar o equilíbrio. O garoto observa com interesse, mas não se mexe para ajudar.

Easley retorna para o ninho. Entra no paraquedas e escuta o granizo se transformar em chuva.

A dor acorda Easley várias horas depois. O dia está no fim, e o vento continua jogando cascalho pela abertura da gruta. O garoto, sentado abaixo, entra em foco aos poucos. Karl olha para Easley de soslaio, parecendo isolado e distante, e volta a encarar as cinzas e a memória do fogo. Easley fecha os olhos novamente.

É o garoto cutucando seu braço que afinal o traz de volta. A noite está bem avançada, e a chama refletida tremula no teto da gruta.

— Vamos — ele diz, a silhueta cor de cobre. — Levanta.

Easley joga as pernas sobre a extremidade do ninho e olha para as chamas. Sente-se como se tivessem martelado um prego em sua mandíbula. O estômago apertado de fome. Depois pisca os olhos, incrédulo: sobras de madeira, uma pequena pilha de carvão, um livro aberto em cima de uma pedra? Easley olha para o pequeno milagre e, depois, para o garoto — que volta para perto do fogo.

— Siga os caminhos e você encontra as ferramentas... Foi tudo o que consegui antes de começarem a se mover pra lá e pra cá. — O garoto tira o casaco e faz uma almofada no chão. — Fique de joelhos.

Easley se ajoelha e olha para as bochechas manchadas de carvão. A barba do garoto começou a crescer direito. Um dia ainda vai parecer um homem. Karl se aproxima, segura o rosto inchado de Easley e força a abertura da mandíbula.

— Vire para o fogo.

Easley obedece. Os olhos do garoto acompanham seu rosto, fixos em sua boca, até os dois se ajoelharem juntos. Quando Easley fica de frente para a luz do fogo, o garoto enfia a mão no

bolso de trás e tira um alicate gorduroso. Easley fecha os olhos e abre a boca o máximo possível. O garoto segura a ferramenta na mão enegrecida e a leva até o molar. Mantém a língua de Easley de lado, com um dedo sujo, e finalmente prende o dente problemático.

— Não se mexa! — pede, ficando em pé. — E nada de choramingar.

Contido como um peixe no anzol, Easley abandona os braços, que pendem moles, ao lado do corpo, por falta de algo para fazer. O garoto mantém o dente preso com o alicate numa mão, pressionando o queixo de Easley para baixo com a outra.

— Quando eu contar três — avisa. — Um... — Puxa com força e cuidado.

Easley dá um grito quando a raiz começa a ceder. As lágrimas rolam pelo seu rosto. O garoto afasta os pés para firmar a alavanca. Aperta o alicate ao redor do dente, agarra o queixo de Easley e começa a cantar:

*So long, it's been good to know you
So long, it's been good to know you
So long, it's been good to know you
There's a mighty big war that's got to be won
And we'll get back together again.*

O garoto puxa, torce e canta — tudo ao mesmo tempo. O dente se solta, o aperto do garoto afrouxa, e Easley se dobra no chão como se tivesse levado um soco. Karl ergue o dente sangrento perto do fogo para vê-lo melhor. Easley está deitado imóvel, lambendo a ferida, babando o sangue que cai pelo lado do rosto sobre pedras reluzentes.

Quando afinal se senta, a dor é tanta que não consegue abrir totalmente os olhos. O sorriso do garoto revela covinhas ao mostrar o prêmio sangrento. Easley estende o braço e segura o dente na palma da mão. Olha ao redor, para o alicate, o carvão, a lenha, o livro com caracteres japoneses, o lápis amarelo brilhante, a carcaça de uma gaivota depenada. Tomado de assombro e gratidão, ele tenta falar, mas engasga com o sangue e cospe — depois tosse no rosto sorridente do garoto.

Karl faz uma pausa. Limpa o rosto devagar, olha para os dedos, depois cai de costas, rindo. Easley não fica muito atrás.

O alívio do riso é irresistível. Easley não consegue olhar para o garoto sem começar tudo de novo. Depois de explorar ao máximo esse filão cômico, o garoto se senta, pega o pássaro, mexe nele como se fosse um brinquedo — esticando a asa para fazer uma saudação, imitando um bailado canção com os pés espalmados e frios. Termina com um ato de ventríloquo, abrindo e fechando o bico segundo a letra de Woody Guthrie:

*I got to the camp and I learnt how to fight
Fascists in daytime, mosquitoes at night*

*I got my orders to cross the blue sea
So I waved “goodbye” to the girls I could see...*

Saindo à luz da lua encoberta, os dois lavam o sangue, a saliva e o carvão das mãos e bochechas. Easley se deita e mergulha o queixo no pequeno riacho, deixando a água gelada circular pela cavidade oca. O garoto o ajuda a se levantar, e os dois cambaleiam de volta para a gruta cheia de brasas, os braços no ombro um do outro — como marinheiros bêbados ao voltar de uma noite de farra.

SEIS

NA COZINHA, HELEN ENCONTRA a chaleira fria e a cadeira do pai — um madrugador de longa data — enfiada embaixo da mesa. Dá de ombros e senta para compilar uma lista de perguntas para Ruth, que só ocorreram a ela ontem à noite, enquanto adormecia. Em seguida, começa a preparar panquecas. Joe vai sentir o cheiro de manteiga na frigideira e não demorará a descer. Põe a água do café para ferver. Mas, enquanto prepara a massa, Helen sente uma solidão repentina e inexplicável. Desliga o fogo e se dirige ao andar de cima, chamando por ele, lutando contra a sensação de pânico.

No final do corredor, uma faixa cinzenta de luz separa porta e batente. Helen faz força para abrir e entra no quarto dele.

— Pai! — chama de novo, mas suas pálpebras mal se mexem. Está respirando, isso ela percebe. Por que não acorda? Empurra-o pelo quadril e senta ao lado dele, faz força para erguê-lo pelos ombros. A cabeça pende para a frente, as costas e os braços estão moles. Ela o sacode com violência.

Deus do céu!

Joe respira fundo e solta o ar longamente. Helen abre suas pálpebras, mas o branco dos olhos surge oleoso, a cor da gordura.

— Quê? — É mais um suspiro que uma palavra.

— O que aconteceu? — ela pergunta. — O que houve? Por que você não consegue acordar?

Outro suspiro, enquanto ele luta para se sentar por conta própria. O pescoço não consegue sustentar a cabeça. Helen o sacode de novo, e ele se senta com um sobressalto, passando a mão esquerda pela barba malfeita. Finalmente olha para ela.

— Estou cansado, me deixa em paz.

— Levanta! — Ela pula da cama, ergue os joelhos dele e puxa as pernas até os pés tocarem o chão. — Levanta e anda comigo.

— Por que você está chorando?

— Porque você está me provocando um ataque cardíaco! — Helen pega a calça na cadeira e a joga no colo dele. — Vista-se, que eu vou chamar um táxi.

— Aonde você vai?

Helen o observa se recompor em câmera lenta, tentando erguer a calça com a única mão boa. Não consegue suportar isso por mais tempo. Agarra a camisa e começa a vesti-lo.

— Vou levar você pro hospital.

Ele diz novamente que só está cansado, que não há necessidade de chamar a cavalaria.

Mas a ameaça o faz recuperar a presença de espírito, e ele se força a sentar como se estivesse pronto para o trabalho. Passa os dedos pelo cabelo ralo.

— Reze comigo — ela pede. — Ave Maria, cheia de graça... — Faz com que ele a acompanhe, buscando sinais de palavras engolidas ou ignoradas, frases esquecidas. Mas então o telefone toca.

— Calma, menina. Às vezes eu fico cansado. Daqui a pouco passa.

Helen se levanta e enxuga os olhos.

— Faça alguma coisa útil — ele pede. — Atenda o telefone!

Helen recua até a porta, se vira e desce a escada. No momento em que chega ao último degrau, se arrepende de tê-lo deixado sozinho. E o telefone continua tocando. Presta atenção para ver se ouve o som do pai caindo no chão no andar de cima, mas escuta apenas o toque insistente e determinado.

Atende o telefone e é cumprimentada pela mãe de John, Margaret. Uma voz calma e cuidadosa. Mas logo fica evidente que Margaret não tem nenhuma notícia. Helen vê, num lampejo, sua sogra ligando para a rua Aden e descobrindo a linha desconectada. Margaret quer saber como ela está, e Helen sabe que é um preâmbulo para perguntar se teve notícias do filho.

Com muita pressa, Helen explica que não tem tempo para conversar. Antes de desligar, ela relata brevemente o derrame, a mudança e, agora, a tentativa de manter o pai consciente.

Helen reconhece a expressão no rosto sem rugas do médico. A paciência dela está chegando ao limite. Ele deve ter uns quarenta e cinco anos, com apenas um laivo de cinza em meio aos cabelos espessos e aparados com precisão. E sapatos imaculados de couro de crocodilo. Helen se pergunta se ele se dedica o suficiente a salvar vidas. Diante de suas numerosas perguntas, ele aperta os olhos e pisca, como se estivesse decifrando um inglês de imigrante. Com a visão periférica, ela capta a expressão nos olhos do pai. Os dois estão sendo solidários.

— Admito que não tenho uma bola de cristal.

— Você não o examinou hoje de manhã.

— Eu vou fazer um resumo — diz o médico. — Não vejo nenhum indício de outro acidente vascular cerebral. É possível, mas duvidoso. Ele teve dificuldade de acordar esta manhã?

— Muita dificuldade.

— E isso pode ser causado por diversos fatores. Muitas vezes ocorre uma fadiga extrema após um acidente vascular cerebral. E pode voltar a ocorrer ao longo do tempo.

Joe se levanta, estende a mão esquerda e, meio desajeitado, sacode a mão direita do médico. Agradece pela consulta. Com isso, os homens encerram a conversa.

— Estou morrendo de fome — diz Joe. — Vamos comer.

Helen veste o casaco, pega a bolsa.

— A incerteza faz parte do derrame. — O médico tenta finalizar em bons termos. — Devemos nos considerar afortunados. Para a idade, exceto por isso, a saúde do seu pai é excelente.

Na tarde seguinte, uma batida hesitante na porta da frente anuncia a chegada de Margaret Easley. Ontem havia trezentos quilômetros e a fronteira canadense entre elas. Agora Margaret coloca as malas e o guarda-chuva de lado e tira as luvas. Helen vai até a porta para recebê-la.

Joe se levanta e pede desculpas por não ter se preparado para a sua chegada. Margaret, por sua vez, pede desculpas por chegar sem avisar, tendo pegado o primeiro ônibus para o Sul aquela manhã, em Vancouver. Para evitar mais constrangimentos, Margaret declara que fez reserva num hotel para passar a noite. Morando nessa casa grande e vazia, Joe não quer ouvir falar de tamanho desperdício de dinheiro. Margaret acena com a mão e abre um sorriso educado.

— Do jeito que você falou, acho que uma mãozinha aqui vem a calhar — diz Margaret. — Vim ajudar como puder. Não quero incomodar.

Margaret e William Easley moram em um dos bairros prósperos no lado oeste de Vancouver. Helen e John moraram com eles por dez meses após o casamento, enquanto John procurava emprego. O pai de John, engenheiro, está agora em Ottawa, transferido “temporariamente” de sua empresa, e de sua vida, pelo Ministério da Guerra do Canadá. Margaret, como tantas mulheres no mundo nessa época, encontra-se sozinha.

Helen não tem necessidade de perguntar o que se passa na cabeça de Joe. Ele sempre se considerou um degrau ou dois abaixo do “pessoal” de John na escala social. O fato de serem protestantes também não ajudou. Além disso, houve a questão do custo do casamento, que Joe fez questão de pagar por inteiro. Sem saber o que fazer, ele se levanta e anuncia que vai fazer um café. Pede desculpas por não ter chá, sabendo que é a bebida preferida dos Easley. Uma bebida estranha ao seu paladar. Isso se tornou motivo de censura em relação aos canadenses, um povo que ele não considera “nem aqui, nem lá... nem nós, nem eles”.

Margaret sempre tratou Helen como filha e amiga. Mostrava interesse pelos planos e pelas opiniões de Helen, embora muitas vezes ficasse claro que não entendia nem concordava. Tenta compensar a ausência de uma mãe ou de irmãs na vida de Helen passando adiante receitas de família e remédios caseiros, o tipo de experiência acumulada e sabedoria totalmente desperdiçadas com seus dois filhos. Dá presentes de natureza pessoal, geralmente reservados para as filhas, incluindo o anel de casamento da própria mãe. E, quando os anos começaram a passar sem o aparecimento de netos, ela se conteve e não fez perguntas.

Muito mais que o marido, ou mesmo John, Margaret traz no rosto a memória viva do filho mais novo. Os lábios carnudos, os olhos fundos e azul-acinzentados, faltando apenas a expressão de indiferença cômica que só Warren tinha.

Coisas boas pareciam vir muito facilmente para Warren. Ele nunca se casou, preferindo curtir a vida. Antes da guerra, a posição de Warren — como comerciante de celulose para uma empresa madeireira — caíra em seu colo. Estava enriquecendo com a venda de papel em rolos para impressão de jornal, enquanto John ficava pobre tentando preenchê-los. E costumava flertar de modo descarado, mas pelo menos nunca flertara com Helen. Não tinha nada da tranquila autoconfiança de John. Na opinião de Helen, a beleza poupou Warren do acúmulo normal de decepções na vida. Mas a sorte de Warren terminou de repente, no canal da Mancha, a serviço de todos nós.

Joe retorna, vestindo o paletó e anunciando que estão sem café e muitas outras coisas para uma boa acolhida. Helen sabe que isso é apenas meia verdade, mas o deixa ir assim mesmo. Ele escapa pela porta dos fundos. Helen conta com detalhes o episódio com o pai e o prognóstico. Sente-se bem ao dar uma forma à história, ao recontá-la a alguém que entende o que o paciente significa para ela. Alguém interessado no resultado. Margaret ouve com atenção, pedindo esclarecimentos em alguns pontos, movimentando a cabeça em solidariedade com as preocupações e as frustrações de Helen. De maneira inevitável, isso leva a John.

— Daria para adivinhar o que aconteceu entre vocês dois — diz Margaret —, pelo pouco que ele tinha a dizer. Mas prefiro ouvir isso de você.

Helen ainda está desabituada à presença de outra mulher em sua família, desacostumada a compartilhar um espaço que foi só dela durante muito tempo. Ainda assim, de todas as pessoas, é a sogra quem ocupa o ponto de observação mais próximo dos mecanismos internos de seu casamento, e Margaret não solicitou nem esperava por essa perspectiva. De início Helen resistiu a essa descoberta, mas acabou reconhecendo quanto precisava disso agora.

— Eu disse a ele que não iria mais ficar sozinha — explica Helen. — Pedi para escolher entre o trabalho e eu. Ele tomou sua decisão.

Helen narra seus últimos dias juntos, a dor e a confusão, e o fato de ter dito que, se ele fosse embora, nem precisava voltar. Como ele partiu sem nenhuma discussão, nenhuma palavra sobre para onde iria ou quando planejava voltar. Confessa seu sofrimento por saber que aquelas foram as últimas palavras que lhe dissera, e o medo de que seu chique de adolescente tivesse desencadeado algo sem volta.

— Ele veio para casa e ficou alguns dias — explica Margaret. — Disse que você não o entende. Respondi que ninguém o entende. Ele tem uma noção de dever e se pergunta por que ninguém vê isso. Falei que vemos muito bem, mas que nossa família já fez sua parte. Só queremos que ele fique em casa em segurança.

— Tenho certeza de que voltou para o Alasca.

— Sim, mas onde? — Margaret tem o hábito de tocar no cabelo quando está nervosa. A tristeza e a preocupação dos últimos anos aumentaram o número de fios grisalhos. — Ele também não me escreveu. Tudo o que se pode fazer é esperar.

— *Esperar...* — Helen consegue ouvir o próprio desespero. — Se ele foi pego novamente, talvez esteja jogado na prisão até o final da guerra, ou pior. Nesse caso está precisando de mim. Se não o pegaram, deve estar com outro tipo de problema. Ele não é um soldado. Se foi capturado ou estiver perdido em algum lugar, ninguém vai nem saber que está desaparecido... Não consigo ficar simplesmente esperando, como você.

Helen oculta o rosto nas mãos, lamentando a escolha das palavras. A mulher que a fita ainda se recupera da perda do filho mais novo, consternada com a aceleração do tempo, temerosa de outras perdas ainda por vir.

— Não vou tomar isso como algo pessoal, porque imagino que não foi sua intenção.

— Desculpe... — diz Helen. — Mas, se eu não o procurar, ninguém mais vai fazer isso. Esperar é a única coisa que eu não vou fazer.

— Ficar aqui, onde é seguro, é a única coisa que ele gostaria que você fizesse. O que, exatamente, acha que pode fazer?

— Descobrir onde está. Trazê-lo pra casa. Ou, se eu estiver enganada, descobrir o que aconteceu com ele.

Margaret olha para o tapete e assente. Levanta-se e caminha até a porta, voltando com uma mala que coloca sobre a mesa de centro entre as duas.

— Ele deixou algumas coisas. Tentei espremer tudo aqui. Talvez signifiquem algo para você.

Na parte superior está o velho casaco de lã de John. Talvez o julgasse muito fino para onde estava indo. Helen fica surpresa com sua reação visceral ao segurá-lo de novo, uma sensação logo superada pelo cheiro do sabão em pó usado pela mãe. Por baixo do casaco encontra páginas manuscritas e datilografadas, recortes de jornais e livros de oceanografia, história natural e viagens de Vitus Bering. Logo reconhece as notas abandonadas acerca da migração de aves do Pacífico, a partir do trabalho original de John para a revista *National Geographic*. Na maior parte são pesquisas sobre tudo o que diz respeito aos aleútes. Fotografias de nativos e seus tradicionais chapéus de madeira. Igrejas ortodoxas brancas. Homens empurrando barcos de pesca sobre a espuma das ondas.

— É claro que a partida dele não tem nada a ver com você — Margaret revela. — Ele mudou quando Warren morreu. Acho que todos nós mudamos.

Helen põe os papéis de lado.

— Em 1939, John pediu a Warren para não ir — continua Margaret. — Disse que havia contribuições importantes a serem feitas em casa. Quando perdemos Warren, de repente passou a ser o *dever* de John denunciar a guerra... Eu me lembro da última guerra. Meu irmão tombou na Batalha do Somme. Pedi a Warren que não fosse para a Inglaterra. Pedi a John que não fosse ao Alasca. Disse ao pai deles para não ir a Ottawa. Ninguém me escuta.

Margaret desaba na cadeira favorita de Joe. Helen se inclina para a frente e começa a folhear os papéis. Helen quase consegue ouvir o som da voz do marido.

Notas manuscritas: *Os aleútes falam russo e inglês, além da sua língua nativa. A cultura tradicional foi devastada por comerciantes de peles russos. A Igreja Ortodoxa Russa agora é fundamental na vida deles.* Um círculo no texto de um artigo da revista: *Os aleútes de hoje vivem em casas modernas. Pescam e criam raposas por causa da pele. As peles aleútes servem para aquecer os ombros e o pescoço dos nativos de Manhattan.* Meia hora de estudo percorrendo a papelada acrescenta pouco à soma de sua própria investigação e ao que John havia falado sobre as ilhas, a não ser por isto: *Aleúte, que significa “comunidade”, foi o nome que receberam dos russos. Eles se autodenominam unangans, ou “povo original”.*

— Você é como John nesse aspecto — diz Margaret, por fim. — A concentração. — Ela apanha um recorte de jornal sobre os fenômenos meteorológicos extremos nas Aleutas intitulado “Onde nascem os ventos”. Depois de uma olhada breve e preocupada, Margaret põe o recorte de volta na pilha.

Tão poucas pessoas, tão longe. Não se trata da defesa de Londres ou mesmo das margens da baía de Puget Sound. Algo que Tom Sorenson dissera volta à sua memória. No ano passado, o Corpo de Engenheiros do Exército norte-americano abriu uma estrada para o Alasca, passando pelas florestas da Colúmbia Britânica e do Yukon. Quase três mil quilômetros em menos de sete meses. Será que realmente desperdiçariam mão de obra e material se não temessem uma invasão?

— Joe está recebendo os cuidados de que precisa? — Margaret apanha sua bolsa. — Não conhecemos muita gente por aqui, mas sei o nome de um cardiologista. Posso pedir que um amigo dê uma ligada pra ele. Parece que é o melhor da área.

Helen ergue os olhos. Controla-se para não aceitar a oportunidade com avidez. Joe vai entrar pela porta a qualquer minuto. Já dá para ver os maxilares apertados do pai ante a sugestão de obter algum tipo de chance ou privilégio especial pelo fato de Helen ter se casado com alguém da “nobreza”. Isso vai exigir diplomacia, jeito e a maior sensibilidade.

— Sei que minha presença aqui é causa de desconforto para seu pai — diz Margaret. — Não vou ficar muito tempo. Mas o médico... Ele não precisa saber. E você não precisa se preocupar com o custo.

Helen não encontra mais nenhuma pista em meio às notas e arquivos de John, mas restou uma revelação. Passara despercebido o que talvez seja a maior fonte de informações sobre a guerra nas ilhas Aleutas.

Na manhã seguinte, Helen liga para o Departamento de Assuntos Indígenas. O funcionário na outra extremidade da linha não se mostra muito aberto em relação aos detalhes sobre a população nativa do território, em particular a dos aleútes. Quando diz que está tentando

localizar um parente — a primeira entre as inúmeras mentiras que terá de contar —, Helen sente um pouco mais de receptividade, mas mesmo assim não descobre nada que valha a pena.

Em seguida ela vasculha a lista telefônica e descobre a existência da única Igreja Ortodoxa Russa de Seattle, que recebera o nome de São Nicolau, o Taumaturgo. Soa bem. A secretária diz que o sacerdote está afastado até o final de semana, mas explica que ele visita uma família aleúte no hospital. Não sabe o nome da família nem do hospital, mas acredita que ainda estejam na cidade. Depois de oito telefonemas e com a ajuda de três voluntários do hospital, Helen finalmente os localiza.

Uma enfermeira de meia-idade a conduz por corredores escuros com propósito e precisão. Destinou alguns minutos a essa tarefa, e nenhum momento será desperdiçado. Olha por cima do ombro de vez em quando, para confirmar que Helen ainda a segue. Quase se deixa dominar pelo pensamento de que pode estar mais perto que nunca de descobrir notícias de John. Ela permite que a esperança encha o seu peito e passe aos membros. Depois de dois passeios de elevador e uma caminhada difícil e desorientadora através de corredores sinuosos, elas param diante de uma porta aberta.

— E aqui estão eles! — proclama a enfermeira. — Se alguém precisar de mim, estou na mesa do corredor.

No interior, Helen vê um menino de sete ou oito anos e um homem se aproximando dos quarenta. Ambos têm cabelos e olhos escuros. Se tivesse passado por eles na rua, não teria adivinhado que eram nativos. O homem parece fraco e pálido, mas o menino tem uma aparência saudável. Sentam-se à mesa ao lado de uma janela, com uma pequena cruz russa de três barras pousada no peitoril. Um tabuleiro para jogo de cartas e um baralho estão dispostos entre eles. Parecem constrangidos, como se não soubessem como proceder na presença de autoridade.

Cerca de quatrocentas pessoas vivem nas oito ilhas Aleutas habitadas. Quando escrevia para a revista, John visitou duas dessas ilhas, Unalaska e Atka. É muito improvável, mas será que essas pessoas podem ter visto ou ouvido falar sobre John, ou talvez tenham uma pista sobre onde ele pode estar?

— Helen Easley — ela se apresenta, sorrindo e chegando mais perto do grupo. Estende a mão.

— Olá. — O homem aperta a mão dela, mas não se levanta. Há uma pausa longa e incômoda.

— Espero não estar incomodando. Tenho algumas perguntas e estava contando com sua ajuda.

— A enfermeira disse que você viria. O que quer saber? — O homem fala com um sotaque suave e oscilante que Helen nunca tinha ouvido.

— Estou tentando descobrir mais sobre as ilhas Aleutas... O que aconteceu desde o início

da guerra.

— Bem — ele meneia a cabeça devagar —, você seria a primeira pessoa.

O homem se vira para o menino e fala em sua língua nativa. Arruma as cartas do baralho. Após um acesso de tosse, apresenta-se como Ilya Hopikoff e o filho como Jesse, em homenagem a Jesse James.

— Imagino que tenha sido difícil lá. — É tudo o que ela consegue pensar em dizer.

Ilya a fita com um olhar vazio. Não foi convidada a se sentar e parece insolente fazê-lo.

— Os japas tomaram Attu e Kiska — diz o homem. — Isso foi em junho. Até o final de julho, Tio Sam tomou o resto.

— Não tenho certeza se entendi.

— O Exército nos cercou! — exclama o menino. Seu inglês é mais confiante, mais claro que o do pai. — Eles nos fizeram entrar num grande navio. Não nos deixaram levar nossas coisas.

— Uma sacola cada um — corrige Ilya. Gesticula para que o filho prossiga.

— Colocaram todo mundo no navio e não disseram para onde a gente ia. Depois tocaram fogo na aldeia. Queimaram tudo, bem na nossa frente. Disseram que não queriam nenhum japa entrando e usando as nossas casas, então simplesmente botaram fogo. Disseram que podíamos trazer os nossos barcos de pesca, então amarramos todos juntos. Assim que saímos da baía, disseram “Acertem o convés!”, e dispararam contra nossos barcos com uma metralhadora. Atiraram até despedaçar os barcos. Riam como se fosse uma brincadeira.

Jesse começa a construir um castelo de cartas no lugar onde estavam jogando. Ilya fala em sua língua por um bom tempo, depois deixa que Jesse traduza a história.

As pessoas de Attu — ele calcula que sejam quarenta e duas ao todo — ou estão mortas ou são prisioneiras dos japoneses. Os aleútes de outras ilhas foram enviados aos “Campos de Permanência” do governo no sudeste do Alasca, um lugar repleto de insetos que picam, pumas e ursos — animais sobre os quais leram, mas que nunca tinham visto. Lá as árvores o impedem de ver o céu, o cercam, não o deixam enxergar o que está acontecendo ou interpretar a direção do vento. Jesse declara seu medo de florestas, dizendo que não teve nenhuma experiência anterior com árvores. Seu povo é forçado a viver numa velha fábrica de conservas de salmão perto de Sitka, em edifícios demolidos que ainda fedem a tripas de peixe. O governo fornece alimentos industrializados. Os mais habilitados encontram trabalho enlatando salmão ou nos serviços de limpeza na fábrica. Uns poucos trabalham no corte de umas árvores grandes em tábuas. Mas não têm permissão para pescar ou caçar para si mesmos. As decisões são tomadas sem seu consentimento. As pessoas estão adoecendo, em condições de superlotação.

— Sabemos que eles nos isolaram para nos salvar dos japoneses — diz Ilya para resumir. — Mas tomaram os nossos rifles. Somos tratados como traidores. Fomos levados a um lugar

que não conhecemos e deixados ao léu.

Jesse explica que a mãe morreu de tuberculose no acampamento no inverno passado. Quando ele e o pai ficaram doentes, o médico teve medo de que a doença estivesse se espalhando. Foram mandados para o Sul, para Seattle, mas era apenas uma pneumonia. As coisas estão muito melhores no hospital, e os dois se sentem bem novamente. Ainda há muitas árvores, mas pelo menos há algum espaço aberto por onde passear e respirar.

O castelo de cartas está agora com uma altura de três andares. A mão de Jesse está pronta para começar o próximo nível, mas ele é tomado por um ataque de tosse. Dá um passo para trás e cobre a boca, evitando o desastre.

Helen fica em silêncio, sem saber como reagir. É uma história em que a maioria dos norte-americanos acharia difícil acreditar. Mas está convencida de que entende algo fundamental sobre o vínculo entre esses dois. O que significa ter perdido a mãe. O que é preciso para ser pai de uma criança órfã de mãe.

— Você ouviu falar dos campos? — pergunta Ilya.

Helen meneia a cabeça. Ela leu cada fragmento de informação que conseguira encontrar sobre a guerra no Alasca. A invasão japonesa fora mencionada apenas de passagem, e a informação sobre o aumento da força militar dos Estados Unidos na região era escassa. Não encontrou nenhuma menção sobre o destino do povo aleúte. No que diz respeito aos jornais, é como se as ilhas fossem desabitadas.

— As pessoas aqui nunca ouviram falar de nós — diz Ilya. — Já desisti de tentar explicar. Você é da Igreja?

Helen abana a cabeça.

A enfermeira abre a porta e examina a sala, depois sorri para Jesse.

— Precisa de alguma coisa?

Ilya diz que não com a cabeça.

— Que tal uns biscoitos? — Examina Helen rapidamente de cima a baixo, com certeza se perguntando qual seria sua relação com os aleútes. — Vou buscar um pouco. Sempre que tiver visitas e quiser leite ou biscoitos, é só me avisar. Já volto. — Sorri para Jesse, fecha a porta atrás de si.

— Então, o que mais você quer saber? — pergunta Ilya.

— É o meu marido — diz Helen, por fim. — Está desaparecido. Acredito que tenha voltado para as Aleutas e tenho esperança de que vocês possam tê-lo visto.

Conforme as palavras saem de seus lábios, ela sente vergonha por perceber o tamanho do tiro no escuro. Tenta invocar aquele otimismo que sentia antes de entrar na sala.

— Um cara branco, alto. Magro... — Sente o coração latejar. — De que ilha vocês são?

— Atka. Dois caras apareceram no verão passado e andaram por ali — explica Jesse. — Falaram com alguns anciãos.

Ilya fala algo em sua língua, e o filho prossegue:

— Um cara alto tentou dizer aos anciãos que eles não eram cristãos. Disse que estávamos venerando imagens. Ele não sabia de nada. Os anciãos pediram que nunca mais voltasse lá.

— O Santo Rebelde! — Ilya declara, deliciando-se com o termo. — É esse o seu homem?

Helen fez que não com a cabeça. É a isso que estava reduzida, a vagar por corredores de hospitais investigando pistas entre pessoas doentes, que têm seus próprios problemas. Agora está claro que sua pesquisa nem sequer começou. Se quiser ter alguma chance de sucesso, deve aprender a controlar suas expectativas, manter as emoções sob um controle ainda maior.

— John Easley. É um jornalista. Estava trabalhando num artigo sobre os aleútes, passando um tempo na região e entrevistando qualquer um que estivesse disposto a ceder o seu tempo. Agora tenta escrever sobre a guerra.

Ilya abana a cabeça. Nada daquilo chamou sua atenção, embora admita ter estado fora para pescar com o filho e os irmãos durante quase toda a primavera.

— Se está a fim de ver a guerra, ele deve estar em Adak — Ilya explica. — A Marinha construiu bem depressa uma base aérea lá. Nunca vi, mas dizem que é impressionante.

A porta se escancara, e a enfermeira aparece com uma caixa de biscoitos industrializados e um sorriso. A corrente de ar que se forma derruba o castelo de cartas, e Jesse bate no joelho.

— Merda!

— Como? — O sorriso abandona o rosto da enfermeira. — Isso é jeito de um menino falar? Vou pegar um pouco de sabão pra lavar a sua boca! — Joga a caixa de biscoitos em cima da mesa, e um dos biscoitos desliza para fora da embalagem.

Ilya ignora a enfermeira carrancuda e o filho. Estende a mão e apanha o biscoito de gengibre desgarrado. Sentindo-se ignorada, a enfermeira se vira bruscamente e vai embora.

Ilya oferece a caixa a Helen e pega uma caneta. Vira a embalagem do jogo de cartas e escreve com cuidado, com precisão. Em seguida empurra a caixa para o outro lado da mesa.

Ilya Hopikoff

Ilha de Atka

Território do Alasca, EUA

— Isso vai voltar a ser verdade quando expulsarmos os japoneses — diz Ilya.

Ele fala com o filho em seu idioma, e Jesse traduz para Helen:

— Quando encontrar o seu homem, diga para ele enviar aquele artigo.

Helen retribui com um cartão seu.

Jesse se aproxima de Helen e examina a escrita trêmula do pai. Chega mais perto dela, passando o braço em torno de seu ombro, como se fossem velhos amigos. Então pega a caneta e escreve “e Jesse” ao lado do nome do pai, admirando a emenda.

Na manhã seguinte, Helen se encontra com Margaret para um café da manhã em seu hotel no centro. Elas têm pouco mais de uma hora antes do ônibus de volta a Vancouver. Quando se acomodam e fazem o pedido, Margaret tem um anúncio a fazer. Lutou contra o impulso nos últimos dias, mas agora se sente compelida a dizer o que tem em mente.

Está realmente comovida pela determinação de Helen de encontrar John. Também está convencida de que ele está vivo. Mas, se é que sabe alguma coisa sobre o filho, não há nada que Helen possa fazer que ele não seja capaz de fazer por si mesmo. Só vai se arriscar. John vai precisar dela quando retornar. E, como mãe, Margaret não pode deixar de ressaltar algo que Helen já deve saber muito bem, um fato que agora é bem certo: aconteça o que acontecer, Joe nunca vai pedir ajuda.

Helen agradece a Margaret por ter feito a longa viagem, por compartilhar seus problemas e temores, as providências com o médico, o risco que correu pela franqueza. Helen não se sente motivada a contestar ou fazer uma defesa determinada de seus planos. Não vai conseguir fazer Margaret compreender. Mas sente respeito e carinho pela mãe de seu marido. Assim como uma espécie de piedade.

SETE

O RONCO INCONFUNDÍVEL de um PBY Catalina faz os dois saírem da caverna. O hidroavião norte-americano voa solitário; bem no alto, o piloto olha longamente para baixo por uma brecha entre as nuvens. Easley e o garoto tropeçam na ravina, colocando as mãos em volta dos olhos, formando binóculos com os punhos. Os cabelos estão grudados ao couro cabeludo, um brilho oleoso cobre rosto e pescoço deles. Os trajes de voo estão escuros de suor, carvão e sangue. O resto de suas roupas, que costumavam ter uma cor representativa da terra, agora faz parte do solo. Se alguém pudesse ver os dois, Easley pensa, certamente pareceriam loucos banidos para os confins da terra.

O avião desaparece quase no mesmo momento em que o localizam. Apenas o eco do motor permanece, e este logo é substituído pelo som do vento e das ondas.

Não chove há dois dias. O teto de nuvens é alto, e o vento está tolerável agora, depois de um período de rugidos tão fortes em toda a região que foi quase impossível suportar. Easley percebe que esse é o tempo mais seco que ele já viu em Attu.

Ele passa a língua pelo vão entre os dentes. Já se foram quatro dias desde a extração. O buraco, bem coagulado, já não dói, mas continua sensível e difícil de manter limpo. Depois de comer, Easley limpa o espaço com a ponta da língua, antes de subir até o córrego para lavar a boca com água. O garoto examina a cavidade todos os dias. Não parece infeccionada.

— Vou dar uma caminhada — anuncia Easley.

— Você vai pela estrada de cima e eu vou pela de baixo. Aposto que chego em Galveston antes de você.

Easley segue na direção sul ao longo da praia, afastando-se da gruta. O garoto segue para o norte por conta própria.

A regra que se impuseram, de não sair em dias de boa visibilidade, é mais violada do que praticada. Eles se arriscam de formas que não teriam sonhado em fazer há três semanas. Naquela época, Easley ainda sentia seu estômago afundar cada vez que tinha de fazer uma escolha. Agora essas decisões de vida ou morte se tornaram rotineiras. A própria morte não é um conceito abstrato — é uma companheira indesejável e paciente.

De vez em quando, eles se separam para andar em direções opostas. Embora isso sirva a propósitos práticos — como procurar madeira inexistente lançada na costa ou caçar mexilhões —, também proporciona um tempo de solidão. Mesmo que estejam vendo a mesma terra árida e o mar, ambos têm espaço para um pouco de reflexão pessoal, sem a intrusão ou o conluio do outro. Este é o lugar onde Easley libera seu anseio por Helen, a tristeza pela perda do irmão. Arrependimentos que costuma manter para si. Da última vez, o passeio rendeu pelo menos uma

hora de conversa valiosa entre eles. Mas agora ele tem sentimentos contraditórios sobre a sabedoria de expedições solitárias. De repente parece incapaz de enfrentar a solidão. Pega uma pedra, gira para trás e a atira na direção do garoto. Ganhando sua atenção, faz um gesto para que Karl venha com ele.

Eles já fizeram mais duas incursões à aldeia ocupada desde a noite da extração do dente. Os soldados que vigiam as armas antiaéreas passam horas intermináveis olhando para as nuvens e fazendo varreduras em todo o porto e o mar. Esperam que os problemas venham de muito longe — na forma do próximo bombardeio ou de um projétil disparado do convés de um navio de guerra. A última patrulha a pé que Easley viu passou três dias atrás. Pelo modo como cantavam e se empurravam uns aos outros, parecia que a intenção dos soldados era mais fazer exercícios do que vasculhar o local à procura de prisioneiros de guerra. Ainda assim, Easley ficou espantado com a audácia do garoto, que subia até uma construção apenas sob a proteção do nevoeiro ou da noite, só para espiar pelas janelas. Foi assim que Karl encontrou o alicate, o livro e — com maior perigo — o carvão. Eles falam sobre voltar à aldeia aquela noite.

O depósito de carvão está localizado num velho galpão de barcos perto da doca. De lá, o carvão é transportado por um carrinho de mão sobre pranchas de madeira estreitas para as barracas e construções. Os japoneses estão tão convencidos de que a ilha é só deles que nem pensam em trancar seus pertences. Duas pás, um martelo e latas vazias podem ser vistos lá dentro. Dessa vez eles veem uma única botina sobre uma prateleira acima do carvão, tão pequena que parece feita para uma mulher ou uma criança. Uma vez dentro do pequeno galpão escuro, Easley percebe que essa é a primeira vez que está dentro de uma casa desde que saíra do hangar em Adak. O garoto assume sua posição do lado de fora, vigiando, agachando-se perto da porta, atrás de um carrinho de mão.

Easley enche a mochila com pedaços de carvão. Produzem sons ocos, de cerâmica, conforme desaparecem na lona. Enche a mochila tanto quanto pode e a passa para o garoto — que agarra Easley pelo pulso.

Alguém está andando depressa sobre as pranchas do lado de fora. Será que o homem está indo alertar os outros? O coração de Easley bate tão forte que ele começa a se perguntar se será ouvido fora do galpão. Então, quando o som de passos diminui, o homem começa a cantar — alguma cantiga japonesa que desaparece logo no vento.

O garoto solta seu braço e sussurra:

— Porra, porra, porra.

Easley balança a cabeça. Pega a mochila vazia e começa a enchê-la também.

De volta à gruta, eles se aquecem com uma fogueira e comemoram o estrondoso sucesso. Ficam admirados com a proximidade do soldado japonês, que não tinha noção da presença deles. Karl imita a canção do soldado. Está convencido de que a arrogância do inimigo acabará sendo sua ruína — para não mencionar o fato bem conhecido de que eles mal conseguem

enxergar com aqueles olhos puxados.

O carvão já dura três noites. O combustível é suficiente para talvez uma quarta noite, não mais. Eles vão esperar pelo nevoeiro, antes de arriscar um retorno à aldeia. Quando estiverem perto do objetivo, vão esperar escurecer por completo. Easley se pergunta: *E se os japoneses notaram o roubo e postaram guardas no galpão? E se essa provisão perto da doca se esgotar e nunca for repostada?* Faz tempo que sua praia foi esvaziada da madeira lançada na costa, dos galhos e dos gravetos.

Easley foge das ondas que avançam, vasculhando a espuma em busca de qualquer coisa parecida com comida. Após uma hora e meia sem recompensa, finalmente avista algo rolando na maré mais acima da praia. O objeto está cercado de todos os lados por algas e emite um *tlique-tlique* insistente, conforme ondas avançam e recuam. Ele aperta o passo.

Uma garrafa rola para lá e para cá, num ninho de algas. Vidro transparente, com uma rolha de cortiça e tampinha de metal, um líquido turvo preenchendo um terço do volume. Easley limpa a areia da garrafa e a levanta contra o céu. Quando agarra a tampa, vê que seus dedos estão tremendo. O ato de fazer algo tão comum — tirar a rolha de uma garrafa — produz um tremor inesperado de alívio. Leva a garrafa até o nariz e inala. Indeciso quanto ao aroma sutil, ele a aproxima dos lábios para sentir o gosto. Pronunciado, nem um pouco rançoso. Um gosto surpreendente de hortelã. Então sente o efeito. Solta um suspiro satisfeito. A tampa tem letras minúsculas, em cirílico, ao redor da borda. Não há outras marcas de identificação. *Vodca. Vodca russa.*

Na caminhada de volta à caverna, Easley imagina um pescador siberiano almoçando no convés, olhando para a recompensa que estava guardando desde que soltara as amarras do barco naquela manhã. Visualiza o pescador tentando alcançar a garrafa, sentado na amurada, os dedos enebados de queijo e óleo de peixe defumado. Talvez tenha praguejado quando a garrafa tombou e caiu no mar, subindo lentamente à tona sob os auspícios das gaivotas voando em círculos acima. Talvez a tenha visto flutuar para longe, na esteira espumosa do seu barco.

A recompensa será deles nessa noite. Easley vai dividir a vodca com o garoto, junto ao calor do fogo. Depois a garrafa será utilizada para armazenar água, para que não tenham de ir até o córrego cada vez que queiram beber. Isso vai tornar a vida um pouco mais fácil. Com a gruta e o carvão, eles ganharam algum tempo. O vento diminuiu, e já não parece tão frio. Por um momento é possível contar os golpes de sorte, perceber que escaparam à captura durante a maior parte do mês, acreditar na possibilidade de sobrevivência. Easley considera todas essas coisas enquanto se apressa pela ravina em direção à caverna.

Não é uma fratura leve. Parece que o osso se quebrou por completo. Se uma leve pressão é

aplicada ao topo do pé, uma protuberância aparece na superfície da canela, que deveria ser plana. Uma ponta de osso sobe, tornando a pele rosa e, depois, branca. O garoto geme quando Easley toca a região, cobrindo os olhos para esconder as lágrimas. As mãos e o joelho também sofreram cortes e estão sangrando. Ele explica que se arrastou como um caranguejo de volta para a gruta em meio a uma dor lancinante. Easley tira sua jaqueta e a coloca atrás da cabeça do garoto, esticando o corpo dele para fazer com que a perna quebrada fique mais alta que o coração. Tenta proporcionar o máximo conforto ao garoto, que pede desculpas várias vezes.

Os papagaios-do-mar estão chegando em revoadas. Alguns até começaram a construir ninhos nas fendas de um penhasco nas proximidades. Talvez ainda seja muito cedo — e é impossível dizer do chão —, e o garoto considerou se alguns já poderiam ter posto ovos.

Ele se aproximou de uma populosa colônia sobre as falésias na borda mais distante da praia. A maioria se encontrava num ponto muito elevado, impossível de alcançar, com a exceção de um ninho numa pequena saliência, a cerca de nove metros do chão. O garoto subiu para dar uma olhada. Enquanto se aproximava, os pássaros fizeram um barulho danado. Isso revelou que estava no caminho certo. Quando finalmente chegou ao ninho, encontrou-o vazio. Mas apareceram sinais de um segundo ninho, ainda mais alto. Cogitou tentar mais essa subida, pensou melhor e decidiu descer. Uma primeira escorregadela havia roubado sua confiança, deixando-o trêmulo. Parou e tentou reunir coragem. Procurou sentir seu percurso para baixo — os dedos nas fendas, agarrando a parede —, porém as botas não encontraram ponto de apoio. Ele ficou pendurado, suspenso, durante um tempo que pareceu eterno, pensando sobre aquele lugar, o que o tinha levado até lá, aquela situação difícil. E ainda assim os pássaros reclamavam e importunavam. Chegou à conclusão de que teria chances melhores se escolhesse o momento e o local de pouso. Por fim se soltou. O osso trincou com o impacto, gerando uma dor aguda.

O constante gotejamento de água é amplificado.

O primeiro instinto de Easley foi dar um tapa na cabeça dele. Como pôde ter sido tão tolo? Mas o garoto estava cinza com o choque. Easley o recolhe nos braços. Pisa com cuidado, evitando o buraco escuro da fogueira, e por fim o coloca sobre o ninho. Easley o cobre com o paraquedas e escora sua perna com todo o cuidado. Afrouxa o cordão da bota de Karl, mas não a remove. Isso vai ajudar a manter o calor do corpo. Passa novamente os dedos ao longo da canela, que a ponta do osso ameaça perfurar. Em seguida desce a perna da calça, para evitar que vejam a região.

— Vou fazer uma fogueira — diz Easley. — Depois vou procurar uma tala.

— Eles vão nos matar se você se render.

— Render? Quem falou em se render?

— Senta aqui comigo por um tempo. Fala comigo.

Easley examina o garoto. As olheiras escuras e sujas sob os olhos afundados, a pele pálida e oleosa.

— Vou acender o fogo.

Easley monta uma pequena pilha de carvão, grama seca e gravetos. Segura o isqueiro na posição. Três giros na roseta de ignição não produzem a chama. A quarta tentativa é o máximo. A grama pega fogo, que é alimentado com mais folhas de grama empurradas sobre o calor e a luz. O fogo percorre as hastes, chegando por baixo dos gravetos até que finalmente o próprio carvão está em chamas. Por enquanto, eles ignoram o fato de que o isqueiro deve ter funcionado pela última vez. Easley providencia mais carvão ao redor da pequena fogueira, até que ela possa se manter por si própria. É então que se lembra da vodca. Tira a garrafa do bolso e volta a escalar com dificuldade em direção ao garoto.

— Olha o que eu encontrei. Não é uísque, mas vai fazer você se sentir melhor da mesma forma. — Desarrolha a garrafa e a estende a Karl, que primeiro limpa a boca com o dorso da mão. Depois de um gole hesitante, ele a inclina no ar. — Quando estiver aquecido e confortável, vou procurar uma tala. Daí vou imobilizar essa perna e...

— Senta aqui comigo.

Easley se senta.

— Estou cansado. Só quero dormir, mas estou com muito frio. E com medo.

— Karl.

— Eu nunca fui muito cristão. — Os olhos do garoto estão vermelhos e marejados. — Sabe, nunca acreditei muito. E não culpo Deus por não acreditar em mim.

O menino esfrega as juntas dos dedos nos olhos enquanto Easley o observa, envergonhado da própria inutilidade.

— Você não é o único — diz Easley.

Ele aponta para a garrafa. O garoto termina o conteúdo e segura a garrafa vazia.

De uma vez só, Easley tem certeza de duas coisas: que o garoto ainda está caindo e que ele vai fazer o que for preciso para apagar a queda. Sabe também que isso não é uma devoção sentimental nem altruísta — é um ato de autopreservação. É como se fosse a perna do próprio Easley quebrada e inútil, como se fosse dele a alma atordoada e vacilante.

— Ainda restam algumas horas de luz — diz. — Primeiro vou providenciar uma tala e imobilizar essa perna fedorenta. Depois vou preparar alguns azulões especiais (a expressão que eles têm usado, ultimamente, para se referir aos mexilhões).

Easley corre pela beira da praia sob o lusco-fusco, esforçando-se para enxergar mais longe ao longo da costa. É a falta de coisas simples como essa — um pedaço longo e reto de madeira — que o faz odiar esse lugar tão completamente. Passa na frente do local onde encontrou a garrafa de vodca. A hora já está muito adiantada para arriscar uma viagem difícil de ida e volta até a aldeia. Quando chega ao penhasco no final da praia, Easley sente os olhos se encherem de lágrimas, o peso de ter deixado o garoto na mão. E então se lembra do poste.

Corre num ritmo constante. Quando chega ao local, o sol poente está piscando por uma abertura nas nuvens, iluminando o teto do céu. A praia dá para o leste, de forma que ele não consegue ver o próprio sol, apenas o seu efeito notável no dia deixado atrás. Tons de cobre e rosa resplandecem de maneira tão deslumbrante que ele se detém. Imagina que a luz enche seus pulmões. Inspira toda aquela beleza e luz para o garoto. Se necessário, vai levar de volta para a gruta e expirar direto para dentro dele.

Os dois presumiram que o poste solitário deveria marcar um túmulo ou algum lugar pagão. Concordaram em respeitá-lo. Agora, Easley cai de joelhos e o agarra com avidez. Tem mais ou menos a mesma grossura que o tornozelo do garoto. Segura-o pela base e puxa-o com toda a força. O poste se solta da terra, e Easley cai de costas sobre um pequeno canteiro de aipo silvestre. Luta para ficar em pé, examina a madeira e descobre que está podre. Para testar sua integridade, pressiona-a contra o joelho dobrado — o poste fica em pedaços, sem serventia.

Easley larga o poste e apoia o rosto nas mãos. Começa a andar em círculos, num acesso de fúria, e dá uma topada numa pilha de pedras. Amaldiçoa o céu rubro e depois avalia a distância para ver se alguém ouviu. Afasta-se do poste quebrado, da pilha de pedras, do aipo amargo. Volta aos tropeços para a gruta.

A abertura entre as nuvens aumenta, revelando as estrelas. Elas são a única fonte de iluminação para Easley. Desce a ravina e anda no meio das pedras usando o tato e a memória — do modo como se movia na calada da noite em sua casa de infância ou na casa na rua Aden. No interior da caverna, apenas um brilho muito tênue permanece em meio a cinzas e carvão. Easley chama o garoto pelo nome, mas não ouve resposta. Na ausência de luz, tateia o caminho até o ninho. Assusta-se quando sua mão toca o ombro do garoto.

— Ei, cara. — Easley se agacha.

Está tudo escuro. Easley toca o ombro do garoto novamente, mas não sente nenhuma resposta.

— Não consegui achar uma tala, mas vou encontrar uma amanhã de manhã.

A cabeça do menino tomba para a frente.

— Karl!

Easley encosta o ouvido no nariz do garoto, para detectar se está respirando. Sente o pescoço do garoto. Frio — e imóvel, sem pulsação.

— Karl!

Quando Easley chega à mão do garoto, seus dedos voltam pegajosos. Ele os leva até o nariz, depois à língua.

— *Seu...*

Easley encontra o pulso, logo percebendo a ferida aberta. Dá um gemido alto. Procura o outro braço e encontra uma ferida correspondente. Easley enfia a mão por dentro do casaco e da camisa. Aquela parte também está imóvel.

Easley embala a cabeça e os ombros de Karl. Balança-o para trás e para a frente, chorando a perda de um amigo a quem nunca se permitiu conhecer direito. Chora pelo fracasso em encontrar uma tala a tempo, pelo erro de ter deixado Karl sozinho. Chora como nunca chorou. Chora com medo — não da morte, mas da espera que agora deverá enfrentar sozinho.

Easley dobra cada peça imunda de vestuário removida do corpo, coberto agora apenas pela cueca manchada. A luz difusa do meio-dia entra na gruta e se reflete na pele fria, de cera. Um toque de jade onde as veias antes fluíam. A impressão geral é de mármore. Easley levanta a cabeça para observar os pássaros mudando de direção na névoa. Uma cerração fina suaviza cada aresta e contorno.

A espera pela virada de maré finalmente terminou. A adrenalina foi substituída pelo tipo de exaustão nervosa, inquieta, que só pode ser resolvida com uma grande refeição e um sono de vários dias.

A calça manchada de sangue, a camisa e a camiseta dobradas e empilhadas como se fossem para uma gaveta. Meias dispostas sobre a murada do braseiro, as botas emparelhadas perto do carvão. *Vou ter de usar tudo isso em breve*, Easley pensa, *para não ficar vendo as roupas do garoto até enlouquecer*. Deve considerar tudo aquilo como se fosse seu.

Diz a Karl que ele vai fazer falta e promete fazer bom uso de suas coisas. Um dia, Easley jura, vai fazer uma viagem ao Texas. Pede ao garoto para perdoá-lo, se puder. E pede que faça boas recomendações junto aos poderes existentes, se Helen estiver certa e de fato houver um paraíso.

Não me assombre, amigo. Permita que eu tenha um pouco de paz.

Easley visualiza as colinas, o céu e o mar. Sem ver nenhum inimigo, carrega seu fardo para a praia. Coloca o corpo de Karl num leito achatado de centeio. Tira as próprias botas, meias e calça, depois recolhe Karl novamente.

As ondas — repuxando suas pernas — são tão frias que parecem queimar. Poderiam arrastar os dois para o alto-mar. Easley entra na água até a cintura e vira as costas para a próxima onda que surge. Depois da passagem, beija a testa do garoto e se vira para o oceano. Deixa o corpo na espuma, quando a onda que passou retarda e a água segue no sentido oposto. O corpo flutua pesado em direção à série seguinte de ondas, depois cai para trás com a nova mudança da maré. Easley fica olhando até as pernas implorarem misericórdia e, então, é forçado voltar à terra.

Ele se seca e volta a se vestir, nem uma só vez cedendo à vontade de virar para trás. Só quando as botas estão amarradas, e o zíper da jaqueta, fechado é que ele se permite uma última olhada.

Os maçaricos e as tarambolas se apressam ao longo da margem da praia, fazendo-o dar uma segunda olhada rápida. Examina a região mais próxima e também mais ao longe, mas o

garoto já foi.

OITO

HELEN DESPERTA COM UM SOBRESSALTO. Adormeceu com facilidade depois do jantar, embalada pelo som da chuva forte batendo nas vidraças e percorrendo as calhas acima. Apenas duas horas se passaram. Seus músculos estão rígidos, a pele úmida de suor. Gira as pernas para fora da cama e se levanta.

Sem ser notada, Helen para no topo da escada, de onde vê a sala de estar abaixo. Apesar da hora tardia, a luz ainda está acesa. Vê o pai sentado à pequena mesa de jogos com os ombros curvados, os lugares para três outros jogadores desocupados. Sua mão boa desliza em movimentos cuidadosos e rítmicos enquanto ele dá as cartas. Um jogo de paciência se estende entre uma garrafa de rum e um copo quase vazio. Sem perceber a presença da filha, ele examina as cartas viradas. Toma outro gole, o gelo tilintando no copo. Repousa a testa na mão.

Joe não bebe muito, mas o faz com regularidade. Toma duas doses de rum antes de ir para a cama. Helen não acha que isso lhe faça algum mal e nunca o viu bêbado. É como o beisebol, os programas de rádio ou a missa nas manhãs de domingo. Pequenos prazeres num mundo aparentemente projetado para negá-los.

Ele vira as cartas, três de cada vez.

Desde que voltou para casa, Helen não passou tanto tempo com ele como planejava, como disse a si mesma que faria. Em vez disso, ela o engana, dizendo que sai de casa para procurar trabalho, quando o tempo todo prepara sua partida. E agora sente uma grande onda de ternura, olhando para o protetor depreciado, o primeiro amor, o amigo mais antigo e verdadeiro. Segura no corrimão, e um leve rangido escapa do velho assoalho de abeto. Joe olha para cima e a vê ali, parada. Passa os dedos pelos cabelos ralos.

— Querida, o que foi?

Helen não sabe por onde começar.

— Vem até aqui — ele pede, procurando outra cadeira ao redor. Vê uma dobrada e encostada na parede junto à estante. Quase tropeça, na pressa de ir buscá-la.

Helen desce a escada e resiste ao impulso de ajudar quando ele sacode a cadeira para abrir. O pai dá dois tapinhas no assento. Ela se senta e pega o copo.

— Você não se incomoda se eu beber um gole, né?

— Vou preparar outro. — Começa a se levantar, mas Helen puxa sua manga.

— Só vou dar um gole do seu.

Joe desmancha o jogo de paciência, mistura as cartas em vez de embaralhar e — com uma só mão — dá cartas para jogar Oito Maluco. Helen despeja dois dedos de rum sobre as pedras de gelo. Um gole, e o álcool arde no fundo da garganta.

Um derrame, explicaram, é causado ou por um bloqueio do fluxo sanguíneo ao cérebro ou o oposto, uma hemorragia no cérebro. Seca ou inundação. Não se sabe qual deles ocorreu na cabeça de seu pai. Embora a recuperação da fala tenha sido rápida, com o braço foi outra história. Na primeira semana houve conquistas lentas, mas agora elas terminaram. Já perdeu a esperança de que a mão direita dele volte a servir para alguma coisa. Helen pega sua mão de cartas. Joe puxa as sete cartas para a borda da mesa e as ergue, tentando abrir um leque. Um três de paus escapa e cai de face para cima. Ele recupera a carta e tenta formar o leque de novo — o tempo todo reprimindo os palavrões, que, ela sabe, estão logo atrás dos dentes cerrados.

— Como vai a procura de emprego?

— Na verdade, é sobre isso que preciso falar com você. — Esse é o momento. Ela não vai continuar mentindo.

— Está bem — diz ele. — Mas, antes disso, acho que... eu gostaria de esclarecer umas coisas.

Aponta a pilha de descarte. A mímica do jogo deve continuar.

— Querida, você sabe que não sou um homem refinado. Mas tive uma vida boa. Os poucos arrependimentos que tenho foram porque me deixei convencer a não fazer coisas que sei que deveria ter feito.

— Papai, eu preciso dizer uma coisa.

— Mesmo com os seus irmãos. Não me arrependo do jeito como os criei. Sua mãe achava que eu era muito duro com eles. Era duro, mas justo. Talvez muito apressado em castigar ou repreender. Mas olhe pra eles: são homens fortes, bem-sucedidos. Não gostam muito de mim, mas acho que esse é o preço que tive de pagar. Agora vejo quanto você está sofrendo — continua —, sem saber onde está John. Se ele está bem. Também sei que quer ir atrás dele. Não acho que seja uma boa ideia. — Joe a encara com aquela expressão de finalidade que ela sempre temeu. — Mas nada disso importa. Se *você* acha que precisa ir, então vá. O que *eu* preciso é garantir que você não desperdice sua vida e faça hora por aqui, esperando a minha vida chegar ao fim.

O homem sentado na frente da Helen ainda parece ser o seu pai, mas agora ela começa a se perguntar se o bom senso dele também teria sido prejudicado pelo derrame.

— Eu ando escondendo coisas de você.

Joe ri.

— Diga algo que eu não saiba.

— Encontrei um jeito de ir até lá. Uma forma *segura*, com os militares, que vai me deixar perto dos lugares onde John deve estar. Por favor, escute um pouco antes de dizer qualquer coisa. — Helen levanta a mão. Deve conduzir isso com cuidado. — Existe uma chance de eu participar de um show de turismo. Ruth me indicou. Uma troca de favores. Uma organização chamada USO.

— USO...

United Service Organizations, ela explica, citando de memória o panfleto que Ruth havia passado. Grupos católicos e judeus, o Exército da Salvação, todos unidos para dar ânimo às tropas em forma de comédia, música e dança. Entretenimento. Dever patriótico. Joe responde com uma expressão vazia, mostrando que está apenas dando corda suficiente para ela enrolar em torno do pescoço.

— Para elevar o moral — ela conclui. — As garotas vão para onde as tropas estão estacionadas.

— Essa Ruth se arrisca bastante — comenta Joe. — Surpreende que ainda não tenha engravidado. Ou fumado ópio.

— Que coisa mais anticristã pra dizer!

— Na minha época, a oferta de entretenimento com o sexo feminino era outra. Uma antiga tradição.

— Graças a Deus sua época terminou. E estamos falando de uma organização altamente respeitada. Não lê os jornais? Ruth já fez uma viagem e só tem coisas boas a dizer.

Joe inspira fundo. Depois dá um suspiro, de modo teatral.

— Você não viu muita coisa no mundo, querida, por isso eu vou descrever um cenário. Centenas, milhares de homens forçados a ficar juntos, longe de casa, sem mulheres por perto. Então, você e suas amigas aparecem, *desfilam*, provocam um frenesi? É como balançar carne crua na frente de um bando de lobos.

— No ano passado eles levaram Bob Hope e Frances Langford ao Alasca — ela afirma, como se fosse uma prova. — Os ensaios estão começando em Los Angeles. A maioria das garotas parte para o Havaí depois disso. Ruth vai ficar alojada na Califórnia e trabalhar em porta-aviões.

Afasta uma mecha de cabelo da testa e encontra o olhar do pai. Joe toma um gole de rum e examina a filha com atenção.

— Um grupo está programado para ir ao Norte. — Ela fala em tom comedido. — Vou chegar perto, mas vai ser em segurança. Cercada por soldados e aviadores para nos proteger. Homens que John pode ter conhecido... Sei que aconteceu alguma coisa com ele. Sei que ele precisa de mim. Essa é a minha única chance.

— Acha que vai rastrear o homem num campo de batalha enquanto ele tenta fazer reportagens sobre a guerra? E se tiver sido capturado? Ou se estiver se escondendo pra *não ser preso* e não quiser ser encontrado? Já pensou nisso?

Helen se levanta com uma expressão de raiva, determinada a não chorar.

— Sim. Já pensei nisso e também em tudo o que vou arriscar, deixando você aqui por conta própria.

A expressão de Joe se abrandava, adotando o mesmo olhar confuso de quando ela era garota e tinha um acesso de raiva. Quanto mais emotiva ficava, maior desamparo ele mostrava.

Joe se levanta, vai até a cozinha e volta com uma caixa de amido de milho. Retoma seu lugar, abre a caixa e joga uma pilha de notas em cima das cartas espalhadas.

— Deve ter oitocentos dólares aí, um pouco mais no banco.

Empurra o dinheiro na direção dela.

— Pega. Você pode precisar. Vou me sentir melhor se você levar isso.

Helen volta a sentar.

— Sua mãe... Nas últimas semanas antes de morrer, ela não quis nenhum filho por perto. Não queria que vocês se lembrassem dela naquele estado. Reconheço que grande parte de mim também não queria ver. Parte de mim queria correr. Nunca contei isso a ninguém. Mas a verdade é que era difícil ficar longe dela até para fazer uma refeição. Eu sabia, sem nenhuma dúvida, onde precisava estar. Nem ela teria conseguido me fazer mudar de ideia.

Helen desloca a cadeira, chegando mais perto. Pega sua mão inválida.

— Você não precisa admitir isso pra mim — ele diz —, mas é melhor admitir a si mesma. Você não tem ideia de onde vai se meter. Lembrar esse fato de vez em quando vai te ajudar a não se meter em encrencas.

Helen concorda, obediente.

— John pode estar morto. Você precisa ouvir isso de mim. Também precisa saber que, se ele morreu, vai superar isso.

Na segunda-feira de manhã, Helen abre um mapa esboçado pela mãe da família de Los Angeles que deve alojá-la. Logo fica claro que será forçada a andar os últimos quatrocentos metros adiante do ponto do ônibus no sol forte, por um bairro de bangalôs pequenos e térreos, ruas não pavimentadas e sujas de lixo, sob postes de eletricidade oscilantes e palmeiras exóticas. Um cachorro passa trotando e desce a calçada com propósito e direção. Helen guarda o mapa no bolso e segue em frente.

Quando Helen contou a Ruth sobre John e seus planos para encontrá-lo, sua amiga se mostrou à altura da situação. Passou quase uma semana repassando seu espetáculo anterior na USO para Helen, demonstrando — passo a passo — os vários números da apresentação. Helen fez o possível para imitar a dança de Ruth, seu jeito de apresentar as músicas, a maneira como se movia no palco. Ruth fez críticas práticas, disse palavras de estímulo quando adequado, fez exigências de mais trabalho quando necessário. Examinou a dança de Helen por todos os ângulos. É claro que cada show das turnês seria único. O objetivo das duas era fazer com que Helen chegasse aos ensaios com a maior “presença de palco” possível.

As aulas de balé da infância voltaram à memória de Helen; a altura impossível da barra, o

pai, paciente, sentado perto da porta do estúdio ao lado das mães, folheando uma revista de pesca. Mesmo quando criança, Helen desconfiava de que não tinha um talento inato, nenhuma graça característica. Contudo, sob a tutela de Ruth, ela se jogou sem reservas nesse novo papel. O progresso era irregular, mas acontecia. Então, de repente, Helen se viu num trem com destino à Califórnia.

Ao chegar ao ginásio esportivo da escola, Helen já está suando. O lugar parece abandonado nessa manhã de sábado. A única luz vem do palco no outro lado do ginásio, atrás das laterais. Ela tira os sapatos, nem tanto por uma decisão consciente de poupar o assoalho de madeira, mas como uma resposta condicionada de seus tempos de estudante. Dá uma parada logo depois da linha de lance livre, onde sente cheiro de fumaça. Ouve um estalo, depois um ruído metálico de algo que bate e rola pelo chão.

— Maldito pedaço de...

Um homem sai de trás da cortina entreaberta com um cachimbo na boca, puxando uma corda que vai até as vigas do telhado. Usando um blazer listrado, calça bege e sapatos pretos brilhantes, puxa a cortina de lado. A luz de cima se acende sobre o homem e seu cachimbo, fazendo-o parecer um personagem no palco. Nesse momento, ele vê Helen.

— Isso já estava imprestável bem antes de a gente chegar — ele diz, olhando para as luzes. — Aposto que não vou conseguir fazer essa coisa se movimentar.

Helen se aproxima do palco e para, sem saber como agir. O homem joga a corda longe, enxuga as mãos e alisa os cabelos pretos ondulados. Desce a escada na beira do palco saltando os degraus, o cachimbo preso entre os dentes brancos e brilhantes, a mão estendida para a frente. Helen troca os sapatos de mão e o cumprimenta.

— Stephen Brooks.

— Helen Easley.

— Muito prazer. Bem longe da Broadway, não é mesmo?

— Bom, de fato...

— E este é o Carnegie Hall, comparado ao lugar onde vamos atuar.

Dá uma olhada ao redor, e Helen sente que deve fazer o mesmo.

— Cheguei cedo?

Ele olha para o relógio.

— Bem na hora. As outras estão atrasadas. Venha. Vamos experimentar aquele piano.

Helen sobe no palco atrás dele e o ajuda a remover a cobertura de lona de um piano de armário em más condições. Stephen puxa o banquinho e estala os dedos. Exercita algumas escalas e começa a tocar “Daisy bell (Bicycle built for two)”. Canta o primeiro verso sozinho, mas depois vira para Helen, ergue a cabeça e as sobrancelhas e gesticula, indicando o começo do refrão. Ela sente o rubor nas bochechas.

Meneia a cabeça e encolhe os ombros, como se não soubesse a letra. Ele continua o solo

até Helen entrar, timidamente. No meio da canção, ele fica em silêncio e deixa Helen cantando sozinha. Sua voz é trêmula no início, mas depois ganha força. Ele aperta os lábios, aprovando.

Quatro mulheres entram no ginásio. Sobem ao palco como se tivessem nascido lá. Tiram as malhas de lã e empilham as bolsas em cima do piano. Nenhuma se preocupou em tirar os sapatos.

Stephen gira no banquinho e se apresenta. Cada uma delas diz o próprio nome, de onde vem e recita o currículo como artista de variedades. Judith, uma “residente” de Hollywood, tem o cabelo no estilo de Ingrid Bergman, uma cascata de grandes cachos castanhos ao redor do rosto e dos ombros. O efeito é empanado por lábios finos e olhos preguiçosos. Fez três pequenos papéis em filmes dos quais Helen nunca ouviu falar, mas se destaca pela confiança e pelo sorriso vitorioso. Já trabalhou com Stephen. Sarah tem o temperamento um tanto solene, e as sobrancelhas depiladas e o cabelo descolorido remetem a Marlene Dietrich. Não conseguiu ainda deslanchar uma carreira de ópera em São Francisco. Jane, uma garota que acende um cigarro atrás do outro, já foi vocal de apoio de Peggy Lee e Woody Herman. Espera que essa saída de Los Angeles ajude a curar uma decepção amorosa. Gladys parece ser a mais feliz por estar aqui. É uma atriz de teatro desengonçada de Chicago, vestida com um exagero que chama a atenção: uma saia de linho rosa e jaqueta combinando, as unhas feitas. Talvez tenha pensado que se tratasse de um teste.

Não parece que já se conhecessem — embora tenham chegado ao mesmo tempo —, no entanto se comportam como colegas de trabalho, como se tivessem conquistado o direito de estar aqui. Conforme se aproxima sua vez, Helen faz uma oração silenciosa, pedindo um perdão antecipado.

Então é isso. É assim que se abandona o pai para sair em busca do marido num conflito armado no Pacífico Norte. Com garotas coristas e uma série de mentiras. Mas quantos meninos adolescentes não saíram do bar local de porre de cerveja e uísque jurando fidelidade mútua e vingança pelo que acontecera no dia 7 de dezembro? No centro de recrutamento, eles são autorizados — *incentivados* — a mentir sobre a idade. Adolescentes, militares, o próprio Roosevelt — enquanto a guerra continua, quem não manipula a verdade?

Helen se apresenta e fala de suas realizações inventadas. Nasceu em Seattle, explica, mas trabalhou numa companhia de teatro com sede em Vancouver. Seu papel mais recente foi na produção de *On Your Toes*, o musical menos conhecido de Rodgers e Hart, que ela fez questão de estudar na biblioteca. É um espetáculo um tanto obscuro, apesar dos compositores famosos, e ela reza para que ninguém lá tenha assistido. Escolheu Vancouver em vez de Seattle, para evitar a possibilidade de encontrar alguém familiarizado com a cena teatral de Seattle. Tinha certeza de que Vancouver estaria bem além da experiência de qualquer um. Seu grande medo é que peçam detalhes ou, que Deus a livre, uma das músicas ou algumas falas. É recebida com piscadas de olhos e acenos vagos.

Stephen saúda o patriotismo e a bravura de todas. A oportunidade de entreter as tropas é uma honra, uma experiência que elas vão passar para os netos. Diz que, ao contrário dos fascistas, que acreditam que os soldados devem se concentrar exclusivamente em aniquilar o inimigo, Tio Sam quer que seus homens tenham algumas merecidas pausas ocasionais. A oportunidade de dar umas risadas ou um vislumbre de coxas leitosas estimula os garotões a lutarem pela vitória e os faz lembrar por que estão lutando.

Helen se lembra da advertência do pai. Disfarça sua reação àquela descrição de sua incumbência, dizendo a si mesma que Stephen só está exagerando para causar efeito.

Tudo está indo muito depressa, continua Stephen, e todos estão sob pressão. Com mais turnês acontecendo em toda parte, há uma falta generalizada de tudo, sobretudo de tempo. Elas terão dez dias — dez longos dias de trabalho — para montar um espetáculo. Terão de trabalhar duro, como nunca antes. Vão criar um show de variedades que gira em torno de alguma estrela ainda não revelada. Só vão saber quem é quando estiverem prontas para fazer as malas. Certamente uma estrela reconhecível, mas basta dizer que dessa vez não será nenhum Bob Hope. Canções, coreografias, uma ou duas cenas humorísticas, piadas e comédia o tempo todo. Os vestidos serão feitos por voluntários, que vão tirar as medidas das garotas no dia seguinte. Stephen vai coreografar e tocar piano, além de dirigir a produção e administrar a turnê.

Stephen tem ombros largos e é bem-proporcionado, exceto pelas pernas arqueadas. Lábios cheios e rosados. Bonito. No entanto, após um contato de dez minutos, Helen começa a desconfiar do motivo de não estar na linha de frente, servindo seu país num papel mais convencional, o motivo de ter sido uma escolha segura para acompanhar cinco mulheres de base em base, vivendo e trabalhando em contato direto.

Não é nada evidente. É mais a forma como ele olha, ou melhor, não olha para elas. É um homem com pouco interesse por mulheres. Dança com uma de cada vez, e ao final desse exercício há ainda menos margem para dúvidas.

Stephen toca piano, e todas cantam “I’m nobody’s baby” em coro. *Each night and day I pray the Lord up above, please send me down somebody to love...* Na segunda vez, ele agrupa as meninas de acordo com o tipo de voz e trabalha um pouco de harmonia. De modo intuitivo, Helen acompanha o estilo de regência: Stephen olha diretamente para uma garota, meneia a cabeça e pontua a afinação com as sobrancelhas — abaixando quando quer que ela cante mais baixo, elevando para os tons mais altos. O sorriso grande e aberto significa que está satisfeito; os olhos fechados sinalizam o oposto. Com a mesma naturalidade com que segue a liderança dele, Helen se sente propensa a confiar em seus instintos sobre a qualidade do caráter dele.

O almoço é trazido por voluntários, e elas comem recostadas no piano. Stephen aproveita a oportunidade para rever o cronograma. Imediatamente após os ensaios, o grupo fará um traslado de avião para o Norte, onde haverá escala de uma noite em Seattle. Depois, segue território acima. Por razões de segurança, só vão receber o itinerário quando estiverem no ar.

Ele lança um olhar ao redor. Ao constatar que todas terminaram os sanduíches, ele as chama de volta para o ensaio.

No final do dia, Helen veste seu suéter enquanto todo mundo ainda está rindo, trocando fofocas e contando vantagem. Surge uma conversa sobre um jantar no centro da cidade para quebrar o gelo, longe desse local sombrio. Todas concordam que é uma boa ideia. Infelizmente, Sarah, a devota de Dietrich, já tem um compromisso marcado. Helen sabe que deveria ir, para causar uma boa impressão, mas já disse a Joe que telefonaria às sete da noite. Não quer dar nenhum motivo extra para preocupação. As outras vão embora, rindo e cantando pela quadra de basquete, deixando a Stephen e Helen a tarefa de cobrir o piano.

— Pelo menos eu sei com quem posso contar — ele diz. Uma camada de pó se levanta da lona. — Tenho certeza de que as outras garotas gostariam de seguir para o Havaí. Mas não deram sorte no sorteio e acabaram comigo. Se bem me lembro, você quis ir para o Norte.

Helen ainda não sabe se Stephen já adivinhou que ela tem algo a esconder ou simplesmente quer puxar assunto.

— Eu já estive no Havaí — ela comenta. — Não é lá essas coisas. — Quer parecer refinada, mas teme parecer uma criança mimada.

Antes dessa viagem, a maior distância percorrida fora São Francisco, ao sul, e Vancouver, ao norte. Forjar uma nova vida às pressas a deixa tonta.

— Entendo — ele responde, pensando um pouco. — Não. Na verdade, não entendo. Mas suponho que seus motivos sejam pessoais.

Stephen segura a porta aberta para ela e apaga as luzes do ginásio, permitindo-lhe a graça de escapar.

— Eu sempre quis conhecer o Alasca — diz Helen, com uma voz débil.

— Bem... — Ele vasculha os bolsos em busca da chave e tranca a porta. — Vamos ver se podemos transformar esse sonho em realidade.

Às sete e quinze da noite, Helen fica sozinha na sala de estar da família anfitriã, depois de ter dito boa-noite ao pai. Joe nunca foi bom no telefone. Parecia achar aquele meio de comunicação confuso e sempre dava respostas monossilábicas. Mas seu interesse foi despertado quando ela falou sobre o clima da Califórnia: pelo que soube, tem feito um calor excepcional.

Helen fica na sombra, transpirando, ouvindo um disco que toca em volume baixo. Se é assim tão quente na primavera, como eles aguentam o verão? Seu pensamento vagueia para a chuva purificadora de Seattle, e ela pensa na correria atrás de roupas quentes para o frio do Alasca.

No primeiro inverno após seu casamento, Helen namorava secretamente um casaco vermelho na vitrine da loja de departamentos Leahman. Na época, John estava sempre mudando

de emprego e o dinheiro era curto, por isso ela só olhava vitrines quando estava sozinha. O casaco era lindo, finamente cortado e costurado, com três botões grandes. Simples e elegante. Ela o experimentou duas vezes e, de vez em quando, parava ali só para admirá-lo. Um dia passou na loja para ver se, talvez por algum milagre, estaria em liquidação. Quando viu que o casaco não estava mais exposto, sentiu um estranho alívio. Ou já tinha sido vendido e ela poderia tirar isso da cabeça, ou estava lá dentro, pendurado na seção de promoções. A vendedora informou que a última peça havia de fato sido vendida. Helen se virou para sair, mas a mulher a chamou de volta.

— Você é a Helen? — Tirou uma caixa amarrada com um laço de debaixo do balcão. — Um senhor esteve aqui na semana passada... — Será que ele andou vigiando? Ou teria perguntado a alguma garota do trabalho? Meia hora depois, quando entrou em casa, John ergueu os olhos e começou a bater palmas.

— Até que enfim — declarou. — Eu estava querendo saber quando você cairia na minha armadilha.

Durante o dia as memórias surgem em ondas, tanto em situações sociais como quando ela está sozinha. Às vezes não consegue nem evocar os detalhes do rosto dele. A culpa a faz cerrar os dentes. Outras vezes, as lembranças voltam de maneira tão rápida e calorosa que ela quase se esquece de respirar. Quando o sol se põe, a ausência dele é ainda mais aguda.

Helen olha de novo para o telefone, depois apaga a luz.

Após dez dias consecutivos e desgastantes, ela é deixada na frente de uma imensa porta aberta — a maior que já viu. Dentro do hangar vazio, um voluntário da USO lhe entrega uma caixa que tem a metade do tamanho de sua única mala. É idêntica às caixas dadas agora às outras garotas. Cada uma está abarrotada de itens supostamente escassos ou indisponíveis no local de destino: cigarro, maquiagem, meias, lenços de papel, tangerinas, chocolate, enchimento de algodão para acolchoados, pó, sabonete, xampu, creme, lenços, agulhas e linhas — muitas das coisas que Helen tinha planejado adquirir em sua escala em Seattle.

Stephen bate palmas e gesticula para que todas se reúnam ao seu redor. Quer que elas dediquem um momento para apreciar sua façanha. O grupo trabalhou duro, diz, e ele conseguiu dar uma forma coesa e agradável aos talentos individuais de cada uma. Afirma que uma hora de ensaio para cada minuto no palco deve ser mais que suficiente. Ao todo, tiveram cem horas para desenvolver e aperfeiçoar o espetáculo. Da abertura ao fechamento das cortinas, a encenação acontece em pouco mais de noventa minutos. Na avaliação dele, todas estão agora muito bem preparadas. Helen adoraria acreditar nisso.

A tripulação de aviadores chega. Os homens juntam as caixas e malas, carregam tudo num trole e o empurram para a luz forte da manhã. Helen acompanha Stephen e as garotas pela pista, em direção ao avião à espera. Nos degraus do corredor de embarque, Helen se sente tentada a

confirmar o tempo exato que iriam ficar em Seattle. As vinte e quatro horas prometidas ainda estavam valendo? Houve uma mudança, ele explica. Seattle ficou de fora. O pernoite será em Portland, na costa da Colúmbia Britânica, e depois eles seguirão para o Norte e o Oeste. Um pequeno detalhe que parece ter escapado da mente dele.

— Eu acabei de saber — explica, lendo a expressão no rosto dela.

Helen visualiza Joe se preparando para sua chegada. Varrendo e passando o pano, colocando flores na mesa da sala de jantar e no quarto dela. Enchendo a geladeira para a única refeição que os dois planejavam fazer. Olha para o relógio com uma frequência cada vez maior.

Era para ter sido uma espécie de ensaio geral, um período de teste em que o pai ficaria por conta própria antes de ela finalmente partir para o Alasca. Uma ocasião para avaliar como estava se saindo com as tarefas domésticas e o trabalho na igreja, uma oportunidade de rever o novo médico e falar com a sra. Riley na casa vizinha. Uma ocasião para finalmente se despedirem.

Helen precisa encontrar um telefone assim que chegar ao Oregon. Dirá ao pai quanto sente sua falta, como se sentiu mal com essa súbita mudança de planos. Vai lembrá-lo de que estará pensando nele todos os dias, que espera que ele tenha cuidado, que seja sensato e paciente consigo mesmo — se não por si próprio, pelo menos por ela.

Subindo a escada para entrar no avião, Helen diz a si mesma que vai encontrar o marido e voltar para perto do pai num período pouco maior que seis semanas. Tomou a decisão correta para sua família. Todos vão se reunir novamente.

NOVE

UMA INCURSÃO DE CAÇAS B-24 e P-38 divide o céu. Estranhamente, nenhum bombardeio se segue. Os aviões norte-americanos apenas sobrevoam a ilha e fazem a volta, como se os pilotos tivessem mudado os planos de repente. Easley sente certo alívio com o zumbido dos motores, as silhuetas fabricadas pelo homem que se movem acima da terra e do mar. No entanto, quando os aviões partem, a consciência do isolamento se torna mais aguda. Diz a si mesmo que não é o único. Deve haver outros como ele, escondendo-se do inimigo por toda a Europa, a Norte da África, a China, talvez até mesmo ali nas Aleutas. No início esse pensamento melhora seu estado de espírito, porém logo evoca imagens de pessoas procurando proteção juntas, em pares e até em grupos. Mas, como agora sabe, esse modo de encontrar cobertura é bastante diferente. Essas pessoas não estão sozinhas.

Easley tira as plaquetas de identificação do garoto do próprio pescoço, onde estão há quatro dias. Segura-as na palma da mão e lê em voz alta:

KARL A. BITBURG

12870763 T41 A

ANGELA BITBURG

242 BORDEN ST.

ROAN TEXAS P

Ele supõe que o “A” perto do furo seja o tipo sanguíneo e que o “P” final signifique “protestante”. Easley não tem dúvida de que a chave que guardou no bolso vai abrir a porta do número 242 da rua Borden. Não separou o par de plaquetas de identificação, colocando uma na boca do garoto, como um dia ouviu dizer que devia ser feito. Nem enterrou o corpo. Quanto a isso, ele não se arrepende. Não queria que os japoneses o encontrassem e, sobretudo, não queria que o garoto se tornasse parte da ilha.

Os últimos quatro dias foram passados com o livro que Karl tinha liberado, junto com o lápis, o alicate, carvão e madeira. Easley já não se perguntava que informações o livro poderia conter. Virou-o de lado e deixou de ver as palavras irreconhecíveis, trocando-as pelo branco do papel. Passou os dias dentro da caverna escrevendo suas lembranças de Karl. Impressões, conversas, as vezes em que Karl o fizera rir. Espera que, registrando essas coisas e levando-as consigo, ele se recorde de Karl tanto quanto possível. É a maneira pela qual Easley espera homenageá-lo. A história de Karl se converterá em parte da história de Warren, parte da história de Helen e da sua própria e, depois, será dobrada e inserida na narrativa dessa guerra desconhecida e em expansão. Depois de preencher quase trinta páginas com esse tributo, está com fome. Easley recoloca as plaquetas de identificação no pescoço. Elas tilintam conforme se

assentam na sua pele.

À noite ele veste todas as roupas. As de Karl por baixo, pois são menores, depois a própria calça e a camisa por cima. Na falta de carvão, isso fez um pouco de diferença. Agora, à luz do dia, Easley tira o casaco e sai da gruta.

O nevoeiro se dispersou, e o céu está vivo com o confete de aves descendo. No oeste, onde as nuvens se abriram acima do mar, a água é de um azul profundo e sedutor. Esse é o momento mais perigoso do dia. Se o inimigo estiver sobrevoando ou caminhando por perto, certamente o verá. Fora da caverna não há lugar para se esconder. Sua mente calcula o risco, mas ao corpo não serão negadas a promessa de luz, a oportunidade de movimento, a esperança de calor.

A grande cacofonia de patos, gansos, gaivotas e andorinhas é reconfortante. Essas e outras aves começaram a chegar em um número inimaginável. Easley é lembrado da atribuição que o trouxe a essas ilhas, de traçar um perfil que deveria incluir a migração aviária anual do noroeste do Pacífico, da Califórnia, do mar de Cortez. Jornadas de um paraíso quente para um exílio úmido. Agora ele é grato pela companhia — e pela promessa de carne. Easley sente uma afinidade maior com o inatingível albatroz, pois a ave, assim como ele, é um viajante solitário num mundo indiferente.

Comeu uma dúzia de mexilhões crus durante a manhã e uma fronde de algas marinhas ao meio-dia, mas agora o apetite aumentou. Em meio à explosão da população de pássaros, Easley tem dificuldade de encontrar o lagópode dos Alpes. Saiu da gruta com grandes esperanças de sucesso, mas, conforme o dia avança e as nuvens voltam, seu desespero aumenta.

Easley joga pedras contra as gaivotas que passeiam na praia. Contudo, assim que faz o arremesso elas já estão em movimento — uma breve corrida seguida do salto para o ar. Acerta uma na barriga, porém a pedra simplesmente ricocheteia. A gaivota solta um grasnido alto, remexe o corpo como se tentasse sacudir a água do dorso e segue seu rumo. Easley senta para descansar. À noite, quando chegar a hora de enfrentar os mexilhões, ele tentará disfarçar o sabor do mar evocando suas vagas lembranças do gosto de frango frito.

Uma ave de rapina desconhecida circula acima de uma revoada de gansos em V. O bico grosso e dourado, o corpo preto, o dorso e a cauda brancos. É a maior águia que Easley já viu. Talvez tenha perdido o rumo vindo da Ásia, vítima de ventos desfavoráveis. Observa sua brusca inclinação para a direita e depois o mergulho para dentro da formação. O ganso líder não o vê chegando, os outros mantêm a rota. A águia atinge um deles na retaguarda da formação, que cai do céu agitando-se. Easley se levanta. O ganso luta por controle, porém só consegue cair na colina coberta de grama. A águia mergulha diretamente em sua direção. Movimenta-se tão rápido que a Easley parece que ela também vai se espatifar no solo. Porém, no último segundo, ajusta o mergulho e faz uma aterragem controlada. Easley começa a se mover. A caça ainda faz

tentativas de voo com a asa intacta restante. Isso só a faz girar em círculos sobre a grama. A águia não perde tempo e salta sobre o dorso do ganso com as garras estendidas. Ainda tenta decolar, mas a carga se revela difícil de manejar. Easley acelera o passo.

Desesperada para levantar e alçar voo, a águia bate as asas com tanta força que solta algumas penas. Olha em volta e vê Easley fechando o cerco. Num movimento desesperado, ela levanta o ganso a um metro e meio do chão, só para deixar a carga pesada cair logo em seguida. A águia pousa e fica sobre a ave abatida, ofegante.

Easley fecha o cerco. Agita a perna. A águia abre as asas, para parecer maior e mais ameaçadora, e crava o bico em uma de suas botas. Easley balança a perna outra vez e obriga a águia a soltar o ganso. O pássaro se queixa tão alto que Easley imagina todos os soldados da ilha em corrida disparada, de baionetas em riste. Ele se agacha, agarra o ganso pelo pescoço e sai correndo na direção da praia.

A águia se ergue e voa baixo sobre a cabeça de Easley. Plantando os pés na grama, Easley empunha o ganso como um saco de pedras, desafiando a águia a tentar novamente. Depois de fazer dois círculos no ar, ela investe contra Easley, que gira o ganso no ar um segundo antes de a águia chegar. Assustada, a águia bate as asas e se afasta. Voa de volta para o local onde a presa caiu pela primeira vez e busca sinais de outra refeição. Sem encontrar pedaços dispersos, ela fica ali, olhando enquanto Easley segue às pressas para a praia. A algumas centenas de metros de distância, Easley passa o ganso de uma mão para a outra. Vira em direção à águia e inclina a cabeça em sinal de agradecimento.

Um ganso canadense das Aleutas, de pescoço curto, é menor do que a variedade mais conhecida, mas muito maior do que qualquer ave que ele ou o garoto tenham conseguido matar. O carvão acabou há muito tempo, e faz vários dias que ele não vê um graveto de madeira flutuante. O ganso terá de ser comido cru. As asas inertes desdobram-se conforme a ave é carregada declive abaixo.

Easley se acomoda e olha para sua caça por um tempo. O bico meio aberto em protesto silencioso, olhos de hematita cobertos de areia. Abre o canivete do garoto.

A carne brilha quando exposta à luz. Cada músculo claramente definido. A carne é macia e flexível nos dentes e o sabor é leve, nada desagradável. É uma pena não poder assar, fritar e defumar a pele. Já que a carne vai estragar em um dia, é preciso consumir tanto quanto possível. Easley joga as entranhas na areia, e as gaivotas respondem rapidamente. Depois de ingerir o peito e as pernas, dá um arroto e faz uma pausa antes de voltar a comer. Quebra os ossos em busca do tutano. Seus pensamentos parecem mais claros a cada mordida.

Durante todo esse tempo a águia circula acima, observando. Easley não pode se dar ao luxo de fazer outro inimigo. Mantém a vigília com a visão periférica.

Por fim ele se levanta, as bochechas manchadas de sangue e gordura. Abandona a carcaça e as penas para as gaivotas. Esfrega as mãos com areia molhada, salpica água fria no rosto.

Então a sonolência toma conta.

Easley encontra uma faixa de verde perto da beira da praia, onde a primavera chegou. Deita-se com as mãos cruzadas sobre o estômago cheio. Por toda a volta, novos brotos de junça avançam na direção da luz, embalando-o. Ele se imagina deitado ao lado de Helen. Lembra-se de como ela costumava segurar sua mão enquanto cochilava, a maneira como seus braços e pernas o procuravam, mesmo durante o sono. Não consegue sentir nenhuma dessas coisas. Easley se esforça para imaginar seus olhos, lembrar o som de sua voz. Descobre que não consegue. Agora, isolado de todo contato humano, a memória o trai rapidamente. Ele cai num sono pesado.

Easley anda por ruas vazias até chegar ao parque. É um dia quente de verão, e deveria haver pessoas circulando, tráfego nas ruas. Mas as calçadas estão povoadas por aves andando, apressadas para chegar a outro lugar. Elas o encaram fixamente, se viram para sussurrar entre si. Passando por campos esportivos e abetos, ele chega a um estacionamento com apenas um veículo, uma velha picape Ford. Será que era esse o carro de Karl? Parece que há algumas pessoas dentro. Easley caminha entre os pássaros murmurantes e se aproxima da cabine.

Na janela lateral, ele vê a cabeça descoberta e o ombro de um homem. Quando Easley se aproxima, o homem se esconde na sombra. Chegando à picape, espia lá dentro e vê uma mulher em cima do homem. Ela agarra seu ombro pouco acima de uma tatuagem borrada, mas o homem não é Karl. É Warren quem está alisando as coxas e o quadril da mulher, massageando sua pele. O cabelo da mulher cobre seus olhos até ela o jogar para trás, revelando ser Helen.

Easley senta e pisca para o céu, a cabeça latejando com a batida forte do coração. O sol abandonou a ilha, e agora sua luz chega ao mar através de nuvens distantes. Dois feixes intensos, como nas antigas pinturas religiosas, iluminam um caminho no oceano com a promessa de algo melhor.

Muito antes de conhecer Helen, quando tinha vinte e dois anos, Easley levou para casa a única outra garota que foi importante para ele. Viu o problema com seu irmão logo de cara. A maneira como Warren abriu aquele sorriso, contou histórias indevidas, fazendo-a rir, e rir, e rir.

Não que seu irmão estivesse flertando de modo consciente com a garota. Warren tinha nascido para encantar. Mas ver isso acontecendo bem na sua frente, com uma garota que tinha escolhido, liberou algo terrível dentro de Easley. Ao ser confrontado, Warren simplesmente riu do ridículo da situação. Alegou que podia conseguir uma dúzia de garotas melhores que aquela, se quisesse. Easley bateu com tanta força e rapidez no irmão de dezoito anos que Warren nem sequer teve tempo de levantar a guarda. Deixou o irmão estendido no corredor, com um osso da face quebrado e um corte debaixo do olho.

Easley não queria apenas pôr o irmão mais novo em seu devido lugar. Queria machucar, queria deixar uma marca naquele rosto bonito. Anos mais tarde, quando conheceu Helen, Warren fez questão de ignorá-la — até Easley pedir que parasse com aquilo.

Em pé novamente, Easley estabelece um ritmo ambicioso. Deve se manter em movimento. Movimento significa sobrevivência. Logo se encontra no local do poste podre, da tala quebrada. Para e examina o local mais uma vez. O único marcador feito pelo homem encontrado fora da aldeia. O que está fazendo aqui?

O poste está em pedaços, no local onde foi lançado na última noite de Karl. A marca do corpo de Easley permanece no aipo silvestre onde ele tropeçou e caiu. Há uma reentrância superficial à esquerda do marcador, na qual as ervas daninhas do ano passado estão especialmente espessas. Uma sepultura? Se isso é o resultado de um caixão desfeito, por que as pedras estão empilhadas a seis metros de distância? Os aleútes não enterram seus parentes no adro da igreja russa? Easley faz a volta, olhando das pedras para as ervas daninhas. Ajoelha-se.

A pequena pilha tem menos de um metro de altura. Só alguém que estivesse procurando a teria notado. Não está lá há muito tempo. Depois de remover as pedras, ele cava com as mãos. O solo é macio, talvez remexido recentemente. Mal tinha cavado meio metro, prende o dedo em algo de metal. Chupa o dedo, cuspiendo lama avermelhada.

Easley escava em torno do que parece ser uma pequena caixa de metal envolta em folhas de papel-alumínio. Não deve estar lá há muito tempo. Uma lata de chá? Sacode a caixa e escuta um baque surdo lá dentro. Vira-a de cabeça para baixo, inspecionando o achado por todos os ângulos. Easley segura a caixa no peito e examina o terreno deserto e o mar. Coloca a terra de volta no buraco, nivela a superfície e reagrupa as pedras do modo como estavam.

Na entrada da gruta, onde ainda há um pouco de luz, Easley remove devagar o papel-alumínio, como se fosse um belo embrulho de Natal. Quando vê a lata, sorri ao ler as letras vermelhas conhecidas sobre ouro e verde, confirmando seu primeiro palpite. Nabob Pure Indian & Ceylon Tea, Kelly, Douglas & Co. Limited Vancouver, B.C. 3 lbs net.

Easley abre a tampa, retira um pedaço de flanela vermelha que recobre a ponta de um arpão de marfim. Muito bem esculpido e completo, com farpas e cavidade para uma lança, quase do tamanho de sua mão. Embrulhada sob a ponta do arpão, uma pequena fotografia emoldurada retrata uma jovem nativa num casaco de lã escuro, partindo numa viagem. Está parada junto à amurada de um navio, acenando com a mão enluvada e olhando para baixo, para quem está com a câmera. O sorriso é calmo, a postura, insegura.

Easley estuda a imagem por um bom tempo, limpa uma mancha fresca de lama do vidro com a parte mais lisa da manga. Abaixo do retrato vê um ícone de *Madona e criança*, adornado em ouro folheado. Deve ser russo. A seguir, um rolo de dinheiro bem preso com um elástico vermelho. Conta trezentos e setenta e dois dólares. Ao redor do conteúdo restante há um retângulo dobrado de linho branco, bordado com botões de ouro e flores do campo. É meio chocante ver um item tão puro naquela região cinzenta. Easley o segura nas mãos frias e sujas como se fosse o Santo Sudário.

Na parte inferior da lata, encontra uma folha de papel dobrada, em meio a restos do pó

preto do chá. Easley remove o papel com uma das mãos e chupa o dedo indicador, limpando-o na camisa. Passa o dedo no fundo da lata e o leva à ponta da língua, sentindo o sabor do pó doce. Fecha os olhos e sorri.

Uma rajada de vento agita o papel, que Easley abre com um movimento. E vê o texto com letras azuis elegantes:

10 de agosto de 1942
Meu amor querido,
Você encontrou-me longe e achou nossas coisas bem escondidas.
Eles chegaram à aldeia no dia 7 de junho, e tememos que vão nos levar embora.
Vou esperar por você. Pense na promessa que me fez e lembre que o vento não é um rio.
Sua para sempre,
Tatiana

Easley relê o bilhete, dobra o papel com cuidado e o guarda novamente no fundo da lata. *O vento não é um rio?* Repõe o dinheiro, o pano de linho, o ícone russo e a ponta do arpão de marfim e guarda a lata numa prateleira alta no fundo da gruta. Dobra e guarda o papel-alumínio para alguma eventual necessidade.

Depois se senta com a fotografia nas mãos, esforçando-se para ver o rosto vulnerável da menina com a luz que resta. Sente alguma coisa se agitar dentro de si.

DEZ

HELEN ESTÁ ESPREMIDA entre Stephen e Judith, murmurando um ciclo infinito de ave-marias em meio ao lamento constante dos motores. Sarah e Jane estão presas pelo cinto de segurança nos assentos da parede oposta, as pernas cruzadas, folheando as últimas edições de *Life* e *Look* com mãos enluvadas. Sobre o traje de voo, vestem parca nova com o zíper fechado até o alto. Criada em Chicago, Gladys é a mais acostumada com o frio. Está do lado oposto de Sarah, cabeça inclinada para trás, em pleno sono. O resto do espaço é preenchido por um carregamento de mesas de escritório, arquivos e cadeiras, pneus pretos colossais, latas de cenoura e beterraba. É a terceira etapa da primeira viagem de avião de Helen. A cena opaca e sem glamour não tem nenhuma semelhança com suas noções anteriores de viagens aéreas.

Eles aterrissam a pouco mais de mil quilômetros ao norte de Portland, na base da Força Aérea Real Canadense (RCAF) em Prince Rupert, na Colúmbia Britânica — um lugar que parece recém-cortado da floresta impenetrável. Ainda se vê neve nas montanhas, mas fora do calçamento a grama está brotando verde, numa promessa de primavera. Almoçam sobre a grama à beira da pista de pouso e decolagem, enquanto o avião é reabastecido. Comem sanduíches de ovo e salada sob o sol, o papel-manteiga equilibrado sobre os joelhos, enquanto homens correm de um lado para o outro como se houvesse alguma emergência repentina e despercebida. Um membro uniformizado da Divisão de Mulheres da RCAF as recebe com café, servido em copos finos de papel. Helen absorve o calor nas mãos. Na hora de partir, levanta-se e faz uma série de exercícios e pulos para esticar as pernas e as costas. As outras garotas a imitam e logo estão todas pulando para cima e para baixo, agitando os braços ao lado do avião.

Na escala final do voo, cantam com entusiasmo todas as canções da série de abertura sob o persistente lá bemol dos motores, até se amontoarem na janela para ver o sol desaparecer num céu púrpura e alaranjado.

Cada uma dessas mulheres tem o mesmo sonho: de alguma forma, deixar sua marca no *show business*. Gladys considera esse trabalho um avanço, uma chance de ser vista e apreciada fora de Chicago, uma oportunidade de ganhar uma exposição muito necessária. Judith, com sua experiência de cinema, vê isso como retrocesso, um lugar necessário para exercer seus talentos enquanto espera por oportunidades mais dignas e pelo fim da guerra. Jane e Sarah estão gratas pelo trabalho. Todas têm pessoas queridas uniformizadas e servindo na guerra e acreditam estar ajudando a causa, fazendo parte da história em andamento.

Tarde da noite, o avião sacoleja ao taxiar na pista perto da cidade de Anchorage. Está mais frio ali do que em Prince Rupert, mas não muito abaixo de zero. O vento bate gelado e úmido no rosto de Helen quando elas passam do avião para o ônibus e para os alojamentos escuros. A

crosta fina de neve de primavera cobre o solo além do pequeno facho de luz do farol, exceto onde a terra está marcada por trilhas duplas na lama. Ninguém fala nada. O rugido do avião foi substituído por um zumbido nos ouvidos e pelo pesado gemido do ônibus.

Com uma freada brusca, param em frente à última fileira de uma série de barracões Quonset, que lembram enormes barris de lata tombados e semienterrados. Uma lâmpada solitária paira sobre uma porta marcada #17. O motorista desliga o motor, olha por cima do ombro e mostra um sorriso arreganhado.

— Bom, cá estamos! — declara.

Judith adormeceu no ombro de Jane, que não tem pressa de terminar seu cigarro. Gladys e Sarah cochicham numa conversa particular, enquanto Sarah amarra um lenço na cabeça. Alguém tem de se mexer. Helen avança para a frente do ônibus, agradece ao motorista e desce no meio da lama, lembrando que as botas ainda estão na sacola. De seus dois bons pares de sapatos, este era um. Sem pensar nisso no momento, ela olha para o céu para ter um vislumbre da aurora boreal, sobre a qual tanto leu, mas as nuvens obscurecem a visão. Seu alívio por ter chegado tão longe logo é superado pelo pensamento de que John pode estar por aí em alguma tenda de paredes finas, tremendo durante a noite.

As outras garotas saem do ônibus com o cabelo escorrido e expressão azeda, fechando a parca no pescoço. Stephen aperta a mão do motorista e desce, e em seguida a porta se fecha. Olha para Helen e força um sorriso.

— Garotas mais fracas não teriam sobrevivido — diz, recompensando-se pelo esforço.

Dentro do barracão Quonset, Helen avista uma grande sala aberta com uma dúzia de camas de lona. Um braseiro quente de carvão brilha na estufa central. As garotas cambaleiam atrás dela. Mesmo as expressões mais amargas se derretem com a descoberta de uma rosa de papel colocada sobre o travesseiro de cada cama, arrumada de maneira impecável. Sobre a mesa perto da estufa, há uma tigela brilhante de laranjas e um bolo com uma camada branca e a inscrição BEM-VINDOS AO ALASCA, EUA, feita com glacê vermelho-cereja. Ao lado do bolo, um cartão feito à mão chama a atenção, repleto de assinaturas de boas-vindas. As garotas sorriem e murmuram sobre o cartão, enquanto Stephen corta o bolo. Helen está de pé perto da estufa, aquecendo as pernas, quando de repente uma música explode do lado de fora.

Helen é a primeira a chegar à porta. As outras garotas pressionam suas costas quando ela é recebida por um coro de mais de uma dúzia de homens, cantando e oscilando de lá para cá no escuro. Eles iluminam os rostos jovens com lanternas, o que faz com que pareçam crianças numa noite do Dia das Bruxas. As vozes se transformam em vapor saindo da boca enquanto eles cantam “I’m in the mood for love”. Quando a música termina, as garotas batem palmas, aplaudem e gritam “Bravo!”. Os homens desejam doces sonhos a todas e perguntam se elas precisam de alguma coisa para tornar a estadia mais agradável. *Qualquer coisa*, enfatizam.

— Obrigada por terem vindo — diz Judith por todas elas. — Amanhã à noite vamos dar

boas razões para vocês sonharem.

Isso provoca assobios e suspiros de antecipação. Os homens acenam adeus e voltam pela estrada, cantando e empurrando uns aos outros.

Sarah declara que é hora de encerrar a noite e logo desliga as luzes. Helen se despe no escuro e se acomoda na cama.

Agora que o movimento constante finalmente cessou, seus temores ressurgem. O vazio insuportável que sentiu ao sobrevoar a região despovoada, onde tão poucos sinais de civilização podiam ser vistos. A extensão interminável do Pacífico Norte. O conhecimento de que John deve estar num lugar mais desolado ainda.

Em suas orações, Helen inclui a tripulação de voo que a trouxe com segurança para o Norte, suas companheiras cansadas e os homens inexplicavelmente meigos e alegres que fizeram o possível para que se sentissem em casa. Fica pensando se John está em companhia tão boa quanto esses homens parecem ser. São esses os pensamentos que tenta refrear enquanto espera o sono chegar.

Na manhã seguinte, Helen leva uma bandeja de latão para o canto do refeitório vazio e se esgueira ao lado de Judith. As garotas estão sentadas no primeiro de várias dezenas de conjuntos de mesas e bancos compridos. A limpeza e a organização são surpreendentes, visto que acabaram de acomodar centenas de homens famintos. Na parede oposta, um cartaz da USO mostra a cabeça sem corpo de Teresa Wright jogando o cabelo para trás em algum tipo de êxtase musical, um microfone fônico brilhando na frente dos lábios muito vermelhos. Sob o nome de “Teresa Wright” está escrito “& as Swingettes da USO”, numa fonte menor, mais humilde.

A USO não informou aos homens que Teresa Wright não faria o show. Stephen só havia dado a notícia às garotas dois dias antes da partida. Isso provocou um acesso de raiva, em que Sarah questionou a ética profissional de Stephen e de toda a organização, bem como a saída vagarosa e cinematográfica de Judith. Sem se abalar, Stephen simplesmente bafou o cachimbo e declarou que as músicas que Teresa Wright iria cantar teriam de ser divididas entre elas e as mais difíceis iriam para Judith, que já não estava presente para protestar. Que ninguém se engane — o show vai continuar.

O café está amargoso depois de tanto tempo no fogão. Helen cutuca a carne em conserva de sua bandeja com um garfo, sem descobrir pedaços apetitosos. Refugia-se nas torradas, passando manteiga e molhando-as no café. São oito e meia da manhã, e o sol já está alto no céu. Faz tempo que os homens desapareceram nos aeródromos e hangares, ocupados com a movimentação de aviões, homens e material dos Estados Unidos nas ilhas Aleutas. Há uma boa chance de John ter passado por essa base a caminho do Oeste e ter feito uma refeição nesse mesmo galpão.

— Vai ser anunciado hoje — garante Stephen. — Eles vão saber muito antes de

aparecermos que Teresa não estará aqui. Confiem em mim. Vão fazer o possível para ser simpáticos com vocês, garotas. Vocês vão ver.

— Ponha-se no lugar deles! — diz Gladys.

— É como pedir filé-mignon e receber uma péssima salsicha no lugar — dispara Judith.
— Como você se sentiria?

Jane, recém-saída de um relacionamento com um médico casado, declara:

— Eu não recusaria uma salsicha jovem e quente. — Sorri e sopra o vapor do café.

— Eu não ouvi isso — diz Stephen. — E não deixe nenhum deles ouvir. Se tiverem a mais vaga ideia de que alguém aqui está tão cheia de ardor, vamos ter mais problemas do que os japoneses.

Judith tenta, sem sucesso, esconder que está tirando carne dos dentes.

— Você não pode arrastar a gente até aqui e nos jogar num palco com os garotões esperando uma estrela — diz. — Isso não é justo.

— Quem prometeu justiça a vocês? — Stephen cruza os braços no peito. — Não há justiça neste mundo, e nosso trabalho é ajudar esses caras a esquecer esse fato durante uma noite por ano.

As garotas se entreolham, depois viram para Judith.

— *Pelo amor de Deus...* Nós não estamos na rua 42! — Stephen faz uma pausa e logo se acalma. — Esses caras vão adorar vocês. Vamos deixá-los de quatro.

— Estou falando de *comunicação*... — fala Judith, com uma tensão crescente na voz.

Dentro de onze horas elas vão estar no palco. Helen sente seus nervos comprimindo o corpo e a mente. Um ano atrás, se tivesse se perguntado o que estaria fazendo agora, Helen teria se imaginado empurrando um carrinho de bebê no parque de Green Lake com John, respirando a delicada fragrância de flores de maçã, tentando descobrir como ser uma boa mãe de um filho pequeno sem o benefício da ajuda ou os conselhos da mãe. Mas sabe que todos nessa base também estariam em outro lugar. Quantos milhões de vidas foram alteradas por essa guerra? Ao contrário do cálculo de navios, dólares ou baixas, não há matemática para as perdas pessoais, silenciosas e despercebidas. Não há indenização para o que poderia ter sido.

Helen se levanta com a bandeja e vai até a porta. Despeja os restos da refeição no lixo e coloca a bandeja sobre o balcão. Um garoto de avental branco a intercepta e pergunta se deseja mais alguma coisa. O garoto é ossudo, com ombros caídos. O pomo de adão pontudo combina com o queixo. Aparenta uns dezessete anos. De lado, ele não deve medir mais de dez centímetros. Sua única característica recomendável é um par de olhos verdes deslumbrantes.

— Estou bem animado com o show — ele diz. — Ficamos muito contentes com a vinda de vocês.

— Teresa Wright não pôde vir. Seremos só nós hoje à noite.

— Ouvi dizer ontem. Soubemos pelos caras em Prince Rupert que ela não estava no avião. Nunca acreditei que viesse mesmo.

— Você não ficou chateado?

— Ela nem parece humana pra mim. Pelo menos vocês parecem de carne e osso.

Helen fica com vontade de dizer que essa é a melhor coisa que ela ouviu de alguém em meses. Que aquelas palavras a deixam mais animada. Acaba declarando:

— Você tem olhos lindos.

O sorriso resultante o deixa surpreso e confuso, totalmente desconcertado. Afasta o olhar, recua alguns passos. Esfrega a mão na cabeça de cabelos curtos, emite um som que deveria ser uma risada e desaparece na cozinha.

Antes que os aplausos cheguem ao fim, Helen foge para o barracão Quonset no escuro, espirrando lama até o meio das coxas no caminho. Não consegue fugir com a rapidez que desejava. Fecha a porta ao entrar e para — o pulso acelerando para alcançá-la. As brasas ainda brilham na estufa. Ela joga uma concha de carvão.

Helen senta com os braços e as pernas cruzados, considerando o desastre de sua atuação, a vergonha de ter decepcionado todo mundo na noite de estreia, o perigo para as chances de encontrar John representado pela descoberta de que é uma fraude.

No palco, tudo começou com um olhar de soslaio e surpresa de Judith no auge de seu terceiro número. As garotas cantavam um verso de “Don’t sit under the apple tree”, mas Helen acabou perdendo a deixa. Foi uma coisa pequena, na verdade. Gladys tentou apoiar Helen com um grande sorriso encorajador. Os homens pareceram não notar, davam urras cada vez que uma delas se virava, mudava de posição ou — que Deus as proteja — se abaixavam. Mas a garganta de Helen já estava apertada, de tanto nervosismo. Esse primeiro erro se transformou numa nuvem escura que parecia sombrear cada movimento. Por mais que tentasse, ela não conseguiu se recuperar.

No meio de “Cow Cow Boogie”, a harmonia de Helen sumiu. No primeiro verso depois do interlúdio musical, Judith olhou para trás por cima do ombro. Stephen ergueu os olhos do piano — as sobrancelhas arqueadas, depois abaixadas, a seguir franzidas de frustração. Imperturbável, fez uma nova tentativa ainda mais grandiosa, fazendo disso uma parte do ato. Apesar dessa direção cômica, Helen não conseguiu encontrar o caminho até a nota. Por fim, Stephen sorriu e soprou um beijo para ela.

Helen tivera um bom desempenho durante os ensaios. Mas nessa noite teve de abandonar por completo a harmonia do canto e apenas mexer os lábios pelo resto da canção. Cantou baixinho as melodias mais fáceis e sentiu-se um pouco mais segura com sua dança em “Chattanooga Choo Choo”. No entanto, quando olhou para Stephen para recuperar a confiança,

ele forçou os cantos da boca e imitou um sorriso. Ao longo de toda a segunda metade da atuação, seu objetivo foi a mera sobrevivência.

Helen olha para as nervuras arqueadas do forro do teto. O que está fazendo ali? John está o mais perto da ação possível, o que ainda significa mais de mil e seiscentos quilômetros de distância, nas ilhas Aleutas. Depois de Anchorage, o itinerário prevê shows em Fairbanks, com quase uma semana de duração, antes de finalmente partir para as ilhas. Stephen confirma que vão se apresentar em Adak, a base avançada de operações do ataque em curso contra os japoneses. De todos os lugares da Terra, esse é o paradeiro mais provável de John. Uma vez lá, terá apenas quatro dias para encontrá-lo. Mas, como Helen já aprendeu, os itinerários são alterados. E se, de repente, elas não fossem mais para o Oeste, mas para o Norte ou o Sul? E se os japoneses avançarem e elas forem obrigadas a sair do território?

A porta se abre e Stephen entra, tirando a neve e a lama dos sapatos, largando o cachecol. Assobia a melodia de “Tangerine”, o número que foi bisado no show. Fica ao lado de Helen, olhando o fogo com ar satisfeito, como se nada importasse. Como se tudo tivesse corrido conforme o planejado.

— Eu me sinto como o Papai Noel — diz. — Ou como dono de um clube de *striptease*. Alguém que espalha alegria.

— Eu tive um ataque de nervos. — Mal dava para ouvir as desculpas que tinha preparado. — Isso não vai acontecer mais.

Ele desabotoa o colarinho e afrouxa a gravata.

— Estávamos todos um pouco nervosos.

— Não, não estávamos. *Eu* estava.

— Tudo bem, tem razão. Você estava. E parecia alguém com uma arma apontada para a cabeça. Mas pelo menos não caiu na plateia.

— Fiquei esperando a hora de você me tirar do palco com um gancho.

— Esquece — ele tenta tranquilizá-la. — Temos muito mais shows pela frente. Todo mundo tem direito a uma noite ou duas de insucesso. Você apenas usou uma delas logo de cara.

Helen não sabe se ele está tentando recuperar o que sobrou de sua confiança ou apenas indo com calma, antes da tempestade.

— Onde estão as garotas?

— Ainda dando autógrafos.

— Eu não enfrento um público desde... — Helen procura a mentira em sua memória. — Vancouver.

Stephen puxa um frasco da jaqueta e oferece a bebida, que ela recusa. Ele dá um gole e se agacha para verificar o fogo. Sorri e acena com a cabeça, como se revivesse os destaques da noite. Helen fica perplexa com sua necessidade de confiar em alguém.

— Você sabia que eu era uma farsa. Não sabia?

Stephen levanta, pega uma cadeira e se senta ao lado de Helen. Apoia os pés em outra cadeira e examina o frasco antes de levá-lo aos lábios novamente.

— Você fez um grande progresso nos ensaios. Tem uma bela voz, tão boa quanto as outras. Só precisa passar algum tempo na frente de uma plateia.

— Sabia que eu menti sobre minha experiência.

— Você me foi recomendada, e eu gostei de você desde o início. — Ele dá de ombros. — Eu queria ver se você se saía bem.

— Stephen...

— Quem nunca mentiu pra chegar aonde quer? Acha que eu não inventei alguns espetáculos para conseguir um trabalho fixo em Los Angeles? Escuta. Esse negócio tem tudo a ver com a percepção. Sabe como você consegue ser contratado para dirigir um musical em três atos, com orquestra e elenco de vinte artistas em Sacramento? Dizendo que já fez isso em Nova York. E você avança a partir daí. Os produtores não pedem que você jure sobre a Bíblia. Talvez deversem começar a fazer isso.

Toma mais um gole. Não muito tempo atrás, Helen o teria condenado por sua despreocupação com a verdade.

— As pessoas não se importam com o que você fez — ele conclui. — Só se preocupam com o que você pode fazer por elas. Isso tudo é mesmo novidade pra você? Meu bem, acorda!

— Eu não quero te decepcionar.

— Então não me decepcione. É só aprender a ouvir o seu próprio som. Depois, encontrar a melodia e ir atrás. Ela vai puxar você. E *sorria*, pelo amor de Deus. Não deixe de sorrir. Se eu não te vir sorrir a cada segundo de cada música, vou atirar alguma coisa em você. Sorria pras outras garotas, sorria pros sujeitos individualmente, sorria pro público em geral. Faça contato visual e provoque.

Judith chega sozinha. Pendura o casaco num gancho, cambaleia e tira os pés de Stephen da cadeira antes de se sentar. A nuvem de gim não fica muito atrás.

— Foi a coisa mais sensual que já fiz, e ninguém nem me tocou.

— Parabéns — comenta Stephen. — Vai um cigarrinho?

Helen fica aliviada com a chegada de Judith, para ocupar o holofote da conversa. Se ela estiver esperando para soltar alguma crítica, não chega a ser uma prioridade. As outras garotas entram pela porta se empurrando, mexendo tanto o quadril que quase derrubam umas às outras. Largam o casaco nas camas, chutam os sapatos, calçam meias de lã grossas sobre as meias de seda. À medida que se reúnem em torno da estufa, aumenta a sensação de isolamento de Helen. Sente um nó no estômago quando um círculo se forma e as garotas se vangloriam sobre quem deu o maior número de autógrafos. Quando o papo reflui, Helen olha para Stephen, que dá uma piscada. Ela aponta para o frasco de uísque. Quando a bebida chega ao fundo da garganta, tem de lutar contra a vontade de tossir. Uma lágrima lhe escapa e começa a escorrer pelo rosto.

Imediatamente ela a enxuga e limpa a garganta.

— Meu Deus. Eu fui um desastre. Não consegui cantar e sinto muito. — Helen ergue o frasco novamente enquanto as garotas se concentram. — Talvez isto ajude. — Ela toma outro gole.

— Grande coisa! — desdenha Judith. — Eu fui mal em “Just squeeze me”, Jane perdeu o gás em “A good man is hard to find”, e, acredite ou não, Gladys soltou um pum em “All of me”.

— Mentira! — Gladys finge indignação.

— Quase estourei uma das costuras — diz Judith. — Você aprendeu isso na Juilliard? Ou sei lá em que escola nos confins de Illinois...

Elas passam o frasco e ficam um bom tempo examinando as nuances mais ínfimas de cada canção. Ninguém é poupado.

Quando a celebração mostra sinais de encerramento, Judith comenta sobre as festas secretas de que ouvia falar quando estava num show em Nova York. Festas em que maridos e esposas vão com máscaras e acabam com estranhos. Festas nas quais as pessoas usam máscara e pouca coisa mais.

— Eu mesma não vi isso, é claro, mas vocês ficariam chocadas ao saber quem está envolvido. Quero dizer, grandes nomes.

As garotas se revezam adivinhando o nome de atrizes e atores, mas precisam tomar um trago a cada palpite. O jogo continua até o uísque terminar. No entanto, logo surge uma nova garrafa, e as rodadas continuam. Em poucos minutos metade das estrelas das telas de cinema está enredada na história de Judith.

No meio da noite, Helen se deita e escolhe um ponto no teto acima, fixando o olhar para o quarto parar de girar. Só uma vez ficou bêbada como nessa noite. Agora, porém, não se arrepende. Ela foi perdoada, aceita por um grupo de mulheres determinadas a cuidar da própria vida. Mulheres mundanas que não pensam muito em formar uma família num futuro breve. O tipo de mulher contra quem Joe faria advertências, o tipo de mulher que Helen teria evitado em outra ocasião. Ela reconhece isso como um presente que não merece. Adormece, grata pela bondade de todas — e pela graça proporcionada em seu caminho para encontrar John.

Na manhã seguinte Helen está no refeitório, olhando nos olhos cor de esmeralda do lavador de louça magrelo, que agora enrubesce envergonhado atrás de uma bandeja de ovos desidratados.

Homens. Apesar da onda perturbadora de testosterona de que se sentiu objeto no palco na noite passada, Helen se compadece da fraqueza deles. Aqui, entre os soldados convocados para a guerra, sente-se constrangida com seu excesso de poder — um poder totalmente originado de seu gênero e sua aparência. Ela e as outras garotas são o reflexo fugaz das esperanças e dos desejos desses homens, uma liberação temporária de temores e preocupações. Se tivesse conhecido John, os próprios irmãos ou o pai nessa idade, nesse estado, como gostaria que

fossem tratados?

Com Stephen e as meninas distraídas à mesa, Helen faz sinal para o garoto se aproximar. Quando o rosto corado está a seu alcance, ela o segura com as duas mãos, planta um beijo na bochecha dele e vai embora.

ONZE

A CHUVA PAROU, mas o mar continua em efervescência. O vento sopra a uma velocidade estonteante. Easley cogita se a ilha está sendo atingida por um furacão do Ártico. As lufadas mais fortes penetram a caverna, mas amainam quando chegam ao rosto dele. Easley permanece enterrado em seu paraquedas. A hora mais escura da noite.

As bordas da pequena moldura são suaves na palma da mão, o vidro liso e fresco. Easley já fitou a imagem por tanto tempo que nem precisa mais olhar. Às vezes pensa que ela é mais que a própria fotografia, mais do que uma mulher viva e real — que consegue sentir o roçar de suas asas no coração frio da noite. Será que os anjos assumem a forma humana quando descem para a vida dos homens? A mente o adverte contra esses pensamentos, mas a alma não hesita em acolhê-los. Tatiana o encoraja, dá forças para ele continuar.

De repente, o vento cessa completamente.

Levanta. Está na hora de ir.

Nem é preciso enxergar para andar pela praia. Easley conhece cada pedra e cada valeta, pode ouvir a espuma das ondas avançando para derrubá-lo e puxá-lo para o fundo. Andar no escuro, os braços estendidos, simula uma sensação de voar.

Já está sem carvão há quase uma semana. A última incursão na aldeia foi interrompida quando viu três soldados japoneses consertando alguma coisa no local baixo perto do galpão. Uma metralhadora emperrada? Uma mina terrestre? Ficaram lá por um tempo que pareceu eterno. Mas, ao se desviar do caminho, descobriu onde os restos da cozinha haviam sido jogados, atrás do acampamento. Sob o manto da neblina, encontrou uma cebola meio podre e um pouco de arroz, que consumiu no mesmo instante. Só quando terminou de comer notou um chumaço de bandagens ensanguentadas misturadas com as sobras.

Agora, com o solado das botas e os ouvidos, sente a areia, a grama, a areia novamente. Marchando às cegas no escuro.

— O que deu em mim? — pergunta em voz alta, assustado com o som da própria voz. Enamorado pela foto de uma mulher que nunca vai conhecer. E Helen, a culpa por desapontá-la. Com fome e exausto, Easley deve lutar para manter o juízo, evitar se entregar a filosofias ou fantasias. Mas a pergunta cresce e impede outros pensamentos: *E se Tatiana for a última pessoa esperando por mim?*

Dessa vez sua aproximação é marcada por matizes da madrugada. As sentinelas deveriam estar de vigia, mas Easley não detecta nenhum movimento. A aldeia agora parece abandonada, o

acampamento fechado com sarrafos. E então ele os vê, um grupo de seis, pondo-se a caminho juntos, balançando os braços conforme estabelecem um ritmo respeitável. Easley já viu isso antes, um show para os superiores. Assim que deixam o acampamento para trás eles se arrastam por obrigação, parando aqui e ali para examinar as nuvens ou o horizonte sobre o mar. Por terem subjugado com facilidade os poucos habitantes da ilha, os japoneses estão convencidos de que Attu pertence só a eles. Com cautela, Easley rumo para o cume sob a luz fraca, incolor. De lá, espera e examina aquele flagelo de mais de uma centena de tendas, que parecem um grande acampamento de sem-teto. Torcendo para que ninguém olhe para trás, ele se aproxima com cuidado do depósito de lixo.

Ao chegar, vê que as aves já limpam os detritos. Não há nada para comer no meio das pedras. Easley olha estupidamente para o vazio por um tempo, controlando a fome e o medo. Examina o chão à procura de qualquer coisa parecida com comida. Até as cascas de ovos desapareceram. Somente os grãos de arroz mais solitários e uma porção congelada de banha permanecem. Está pronto para dar a volta e ir embora, quando vê a casca lustrosa e arranhada de um limão. Pega a fruta, limpa o cascalho e a areia e a enfia no bolso.

De uma das tendas, talvez a menos de cem metros de distância, entreouve o som metálico do que imagina ser uma panela vazia. Easley se agacha e prende a respiração. Após uma longa pausa em silêncio, levanta e refaz com cautela seus passos de volta pela colina. A coisa mais importante agora é encher a mochila de carvão. Contornar as colinas atrás do acampamento e da aldeia e ultrapassar a elevação, para ter uma boa visão do galpão. Easley levanta a cabeça acima das rochas e vê as casas e a igreja, mas o galpão desapareceu. Suas entranhas se contraem, a bile sobe à garganta. Ele se arrasta ao redor da parte posterior da colina e se dirige até o local onde o galpão costumava ficar. Tudo o que resta entre as rochas é um pó de carvão molhado. Easley fica sem saber o que fazer diante do desespero que sente brotando de dentro. Com a mão trêmula, tira do bolso a casca de limão e a coloca na boca para impedir o choro.

E agora o som que vem do acampamento é inconfundível: ruídos metálicos e zumbidos de um gerador. Homens. Máquinas. Alimentos e calor. Easley chupa o limão, refletindo, e começa a andar na direção da aldeia.

A primeira casa está em silêncio. Vê as sombras lá dentro pelas janelas. Vê apenas um vazio onde deveria haver cadeiras, uma mesa e camas. As paredes não têm fotos, nem calendários, nem lâmpadas. Dá a volta por trás da pequena casa de madeira e tenta abrir a porta. Sem fechadura. Com cuidado, gira a maçaneta e entra com passos silenciosos. Uma olhada superficial revela apenas a parte superior de um vaso e alguns papéis espalhados. Fecha a porta e encosta numa parede, pois o vento atravessa fendas e arestas. O que aconteceu com as pessoas que construíram essa casa? Será que ainda estão vivas em algum lugar? Seriam parentes de Tatiana? Escorrega pela parede até se sentar no chão.

Easley acorda ao som de um caminhão roncando na estrada. Prende a respiração quando o veículo passa pela casa e continua descendo em direção à praia. Adormecendo no colo do inimigo? Karl ficaria muito decepcionado. Quando escuta apenas o vento, Easley se ajoelha e espreita através de vidraças onduladas. Não vê nenhum movimento, salvo a imagem distorcida de um soldado solitário que se afasta da aldeia em direção ao acampamento. O homem carrega um grande saco vazio, a mão livre indo até os lábios a cada dois passos. Um cigarro.

Já que o caminhão está na praia, ele terá de escapar pela colina. Dá um passo para fora da porta e vê vários sacos protuberantes perto de um grande tanque, na parte traseira da casa adjacente. Cola o corpo na parede.

Easley perambula por entre as casas com as costas curvadas. Ao chegar à segunda casa, muito parecida com a primeira, atenta para sinais de vida. Sem ouvir nada, abre o primeiro saco. Uma lona pesada com uma braçadeira de metal na parte superior, caracteres japoneses estampados de um lado. Quando essa guerra terminar, seremos todos obrigados a aprender japonês? Puxa para fora uma calça, e uma meia cai sobre a grama. Procura a outra meia e mete o par no bolso. Vasculha o interior, encontra uma calça que deve servir e a soca dentro da mochila. Fecha o primeiro saco e abre os outros: camisas, cuecas. Easley agarra duas das últimas e coloca o saco de volta, da maneira como o encontrou.

Estradas. Casas. Roupas de outras pessoas. Apesar do perigo, isso é melhor do que ficar dentro da gruta, sozinho com seus pensamentos... Ali o perigo imediato faz o mundo parecer mais luminoso, mais vivo de alguma forma; a linha que divide o real e o imaginário se definem mais claramente. Ainda assim, o impulso de proteção é forte. Tatiana ficou lá sozinha.

À medida que se move para além da vista da aldeia, Easley sente que está sendo seguido. Em vez de medo, há uma onda quente de alívio. Então é assim que termina. Como não conhece os procedimentos de rendição nem tem vontade ou lugar para se esconder, Easley continua se afastando do porto. Vão atirar pelas costas ou gritar, e ele vai levantar as mãos. Quando nenhuma das duas coisas acontece, fica muito impaciente. Chega a uma vala esculpida por um pequeno riacho. Abaixa e se esconde por trás da elevação de grama e pedras.

Quando afinal levanta a cabeça, Easley se vê encarando o focinho de um cão. Este nem se acovarda nem late, preferindo se sentar sobre as ancas a pouco mais de cinco metros de distância, olhando para ele. Conforme o cão boceja, as orelhas repuxam para trás, e a língua se enrola num longo gancho cor-de-rosa. Easley procura ver se o cão não traiu seu esconderijo, porém não encontra nenhum motivo para se preocupar. Olha para o rosto curioso do cão.

— Vem cá.

O cachorro se aproxima, abanando o rabo.

— Você fala inglês! — Easley estende a mão numa saudação. Recebe uma farejada, e o cachorro volta à posição original, a quase seis metros de distância. Sem saber o que fazer, Easley examina seu companheiro, um pequeno pastor-australiano, que levanta e se vira para

partir.

— Ei, garoto, vem cá!

O cão retorna conforme solicitado, as ancas balançando de lado. Dessa vez Easley consegue afagar o cachorro, que claramente aprecia a atenção.

— Quem te mandou aqui? É prisioneiro também?

O cachorro se senta, deixando-se acariciar na cabeça. Ao redor do pescoço há uma fita amarela fina, com um berloque pendente ao peito. Trata-se de uma moeda com um buraco perfurado no meio. Japonesa. O cão rola sobre as costas, expondo a barriga para uma massagem.

Easley coça e afaga. O cão rola de lado, e Easley enterra o rosto em seu pelo. Acre. Empoeirado. Profundamente reconfortante. O cão olha para ele com algo que lembra carinho. Pela primeira vez em semanas, Easley quase se sente humano outra vez. Mas logo é tomado por um vazio corrosivo, e suas mãos começam a tremer.

O cachorro se contorce e esfrega as costas no cascalho. Easley pega a mochila. Apanha a corda do paraquedas e toma uma medida. Faz um nó corrediço, dá uma volta numa extremidade e a passa sobre a cabeça do cão. Easley se levanta, com a ponta da corda na mão. Olha para trás, em direção à aldeia, examina com atenção o cume, mas não encontra sinal de perseguição. Satisfeito, ele se debruça, acomoda o focinho do cão nas mãos e beija o topo de sua cabeça. Bom garoto. Um suspiro profundo, um puxão rápido na corda, e o cão se contorce como um peixe na linha. Usa todas as forças que lhe restam para mantê-lo fora de alcance, longe de seu corpo debilitado.

Easley puxa a corda novamente com toda a força, tentando acabar logo com aquilo. O cão tenta latir, porém o som não passa pela garganta. Tenta morder a corda, que permanece além do seu alcance. Toda a força de Easley é exigida para manter o cão longe do solo, enquanto ele chuta e agita as patas tentando respirar. Easley dá mais dois apertões rápidos na corda e finalmente quebra o pescoço do animal.

Os músculos do cão relaxam quando sua parte traseira é enfiada na mochila. Apenas metade do corpo cabe lá dentro. Para impedir que caia para fora, Easley se senta e passa os braços pelas alças da mochila, apoiando a corda no ombro de modo que a cabeça do cão — ainda apertada no nó corrediço — fique perto da dele. Levanta, ajusta a carga e começa a voltar pelo mesmo caminho.

As forças de Easley estão se esgotando. A carga é pesada, e ele precisa parar e descansar várias vezes. As patas dianteiras se soltam e se esticam no ar. Quando Easley se detém para reajustar a carga, evita olhar para a expressão do cachorro. Com a mochila nas costas novamente, a cabeça do cão balança em sincronia com seus passos.

O pelo macio toca seu pescoço durante todo o percurso de volta à gruta.

DOZE

ELAS PASSEIAM PELAS RUAS de Anchorage em busca de suvenires. Judith compra um chapéu de pele que a torna parecida com um cossaco. Implora para que as outras garotas o provem, mas ninguém quer estragar o penteado. Helen compra cartões-postais do monte McKinley emoldurado por um céu azul sobrenatural. O caixa explica que a montanha verdadeira — a mais alta da América do Norte — está quase sempre envolta por nuvens e que essa é a única vista possível de obter. Elas têm sorte por ainda haver postais, diz o caixa. Os militares confiscaram a maioria dos outros cartões, por medo de que forneçam pistas para o inimigo.

De manhã cedo elas arrumaram as malas e foram embora de Fort Richardson, fizeram a curta viagem até a cidade e agora estão com várias horas livres. Para se divertirem, compram ingressos para uma matinê de *A sombra de uma dúvida*, de Hitchcock, por acaso estrelado pela fugidia Teresa Wright. O cinema, novo em folha, tem uma fachada *art déco* que já parece irremediavelmente fora de moda. A sala de espera acarpetada é circundada por um laminado de madeira. Imponentes relevos de cobre de homens heroicos e máquinas de extração de recursos naturais do Alasca enquadram a tela. Helen se reclina na poltrona de veludo. No teto, luzes difusas brilham nas formas da Ursa Maior e da Estrela do Norte, conforme caracterizadas na bandeira territorial. Considera que está num inesperado oásis de civilização.

Após quinze minutos de cenas perturbadoras, o projetor emperra, o filme derrete, e a tela fica em branco. As garotas permanecem sentadas no escuro, criticando o desempenho de Teresa Wright e aguardando novas instruções. Por fim as luzes da sala se acendem, e um velho lanterninha abre a porta da sala de espera. Todas recebem o dinheiro de volta e tomam o caminho para a estação de trem.

Enquanto aguardam o chamado para o embarque, as garotas se revezam dançando umas com as outras, cada uma afinal experimentando o chapéu cossaco de Judith antes de assumir a condução da dança. As outras ficam bem erguidas, o queixo para fora, tentando se mover de maneira muito determinada, mas é Gladys quem se sai bem — conduz melhor do que a maioria dos homens. Helen tem sua vez e fica maravilhada com a perfeição com que todas se movimentam entre si e umas com as outras, para o benefício de ninguém além dos corvos enormes que se alisam com o bico do lado de fora da plataforma, olhando pelas janelas.

O trem parte no final da tarde. É surpreendente que elas sejam as únicas ocupantes da composição de passageiros, à frente de uma longa fila de vagões de carvão vazios que rumam para o Norte até Fairbanks, no sentido oposto das Aleutas. Um falcão, ou uma espécie de águia, faz círculos preguiçosos sobre as colinas que aumentam de tamanho a cada quilômetro que

passa. John saberia que pássaro é aquele.

Não havia nenhuma notícia dele em Fort Richardson. As minuciosas perguntas de Helen eram recebidas com o cenho franzido, um dar de ombros, uma sacudida de cabeça. Apesar disso, continuava a estender a mão e se apresentar para todas as pessoas, na esperança de encontrar pilotos que tivessem voado para as ilhas Aleutas ou conhecessem os homens que serviam lá. Em vez de dizer a verdade, inventou um primo sobre o qual fazia as perguntas. Há anos não o vê, explica, mas ouviu dizer que está nas ilhas. Depois de construir sua biografia de mentiras com todo o cuidado, é mais fácil e necessário mentir novamente.

Após a segunda apresentação do grupo, um piloto se aproximou para se apresentar. Um homem despenteado, de talvez trinta anos, com olhos melancólicos e barba de uma semana. Estava a caminho de Idaho em licença de luto e queria agradecer pessoalmente pelo show, que tinha aliviado sua carga de um modo que ela nem podia imaginar. Quando disse que tinha passado mais de um ano nas Aleutas, Helen prendeu a respiração e o puxou de lado.

Perguntou sobre seu primo imaginário. Ele pensou um pouco, mas logo abanou a cabeça. Nunca tinha ouvido falar de um Connelly de Olympia, Washington. Mas havia milhares de caras por ali, entre Dutch Harbor, Umnak e Adak. Onde quer que se encontrasse, o piloto garantiu que era muito provável que estivesse seguro — pelo menos por enquanto.

Então Helen pressionou: *E os jornalistas?* Contou que tinha um amigo que trabalhava na imprensa. Será que ele teria se encontrado com um repórter? A expressão dele azedou. De fato, havia encontrado uma mulher em Dutch Harbor que se apresentava como jornalista. Tomava notas intermináveis, fazia perguntas sobre o bem-estar dos homens. O piloto falou que o moral estava baixo e a insubordinação, em ascensão. Mas disse que alguém dourou a pílula quando a reportagem dela passou pelas agências de notícias. A matéria deu a entender que era só alegria. Talvez ela estivesse trabalhando para a Marinha. O piloto disse que não ia mais perder tempo com essas coisas.

Lá fora, o dia cede lugar a uma noite fria e clara. Entre as sombras do abeto negro, a bétula branca reflete a fraca luz da lua. Ao passarem por um pântano, Helen vê um alce levantar a galhada e observar a passagem do trem. Só conseguiu discernir uma silhueta, contudo era o primeiro alce que via na vida. Sentiu vontade de se levantar e mostrá-lo a Gladys, porém a cena passou num piscar de olhos. Além dos trilhos e da linha do telégrafo, não há nenhum sinal de que alguém já tenha estado nesse lugar. Helen vira para trás, para o fundo do vagão, e vê Stephen abotoando o paletó esporte ao fechar a porta do banheiro. Ele sorri e vai ver como cada garota está, mas escolhe um lugar ao lado de Helen. Em pouco tempo está dormindo profundamente no ombro dela.

No banco da frente, Sarah pega uma caneta e começa a escrever um cartão-postal em cima de um livro aberto no colo. Foram avisadas para não mencionar a guerra em suas cartas; nada relacionado com localização, destinação, fatos sobre os soldados ou bases que visitaram.

Devem limitar suas notícias ao clima, às músicas que cantam, a quanto todos ficam felizes quando elas chegam. Logo todas estão curvadas, escrevendo.

Judith sugere que as garotas façam desenhos. Passa o seu cartão-postal ao redor, que mostra uma ilustração favorável de si mesma cantando uma música e cercada por todas as outras em papéis apenas coadjuvantes. O busto de seu autorretrato está fora de proporção, duas vezes maior do que na vida real. Quando o cartão volta, alguém escreveu “A garota precisa sonhar!” num pequeno retângulo acima, com setas apontando para os seios volumosos.

Helen se sente bem na proximidade de Stephen, o cheiro de tabaco e de loção pós-barba. O peso e a pressão do corpo são as partes mais gratificantes. Examina as longas pernas, os joelhos pressionando o encosto do banco da frente. Por um momento se sente desleal, mas logo se contém. É uma sensação estranhamente libertadora ter um homem ocupando um espaço íntimo sem ser um amante.

Abre a bolsa e tira um cartão-postal. Faz uma pausa para pensar um pouco e então escolhe as palavras com cuidado.

Querido pai,

Sinto tanto a sua falta! Você acharia o Alasca fascinante. Tem tamanho para ser um país por si só. Consegui conhecer apenas alguns nativos, mas tenho pena de quem tentar se meter a besta com eles. Esses sujeitos sabem o que fazer com um rifle. Não dão muita bola para estrangeiros que lhes dizem o que fazer. Tenho a sensação de que, se as coisas esquentarem por aqui, todos vão simplesmente desaparecer no mato e causar a maior confusão até o fim dos tempos.

Você ficaria impressionado com o que produzimos com tão poucos recursos. As garotas e Stephen, a seu modo, iluminam o palco todas as noites. Não dá para dizer quanto sinto sua falta. Em breve vou escrever novamente, com a boa notícia de ter encontrado nosso amigo.

Com amor,

Helen

Ela escreve um segundo cartão-postal para o pároco de Santa Brígida, agradecendo pela atenção dedicada a seu pai uma vez por semana. Para garantir que se lembre da promessa feita a ela, Helen ressalta a gratidão pelo cuidado pastoral e pelas muitas orações pela família dela ao longo dos anos.

Ao terminar, põe de lado os cartões-postais. O vagão trepida e balança suavemente quando o trem faz uma longa curva rumo ao Leste.

De repente, a pergunta que até então Helen vinha conseguindo evitar a toma de assalto: *Por que John não entrou em contato com ela nem com os pais dele?* Nada de telefonemas, cartas, telegramas ou cartões-postais. Nenhuma palavra enviada por meio de outra pessoa. Silêncio.

Entre as terríveis possibilidades, ela prefere a paliçada militar, mas com certeza teria sido notificada pelas autoridades. Um pensamento recorrente é o de ele ter sido feito prisioneiro pelos japoneses. Além disso, ela não vai admitir nenhuma especulação sem provas. John está vivo, até prova em contrário.

O trem para num lugar chamado Curry, onde não há ninguém para recebê-las. Uma por uma, elas saem no ar frio da noite e percorrem um caminho curto de cascalho até um hotel silencioso que serviria como cenário para Hitchcock. É bem construído e iluminado, mas parece sinistro devido à vastidão ininterrupta da noite estendendo-se por centenas de quilômetros ao redor. No interior, um mensageiro adolescente deixa de lado uma história em quadrinhos para ajudar com a bagagem. Atrás do balcão da recepção, um homem com idade para ser avô dele se mexe e abre um sorriso mecânico quando as garotas se aproximam. É como se os dois estivessem esperando em silêncio por meses, adiando essa interrupção inevitável até o último momento possível.

Descobrem que cada uma tem um quarto particular no andar de cima, completo, com colchão de molas adequado, pia e toalha. Um luxo. Todas concordam — é o tipo de estilo ao qual esperam ficar acostumadas. Helen fecha a porta, anda pelo quarto e se senta na cama, lamentando não ter um volumoso romance russo para ler.

Stephen está de regata quando abre a porta com um estalido. Embora seja meia-noite, é evidente que Helen não o tirou da cama. Os olhos dele estão atentos, e a luz ainda está acesa. Ele espia por trás da porta, ocultando sua metade inferior.

— Não dá pra esperar até amanhã cedo?

— Não é nada importante. Eu só queria... Bobagem. Boa noite.

Ele puxa os suspensórios para os ombros e olha para os dois lados do corredor.

— Tudo bem — diz. — Entra. Senta.

O espaldar da única cadeira sustenta o paletó esporte. Talvez o único paletó esporte entre o lugar onde estão e o polo Norte. Ela apoia as mãos sobre as coxas e senta na beira da cadeira, para não amarrotar a lapela.

— Está tudo bem?

— Eu só queria um pouco de companhia, só isso.

Ele põe a mão no bolso e pega seu cantil.

— Quer um gole?

Helen recusa com um aceno de mão.

— Prefiro não beber sozinho, mas bebo de qualquer forma. — Stephen se senta na cama, desatarraxa a tampa e toma um trago. Depois fecha a tampa de um modo definitivo, como se

fosse a última dose da noite.

— Tudo bem se eu ficar aqui por um tempo?

— Se estiver disposta a correr o risco de boatos...

Os dois ficam frente a frente por alguns momentos, constrangidos pela falta do que dizer. Há uma quietude no quarto, no hotel e, ao que parece, no deserto em toda a volta que faz com que ela se pergunte se o fim do mundo já chegou, se não estão longe demais para ter recebido a notícia.

— Tudo bem — ele diz afinal. — Eu começo. Posso fazer uma pergunta?

Helen concorda.

— Por que você está aqui?

Helen sente o rubor subindo pelo pescoço e pelo rosto.

— Já disse que preciso de companhia.

— Eu quis dizer bem aqui. Com a gente. Na primavera do Alasca.

— Para encontrar alguém... e levá-lo de volta pra casa.

— Ouvi dizer que você anda fazendo perguntas.

Ela faz uma pausa, refreando-se por um momento, mas logo percebe que não aguenta mais.

— Estou aqui pra encontrar meu marido. — Como deve soar patética, abandonada, inconformada. Respira fundo. — É triste como o amor aumenta a confiança da gente. Você se engana pensando que pode fazer qualquer coisa, mas então...

Stephen desatarraxa a tampa outra vez e toma mais um gole.

— Ele sempre foi comprometido com o trabalho — ela continua, sentindo o clichê da queixa, que deve ecoar ao longo de gerações. — Mas, depois que o irmão dele foi morto na Europa, assumiu isso como uma cruz que precisava carregar.

Stephen oferece o cantil novamente. Dessa vez ela aceita.

— O nome dele é John. É escritor. Costumava escrever sobre a vida selvagem e a natureza. Agora está escrevendo sobre a guerra. Estava nas ilhas Aleutas quando os japoneses atacaram e é um dos poucos jornalistas que conseguiram encontrar o local no mapa. Sente que tem a obrigação de fazer essa reportagem. É o homem mais honrado que conheço. Sei também que está em algum lugar nas Aleutas, neste exato momento, e deve estar em apuros. A única coisa que eu quero é levá-lo de volta pra casa.

Helen inclina o cantil. Torce o nariz com a aspereza do uísque, saudosa de um gole do rum doce do pai. Observa Stephen processar a informação, adequando essa nova pessoa àquela de antes.

— Você é casada...

— Desculpe não ter dito antes. Tive medo de que a USO impedisse minha vinda, caso soubesse de minhas intenções. Ou que você pensasse que eu era alguma esposa histérica e abandonada.

Stephen meneia a cabeça devagar, escolhendo o próximo passo com cuidado.

— Havia outra mulher?

Helen faz que não com a cabeça. Essa sugestão é descartada com tanta certeza que, de repente, Helen percebe que isso é uma dádiva. Nem uma vez ela questionou se seria a única mulher na vida de John.

— Então ele partiu por causa do trabalho...

— É mais complicado que isso.

— Sempre é. Vamos ver se entendi. Você acha que pode encontrá-lo nas ilhas Aleutas e convencê-lo a fazer as malas e ir pra casa com você, já que veio até aqui.

— Você faz parecer tão sem esperança...

— Sem esperança? Comigo daria certo, isso *eu sei*.

Helen estuda os olhos dele e vê sinceridade.

— Então conte como ele é.

O que estava guardado lá no fundo havia muito tempo irrompe com tanta força que ela mal tem tempo de esconder o rosto com as mãos antes de começar a chorar afinal. Stephen se levanta, tira uma camiseta limpa da mochila e oferece a ela.

— Ele é determinado. — Helen enxuga o rosto, respirando fundo. — É meigo e muito leal. Consegue se concentrar numa coisa excluindo todo o resto. Quando se é objeto desse tipo de atenção...

— Soa possessivo.

— Dedicado. Você acharia que ele é reservado se o encontrasse, mas depois de conhecê-lo... — Afasta o cabelo do rosto. — E aqui estou eu, num grupo musical, correndo atrás dele. Me sinto tão boba... Ele teria entrado em contato comigo se pudesse. Preciso ter cuidado.

— Seu segredo está seguro comigo.

Stephen se levanta e estende as mãos para ela. Helen apoia as mãos nas dele. Stephen a ajuda a se levantar e lhe dá um abraço.

— Às vezes me pergunto se alguém vai sentir isso por mim um dia — comenta. — Eu já senti por outras pessoas, mas parece nunca acontecer comigo.

Stephen a libera com um beijo na testa, depois vai buscar os sapatos, a escova e a graxa. Senta-se e começa a engraxar os sapatos. Ocorre a Helen que, ao repetir sua história, ela pode ter provocado alguma lembrança nele.

— Stephen, tem alguma coisa...

— Já é tarde.

Ela assente e devolve a camiseta.

— Você viu o frenesi por aqui — diz ele. — Essa guerra pode mudar num piscar de olhos. E estamos indo na direção da frente de batalha... Só espero que esse cara mereça você.

O céu de Fairbanks está congestionado. Helen está tão distraída com o ruído e o ronco das aeronaves voando em formação, circulando acima, revezando-se para aterrissar, que às vezes tem de se forçar a olhar para baixo enquanto caminha ao longo da pista. Um após outro, os aviões pousam, seguem pela pista e estacionam em filas aleatórias, perto da margem da pavimentação e da floresta mirrada de abetos negros mais além.

Alguns dos pilotos têm de ser levantados do assento e transportados por outros homens. Outros saem do avião por conta própria, mas tropeçam depois de um ou dois passos e se agarram à equipe de terra para continuar. Quando Helen pergunta o que aflige aqueles homens, respondem apenas que ficaram tanto tempo nas alturas que suas pernas estão dormentes e imobilizadas. Mas, num jantar em homenagem a eles naquela noite, Stephen é puxado de lado e informado que isso tudo é parte do plano de Roosevelt para enviar milhares de aviões aos soviéticos, entregando-os em silêncio pela porta dos fundos, desde Montana até o oeste do Canadá ocidental e, a seguir, para a base Ladd Field, em Fairbanks. Esse é o lugar onde os soviéticos assumem e conduzem as aeronaves para a Sibéria.

Na manhã seguinte, a temperatura despenca para vinte e três graus negativos. Helen nunca sentiu um ar tão frio, a ponto de queimar seu nariz ou fazer os pulmões doerem. Sob o casaco ela se enrola em várias camadas de roupa, cobre o rosto com o lenço, mas vê os russos perambulando entre o aeródromo e o quartel com casacos relativamente leves e culotes, calças largas no quadril e apertadas no joelho. São homens mais velhos, endurecidos e, dizem os norte-americanos, têm uma experiência significativa em matar nazistas e ver sua própria gente trucidada. Para Helen, eles parecem suspeitos, pouco à vontade. Quando a avistam e às outras garotas, não reagem com o sorriso largo habitual ou um leve flerte. Olham com segundas intenções, fixamente. Sussurram entre si e sopram uma fumaça fina através dos dentes ruins, enquanto avaliam a presa.

Em sua busca pelo primo inventado, Helen fica sabendo de pilotos norte-americanos e canadenses de passagem a caminho das Aleutas, mas de nenhum que tenha voltado nessa direção. Há cerca de dois mil homens alistados e quase o mesmo número de civis em Ladd Field. Ocupam-se do reabastecimento de aviões e se dirigem para o Oeste construindo hangares e casernas e conduzindo pesquisas aeronáuticas sobre o tempo frio para a guerra no Ártico. Os homens se vangloriam de terem tido um clima perfeito ultimamente. O inverno que passou foi um dos mais frios de que se lembram, com quedas de até cinquenta e dois graus negativos.

A temporada de três noites vai muito bem. As apresentações ficam melhores e mais fluidas, mas a busca de Helen não traz nenhum resultado. Até que um pensamento lhe ocorre no palco, enquanto olha para a multidão de uniformes. Uma ideia atraente, que a faz corar com esperança renovada. E aquela outra organização com equipes nas ilhas e ao redor do mundo? Homens que estão empenhados e dedicados a ajudar seus semelhantes? A organização da qual ela é membro vitalício.

Uma cruz foi pregada na parte traseira do último de uma fileira dos desolados barracões Quonset. Pingentes de gelo pendem na trave como penas de asas estendidas. Uma vela vermelha brilha pela janela, representando a presença do Santíssimo Sacramento. A pilha de neve do lado de fora da porta está marcada por cigarros descartados. Helen bate duas vezes. Não ouvindo resposta, deixa-se entrar.

As fileiras de bancos levam a um altar de madeira simples na parte de trás. As paredes arqueadas sem adornos, o aposento sem mobília e utilitário — praticamente presbiteriano, ela pensa. Não é uma igreja, e sim uma capela. Destina-se a acolher soldados de todas as fés. Anda até o altar e se ajoelha. Como se libertado por esse gesto, um capelão surge de trás do anteparo. Mas parece surpreso quando a vê. Como a maioria dos homens que Helen encontra nesses dias, não está acostumado a ver uma mulher vestida de outra coisa que não seja um uniforme de enfermeira. Por baixo do cardigã verde pesado, ele usa camisa preta com colarinho branco. Deve ter uns quarenta e cinco anos, mas exala um ar de autoridade e cansaço que o faz parecer muito mais velho. Ajeita óculos bifocais quando Helen estende a mão e se apresenta como o capelão local, padre Michalski, pedindo desculpas pelo frio. O lugar só se aquece de verdade quando fica lotado no domingo.

— Padre, preciso de ajuda e não sei a quem recorrer.

— Bem, com a ajuda de Deus, vamos ver o que podemos fazer. — Puxa um lenço da manga, assoa o nariz e o enfia de volta sob o pulso. — A senhora vai participar do espetáculo de hoje à noite?

— Isso mesmo.

— É um grande estímulo para os homens. Mas tenho certeza de que não preciso lhe dizer isso.

Ela sorri.

— É sempre bom ouvir.

Ele a examina, inclinando a cabeça para trás para ter uma visão melhor.

— Ter algo que esperamos com interesse faz toda a diferença... não acha? — Não espera uma resposta. — Onde é a sua casa?

— Seattle. Paróquia de Santa Brígida.

— *Seattle*. Essa palavra está começando a soar nostálgica. — Ele tira os óculos e puxa o mesmo lenço, que dessa vez usa para limpar as lentes. Inspecciona o resultado. — O que posso fazer pela senhora?

— Bom, é um assunto particular.

— Ah, quer se confessar...

— Não. Mas esperava ter uma conversa... confidencial.

— Entendo. — Ele cruza os braços e levanta a cabeça, preparando-se, ao que parece, para emitir um julgamento.

É uma mulher adulta, casada, de vinte e cinco anos. Isso, entretanto, não faz diferença. Talvez não seja sua intenção, mas o olhar do padre faz com que ela se sinta como uma criança nervosa. Ele indica o banco da frente, e ambos se sentam.

— Meu marido é correspondente de guerra. Estava trabalhando no território quando o governo ordenou que todos saíssem. Mas ele voltou.

— Entendo.

Mais uma vez, ele “entende”. Para Helen, esse intercâmbio não tem nada da libertação que vem de uma boa confissão. É como se ele não quisesse se envolver.

— Ninguém ouve falar dele há meses.

— Bem, se ele estiver aqui contra as ordens do governo, há uma boa chance de ter sido pego. Como sabe, há uma grande preocupação no que diz respeito à informação.

— Acredito que ele esteja nas Aleutas. Muito provavelmente, em Adak.

— É bem longe daqui.

— Bom, achei que o senhor poderia conhecer alguém lá. Um colega padre ou pastor? Talvez possa entrar em contato com ele e verificar se ouviu alguma coisa sobre um repórter capturado, ou...

Um avião entra na capela e tira o boné e as luvas. Encontra os olhos do padre por menos de um segundo e logo senta timidamente num banco perto da porta.

— Senhora...?

— Easley. — Um nome que ela não menciona há meses.

Ele considera sua expressão, talvez tentando lembrar como era ministrar para mulheres. Na época em que era um dos vários sacerdotes na casa paroquial dividindo o trabalho, quando não precisava realizar triagens emocionais em homens que arriscavam a vida regularmente.

— Deve saber que há outros homens desaparecidos. — Ele baixa a voz. — Homens de uniforme. Agora mesmo estou com um jovem avião esperando por mim.

— As pessoas têm o direito de saber o que acontece por aqui, se essa guerra está vindo em nossa direção. Este é um território norte--americano.

— Vamos confiar em nosso presidente quanto ao que as pessoas devem ou não devem saber. — O padre põe a mão no ombro dela mecanicamente, deixando claro que já fez isso milhares de vezes. — Podemos marcar um horário?

— Padre, é justamente isso. Eu estou correndo contra o tempo.

O padre Michalski ergue uma estola roxa de uma prateleira ao lado do altar. Beija o tecido e coloca-o em torno do pescoço antes de se virar para Helen novamente.

— Vou ligar para o capelão de Adak. Não sei se vai adiantar alguma coisa, mas ele tem alguma noção do que acontece por lá. Volte amanhã de manhã, depois do café.

Helen se volta para o homem no banco da igreja. Os cabelos loiros com entradas, os

ombros curvados dos condenados. Reunindo forças para entrar e enfrentar o padre.

Ao sair, Helen olha para as mãos dele. Escuras manchas amarelas começam nos pulsos enfaixados e desaparecem sob as mangas do casaco. Nesse momento, o homem estende a mão e toca suavemente a bainha do vestido dela no ponto em que se projeta do casaco. Atônita, Helen não se mexe nem se afasta. O homem não pede permissão nem se aproxima de sua perna. Simplesmente rastreia os dedos inchados por baixo da bainha e a ajeita no lugar certo. Azul-marinho, estampado com pequenas flores amarelas e brancas. Helen olha para trás e vê o padre Michalski observando silenciosamente do altar. O padre olha para ela por apenas um segundo, antes de se virar e desaparecer atrás do anteparo.

O aviador se levanta, e Helen se afasta. Ele atravessa o corredor, ajoelha-se no altar e se curva atrás do anteparo. Não há mais nada a fazer senão rezar. De início ela senta no banco em que o aviador estava, mas se levanta assim que sente seu calor persistente.

De joelhos, Helen se sente distante — de Deus, das outras pessoas, de si mesma. Apesar disso, agradece por essa nova e pequena oportunidade.

Na porta, de modo instintivo, coloca um dedo na pia de água benta e descobre que se transformou em gelo.

No dia seguinte Helen volta, conforme o combinado, e encontra a capela trancada. Bate na porta até ter certeza de que não há ninguém. Caminha até o escritório na porta vizinha, onde encontra um aviador gordo sentado atrás de uma mesa. É apenas o meio da manhã, mas o homem já parece cansado. Ele abre um sorriso forçado. O capelão está na cidade servindo os índios, explica, e não vai voltar antes do jantar.

— Ele me pediu para encontrá-lo aqui pela manhã. — Helen contém o tom de voz, mas mostra claramente sua frustração. Não esperava que a frieza do padre em relação a ela se transformasse numa rejeição completa.

— As últimas vinte e quatro horas foram difíceis. — O aviador se recosta na cadeira. — A agenda dele está tomada. Soubemos ontem que um avião perdido há um mês foi finalmente encontrado. A tripulação de seis pessoas ainda presa nos assentos. O capelão ficou acordado a noite toda à espera dos corpos.

— Lamento muito.

O funcionário entrega a Helen um pedaço de papel dobrado.

— Ele disse que você passaria aqui.

Prezada sra. Easley,

Assim como eu, o capelão em Adak trabalha lado a lado com a cadeia de comando. O trabalho dele é acompanhar idas e vindas na ilha. Ele não tem conhecimento de nenhum jornalista visitando Adak. Os repórteres não são bem-vindos

neste momento. Meu conselho é que volte para casa e aguarde o retorno do seu marido ou uma notificação pelos canais oficiais. Desejo-lhe a bênção de Deus. Vou rezar pela senhora e por seu marido. Por favor, ore por mim.

Seu, em Cristo,

Francis Michalski, Capelão, Capitão, USAF

TREZE

AS PEDRAS FORAM ESCOLHIDAS e transportadas desde a praia em vários pequenos carregamentos. Easley as despejou e separou na entrada da caverna. O projeto de reforma, em curso há dois dias, estava quase terminando. Karl certamente teria ficado satisfeito.

A parede foi uma grande ideia. A melhor que teve nas últimas semanas. Uma razão para Easley pensar em outra coisa que não suas costelas visíveis, as pernas definhadas a ponto de parecerem gravetos e as diferenças cada vez menos claras entre o real e o imaginário. E, graças ao cachorro, ele também se sente reanimado. Ver o muro tomar forma proporciona uma sensação de progresso. Easley pega uma pedra retangular plana e a ajusta com firmeza na nova parede. Dá um passo para trás em meio à névoa e proclama:

— Eu deveria ter sido pedreiro!

Falar consigo mesmo serve como lembrete de que antes ele convivia com outras pessoas. Easley canta para si mesmo, recita poesia e usa sotaques diferentes, como os atores em peças amadoras de Shakespeare. Começou a descrever em voz alta tudo o que faz, para não perder de vista qual é o propósito das atividades. Na maior parte do tempo, fala com a mulher da foto.

A parede sobe desimpedida até seu peito, com exceção de uma abertura estreita para o acesso. Vai contribuir para impedir a entrada do vento e da chuva, além de aproveitar ao máximo o fogo no interior. Easley acha que a parede dá ao local a aparência de uma daquelas antigas habitações construídas nas laterais de penhascos da cultura dos índios pueblos no parque Mesa Verde, no Colorado. Já não se preocupa com a aparência de sua caverna para um eventual inimigo que passe pela praia.

Ao terminar, Easley tira as roupas imundas e veste a nova cueca, a calça e as meias dos japoneses. Para comemorar a conclusão do projeto, permite-se uma extravagância de carvão. Nunca descobriu para onde o Exército Imperial Japonês transferiu o pequeno depósito de carvão nem conseguiu localizar outro, mas encontrou um pequeno esconderijo de provisões numa das casas vazias dos aleútes. Talvez suficientes para duas noites medianas ou uma noite quente. Junta um punhado de capim seco e se ajoelha para acender o fogo. Quando vê que o isqueiro não vai funcionar, guarda-o de volta no bolso. Embora saiba que o fluido do isqueiro já terminou há tempos, tinha esperanças de ver uma faísca final. Cobre o rosto com as mãos trêmulas.

Easley se recompõe e olha para a pilha de gravetos e carvão. Estende as mãos, imaginando chamas e as alfinetadas nos dedos e na palma das mãos que surgem quando a pele começa a descongelar. Evoca o cheiro de fumaça, o afrouxamento dos músculos quando o ar quente gira

em espiral. Afasta as pernas até uma distância segura, pois o calor esquenta demais a calça nova.

Se virasse a cabeça agora, será que veria sua sombra ampliada, lançada contra a parede da gruta? Nesse caso, haveria dois dele. Uma espécie de companhia.

Recorda uma palestra na universidade. Platão? Presos numa caverna, acorrentados na escuridão durante a vida toda, mantidos de costas para o fogo aceso atrás deles. Um desfile de animais e pessoas passa entre o fogo e os prisioneiros, mas os pobres miseráveis só podiam ver as sombras projetadas no fundo da caverna. Será que esses homens percebem a diferença entre a vida real e as sombras nas paredes que os aprisionam? Uma vez libertados da caverna, expostos à luz e à vida, eles voltam para dentro, pois as sombras são a única coisa que conhecem.

É melhor não cultivar pensamentos assim por muito tempo. Melhor não se virar.

Amanhece. Easley encara o retrato de Tatiana. Memorizou cada dobra em seu casaco, a forma como o cabelo preto roça o pescoço, o número de rebites na parede do navio. Um velho está atrás dela, de costas para a câmera. Easley não consegue ver seu rosto, mas inveja a proximidade. Então algo se revela: o brinco de pérola. Pérola japonesa? Como não viu isso antes? Ela nunca deixa de revelar algo novo. Ergue a foto até os lábios.

O cair da noite traz um vento leve e constante. As estrelas faiscantes mantêm a esperança de algumas horas sem chuva. Easley põe a mochila, enfia o retrato no bolso da camisa e sai ao encontro de seu destino.

Na elevação com vista para o acampamento, conta três fontes de luz visíveis provenientes das barracas abaixo. É espantoso como tantos homens conseguem permanecer tão silenciosos. Ele identifica a localização do quartel, bem como das armas pesadas, de um hospital e, à beira da água, do que parecem ser atracadouros para submarinos. Fileiras aleatórias de tendas, montes de terra e as entradas dos túneis onde devem se esconder das saraivadas recorrentes de bombas. Tudo interconectado por trilhas enlameadas e pranchas de madeira. Devido às horas de observação minuciosa, dá para imaginar onde eles guardam a comida.

Uma das luzes se apaga, e agora há duas.

A visão noturna de Easley está bem desenvolvida. Os passos são cuidadosos, mantendo-se junto à grama baixa para evitar o farfalhar das botas nas folhas mais altas. Enquanto caminha em direção às tendas, o primeiro rubor da aurora boreal aparece no céu. Easley para um instante para apreciar aquela concentração rósea, antes de prosseguir em direção ao perímetro externo das barracas.

Cada passo exige uma decisão. Cada novo som pede uma reavaliação rápida: o murmúrio de vozes, as gargalhadas repentinas, um estalido metálico. Ao dobrar uma esquina, Easley vê a

panturrilha e a bota de um homem desaparecerem atrás de uma barraca. Passos arrastados se dissolvem na distância. O barulho de uma aba de tenda se abrindo. Aproxima o ouvido da barraca que supõe ser um refeitório e escuta apenas o vento. Não percebe nenhum movimento no interior. Em silêncio, ele se deita e rola para dentro.

No interior, é impossível enxergar. Easley dobra os joelhos, estende as mãos para a frente e se move com cautela sobre o chão de cascalho. Corre os dedos ao longo do contorno de uma mesa baixa. Depois de perder o senso de direção, decide que é melhor contornar as laterais da tenda onde há menos obstáculos para, se necessário, deitar e rolar para fora.

Sente o aroma das refeições que já foram servidas ali. O cheiro de carne cozida é irresistível. Carne bovina. Carne de porco. Peixe. As refeições esquecidas voltam de maneira ostensiva, como se as estivesse saboreando novamente. O poder dos odores antigos. Procura com os dedos, tateando panelas e frigideiras. Junto ao fogão há uma grande tina de metal como aquelas encontradas nos currais. Ao lado, um engradado com dezenas de tigelas de estanho aninhadas umas nas outras. Apesar da busca cuidadosa, não encontra nada para comer.

O fogão é grande e baixo. A perna da calça se enrosca acima do joelho, e quando se abaixa para soltá-la ele corta a parte inferior da palma da mão numa beirada. O sangue tem gosto de moedas.

Os homens passam lá fora, as botas batendo com força no chão. Estão discutindo. Um homem, tentando convencer outro de alguma coisa, fala em tom suplicante. O segundo interrompe, irritado. A conversa termina.

Se ele for encontrado, será jogado no chão e chutado nas costelas. Quando virem que está desarmado e morto de fome, vão deixar as armas de lado e dar uma surra nele. Isso vai amolecê-lo para o interrogatório que certamente virá. Vão querer detalhes sobre o local de origem e as atividades dos Aliados: quantos aviões eles têm, os planos gerais e específicos. Easley vai dizer tudo o que sabe, invertendo a ordem dos detalhes essenciais. Depois vai apanhar por ter mentido.

Abaixado no cascalho, sobre as mãos e os joelhos. Talvez um deles tenha deixado cair um pãozinho. Será que os japas comem pãezinhos?

De volta ao fogão, há pedaços de gordura chamuscada presos na grelha. Desprendê-los e lamber os dedos desencadeia lembranças dos churrascos de verão, do pai dispondo os cortes de carne no braseiro. Salada de batata. Espigas de milho. Manteiga e sal. Sal. Ele mataria por um pouco de sal. Sua mãe querendo saber se ele quer mais uma taça de sorvete.

— Sim, por favor — murmura.

Easley segura a grelha, atento. O murmúrio e as risadas se dissipam; apenas o farfalhar do vento permanece. Fecha os olhos por um momento e tenta repor a grelha no lugar. O encaixe não é fácil. Na tentativa de ajustá-la, a grelha bate no suporte, emitindo um ruído metálico.

A conversa recomeça, exaltada. Os homens gritam ao mesmo tempo, tentando provar

alguma coisa. Easley estremece, como se as palavras fossem destinadas a ele. Alguém passa, andando rápido. Easley se deita de bruços, levanta devagar a barra da tenda e observa o cascalho com atenção. Ouve mais alguns homens passando depressa, mas não vê botas. Então o som parece sumir. Rasteja para fora da tenda e ouve passadas de botas se aproximando. Easley se levanta, bate a poeira do casaco e enfia as mãos nos bolsos, na esperança de se misturar com as silhuetas anônimas no escuro. Não consegue pensar em nada melhor para fazer. Um homem passa por ele, olhando para o céu e fazendo exclamações de admiração em japonês. Talvez um metro e setenta. Todos parecem ter estatura baixa. Certamente esse homem percebeu sua presença indistinta, mas não olha para o rosto dele. Easley vira e se afasta.

Os homens saem boquiabertos das tendas, cabeça inclinada para trás como filhotes num ninho. Seguindo a linha de visão deles, Easley olha para cima e vê uma cortina de neon verde e vermelha ondulando no céu. Uma exibição impressionante das luzes do Norte. À medida que vão passando, lâminas individuais de luz se projetam para baixo em direção à terra antes de retroceder novamente.

Esse é o momento, a distração que lhe permitirá passar sem ser detectado. Conseguirá evitar a captura e a surra, para morrer sozinho no frio? Isso seria obra de Tatiana?

Alguém sai de uma tenda e acende um cigarro. O clarão do isqueiro revela olhos escuros e um jovem rosto japonês. Agora visto em seu contorno, o homem dá uma tragada firme no cigarro e parece olhar diretamente para Easley. Como se tivesse chamado a atenção de um conhecido que preferia evitar, Easley vira e se afasta do homem sem pressa, fingindo que não o tinha visto.

Fica à espera do grito que não vem. Percorre uns cinquenta metros antes de se permitir uma olhada rápida por cima do ombro. O céu está em chamas, como nos dias de festas cívicas. O soldado continua perto da tenda. Easley baixa a cabeça e segue em frente.

Dois dias depois, Easley está colhendo mexilhões sob a névoa do meio-dia, quando ouve a aproximação. Mesmo com os dedos rígidos e dormentes, conseguiu recolher uma porção considerável. Quando percebe o que está acontecendo, joga a mochila por cima do ombro e se esconde atrás de uma pedra. As ondas correm por suas botas, subindo até as coxas — a água tão fria que os pés parecem estar em chamas.

Há quatro deles. Aparecem no cume, um após o outro, a menos de um quilômetro da caverna. É o mais próximo que já chegaram. Movimentam-se como homens perdidos, parando com as mãos no quadril, virando a cabeça em todas as direções. Passam pela praia onde Easley está escondido e continuam subindo as colinas.

Finalmente ele se enxuga, troca as meias pelas japonesas e põe as botas mais secas do rapaz, mas vai levar o restante do dia para a dor nos pés diminuir. Após outra verificação rápida contra intrusões, tem um momento de fraqueza e come os mexilhões antes de voltar à caverna e cair num sono profundo.

No fim da tarde seguinte, um avião faz um voo rasante sobre a praia. O nevoeiro diminuiu, e a temperatura caiu. Nuvens densas pesam sobre a terra. O piloto aproveita ao máximo o espaço entre elas. Quando o avião sobrevoa pela terceira vez, Easley pensa em correr para fora com as mãos no ar. Mas, quando espreita em torno da borda da gruta, vê sóis gêmeos de sangue sob as asas, conforme o avião se inclina sobre o mar.

Quando o ronco do motor enfraquece, Easley é deixado com algumas conclusões claras. A esperança e o medo estão desgastados por excesso de uso, e apenas os fatos permanecem. Fato um: tudo morre um dia. Fato dois: morrer é preferível a viver sozinho com o silêncio e o frio e pensamentos que traem. Fato três: ele é muito covarde para morrer. Fato quatro: as menores vitórias podem dar o mesmo barato que uma droga na veia.

Easley pega a lata de chá no alto da prateleira. Ergue a tampa e desdobra o bilhete. Lê uma vez, outra e outra, deleitando-se com o fato de que ainda se lembra de como ler.

O vento não é um rio.

Coloca tudo de volta dentro da lata e se senta perto do local da fogueira. Rasga pedacinhos de papel ao redor das bordas do bilhete ainda seco, deixando as palavras intactas. Ao terminar, segura o bilhete sem margens numa das mãos e uma pilha de pequenas pétalas brancas na outra. Põe o bilhete de volta na lata, que recoloca na prateleira. Tira Tatiana e a apoia numa pedra para que ela possa ver.

Abre o isqueiro vazio, tira o pavio e o aperta contra o rosto. Ainda úmido. Para evitar a evaporação, coloca-o rapidamente nos pedaços de papel. Gira a roseta com o polegar até obter uma faísca, porém está muito longe do pavio. Tenta de novo, mas a faísca não vem. A pedra está muito gasta.

— Me ajuda.

Easley tenta de novo, usando a unha do polegar para aproximar a pedra do isqueiro da roseta. Não resta quase nada. Ajoelha-se acima do pavio quase seco e gira a roseta mais uma vez. A faísca salta de suas mãos, para o pavio, para o papel. A chama se espalha do papel para a grama. Não demora muito até o carvão ficar incandescente.

Easley mantém as mãos sobre o fogo, lembrando o papa nos noticiários, abençoando a multidão na praça de São Pedro. Quando fica claro que o fogo vai sobreviver, ele junta as mãos.

A sombra no fundo da caverna está bem definida. Aumenta o seu porte, tornando-o grande e ameaçador. Mas esse fogo não é uma ilusão. O calor refletido na parede recém-construída permite que ele seque as roupas e as botas. O ambiente esquenta tanto que Easley tira o casaco. Olha para a pequena imagem de Tatiana, a luz tremeluzente do fogo a seus pés. Quando ele a segura no ângulo certo, o vidro vira um espelho. O reflexo mostra um par de olhos fundos que inspiram pouca confiança, a barba suja nas faces encovadas.

Tira as roupas e se aproxima perigosamente das chamas.

A luz do alvorecer revela uma nevasca recente. Embora a neve esteja úmida e tenha só cinco centímetros de altura perto da praia, em altitudes mais elevadas o acúmulo é significativo. E já é maio. Tendo acabado de entrar na caverna após um reconhecimento de campo, Easley faz uma pausa ao ouvir o estrondo e o baque surdo de uma avalanche nas montanhas acima. Sai correndo para averiguar se está no caminho do perigo.

Ergue os olhos para ver a pequena avalanche despencando abaixo de um homem esquiando pela encosta. O esquiador faz curvas elegantes, pausando na beira de uma curva antes de deslizar para a próxima. Não é um modo eficiente de atravessar a neve recém-caída; parece que o homem esquia por prazer. Easley assiste da praia por alguns momentos antes de subir o morro, às pressas, para sair da linha de visão. A neve ganha vida com seus flutuadores.

O córrego raso é uma cicatriz negra na face branca e fresca da terra. Para não deixar pegadas na neve, Easley sacrifica as botas e os pés entrando na água fria, seguindo o córrego encosta acima. Meia hora depois, ao atingir o topo do morro, ele se agacha e perscruta a área em busca de mais invasores. Sem avistar ninguém, mantém-se abaixado, movendo-se de quatro pela neve em silêncio, até que vê o soldado japonês parado a menos de duzentos metros de distância. O homem segura o binóculo nos olhos, focado na praia.

O estômago de Easley revira enquanto ele recua. Respira fundo algumas vezes. Para averiguar se sua mente não está pregando peças, arrisca uma segunda olhada. Mas se vê sozinho. Easley segue os rastros recentes até onde os esquis e os bastões do soldado remexeram a neve, passando por uma reentrância na encosta. Exausto, se esforça para subir a colina até o outro lado e espia sobre a borda a tempo de ver a trajetória graciosa e oscilante do esquiador seguindo em direção à caverna.

O medo de Easley é subjugado por sua raiva e sentimento de posse. Pouco tempo depois de sentir tanta ambivalência a respeito do próprio destino, a força da emoção o espanta. De toda essa ilha esquecida por Deus, ele quer preservar e manter aquele esconderijo — com suas memórias e seus tesouros.

Quando chega ao topo do desfiladeiro, o sol atravessa as nuvens e começa a aquecer o ar. Em trechos voltados para o sul, perto da praia, ele vê que a neve está fina como renda. No entanto, ainda é suficiente para mostrar os rastros paralelos recentes, que terminam perto da margem baixa do barranco. Lá, o invasor abandonou esquis e bastões e continuou a pé. Ele está dentro da gruta.

O som de pedra batendo em pedra sai do interior. Imaginar o inimigo no fundo da caverna, manuseando a foto de Tatiana, seu bordado branco e limpo, faz os joelhos de Easley tremerem. Ele se afasta da borda e procura na neve uma pedra de proporções adequadas. Do dique construído por Karl, remove uma do tamanho de um melão. Volta para a borda, com a pedra nas mãos trêmulas.

A cabeça coberta por cabelos negros surge uns três andares abaixo. O alvo se detém, vira-se e volta a olhar para dentro da caverna. Easley faz uns cálculos rápidos, ajusta sua posição e deixa a grande pedra cair. O impacto produz um baque surdo, e o homem cai como uma marionete. A facilidade da coisa o surpreende.

Easley desce o declive com dificuldade, seguindo para onde o sangue borbulha da boca do intruso e forma uma espuma vermelha brilhante. Sua garganta emite um ruído que não soa humano. Easley se debruça sobre ele, vendo-o morrer, imaginando quanto tempo isso vai levar. De repente, o homem solta o chapéu de pele que tem apertado na mão. Seus cotovelos se encolhem, numa tentativa de voltar a sentar. É a parte profunda, reptiliana do cérebro dizendo ao corpo para pular e correr. Mas essa parte também foi danificada de modo irreparável. Os braços do homem se agitam, incapazes de lidar com a gravidade.

Easley se agacha na neve e passa o braço em volta do pescoço do homem. O corpo ainda tenta esboçar algum tipo de fuga. Easley agarra a nuca com uma das mãos, a testa com a outra — o cabelo preto é oleoso ao toque. Com um estalo rápido, a luta chega ao fim.

O chapéu ainda está quente quando Easley o puxa para cobrir as próprias orelhas.

Passa pelo novo muro de pedra, esperando que os olhos se ajustem à luz. Primeiro vê a lata de chá, que continua na prateleira ao lado do livro com as memórias de Karl. O ninho está intocado. E lá está Tatiana em sua moldura. Embora seus olhos tenham testemunhado a invasão inimiga, ela parece indiferente tanto ao crime como à resposta de Easley. Finalmente ele vê uma caixa em frente ao braseiro.

Passou despercebida num primeiro momento, por ser quase da cor da pedra. Rasa e quadrada como uma caixa de chocolates, com caracteres japoneses na parte superior. Easley remove a tampa de papelão e vê que a caixa contém sardinhas, uma bola de arroz e doces amarelos duros embrulhados em papel celofane transparente. Num bilhete em inglês, está escrito na parte de trás da tampa:

Corajoso ianque

Vê você na noite das luzes

Entregue-se e não terá problemas

Com honra

Primeiro-sargento Uben Kubota

Easley se coloca sobre o corpo do homem, que devia ter uns vinte e cinco anos. Percebe uma pistola no coldre, que toma para si. Até as armas deles parecem menores.

Estuda o rosto de Uben Kubota, o mesmo que pensa ter visto refletido na chama do isqueiro. Qualquer um que tenha avistado Easley naquela noite poderia facilmente ter atirado nele na mesma hora. Por que permitir a fuga? Traição, pura e simples. Que outra razão haveria para tirar umas férias particulares para esquiar e levar uma caixa com sardinhas e doces? O que

é isso, uma comissão de boas-vindas? Uma tentativa de comovê-lo, para ele sentir que os japoneses não são tão ruins. Talvez um pouco de saquê quente quando se entregar. Apenas alguns detalhes dos planos dos Aliados, e todos podem acabar amigos. Quem sabe até trocar umas cartas.

— Vá se foder, vizinho.

Um soldado não vai voltar ao quartel nessa noite. Uma equipe de busca sairá nas primeiras luzes do amanhecer. Talvez seja melhor poupar a todos do esforço. Uma bala rápida atravessando a têmpora de Easley resolveria problemas que parecem totalmente fora de seu controle.

Ele vê o vento bagunçar os cabelos pretos e grossos, em seguida olha para o horizonte.

Alguns homens sofrem a grande infelicidade de se verem na linha divisória continental da vida só para descobrir que a terra além é estéril. Não há esperança de voltar atrás. O que fazer com essa perspectiva?

Leva o resto do dia, mas a resposta surge como uma revelação. Com os olhos bem abertos, Easley se levanta para saudar sua chegada. É a frase, o enigma que ele vem repetindo como uma oração. É, obviamente, Tatiana.

O vento não é um rio.

A cadeia de ilhas que ousa separar o Pacífico Norte do mar de Bering. Uma cadeia através da qual o vento chicoteia formando algumas das tempestades mais temíveis do mundo. Um minuto é um furacão, o seguinte é uma brisa. Mas os rios! Os rios fluem em todas as estações — seja no sol brilhante do verão ou no gelo do inverno —, de manhã, à tarde e à noite. O vento surge e desaparece, mas um rio flui incessante.

E o nosso sofrimento? Também há de passar. O vento não é um rio.

CATORZE

É CONHECIDA COMO o “olhar dos aleútes” a forma como olham para a distância sem foco, sem falar nada. Para Helen, parece um tipo de temor. Três homens que sofrem dessa aflição esperam ao lado da pista quando Stephen e as garotas finalmente descem do avião em Adak. Os homens usam camisa de força de lona e estão ao lado de policiais militares. Quando chega a hora de embarcar no avião, os policiais ajudam os homens a subirem os degraus, empurrando-os levemente pela porta. Esses homens serão removidos para um asilo psiquiátrico norte-americano.

— Lamento que seja a primeira coisa que tenham visto. — O sargento Cooper ajeita os cabelos pretos com os dedos, mas são tão curtos que o esforço não faz diferença. Ele está radiante. A ideia de acompanhar as mulheres pela base claramente o entusiasma. Acima do largo sorriso há um fino bigode de lápis, que saiu de moda devido à popularidade entre os fascistas.

Demora um pouco para Helen recuperar um resquício da esperança que sentiu no momento em que avistou a ilha através das nuvens, a sensação palpável de proximidade de John. Apesar do bilhete do capelão, ela continua convencida de que essa é sua localização mais provável.

Adak fica a menos de mil quilômetros a oeste do continente e quatrocentos quilômetros a leste dos japoneses em Kiska. Attu é mais distante ainda. Não faz tão frio como em Fairbanks, o que é uma surpresa. Quatro jipes vazios aguardam, todos cobertos com uma capota de lona para proteger os ocupantes contra o vento forte e a chuva. A trupe se divide entre os veículos, carregando suas peças de bagagem. Helen entra na traseira ao lado de Gladys, que reaplica a maquiagem enquanto as malas são carregadas.

Faixas de terra do que parecem campos ondulantes de cevada foram desmatadas recentemente. Quinze mil homens estão aquartelados aqui, e o lugar se assemelha a uma pedreira aberta. Através do para-brisa sujo de lama do jipe, Helen não vê nem árvores nem arbustos de qualquer tipo. Desde os majestosos pinheiros e taigas, chegando às folhagens atrofiadas do território do Alasca, ela viu árvores e florestas diminuir de tamanho até desaparecerem por completo. Nessa ilha, é como se nenhuma coisa viva acima da altura da cintura tivesse qualquer chance contra o vento.

O aeródromo é muito grande. No momento, pode não parecer tão agitado como Ladd Field em Fairbanks, mas, como o sargento Cooper explica, isso pode mudar em pouco tempo.

— Somos a principal base de operações de ataque contra os japoneses. Daqui partem os bombardeiros para Kiska e Attu. O nosso objetivo é amedrontá-los, para que voltem correndo para o mar.

A “pista” é diferente de tudo o que já tenham visto. Em vez de concreto ou cascalho, consiste em chapas idênticas de grade de metal entretecidas numa grande colcha que se estende por centenas de metros sobre a areia saturada de uma lagoa recém-drenada. Poças rasas de água de chuva se formam ao longo da pista. Cooper encosta no meio-fio, e todos assistem a outra aterrissagem. A superfície metálica se curva em ondas à medida que o avião toca o solo, e os pneus provocam grandes colunas ascendentes de respingos, como se a aeronave estivesse pousando num lago.

Depois, todos olham fixamente quando o avião com aqueles três homens amarrados e perturbados sacoleja e provoca borrifos de água antes de se lançar ao céu.

O sargento Cooper dirige com o rosto perto do para-brisa, as mãos juntas no volante. Tenta e não consegue evitar os buracos, tão profundos que fazem o motor silvar. Pelo que Helen viu até agora, a felicidade dele por estar ali parece excessiva. Stephen está sentado ao lado de Cooper, a mão apoiada no painel do veículo.

A cidade de barracas em forma de pirâmide e galpões pré-fabricados foi construída entre as poças açoitadas pelo vento. A fumaça esvoaça a esmo do topo das tendas. Os homens arrastam os pés entre os abrigos com os ombros curvados, tomando cuidado ao caminhar pelo charco. Cachorros saltam de um lado a outro, procurando e encontrando o afeto de qualquer um dos inúmeros donos de passagem. Tudo é da cor de feno, fumaça e verde-cáqui. O vermelho do batom de Gladys se destaca do entorno como uma flor no deserto.

Há hangares, armazéns, escritórios, edifícios de lazer, refeitórios e inúmeras tendas separadas por campos de lama. Algumas construções são ligadas por tábuas de madeira ou passarelas. Os fios elétricos estendidos ao longo das estradas são a característica mais alta da paisagem, além das montanhas e dos picos distantes. O sargento Cooper aponta tudo isso com uma espécie de orgulho cívico que provoca pena em Helen.

— Não havia quase nada nesta ilha há dezoito meses — ele afirma. — O lugar estava desabitado. Construímos isso tudo do zero.

Gladys finge interesse genuíno pelo comentário do sargento. Está sentada na beira do assento, a cabeça balançando para cima e para baixo. Helen recosta no banco e fita os homens andando em trilhas lamacentas lá fora. Eles param e olham também, sem saber se conseguem acreditar no que veem.

— Vocês vão atrair muita atenção — observa Cooper. — Temos um ditado por aqui: “Há uma mulher escondida atrás de cada árvore nas ilhas Aleutas”.

Elas são recebidas nos alojamentos com a notícia de que Judith está doente. Nauseada no avião, o passeio de jipe acabou com ela. Forçadas a pular o passeio de carro, as outras garotas vão primeiro para os alojamentos. O galpão destinado a elas costuma ser reservado para oficiais visitantes. O piso de madeira seca é um luxo em Adak, onde a maioria dos residentes é obrigada a acampar na terra descoberta. O quarto tem a metade do tamanho do de Fairbanks,

projetado para um só homem. Seis camas de lona foram trazidas e alinhadas lado a lado. Judith senta a uma pequena mesa ao lado da janela, com a cabeça entre as mãos e os sapatos enlameados espalhados à frente. Helen acha que pode ver uma pequena mancha de vômito na ponta do sapato de Judith.

Judith levanta a cabeça.

— Um pouco de enjoo matinal — declara. — Nada que um bom uísque não possa curar.

Helen parece ser a única que não acha graça. Ela se vira e procura a chaleira. Antes de a água ferver, recolhe uma pilha de chá em saquinhos, um balde e a última de suas bolachas de água e sal. Molha uma toalha com um pouco da água quente e a passa para Judith, que agradece e enxuga o rosto.

As outras garotas estão ocupadas, desfazendo as malas. Trocam olhares cúmplices, esperando não se contagiar com o que Judith tem, perguntando-se como vão se apresentar com a líder nesse estado.

Stephen acende o cachimbo e se encosta na porta.

— Foi uma viagem atribulada — diz. — Uma boa noite de sono, e ela estará pronta pra outra.

Todas esperam que isso seja verdade. Stephen vai buscar um pedaço de corda e pendura algumas mantas de lã para separar a cama de Judith do restante do quarto. Faz isso alegando ser pelo bem de Judith, para sua paz e tranquilidade, mas o objetivo de quarentena é óbvio. Por fim, Stephen lança a mochila por cima do ombro e sai em busca do próprio alojamento para passar noite.

O gemido dos motores aquecendo no aeródromo começa antes do amanhecer. Às seis e dez, Judith acorda o quarto inteiro quando sai para vomitar. Uma hora depois, Stephen chega para buscar Sarah e Jane para ver o palco e experimentar o piano. Às oito e meia é a vez de Helen e Gladys visitarem o hospital.

O ar no interior é quente e úmido, tendo circulado pelos pulmões de trinta e dois pacientes apenas naquela ala, talvez centenas de outros em toda a instalação. Helen e Gladys tiram o casaco enquanto todos os olhos se voltam para elas com uma espécie de admiração. Gladys se aproxima de Helen e sussurra:

— Estão nos despindo em pensamento.

Gladys usa o vestido azul e o lenço de seda branco com um broche de *strass* no nó, o broche de boa sorte que recebeu da mãe para essa viagem. Como nunca conheceu o pai e cresceu sob a tutela de uma mulher forte nos arredores de Chicago, Gladys aperfeiçoou muitas habilidades femininas das quais Helen sente carecer. Gladys tem traquejo social, sabe construir um consenso a seu favor, liderar sem parecer que o faz. É fluente numa língua que Helen nunca

teve oportunidade de aprender.

Nessa manhã, os cabelos loiros de Gladys estão enrolados e recolhidos numa touca. As unhas receberam uma nova camada de esmalte vermelho, e Helen acha que Gladys faz o melhor possível para uma mulher que se encontra a milhares de quilômetros do salão de beleza mais próximo.

O médico tem vinte e oito anos, mas se comporta como uma autoridade. Tem um grande prazer em anunciar as garotas para seus pacientes. Helen se alegra quando vê mulheres enfermeiras por perto, mas, quando ela e Gladys se aproximam, as mulheres se recolhem para um segundo plano. Há um rebuliço geral enquanto os homens sentam-se nos leitos, cobrindo membros expostos, endireitando os ombros, alisando o topete e fechando roupões abertos. Aqueles que conseguem, aplaudem.

Há grandes colagens de garotas atraentes perto das camas. Além das referências costumeiras, como Betty Grable e Rita Hayworth, há fotos de mães e namoradas representando grande variedade de tamanhos e de problemas ortodônticos. Um garoto tem uma foto de seu cavalo.

Helen sente vontade de tocar. Segura mãos, afaga braços, afasta o cabelo da testa deles. Vontade de confortar e proteger. Isso e a constante consciência de que cada um desses homens pode ter conhecido seu marido.

Eles recitam o nome e o posto, dizem de onde são, descrevem seus ferimentos. Quando anunciam que têm namorada em suas cidades, Helen assente, mas não consegue deixar de se perguntar quantas dessas garotas os estarão esperando. A parte que mais a comove é ver como eles são expansivos com seu compromisso. Como se a presença de Helen ao lado da cama exigisse um cavalheirismo incomum. Como se precisasse ser lembrada de que, no momento, seria impróprio permitir que o romance florescesse entre eles.

Há casos de queimaduras e ossos quebrados. Um paciente tem um tubo saindo do peito e entrando numa jarra de pus, outro tem ataduras no pescoço. O médico explica que os ferimentos a bala foram todos recebidos do fogo antiaéreo que atingiu os aviadores nos bombardeios sobre o reduto japonês em Kiska. Alguns desses homens voaram de volta à base com camaradas mortos sentados ao lado. Dois foram retirados do mar por um milagre. Mas a maioria é vítima de exposição. Até o momento, o clima já provocou mais vítimas do que o inimigo.

Um rapaz com cabelo cor de ferrugem e bochechas sardentas reclina sobre as cobertas, folheando uma revista de esportes esfarrapada. As pernas estão cruzadas na altura dos tornozelos, e um dos pés acompanha o ritmo de uma melodia não ouvida. Helen descobre que Michael Kenny, suboficial de segunda classe, lesionou as costas descarregando aviões. Isso já tinha acontecido, mas dessa vez foi muito pior. Pode ser um disco fora do lugar, ele explica na fala arrastada do Arkansas. Deram morfina para a dor e prometeram que vai receber tarefas mais leves quando estiver melhor. Pede desculpas pela natureza pouco glamorosa de seus

ferimentos. Helen pergunta há quanto tempo está lá.

— Em Adak, pouco mais de um ano. Aqui dentro, três dias.

— É bastante tempo, deve ser de enlouquecer. — E imediatamente lamenta a escolha das palavras.

Ele encolhe os ombros.

— Talvez para algumas pessoas.

— É uma pena que as pessoas no nosso país não saibam nada sobre o que vocês, rapazes, estão passando. Os jornais quase nunca fazem qualquer menção.

— É o blecaute. Isso vai mudar quando o filme sair.

— Filme?

— Vieram até aqui e fizeram um documentário. Filmaram os bombardeios em technicolor. John Huston. Ajudei a equipe a carregar equipamentos por toda parte. Voei com eles numa incursão a Kiska, ajudei o cinegrafista a impedir que o tripé caísse da escotilha. Quando o censor o liberar, todo mundo vai saber.

Ela nunca chegou tão perto. Esse lugar, esses homens. Sente a distância diminuindo.

— Já ouviu falar de outros repórteres, jornalistas, por aqui?

Um leve tremor marca o rosto de Kenny enquanto ele muda de posição.

— Todos foram expulsos há muito tempo. Daqui não vaza nada. Devia ver o que fazem com as nossas cartas. Qualquer notícia que você ler sobre esse lugar vem direto de Washington.

De repente, todas as suas dúvidas retornam. Talvez John não esteja aqui. Talvez nunca tenha sequer chegado tão longe.

Gladys se aproxima, vindo do outro lado da enfermaria, gingando o quadril, acenando para os homens enquanto passa. Sorri para Kenny e gesticula pedindo um lugar para sentar. Fica à vontade naquela cama, com o quadril encostado na coxa dele.

— Este homem parece perfeitamente bem para mim — declara.

Kenny enrubesce, sentando-se um pouco mais ereto.

Gladys olha para o relógio.

— É melhor irmos andando. Stephen deve estar impaciente.

Desejam boa sorte a Kenny e se despedem rapidamente de mais alguns homens — deixando batom em tantas bochechas quanto possível. Antes de saírem, o médico agradece e comenta sobre quanto o trabalho delas é maravilhoso, levantando o moral dos homens. Diz que gostaria de poder engarrafar isso. O melhor remédio que existe.

As garotas estão sentadas no refeitório, à espera do grande anúncio. Têm o lugar só para elas, com exceção de um homem de avental agachado empilhando canecas numa prateleira na parede do fundo. Em Adak, os oficiais almoçam junto com os soldados de patentes mais baixas. Helen notou um afrouxamento de protocolo nessa ilha distante, onde imperam cabelos mais longos e

barba por fazer e os gestos de continência são raros. Já começa a parecer que o homem de avental está tirando as canecas do lugar e voltando a empilhar, só para cobiçar um pouco mais as garotas. Helen sente que o tempo disponível para sua busca está se esvaindo.

Finalmente Stephen chega, embala o cachimbo e conta o que elas já sabiam — que Judith não vai se apresentar. Longos suspiros e beicinhos da parte de todas. Judith é a base sobre a qual o espetáculo foi montado. Na ausência de Teresa Wright, Judith canta o papel principal na maioria das canções do repertório. Sem estrela nem substituta, será que devem cancelar o show de amanhã? Fazer as malas e voltar para casa? Stephen tenta inspirar o grupo.

Sarah não perde tempo e sabota seus esforços.

— De jeito nenhum. Não tem show sem a Judith.

Helen sente um aperto por dentro.

— Mais devagar. — Stephen descansa o pé no banco, inclinando-se na direção delas. — Vamos *adiar*. Dividimos as músicas e passamos a tarde no ensaio. Deixamos o show pronto e o apresentamos amanhã à noite. Se Judith estiver melhor, ela entra. Se não, seguimos adiante sem ela.

— *Se nós concordarmos, quem fica com o quê?* — Gladys acende um cigarro. Vê uma chance, mas espera que venha até ela.

— Bom, pra começar, você fica com “One for my baby” e “Time goes”, Sarah com “Don’t fence me in” e “Tangerine”, e Helen com “The nearness of you”.

Ninguém fala nada. A distância, o rugido de aviões bombardeiros retornando para a base. Helen sabe que deve agir. Não pode permitir que isso saia do controle, ameaçando sua presença em Adak.

— Sem querer ofender — diz Sarah, olhando para Helen —, mas por que você não exclui “The nearness of you”?

Gladys arregala os olhos. Vira-se para Jane, em busca de uma aliada.

— Não é culpa da Helen. — A boca de Sarah fica mais contraída à medida que ela continua: — Essa música é mais complicada do que parece. Exige sincronia e uma afinação perfeita. Talvez seja melhor parar enquanto estamos ganhando.

— E talvez *eu* seja o diretor desse maldito espetáculo. — Stephen fica de pé num salto e faz um gesto abrupto, em concordância com o que disse. — E talvez mereça um pouco de crédito por saber o que estou fazendo.

Sarah cruza os braços.

— Será que só eu me lembro do que aconteceu em Fort Richardson? — Ela está de pé, irritada demais para sentar. — Quero dizer, temos de ser honestos entre nós. Helen vai bem com vocais de fundo e melodias. Dança melhor do que eu, mas você a está colocando numa posição...

Stephen ergue a mão

— Já chega!

— Não, ela tem razão. — Helen olha para Sarah. Chegou o momento de revelar suas intenções, expor a verdade a todas. — Por favor, vocês dois, sentem-se.

Stephen reluta em ceder. Por fim, senta-se e olha para Helen com uma expressão perplexa, esperando seu próximo passo.

— É verdade — começa Helen. — Eu não tenho a experiência de vocês, fingi que tinha. Depois do ensino médio, nunca atuei diante de uma plateia. — A libertação vinda dessa confissão é repentina, esmagadora. — Tudo o que eu disse sobre espetáculos era mentira; eu só queria chegar às ilhas Aleutas e encontrar o meu marido, um jornalista que não deveria estar aqui, mas peço a Deus que esteja.

Todas olham para a mão dela, procurando uma aliança.

— Eu fiz segredo porque tive medo de ser rejeitada ou mandada de volta pra casa. Não contei a vocês porque é constrangedor ter perdido meu marido. Não consigo imaginar o futuro sem ele... E porque vocês poderiam sentir pena de mim, coisa que eu não consigo suportar. Nunca menti a ninguém como menti a vocês. Me desculpem.

Gladys olha para Stephen, depois para Sarah. Jane não consegue tirar os olhos de Helen. A pausa é breve, mas insuportável. É Gladys quem põe um ponto-final. Ela se levanta, abre bem os braços e abraça Helen.

— Meu Deus, isso é tão romântico! — exclama. Jane e até mesmo Sarah se aproximam. Helen nunca tinha sentido tamanho fluxo de afeto feminino.

Finalmente Helen diz:

— É Sarah quem deve cantar a música.

— Isso tudo é muito comovente — retruca Stephen. — Mas quem vai cantar é Helen. Ela melhorou muito, e com maior rapidez que vocês. É uma soprano capaz e versátil. E tem o tipo de presença que a canção exige. E, no que diz respeito a currículos falsos, acho que dá pra dizer que todos aqui temos culpa no cartório.

Helen sente-se ao mesmo tempo humilde e desarmada.

— Nós só temos uns aos outros aqui — continua Stephen. — Preciso que confiem em mim. Vamos nos encontrar aqui às treze horas.

Um local de ensaio em Adak é coisa rara. Privacidade, uma vaga lembrança. Por onde passa, Helen deixa os homens embasbacados, como se fosse uma atração de circo.

Ela pega emprestado o guarda-chuva de Judith, agarra a partitura e se põe em marcha em direção às colinas, imaginando se — apesar da fala entusiasmada de Stephen — estaria prestes a desapontar todo mundo mais uma vez no palco amanhã à noite. Se o pai foi capaz de acordar nessa manhã e se os vizinhos chegariam a tempo caso ele tivesse de sair cambaleando para pedir ajuda. Se estiver enganada e John não estiver nessa ilha, como vai poder encontrá-lo? Em

busca de respostas, ela só multiplica as perguntas. Toda a sua pesquisa, os planos, esquemas e mentiras a trouxeram a esse lugar improvável. Não existe um plano B. Ela deve agir rapidamente, com eficiência, fazer com que cada hora conte.

Helen troca a estrada enlameada pelo mato plano e encharcado até ficar bem distante de tudo, exceto do vento. Para de andar, mantendo-se de costas para as barracas e os espectadores indesejados.

Desdobra a partitura entre as duas mãos. A chuva cai de leve sobre o papel, com uma batida dissonante. Apesar de tudo, ergue o queixo e canta.

QUINZE

EASLEY JOGA ESQUIS e bastões na valeta e avalia o efeito em relação à composição total. O rosto de Uben Kubota repousa diretamente sobre o cascalho, os braços estendidos, como se abraçasse a terra. As águas do córrego banham a bota esquerda e a panturrilha. Achando que talvez os esquis estejam muito longe, Easley se arrasta para baixo pela terceira vez e chuta um deles mais para perto do corpo. Sente uma pontada de arrependimento de largar o homem dessa maneira, mas não há muita escolha. Tem a débil esperança de passar a impressão de que Kubota escorregou e morreu na queda.

Nos últimos dias, os norte-americanos têm atacado o inimigo com maior vigor do que nunca desde a chegada de Easley, mais de um mês atrás. Ontem à tarde, e mais uma vez hoje, o céu veio abaixo com os P-36 e B-24 despejando incontáveis toneladas de explosivos no acampamento japonês. É provável que a intensidade dos ataques seja a única coisa a impedir que uma equipe de busca saia à procura de Kubota. Agora, porém, os céus estão calados. Logo virão atrás dele.

A neve perde terreno para a chuva tão rapidamente que é difícil lembrar sua plenitude no dia anterior. Por isso, na segunda tentativa de descarregar o corpo, Easley teve o cuidado de transportá-lo para a base de um penhasco meio quilômetro mais perto do acampamento japonês. O esforço levou várias horas e exigiu toda a sua força. Ele está encharcado e tremendo.

Easley devolveu a pistola e o chapéu de pele e resistiu ao impulso de ficar com o casaco — mais quente e muito mais bem conservado do que o dele ou o de Karl. Vasculhou todos os bolsos em busca de isqueiro ou cigarro, mas achou apenas um cantil de água, dois palitos de fósforo molhados e estragados, um relógio quebrado, um botão de reposição e fiapos. Pegou o cachecol, achando provável que sua ausência passasse despercebida.

Retornando à caverna, Easley engancha os polegares na cintura da calça e os mantém longe da pele. Os ossos do quadril ficaram tão pontudos que o ponto onde roçam no tecido imundo está cheio de feridas. Caminhar dessa forma dá um alívio temporário, e ele não se preocupa em verificar se está sendo vigiado nem olha novamente para o corpo.

Se alguém estivesse observando, veria um espetáculo e tanto. Easley se pergunta o que seu irmão mais novo diria se pudesse vê-lo agora. Tantas vezes durante essa provação ele se perguntou o que Warren faria. Enquanto Easley sempre observou as regras, Warren instintivamente acabava contornando cada norma ou convenção. Em geral era demasiado cuidadoso para se colocar em situações comprometedoras, porém muito apto a encontrar a saída das poucas que não conseguia evitar. Quando tudo o mais dava errado, ele recorria ao irmão mais velho.

Seis anos antes, Warren se envolveu numa dessas raras situações difíceis, em um problema que não podia superar. Engravidou uma garota. Uma garota sobre quem seus pais jamais saberiam, que não queria ter mais nada com ele. Isso foi bem antes de Warren conseguir emprego na madeireira. Easley emprestou dinheiro para sustentar a garota enquanto ela esperava o dia de entregar a criança para adoção e deixar esse erro para trás. Warren chorou abertamente, ficou taciturno na maior parte do tempo, mas finalmente concordou em não ligar nem visitá-la e simplesmente deixá-la viver sua vida.

Parece que agora Easley levará consigo o conhecimento dessa criança abandonada, além dos remorsos dele e de Helen, bem como a convicção dos pais de que eles são os últimos descendentes da família.

Quando Easley chega à caverna, Tatiana está esperando por ele na frente de um fogo crepitante. Não o surpreende que ela esteja ali, sentir o cheiro de sua pele, o frescor do banho. Está ciente de que ela entrou na caverna por força de sua imaginação. Escolhe não usar esse fato contra ela, porém de repente muda de ideia.

Easley volta apressado para o desfiladeiro e observa o céu cinzento de fumaça. Acompanha um enxame crescente de moscas volantes no campo de visão até ficar tonto e ser forçado a sentar. Easley vê e sente que seu corpo está mais fraco, mais leve, como se prestes a flutuar para longe. Ainda consegue estabelecer a diferença entre o real e o imaginário, mas por quanto tempo? Quantas horas mais vai passar esperando, perambulando, escondendo-se do que certamente virá? A caverna contém seus únicos consolos, como quer que tenham acontecido. Deveria negar a si mesmo o último conforto proporcionado por esse inferno gelado?

Tatiana está vestindo o mesmo casaco escuro que usava na foto, tecendo uma cesta com gramíneas de centeio. Ergue os olhos e sorri. Easley não a incomoda. Sobe até o ninho e se deita sobre o paraquedas de seda. Ela cantarola uma melodia que Easley está convencido de já ter ouvido. Quando pergunta como o foi o seu dia, ela sorri e ergue os olhos para ele. Sente que algo se desata e depois começa a fluir.

Easley conta que está muito cansado, que está pronto para dormir para sempre. Explica que veio a essa ilha para mostrar ao mundo o que está acontecendo ali, mas fracassou completamente. Caindo de cabeça na neve, na fome e no frio. Caçando com Karl, abandonando-o no mar. Fala sobre suas tentativas malsucedidas de evocar Helen. Passou a crer que é uma punição pela maneira como foi embora. O passado agora parece tê-lo abandonado. Talvez tudo o que aconteceu antes tenha sido uma preparação para isso, para Tatiana.

Ela dobra e tece as folhas de centeio. Com dedos longos e graciosos. A cesta toma forma em suas mãos. Apesar do afeto que flui, vem a tristeza ao ver seu trabalho, sabendo que ela pode desaparecer a qualquer momento. Deseja ao mesmo tempo tomá-la nos braços e desfazê-la como um reflexo numa poça. Sente-se paralisado, pasmo, perto do fogo. Em vez de cantarolar,

passa a cantar, dando palavras à melodia.

*A-tisket, a-tasket
A green and yellow basket
I sent a letter to my love
And on the way I dropped it...*

Aviões roncam no espaço aéreo. Os norte-americanos estão atacando outra vez. Tatiana interrompe a letra da canção, mas cantarola com a boca fechada, um pouco mais alto para abafar o ruído. O fogo antiaéreo responde com rajadas ininterruptas. As bombas desabam do mesmo jeito. *Bum, bum, bum*. Meneia a cabeça e cantarola ainda mais alto, desafiadora. Por fim ergue os olhos — *Vá lá pra fora pra eles verem você*.

Easley dobra o paraquedas e sai da caverna.

Sobe o desfiladeiro. O ronco dos bombardeiros da Marinha, invisíveis no meio das nuvens, é subjugado por sua própria voz gritando para os pilotos olharem para baixo e o verem. Mas eles estão concentrados em outro lugar: no acampamento inimigo, nas armas antiaéreas, no espaço aéreo adjacente. Age rapidamente, desdobrando a seda sobre o centeio achatado. Cambaleia e estende as bordas, formando um círculo. Olha para cima e vê um avião brevemente livre das nuvens. Antes de desaparecer sem emitir nenhum sinal de reconhecimento, nenhuma oscilação ou inclinação das asas.

Então o bombardeio para. No espaço que se abre, um segundo avião faz a curva, entrando no céu aberto. Surge acima das colinas em direção à sua praia. Easley não sabe dizer se o piloto o viu. O avião continua em direção ao mar aberto.

Easley pula para cima e para baixo ao redor do paraquedas, acenando com desespero. O piloto continua sem dar resposta. Então, como se mudasse de ideia ou para aliviar a carga da viagem de volta, uma única bomba escapa assobiando enquanto o avião ganha altura. A bomba traça uma elegante linha sobre a cabeça de Easley. Passa sobre a caverna, sobre Tatiana. Entra na água a pouca distância da praia, espalhando um gêiser de pedra e vapor. O choque o faz cair de joelhos. cobre os ouvidos com a palma das mãos, mas isso só mantém a dor zumbindo perto do cérebro. Quando ergue os olhos, o avião se tornou apenas um ponto, perdido na gaze de outra nuvem.

Agora o fim está à vista. Não, ele se repreende uma vez mais — só precisa de uma boa refeição ou três, preparadas e servidas pelas mãos de Helen. Mas essa mentira não surte mais efeito. Por muito tempo, Easley foi consumindo a si mesmo. Se Helen estivesse ali, veria uma espécie completamente diferente. Um pobre diabo com o sangue de outro homem nas roupas. Alguém que não consegue discernir entre sombra e luz; alguém cujo coração foi infiel. Se tivessem conseguido começar uma família, teria sido uma forma de continuação, uma vida além dessa que já está pronta para terminar.

Easley recolhe o paraquedas e caminha em direção ao desfiladeiro. Silêncio. Olha para trás, onde a bomba abalou o mar. As ondas se fecharam e cobriram a brecha rapidamente, como se nunca tivesse existido. Observa as manchas brancas flutuantes no mar, vê alguns peixes na praia. Easley larga a seda e sai correndo.

Consegue agarrar oito peixes antes de a maré levar o restante. Remove o cordão da bota direita e o enfia pelas guelras e bocas escancaradas. Passa os peixes na água, lavando a areia da pele brilhante.

Na gruta, todos os sinais de luz e vida desapareceram. Ninguém cantarola nem canta. Tatiana voltou à sua moldura — apenas o zumbido nos ouvidos permanece.

DEZESSEIS

O PALCO ESTÁ MONTADO na parede do fundo do hangar. Os aviões foram removidos para abrir espaço para um público de duas mil pessoas, o maior espetáculo que já fizeram. Uma estrutura larga, com quase um metro de elevação, foi construída sob medida, com um pequeno camarim à direita do palco. No interior há um banco, um espelho, uma bacia e um jarro. A única parte notável da construção, o toque verdadeiramente criativo, é uma fileira de cápsulas de bombas alinhadas ao longo da frente do palco como uma sequência de dentes ameaçadores cor de musgo, separando o espetáculo dos espectadores.

Um homem fixa pregos em madeira compensada nova. O macacão cáqui cobre uma compleição atlética. As pontas das botas estão quase desgastadas, pois ele trabalha quase sempre de joelhos. Cabelos castanhos rebeldes saem espetados do boné, bem mais compridos do que o de praxe. Helen se aproxima com os braços cruzados, encolhidos de frio. Observa enquanto ele bate um prego, levanta-se, depois pula para cima e para baixo a fim de verificar a integridade da madeira.

— Espero que tenha feito um alçapão — diz Helen olhando para suas costas largas. — Vou precisar de um quando a multidão engrossar.

O homem para de pular, mas não se vira. Está consciente da presença dela desde o início.

— Parece ótimo — ela acrescenta. — Obrigada por todo o trabalho.

— Moça, não precisa me agradecer. É você que está nos fazendo um favor.

Ele se vira para revelar um rosto pensativo, inteligente, a mandíbula pronunciada e definida. A barba não é feita há alguns dias. Evita olhar diretamente nos olhos dela.

— Pusemos um aquecedor elétrico para vocês se aquecerem antes do show. — Ele aponta com o martelo. — Ou para quando fizerem intervalos entre os números.

— Nós vimos esta manhã. Obrigada mais uma vez.

O homem salta para cima e para baixo em mais alguns pontos, sem prestar atenção a ela. Quando descobre alguma tábuia que range, puxa um prego do bolso e o fixa com duas batidas suaves.

— Meu nome é Helen. Espero que gostem do show.

— Perera. Aviador Thomas Perera.

Helen estende a mão e espera. Ele parece desabituaado dos costumes ou da companhia dos civis. Por fim dá um passo adiante e aperta a mão dela, ainda evitando olhar em seus olhos. Os dele são azuis e profundos. Italiano, mas do norte. Ele se vira e desloca o peso para uma nova tábuia, que não faz nenhum ruído.

— Estamos esperando o seu show há bastante tempo.

— Bem, espero não decepcionar. — Ela observa por mais um momento e então se vira para ir embora.

— As cápsulas estão vazias — ele diz. — Nada com que se preocupar. Só achei que dariam um visual interessante...

— Tem razão. Dão mesmo... Me diz uma coisa. Já conheceu jornalistas por aqui? Correspondentes enviando matérias? — Já está com maior prática nessas abordagens, ajustando quase todas as conversas a seu propósito.

— Dizem que em boca fechada não entra mosca... Não ouvi falar de nenhum repórter. Mas pode apostar que vão chegar em grande quantidade, quando eliminarmos o inimigo da área.

— Claro. É que talvez um amigo meu tenha passado por aqui.

— Mas eu só estou aqui há nove meses — ele diz, suavizando o tom. — Tempo o bastante para esquecer os meus modos. Se estiver à procura de alguém em particular, tente a sede do Corpo de Abastecimento. Há um registro para cada navio e avião que desembarcou aqui. Podem verificar as listas de nomes se estiverem com boa vontade. Tente falar com Ralph Rosetta. Diga que fui eu que recomendei.

Para ele, é uma coisa pequena. Um gesto comum de cortesia. Não tem ideia de como sua generosidade pode mudar tudo.

— Eu nem sei como agradecer.

Após uma aparente reflexão séria, ele sugere:

— Basta me fazer rir hoje à noite.

Stephen está sentado na beira do assento, cachimbo na mão, cotovelos sobre os joelhos. Já o acendeu duas vezes, mas o forninho ficou frio por falta de atenção. Judith se esconde atrás de sua cortina de lã, fingindo dormir. Gladys abaixa o espelho com um suspiro, infeliz com o cabelo, com o modo como os nervos mancharam sua pele, dizendo a si mesma que está pronta para assumir o papel principal. Sarah franze os lábios e olha de lá para cá numa espécie de busca sem propósito. Jane ajusta os brincos, aparentemente relaxada e contente. Helen acha melhor concentrar-se em Jane, tranquila e descomplicada, porque projeta confiança. Já provou ser a atriz mais talentosa entre elas. Stephen olha para o relógio de novo, levanta-se e acena com a cabeça. Está na hora.

Lá fora, o tempo parece determinado a afugentar a plateia. As integrantes da trupe, agora reduzida a um quarteto, apertam o casaco na altura do pescoço, cobrem a cabeça com um lenço e seguem às pressas para a porta de trás do hangar, que está coberta por paraquedas. A seda foi estendida até o palco e o camarim numa cortina ininterrupta. Elas conseguem escutar a plateia animada do outro lado, rindo, cantando por antecipação.

O pequeno camarim mal tem espaço para todos. Gladys, Sarah e Jane estão sentadas no banco, e Stephen está de pé junto a Helen. O aquecedor, no meio, emite um brilho laranja. O

lugar parece uma sauna, o ar aquecido faz formigar as bochechas de Helen. A multidão começa a clamar por ação. Helen abre a bolsa para pegar um pote de vaselina. Esfrega uma pequena quantidade nos dentes, para lubrificar o sorriso. Olha para os sapatos e murmura uma série de ave-marias em voz baixa. Todas se imobilizam quando ouvem um clique elétrico seguido de duas batidas monótonas.

— Meninas, por favor, em seus lugares... Meu Deus, que multidão feia temos aqui esta noite! — A voz faz Helen pensar no pai. — Os trabalhos da igreja vão começar. Por favor, abram seus hinários na página duzentos e dois.

Risadas.

— Dizem que ninguém se preocupa com o heroísmo dos pilotos das Aleutas. — A fala é recebida com vaias e zombarias. — Dizem que ninguém dá a mínima para os homens que dão a máxima cobertura para o país. — Mais expressões de desagrado. — O que eu quero saber é: *quem* é que diz isso? — Vivas. — Eles nunca voaram nos ventos do Alasca nem pousaram um B-24 num pavimento encharcado pré-fabricado. — Aplausos mais altos. — Quero dizer algumas palavras sobre o show a que vão assistir esta noite, sobre as garotas da USO. Elas sabem onde encontrar os homens que trabalham duro no Pacífico. E é por isso que vieram a Adak: para mostrar sua apreciação em nome de uma nação agradecida. Agora fiquem à vontade! Esqueçam os problemas essa noite, e divirtam-se. E, por favor, vamos proporcionar uma recepção muito, muito calorosa para as Swingettes da USO!

As luzes se apagam, e o pequeno camarim é tomado pelo som de uma longa salva de palmas.

Stephen segura a mão de Gladys e a conduz porta afora pelo palco escurecido. Sarah, Jane e Helen os seguem de perto. No caminho passam pela banda residente de doze instrumentos, que ensaiou a seleção de músicas por semanas. Cada garota assume seu lugar no palco. Stephen senta-se no banquinho do piano e toca as primeiras notas no escuro — e faz uma pausa. Começa de novo, vai um pouco adiante e faz uma pausa mais longa. Está provocando. A melodia é familiar, mas a interpretação despojada no piano ilude o público. Então, do fundo da multidão, alguém solta um uivo. Stephen ataca o teclado, e entram os trompetes. As luzes se acendem sobre as garotas. Estão de costas para o público, as mãos no quadril, assobiando a primeira frase de “In the mood”.

A resposta da multidão é diferente de tudo o que Helen já vivenciou. É sentida na base da coluna, quase tira o seu equilíbrio. Enquanto os aplausos continuam, ela olha de soslaio para Sarah e vê o sorriso largo em seu rosto. Uma a uma as meninas se viram, aproximam-se do microfone e cantam um verso da música.

*Who's the lovin' daddy with the beautiful eyes
What a pair o' lips, I'd like to try 'em for size.*

*I'll just tell him, 'Baby, won't you swing with me'
Hope he tells me maybe, what a wing it will be...*

Helen olha para a luz por cima da cabeça dos homens. Quando se permite olhar cada rosto, sente-se poderosa e desarmada ao mesmo tempo. Na sua vez de conduzir, ela canta a meio volume. Precisa sentir confiança antes de soltar a voz para além da frente do palco. O resultado é que cada verso ganha peso no final. Ela dá uma olhada para Stephen, buscando apoio.

Quatro músicas depois, as luzes se concentram num único ponto. Sarah entra com “It ain't what you do (It's the way you do it)”. Helen se esgueira para fora do palco e volta ao camarim. Abre a porta e atravessa uma parede de calor. É preciso um momento, mas quando seus olhos se ajustam ela encontra Judith sentada no canto, o cobertor em volta dos ombros, erguendo os olhos com um sorriso sem vida. Procura a mão de Helen e a aperta. Juntas, elas ouvem enquanto Sarah envolve a multidão.

*Said things may come, and things may go
But this one thing you ought to know...*

Os aplausos duram quase tanto quanto a canção. Sarah canta mais duas.

Quando chega o momento, Helen entra novamente no palco, com um nó no estômago. Até aqui foi bem, mas agora deve solar uma canção. Inclina-se sobre o piano e se concentra no cabelo preto brilhante de Stephen, bonito demais para ser desperdiçado num homem. Seu pulso se acelera quando ouve homens assobiando e gritando. Hora de desacelerar as coisas. Stephen olha para cima e acena. Aguarda o sinal imperceptível, antes de se inclinar e pressionar as teclas. Algumas notas depois, Helen começa a cantar:

*It's not the pale moon that excites me
That thrills and delights me, oh no
It's just the nearness of you.*

Helen se volta e projeta o verso seguinte para a parte dianteira do palco. Um pouco além das bombas, um homem se levanta, ergue os braços e bate palmas acima da cabeça.

O verso não foi perfeito, mas ela se saiu bem. Sem notas dissonantes, sem hesitações. Conhece as canções de Judith tão bem como as suas próprias, além de todas as outras músicas do repertório. Um pouco mais no íntimo, há um momento de alta tensão, de insegurança quanto à frase seguinte. Mas confia, permanece presente com a música, e, quando precisa da frase, ela vem. Encontra o fluxo, deixa-se levar por ele. O que John pensaria se pudesse vê-la agora?

A interpretação de Helen é suave, vulnerável. Vira as costas para Stephen, olha para ele por cima do ombro, provocante, lançando olhares. Mas o amor a ser conquistado é o da multidão à sua frente. Esses homens querem a canção interpretada para eles. Querem acreditar

por um momento que, mesmo que não estejam apaixonados, pelo menos estão em algum outro lugar, quente e confortável. Para ajudar a manter o equilíbrio, Helen olha por cima do público, evita fazer contato visual com as pessoas, tentando pensar nelas como se fossem uma só.

No verso final, porém, não consegue mais se conter. Através da luz forte e da bruma, ela discerne homens mais altos e mais baixos, balançando no lugar, inclinando-se, os olhos fixos no palco. Sente-se o objeto da mais completa atenção de dois mil homens. Dá um passo inseguro e olha para Stephen. O sorriso dele a anima, trazendo-a de volta para o momento.

*I need no soft lights to enchant me
If you'd only grant me the right
To hold you ever so tight
And to feel in the night the nearness of you.*

Stephen se levanta sob os aplausos. Toma a mão de Helen, e com passos largos os dois vão até o centro do palco. Fazem uma longa vênica enquanto os homens pulam no mesmo lugar. Sarah, Gladys e Jane emergem das sombras para se juntar a Stephen e Helen no centro do palco, junto com o trompetista da banda. A seleção musical é coroada com “Tuxedo junction”.

No primeiro *Way down South in Birmingham*, alguns homens abrem espaço no meio da multidão ao pé do palco, revezando-se para dançar o Lindy Hop, conduzindo e seguindo, alguns tentando saltos e passos difíceis. Por fim as garotas acenam e se despedem, seguindo na direção dos bastidores, enquanto a multidão pede mais. E é apenas o intervalo.

No escuro, quase colidem com três homens vestidos de Carmen Miranda. Usam vestido estampado com flores brilhantes, turbante de frutas, brincos de argola. Ganharam num concurso de talentos a honra de atuar durante o intervalo das garotas. As Miranda passam por elas indo em direção ao palco, balançando os falsos seios e franzindo os lábios vermelhos. Um deles é absolutamente lindo.

Stephen discute o repertório com o mestre de cerimônias do espetáculo, e as garotas vão direto para o camarim. Enquanto a banda improvisa um samba, Helen se afasta para trás dos paraquedas. Levanta uma dobra de seda e vê o público de perfil. Os homens bem atrás do palco sentam-se em cadeiras dobráveis, pneus e lonas. As reações aos números musicais dos homens vestidos de mulher são variadas. Alguns sorriem e balançam a cabeça, outros olham com reprovação. A maioria aplaude ou grita coisas lascivas e encorajadoras.

Helen localiza o aviador Perera, reclinado numa cadeira dobrável. Afasta um pouco mais a seda. Ele se vira na direção dela, mas olha para o homem sentado ao lado, que se dobra de tanto rir. Perera lhe dá um tapa nas costas, levanta-se num salto e assobia alto.

Depois do show, uma garrafa circula pelo camarim, as marcas de batom removidas após cada

trago. O calor e a euforia pós-apresentação misturam-se à bebida, e logo todas perdem a cabeça. Falam de se encontrar com os rapazes da banda. Gladys e Sarah se despem na frente de Stephen, provocando-o, beijando todo o seu rosto. Como um garoto pego de surpresa no quarto das irmãs, ele cora, encara com bom humor — por um tempo —, mas cai fora na primeira oportunidade. Helen sai logo atrás.

O hangar ainda vibra de energia, embora apenas alguns homens dispersos permaneçam. Perto das portas gigantes, dois homens enrolam os cabos elétricos num cilindro, empurrando um ao outro como dois garotos. Quando veem Helen, cantam um para o outro os versos de “The nearness of you”, fazendo-a corar.

Agora é o momento de aproveitar a energia remanescente da experiência compartilhada. Os homens vão querer ajudar com qualquer pergunta, competir entre si para encontrar respostas. Helen vai aproveitar essa oportunidade, por John. Puxa o casaco em volta dos ombros e segue na direção deles.

O aviador Perera aparece do nada, um cigarro apagado entre os lábios. O rosto está recém-barbeado, o cabelo, bem penteado. Ao contrário do primeiro encontro, não consegue tirar os olhos dela.

— Bom — ela fala. — Diga alguma coisa.

— Belo show. — Ele acende o cigarro e olha firme em seus olhos e, depois, para a boca.

— Mas você riu? Era a única coisa que você queria. — Olha por cima do ombro dele, respondendo ao aceno dos homens que seguem para a porta.

Ele dá um passo à frente e põe a mão no rosto dela. Quente e cheirando a tabaco. Pega de surpresa, Helen dá um passo atrás.

Ambos se voltam ao som de uma cadeira de metal tombando no palco. Helen escuta as garotas dentro de camarim, a risada histérica de Gladys. Olha de relance para o hangar quase vazio. De repente, a porta do palco é escancarada. Os paraquedas enfunados batem e se torcem sob a súbita investida do vento.

— Eu preciso voltar... — Helen vira e se afasta.

Perera vence rapidamente o espaço entre eles e agarra a mão dela, que Helen puxa. Imperturbável, ele a olha diretamente nos olhos.

— Para onde?

— Não sei o que faz você pensar...

Aquele olhar atrevido implica propriedade, uma pretensão de inevitabilidade. Mais uma vez, ele pergunta:

— Para onde?

Helen dá um tapa no rosto dele, assustada com o que desencadeou.

— Eu sou *casada*...

Ele toca o queixo dela com os dedos e olha para a boca mais uma vez, depois para o peito.

Abaixa-se e recupera o cigarro. Dá uma última tragada antes de jogar fora. A fumaça sai aos poucos dos lábios.

— Não vejo nenhuma aliança.

Helen se vira e marcha para o camarim.

Entra correndo e descobre que as garotas já foram embora. Bate a porta e senta-se no banco, tremendo. E agora? O ar está abafado. Ela desliga o aquecedor, e a grade estala enquanto desbota de púrpura para cinza.

Helen espera a pulsação se desacelerar, a respiração voltar ao normal. Enquanto enfia a escova e o lenço na bolsa, lembra-se das palavras do pai. Sente raiva por ter ignorado sua advertência. Stephen avisou mais de uma vez que elas não dessem aos homens muita atenção individual. E ainda assim se sente chocada com a súbita liberdade física de que foi alvo. Como aquele homem na capela em Fairbanks. E agora o aviador Perera. Será que de alguma forma ela provocou isso? O que estará projetando? Diz a si mesma que era apenas gratidão. Recusa-se a tratar esses homens como se estivessem na prisão. Mas o que dá direito a alguém... Ela vai sair desse camarim e alcançar as garotas. Alguém devia ter percebido o que estava acontecendo. Ele não vai arriscar outra aproximação.

Como é que ela chegou numa situação dessas? Foi criada para acreditar que olhar para o lado é cometer adultério no coração. Um pecado mortal. Melhor arrancar o olho e jogá-lo fora do que ter todo o corpo lançado no inferno. Aprendeu isso no catecismo. Até agora, essa lógica passou sem ser questionada. Não duvida de seu amor por John. Mas agora questiona tudo o que foi ensinado. Será que não existe mesmo nenhuma diferença entre um pensamento desatento e a ação? Um pensamento disperso? Que adulto racional poderia acreditar numa coisa dessas?

Perera empurra a porta, fechando-a atrás de si.

— Sai daqui! — ela grita. — Quem você pensa que é?

Ele está bem à sua frente. Onde estão as garotas? Será que alguém vai ouvir se ela gritar? Luta para se levantar, mas ele a pega pelos ombros, prendendo-a contra a parede. Tira rapidamente o paletó, tira a camiseta pela cabeça enquanto ela luta para se soltar. Segura Helen pela parte de trás dos cabelos e a puxa, pressionando o rosto dela contra sua barriga. Helen se firma e salta para a frente com toda a força das pernas, das costas e dos ombros, empurrando-o para cima. Perera tropeça no aquecedor e cai para trás, batendo na parede oposta, enquanto ela cambaleia para fora do camarim.

Quando abre a porta externa, a tempestade a empurra para dentro. Precisa usar toda a sua força para fechá-la atrás de si. Uma lâmina afiada de estanho metálico passa voando, girando para dentro da noite. Ela nunca viu uma tempestade assim. Será que os aviões vão romper suas amarras? As tendas e as construções vão rolar para o mar? Helen aperta o casaco contra o pescoço e se inclina na direção do vento. *Pai nosso, que estais no céu...*

A água que açoita seu rosto e seus olhos não é nem chuva nem granizo — arde com o sal

do mar. Helen não tem ideia de onde está. A escuridão se impõe, e há apenas alguns pontos distantes de luz. Tenta desdobrar o mapa na mente. Hospital, refeitório, barracas e galpões, todos iguais. Ela tropeça. *Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no céu...*

O rugido é desorientador. Por que não houve um alerta de furacão? Quase cinquenta metros depois da construção, já é impossível ver para onde está indo. A lama traga seus sapatos. As poças sobem até as canelas. Aquela camada de terra plana talvez seja um caminho. Vai segui-lo em direção ao aglomerado de luz, que torce para ser o refeitório. *Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal...*

Uma nova magnitude de rajada se ergue. Todo o progresso é interrompido. Ela ergue o braço para se proteger do que parecem mais pedacinhos de folhas de metal, um gesto que custa seu equilíbrio e a derruba no chão. Helen se levanta com esforço. Precisa ficar de pé. Seguir em frente.

De trás, o facho de luz de uma lanterna atravessa a escuridão. Uma voz grita alguma coisa, mas é impossível distinguir as palavras. Não há cobertura, nenhum lugar onde se esconder. A voz — urgente, persistente — desafia o vento mais uma vez.

A luz da lanterna salta e gira, procurando, ficando mais brilhante ao se aproximar. Ela vê a própria sombra no chão, alongando-se dos pés ao infinito. As sílabas repetidas — He-len! Ele está vindo em sua direção. Helen para e se vira para a luz, dobrando os joelhos, curvando-se para se manter na posição vertical sob o vento.

A silhueta está a menos de quatro metros de distância quando ela percebe que é Stephen, o cabelo molhado grudado na testa, as roupas ensopadas agarradas ao corpo. A brancura chocante da mão que toca seu ombro. Ele grita:

— Que diabos você está fazendo?

Helen abana a cabeça.

— Você vai se matar! Está indo na direção errada.

Stephen a puxa para baixo do ombro, ela enlaça o braço na cintura dele. Juntos, os dois seguem adiante. O feixe de luz causa refração nas poças maiores, iluminando inúmeros arcos de borrifos. Um homem passa se arrastando, um lençol de lona em fuga, um cachorro aterrorizado corre para baixo de um caminhão. Afinal a luz atinge a parte traseira de um jipe coberto. Stephen abre com força a porta do passageiro. Helen cambaleia para dentro enquanto ele dá a volta correndo até o lado do motorista. Uma vez lá dentro, desliga a lanterna. O vento sacode o jipe como um brinquedo.

— Onde diabos você estava? Todo mundo está preocupado!

— Perdida — responde Helen, recuperando o fôlego. — Mais do que perdida.

— O que aconteceu lá? Você saiu correndo como se o lugar estivesse em chamas.

Helen tem dúvidas sobre como dar forma, definir tudo aquilo. Por onde a história deve começar. Só tem certeza de uma coisa.

— Ele veio pra cima de mim, mas escapei a tempo.

No momento em que Stephen se dá conta do que aconteceu, Helen percebe que ele fica transtornado.

— Acredite em mim. Eu vou encontrar esse merdinha e... Helen, você está bem?

Ela assente, tremendo com o frio e a umidade.

— Esse canalha vai apodrecer na cadeia.

Os dois ouvem o barulho do vento.

— Eu deveria estar lá pra te proteger. Não posso deixar vocês um minuto longe da minha vista...

— Stephen, por favor. Eu já disse que estou bem.

— Helen, ouça... Sinto dizer isso bem agora, mas não posso guardar por mais tempo. Eu vim aqui pra dizer que acabei de conhecer um sujeito que pode ter visto o seu marido.

O coração dela quase para. Fica boquiaberta. Vira-se para Stephen, sem conseguir discernir sua expressão no escuro.

— O sujeito é um mecânico. Faz parte da tripulação do hangar. Está a par de tudo o que sobe e o que volta. Disse que um homem saiu para um bombardeio executado uns dois meses atrás. Um homem numa visita preparatória para a RCAF. Nenhuma menção a um repórter, mas quando ouvi “canadense” pensei que poderia levar a alguma coisa. Ele disse que o nome do sujeito era Warren Easley.

Helen se inclina para a frente, cobrindo o rosto com as mãos.

— O irmão dele.

Como ela não percebeu? Todo esse tempo esteve procurando no lugar certo, mas pelo homem errado.

— Ele deve ter falsificado a papelada. Roubou um uniforme?

Helen levanta a cabeça e respira fundo. Fixa o olhar nos poucos aglomerados distantes de luz. Entre aqui e lá, é tudo negro.

Consegue imaginar John vasculhando documentos e objetos pessoais do irmão na casa dos pais. Apostando que as engrenagens da burocracia não o alcançariam a tempo. Como é que a Marinha norte-americana, na ilha Adak, iria saber sobre a morte de um avião canadense sobre o Canal da Mancha? Ordens por escrito da RCAF solicitando acesso? Helen sorri ao considerar o prazer de John escolhendo o jargão militar preciso. Todo o tempo ela esteve à procura de sinais de um jornalista, de um escritor. Meses de pesquisa, três mil quilômetros. Embora soubesse que a explicação estava em Adak, foi Stephen quem descobriu.

— Onde está John? — A voz dela soa monocórdia, quase inaudível acima da tempestade.

— Helen...

— Droga! Onde ele está?

O vento zomba de sua hesitação.

— O avião caiu em algum lugar entre aqui e Attu. Ele estava com uma tripulação de seis. Helen, eles não conseguiram voltar.

— Talvez tenham feito um pouso de emergência em algum lugar. — À medida que as palavras deixam seus lábios, ela percebe que a ideia parecia muito mais convincente antes de ser expressa.

— Dizem que a expectativa de vida é de cinco minutos em mar aberto. Mais ou menos.

— Ele pode ter sido capturado. Em Kiska ou Attu.

Stephen encontra a mão dela no escuro.

— Helen... preste atenção. Eles disseram que não há chance nenhuma de a tripulação ter sobrevivido.

Helen percebe o caráter definitivo das palavras, mas luta para encontrar falhas na lógica, os detalhes que faltam. Houve algum equívoco. John não estava no avião; a fonte de Stephen está confundindo os fatos. Mais uma vez ela corre à frente dos fatos. Escala cercas, chuta portas que foram fechadas na cara dela. John é esperto demais para morrer.

Stephen se abaixa, beija a mão dela, aconchegando-a entre as dele.

— Leva tempo, meses, até anos. Mas finalmente você encontra conforto em saber que não foi o único que perdeu alguém — ele diz. — Pearl Harbor. É como o *Mayflower*, o modo como todos alegam uma conexão. A verdade é que eu perdi alguém em Pearl Harbor.

Helen pisca, voltando para o aqui e agora. Repete as palavras que acaba de ouvir.

— Stephen. Meu Deus, sinto muito. Você nunca disse nada. Conta pra mim...

— Outra hora.

Helen se esforça para imaginar o avião de John caindo do céu, para sentir isso acontecendo. O zumbido do vento nas hélices mortas. O impacto do metal na massa do mar. A água fria envolvendo, puxando para baixo, para fora do alcance da luz. Assim como o irmão. Chora em voz alta, surpreendendo-se com o som. Stephen põe o braço em volta de seu ombro e a acolhe.

Nesse ponto ela buscaria um alívio no céu, em pensar que eles vão se encontrar novamente, mas é interrompida pelo próprio John. Pois a admissão ao céu requer fé em sua existência. E ele sempre deixou claro que não iria para o céu. Essa vida é tudo o que eles têm juntos.

A menos que, ocasionalmente, seja concedido perdão a quem não o pede. A menos que a fé de alguns seja suficientemente forte para levar outros consigo.

Helen se senta e limpa o nariz.

— Quantas ilhas daqui até lá?

— Não sei. Meia dúzia?

— Me ajude a encontrar um mapa.

DEZESSETE

O AUMENTO DE ATIVIDADE no campo japonês tornou impossível roubar carvão, sem o qual era impossível obter uma chama da madeira encharcada trazida pela correnteza. E agora não há como acender carvão nem madeira. Embora Easley já soubesse que a ausência de fogo acabaria com seus nervos, estava totalmente despreparado para o dano causado aos pés.

Na caverna úmida, ele compara as botas que acabou de descalçar com as que mantém no ninho. O primeiro par está molhado e quente, o segundo, úmido e frio. Já faz tempo que removeu os cordões, abrindo maior espaço para o pé inchado. Todas as meias estão molhadas, e não há como secá-las. O par que tem nos pés está pegajoso de pus. Ele tira as meias com cuidado.

O pé esquerdo aumentou de tamanho pela metade. O direito está um pouco menor, mas coberto por meia dúzia de bolhas, algumas do tamanho de tampas de garrafa. Até agora apenas duas se romperam. A cor dos pés é mosqueada de bordô e azul. O contraste com a pele branca suja das canelas dá a impressão de haver dois corpos diferentes. Easley pensa nas histórias da Grande Guerra e das trincheiras.

De todas as maneiras que imaginou ser vencido pela morte — de fome, frio, envenenamento, uma queda —, nunca sonhou que chegaria pelos dedos dos pés.

Easley passa o dia dentro da caverna, ouvindo o vento e os aviões. A garoa constante de ontem foi substituída pelo nevoeiro, e os pilotos não conseguem ver os alvos abaixo. Pode ouvi-los rodeando a ilha, procurando uma brecha por onde despejar sua raiva. Sem encontrar nada, os aviões afinal se afastam, a barriga cheia, sem deixar nenhuma ferida fresca para trás.

Easley acorda no meio da noite, envolto pelo frio e pela escuridão. Os pés expostos estão dormentes. Ele os recolhe e enrola na seda. As ondas soam estranhamente distantes, mesmo levando em conta a maré. O gotejamento na frente da caverna chama sua atenção, pois marca um tempo rítmico. Ouve um assobio fraco e se pergunta se Karl voltou para uma visita.

Suspeita que a imaginação esteja se aproveitando de seu estado de debilidade. Sempre foi capaz de ver essas coisas pelo que são —alucinações —, mas agora corre na direção dos fantasmas, perseguindo o que se tornou mais importante do que seu domínio sobre a realidade. Às vezes Easley se vê cantarolando, chamando em voz alta na escuridão.

O assobio fica mais alto, e ele vê uma luz amarela subindo o desfiladeiro desde o mar. Quando a luz atinge a entrada da gruta, Easley se ergue para cumprimentar o irmão. Warren usa camiseta e uma cueca limpa, meias pretas com ligas. A luz mostra seu belo rosto, o cabelo despenteado pelo sono. O lampião que carrega pinta a caverna com um brilho quente e reconfortante. Warren assobia as notas, mas Easley se lembra da letra:

*So long, it's been good to know you
So long, it's been good to know you
There's a mighty big war that's got to be won
And we'll get back together again*

O lampião foi posto em cima da rocha plana que Easley usa como mesa. Perto da luz está o que seu irmão veio recuperar: o uniforme da RCAF, limpo, engomado e dobrado segundo o regulamento. Sobre o uniforme, o chapéu e as luvas de couro. Enquanto se veste, Warren assobia a melodia num ciclo contínuo. Primeiro a camisa, depois a calça, a jaqueta e as botas. Ajusta bem o quepe na cabeça. Easley fica ansioso quando vê o irmão se preparando para ir embora.

— Eu só peguei emprestado — ele se justifica —, porque achei que você não ia mais precisar.

Sem querer perder a oportunidade, diz ao irmão quanto sentiu sua falta. Que sempre admirou o jeito de Warren de lidar com família e amigos, professores e treinadores, os estranhos na rua. A confiança e o desembaraço inatos. A fé nos outros e a convicção de que de alguma forma as coisas acabariam dando certo. Ele nunca percebeu — nem se permitiu acreditar — que o irmão mais velho queria todas essas coisas para si mesmo. Queria colocá-lo de lado, abrir espaço para receber a atenção e os elogios, queria que ele saísse da frente. Warren nunca pareceu suspeitar que os papéis naturais estavam invertidos, o primogênito idolatrando o segundo filho.

Warren assobia alegremente.

— Perdoe-me — diz Easley — por não ser um irmão e um amigo melhor. Por manter tudo em segredo dentro de mim. Vivi minha vida como um estranho profissional. O que adiantou? Agora percebo o desperdício que foi... Sempre soube que eu nunca seria igual ao homem que vi em você.

Warren não responde. Ajeita a gravata e puxa o punho das mangas, depois ergue os olhos e acena com a cabeça. Toca a aba do quepe; a luz do lampião brilha em seus olhos. E sai do jeito que entrou, balançando o lampião desfiladeiro afora até a luz sumir na escuridão da noite.

Easley senta em posição ereta e percebe o aumento de sangue na cabeça. Levanta-se sobre os pés cheios de bolhas e tateia para encontrar o caminho.

O vento diminuiu, o granizo cai em seu rosto voltado para cima. O mar está adormecido, o mundo parece completamente silencioso. Easley desconfia de que está prestes a morrer. Ou morrer de novo, não sabe dizer. Desabotoa a calça, esvazia a bexiga e volta cambaleando para a caverna.

O dia amanhece com o barulho distante de metal ecoando pelas ondas. Easley veste as meias molhadas e as botas frias de Karl, por serem um pouco maiores e por temer que, se não fizer

isso agora, elas podem não servir mais. A dor que sabe que deveria sentir nos pés nem chega ao cérebro. Espreita o lado de fora e perscruta a água. Depois de observar o nevoeiro com atenção e cuidado, tem a impressão de ouvir o som de motores.

Um novo tipo de bombardeio começa. Easley ouve estrondos distantes, seguidos de baques surdos na direção da aldeia e do acampamento, um após o outro. O ataque continua por quase uma hora, então o silêncio volta a reinar.

Easley passa o resto da manhã protegido dentro da caverna, saindo só uma vez para beber do córrego. Quando está saciado, ele se levanta e sente cheiro de combustível de navio no vento.

Examina a foto de Tatiana e abre sua preciosa lata. Olha para o linho branco brilhante, o ícone, a ponta de arpão, o maço de notas. Não toca em nada. No interior, tudo é limpo e brilhante e feito por mãos humanas. Não vai se arriscar a contaminar as coisas com sua sujeira. Recoloca a tampa e guarda a lata na mochila. A seguir recolhe o isqueiro gasto, a faca, o livro japonês em que escreveu o tributo a Karl. Dispõe tudo bem-arrumado dentro da lona e aperta bem a mochila. Coloca a foto no bolso com cuidado.

Em seguida, Easley deita-se no chão e observa a luz enevoadada.

A noite está bem avançada quando abre os olhos novamente. O formigamento nos pés desapareceu, e não sente absolutamente nada ao estender a mão para apertar a bota. A última decisão que resta é a escolha do lugar e do momento. Fica em pé, endireita a postura e leva a mochila aos ombros. Remove as placas de identificação do garoto de seu pescoço, deposita-as em cima do ninho e sai da caverna para sempre.

Uma lua minguante aparece brevemente entre as nuvens, permitindo-lhe, com alguma ajuda da imaginação, vislumbrar a terra à sua frente. Easley marcha ao longo da praia. Faz o percurso mantendo-se acima da linha de maré alta, surpreso pela facilidade com que viaja. Os pés não causam mais nenhum problema. Não sente o chão nem a corrente gélida quando atravessa o rio raso. É como se andasse no ar. Para ele isso é mais uma prova de que se tornou um fantasma, até acabar tropeçando e cortando a parte inferior da palma da mão.

Ainda está escuro quando Easley passa pelo local onde deixou o corpo, mas não vê esquis nem bastões. Nenhum sinal. Ele prossegue.

Imagina duas situações hipotéticas. Uma bala, disparada de uma grande distância, atravessa seu peito, e ele cai na grama. O sangue flui sobre o solo, enriquecendo essa terra esquecida. Naquele pequeno trecho, as flores vão crescer mais neste verão. A outra possibilidade é a captura, depois a tortura e a prisão em algum buraco no chão. Não parece tão diferente da situação atual. Pelo menos haverá alguma alimentação regular. Easley não sente nenhuma grande emoção ao contemplar os cenários, apenas um grau de contentamento por saber que, em breve, tudo estará terminado e nunca mais ficará sozinho.

Quando amanhece, ele está a um quilômetro e meio da aldeia. Os pés desajeitados retardaram seu progresso. Vai chegar a tempo para o café da manhã. O que os soldados japoneses comem no café da manhã? Chegando a uma elevação com vista para a aldeia, Easley é envolvido por uma inesperada sensação de calma. A aldeia e o acampamento estão silenciosos e imóveis, em meio ao sono mais profundo. Se andar mais cem metros na mesma direção, alguém certamente o verá. Sorri — tão perto da linha de chegada.

Easley senta e examina os pés. Estão tomando novas proporções, grotescas. Não sente dor, mas agora há uma sensação de formigamento por dentro. Puxa a meia para baixo e cutuca a pele esticada com o dedo indicador. Embora os olhos registrem o contato, não há nenhuma resposta sensorial.

Poderia entrar no acampamento com as mãos para cima, e talvez o levem vivo. Lembrando o bordado de Tatiana, Easley tira a lata da mochila e a segura no colo. Abre a tampa com um estalido e retira a toalha com a ponta dos dedos, sacudindo para abrir. Pega a mochila e se levanta, trôpego.

Está decepcionado por não ver nenhuma fumaça saindo das casas ou das tendas. Sem um bom fogo, vai levar séculos para eles aquecerem o seu banho. Easley levanta a bandeira branca acima da cabeça, deixando-a tremular na brisa úmida.

As nuvens se deslocam atrás dele, e o sol pinta as montanhas com um tom agradável de rosa. Recorda o presságio: pela manhã, o céu vermelho serve de alerta ao marinheiro.

O braço se cansa antes de ele chegar às ruínas da primeira construção. Desistiu de cantar e começou a dizer “olá”, a voz alta o bastante para ser ouvido, mas não tão alta a ponto de causar alarme. Easley apoia o braço na cabeça, o pano branco pendendo perto da orelha. Seus batimentos cardíacos se aceleram.

As bombas acertaram o lugar em cheio. Easley para e examina os veículos abandonados, as marcas de pneus ainda frescas na lama. Casas com portas abertas, paredes arrancadas, telhados abertos para o céu. Passando pela casa onde se escondeu durante aquelas semanas, não vê sinais de vida. Nenhum indício de Tatiana ou de seu povo, nada de soldados nem fardas. Apenas lascas e cacos de vidro. Aonde foi todo mundo? Continua subindo a estrada até os tambores de óleo e depósitos. Não há cheiro de carvão nem fumaça de nenhum tipo. Ele para na primeira tenda.

— Olá! — diz. — Eu desisto.

Easley aperta os olhos e encolhe os ombros, como se estivesse prestes a receber um golpe. Nada. Estende a mão em direção à lona, puxando-a devagar, e vê uma confusão de papéis no interior. Uma caixa esmagada e um cobertor jogado no chão de cascalho. Uma vara de pescar quebrada e um emaranhado de linha de pescar saindo de debaixo de um cobertor.

Caminha de tenda em tenda oferecendo educadamente sua rendição, mas não encontra ninguém para aceitá-la. Vê trincheiras e túneis escancarados, escuros e silenciosos. Todos os

abrigos estão cheios de papéis, caixas vazias, ferramentas pesadas descartadas na fuga. Lá fora encontra um sapato — ainda mais molhado que o dele — e uma colher seca e limpa.

Easley pega um documento úmido de aspecto oficial, com caracteres japoneses impressos na parte superior da página, em azul. Abaixo, colunas oscilantes de tinta preta escorrendo e um selo no canto inferior direito. Dobra o papel e o guarda no bolso. Depois muda de ideia, tira-o do bolso e o joga fora. Melhor não se render com documentos roubados.

Caminha até a extremidade das barracas e olha as trilhas abandonadas que dão na praia deserta e voltam montanha acima. O tempo, agora aberto, revela manchas de neve e o xisto negro acinzentado por baixo. Os únicos sons vêm do vento, das ondas e das queixas constantes das gaivotas. Segura a toalha acima da cabeça e grita:

— Porra... eu... VENCI!

Sem troca de tiros nem arremesso de granadas, nenhum rosto inimigo emergindo das sombras — apenas uma nova forma de solidão, que de algum modo é ainda maior que a anterior. Easley volta para a tenda onde viu o cobertor. Deita-se sobre um encerado mofado e tira as botas e as meias. Envolva os pés numa lã japonesa e cai num sono profundo.

Quando finalmente acorda, está sendo observado por uma gaivota prateada. Parada na entrada da tenda, com um olhar estúpido. Quando Easley senta para agarrá-la, a dor na cabeça é tamanha que ele precisa deitar de novo. O pássaro recua alguns metros e vai embora, gingando.

A julgar pela luz no céu, a maior parte do dia já veio e se foi. Ele vai apagar novamente se não comer e beber alguma coisa em breve. Easley se senta, mas cai para trás com o latejar na cabeça. A dor demora a ceder.

Agora seus pés estão inchados demais para caber nas botas. Pega a faca, corta um buraco no cobertor, arranca uma faixa. É preciso todo o esforço para realizar essa tarefa, e ele espera algum tempo antes de tentar de novo. Finalmente consegue duas longas faixas de lã para enrolar nos pés. Tira os cordões das botas da mochila, amarra-os em torno da lã, depois se esforça para se levantar.

Encontra a fotografia de um rapazinho japonês sorrindo na frente de uma montanha escura, além de um rabo e as espinhas de um peixe. Pega o esqueleto e o leva ao nariz. Está sujo, cinzento e deteriorado, lembrando o próprio pé. Encontra uma camiseta suja e montanhas de cartuchos usados. Entre montes de detrito estão as crateras de bombas recentes. Não encontra nada para comer, mas muitos pneus abandonados, vidro, arame, artilharia. Então, um tesouro: um balde de carvão cheio pela metade.

Onde estão os japoneses? Partiram de fato ou o desaparecimento deles apenas prova que ele já passou para o outro lado? Não, decide. A gaivota confirmou sua existência.

As nuvens se erguem, e os picos pairam sobre a aldeia — cujas ruínas Tatiana mal reconheceria. Algo se move na extremidade do manto de neve. Um rio fino e claro se derrama

ao longo da rocha negra e segue para cima, até a passagem entre as montanhas. Está vivo. A linha branca fica mais fina, destacando-se do manto maior de neve, viajando lentamente pela rocha até que uma nuvem passa por ali, obscurecendo sua visão. Isso não é um produto de sua imaginação, nem truque de sombras em seus olhos. Os japoneses estão deixando o local.

Então o véu se desvanece, e ele consegue ver a coisa pelo que é: o acampamento e a aldeia abandonados, o inimigo recuando para um ponto mais alto... O cheiro de combustível, o tinido de metais na água, a ausência de aviões no ar.

Karl explicou semanas atrás que a Marinha não arriscaria um pouso na aldeia bem defendida. Para evitar as armas pesadas, a infantaria provavelmente pousaria além da colina, quase dez quilômetros ao sul da aldeia, talvez na enseada do Massacre — um topônimo que acabou pegando, segundo a pesquisa de Easley. Duzentos anos atrás, quinze aleútes foram executados por comerciantes de peles russos naquele local, talvez pela ousadia de resistir aos invasores ou devido a seu estado posterior de escravidão. A outra opção seria a de se aproximar a partir do oeste da aldeia. Poderiam pousar na praia mais larga, não muito longe de sua caverna. Ele imaginou tantas vezes esse dia, mas há muito tempo perdeu a esperança. E agora, quando o momento chega, será que andou na direção errada?

Easley joga a mochila no ombro e manca ao longo da praia — longe do abrigo, dos cobertores, dos lustrosos pedaços de carvão. Voltando do jeito que veio.

A chuva é leve, mas logo começa a escorrer pelo seu pescoço. A respiração é puro chiado rouco.

Algumas horas depois, não muito longe de onde Tatiana enterrou sua lata, Easley cai pela terceira vez. Aterrissa de cara no centeio marrom amassado. A dormência migrou dos pés para os joelhos. Acima, as coxas estão numa formigação quente. Vira-se de costas e fecha os olhos, tremendo com a umidade e o frio.

Sua mão não procura o pequeno retrato no bolso. É o rosto de Helen que aparece para ele agora, os cabelos caídos, o sol quente logo atrás. Mas, quando pisca, ela desaparece.

Que aves vão chegar primeiro para se vingar? Pousar em seu corpo, bicar os lábios e os olhos. Quando o corpo for encontrado, ninguém vai saber quem ele era ou o que aconteceu ali. Tudo estará perdido. Talvez pensem que ele é Karl.

São pensamentos de um covarde. Levante-se! O tempo passa.

— Helen? — ele chama o nome em voz alta.

Ela tem uma vantagem inicial; está mais adiante na praia, seguindo descalça pela areia quente. É preciso se levantar, correr atrás dela tão rápido quanto suas pernas conseguirem.

Mas o corpo não obedece. Ele só precisa de um breve descanso.

Levante-se! Abra os olhos!

De repente uma onda quente o domina, seguida de uma sensação de afundamento. O cabo se rompeu, o elevador está em queda livre. O mergulho é agitado, inevitável.

DEZOITO

HELEN ESTÁ SOTERRADA embaixo de três cobertores grossos, a lã áspera encostada no pescoço e nas bochechas. O cheiro é de mofo, poeira e do suor de homens que já deitaram lá antes. Olha fixamente para o teto, tentando ouvir a respiração de Gladys. Não consegue. Não há nenhum som humano para confortá-la, nenhuma risada ou murmúrio de conversa. Nenhum ruído de jipes passando. Apenas o vento. Olha para a escuridão e fica admirada ao constatar que a visão quase não muda, esteja ela com os olhos abertos ou fechados.

Após o cancelamento abrupto da apresentação final pela Marinha, Judith, Sarah e Jane foram trasladadas ontem à tarde nos três únicos assentos disponíveis. Stephen fez uma cena, inchando o peito e declarando que de modo algum iria deixar alguém sob seus cuidados longe de sua vista outra vez. As garotas não vão viajar nem ficar ali sem ele. Olhem ao redor, retrucaram os militares. O ritmo acelerado dos bombardeios, a chegada repentina de navios ao porto, o ritmo incessante da tripulação de terra. Algo mudou, não dá para esconder o fato. A guerra está fechando o cerco. Por conta disso e do destempero de Stephen, os membros restantes da trupe foram confinados em alojamentos pendentes de evacuação. Helen insistiu para conseguir autorização para ficar com Gladys e Stephen. Se as condições climáticas e o espaço permitirem, elas serão trasladadas amanhã.

Gladys se vira na cama de lona, invisível no escuro.

Antes da prisão domiciliar, Helen soube pelo clarinetista que um avião de Adak foi forçado a fazer um pouso bem-sucedido numa ilha desabitada. Isso aconteceu três meses antes de o avião de John levantar voo. A tripulação foi prontamente resgatada sem vidas perdidas. Helen considerou essa notícia um indício, um escudo racional para ajudar a proteger sua fé.

O dia todo ela se perguntou se John estaria em alguma ilha semelhante, sobrevivendo de recursos naturais com os membros da tripulação. Todos os aviões que saem dessa ilha são abastecidos com suprimentos e equipamento de sobrevivência. Foi informada de que John estava num hidroavião. Talvez tenham feito um pouso na água, perto da costa. Deixou o pensamento germinar e florir. E agora, às três da manhã, a imagem definha nas sombras famintas, no frio implacável e no pensamento de John chegando à conclusão de que ninguém estaria procurando por ele. Ela se senta na cama, empurrando os cobertores de lado.

Então é isso? Isso é tudo o que tem para mostrar em defesa de todas as tramas e mentiras, de ter deixado o pai sozinho?

John teria desejado que ela pegasse o avião do dia seguinte, fosse para casa e se afastasse em segurança de qualquer perigo iminente. Não há dúvida alguma sobre isso. Mas também não tem dúvida de que se *ela* estivesse desaparecida...

Helen volta a se deitar, puxa os cobertores e se refugia numa lembrança súbita. Um dia quente de agosto. Uma pequena tenda de lona armada na costa da Colúmbia Britânica. No céu, uma filigrana de nuvem. O azul plácido do mar.

Ela seguindo John pela vegetação rasteira, passando pelo abrigo de cedros e abetos até emergirem sob a intensa luz do sol. Armando um piquenique numa encosta ressecada, e ele abrindo uma garrafa de vinho. Antes que ele tivesse chance de servir, duas águias desceram do céu. Pousaram a menos de quinze metros de distância. Uma tentava dominar a outra — batiam as asas abertas, a postura sugerindo uma batalha iminente. A segunda ave cedeu afinal, e o companheiro logo a cobriu. Foi uma questão de segundos. As águias se separaram, mas voaram na mesma direção. John encheu as taças. Brindaram à exibição amorosa de aves que se acasalam para a vida toda. No caminho de volta para o acampamento, ele tirou a calça dela e a imobilizou contra uma árvore.

Duas horas mais tarde, Helen sacode o corpo para despertar. As tripulações aquecem os motores e carregam os aviões com bombas mais cedo a cada dia que passa. Esfrega o sono dos olhos e balança as pernas sobre a beira da cama.

O vento está de licença. Pela vidraça, é possível ver filetes de fumaça flutuando acima das barracas, passando entre grandes flocos de neve. Helen se agasalha bem perto da estufa, atíça as brasas, aguarda a chegada do calor. Da bolsa, tira uma lixa para polir as unhas, limando-as até a carne.

Gladys está deitada de costas na penumbra, as cobertas até o queixo. O rosto pálido, nenhuma maquiagem, e Helen acha que assim parece bem mais jovem do que seus vinte e oito anos. Para combater o frio, na falta de um gorro, ela usa um suéter branco sobre a cabeça e as orelhas, amarrado num grande arco sob o queixo. Parece meiga e ridícula.

Helen carrega dois dos cobertores da sua cama e os estende sobre Gladys, depois volta para a estufa.

É preciso encontrar um jeito de ficar. Se John puder ser encontrado, esses são os homens que vão encontrá-lo. Esse é o lugar para onde vão trazê-lo. Mas não vai ficar de braços cruzados — ela quer ser útil.

Helen está sozinha, vestida e à espera. A manhã já se esvai. Gladys está no aeródromo, posando para fotos e dando autógrafos, compensando a ausência de Helen.

Stephen aparece na porta, mordiscando o lábio inferior. Helen desenvolveu a capacidade de ler os pensamentos em seu rosto antes que ele tenha chance de dissimulá-los. Nisso não é tão diferente do pai ou dos irmãos, de John ou da maioria dos homens observados com atenção. Stephen passa quase meia hora ressaltando a improbabilidade do novo plano de Helen, a

certeza do destino de seu marido, as pazes que deve fazer com os fatos. Os problemas que *ele* vai enfrentar se ela não estiver no avião. Está determinado a fazer com que mude de ideia.

Helen olha para Stephen na contraluz do sol escasso, percebendo quanto vai sentir sua falta.

— Então é isso — ele conclui. — Você nem ao menos quer ir até o avião.

— Não posso.

— Bom. Não sei mais o que dizer.

Helen se levanta e joga os braços ao redor dele, sentindo algo no fundo da garganta. Foi uma amizade inesperada. Concedida instintivamente, sem reservas. Se tentasse proferir uma única palavra, tudo iria por água abaixo. Por isso apenas beija o rosto dele, passa os dedos por seus cabelos. Tem o prazer de vê-lo sorrir.

— Se eu não for agora — ele fala —, vou ficar emocionado, e todo mundo vai saber que tenho o coração mole. — Stephen se volta e desce no meio da lama. — Eu vou escrever e espero uma resposta.

Helen fica olhando enquanto ele anda pela estrada em direção ao campo de pouso, consciente de que está deixando algo raro e precioso. Fica ali observando até ele fazer a última curva — e finalmente desaparecer.

Quando Helen chega, lhe oferecem uma cadeira em frente ao segundo homem mais importante em Adak. Ela aperta a mão dele, senta e tenta compor seu argumento de abertura. O teto baixo da sala tem o efeito de uma perspectiva forçada, aumentando de maneira desproporcional a grandeza do contra-almirante Styles e de sua mesa de estanho. Mapas do tamanho de lençóis cobrem as paredes. Roosevelt sorri radiante numa moldura, com aquele olhar sincero de otimismo que a maioria dos homens julga tranquilizador, até mesmo puro. Helen tenta se encorajar com o olhar do presidente, enquanto o contra-almirante folheia um livro-caixa para a frente e para trás.

— Lamento ter interrompido a programação de vocês. Os homens estão muito gratos e *eu* me sinto muito grato pelo que fizeram aqui. Mas, como pode ver, as coisas estão inseguras. Deveríamos tê-los tirado daqui há dias. Agora, o que é que eu posso fazer por você?

— Estou aqui para oferecer meus serviços — declara Helen. — Quero ficar, ajudar no hospital. Por favor, me escute. Eu vi a carga de trabalho da equipe médica. Falei com a enfermeira chefe, a tenente Mayfield, e ela disse que haveria lugar para mim. Sei que posso...

Ele ergue a mão, os olhos arregalados e incrédulos.

— Perdão, senhorita...

— Não tenho formação de enfermeira, mas posso ajudar. Posso limpar, arrumar as camas. Posso ajudar na alimentação e na troca de curativos. — Ela percebe o próprio desespero, sem

conseguir parar. — Será que os médicos não podem aproveitar uma ajuda extra?

O contra-almirante tampa sua caneta-tinteiro e a põe de lado com cerimônia. Junta a ponta dos dedos e apoia os cotovelos na mesa. Helen vê uma contração em seu olho esquerdo.

— Agradeço por sua vontade de ajudar. Mas estamos na linha de frente e, como pode ver claramente, não estamos preparados para civis. Você será recebida de braços abertos em Anchorage ou Fairbanks.

Helen sente o rubor subindo à face, vê sua ansiedade alterar a expressão dele.

— Espere um minuto. — Ele olha para o relógio. — Você não deveria ter partido meia hora atrás?

Pega o telefone, mas Helen o interrompe com uma nova tática: dizer uma meia verdade.

— Vocês perderam um avião que voltava de Attu no dia 1º de abril.

Ele põe o fone no gancho.

— O hidroavião PBY Catalina desapareceu nesse dia, com sete homens a bordo. Meu marido estava nesse avião.

O contra-almirante se recosta na cadeira, reconsiderando o problema sentado à sua frente.

— Ele consta de sua lista como tenente Warren Easley, RCAF.

— Sra. Easley. — O tom é respeitoso, paciente.

— Assim como eu, o senhor não está usando nenhuma aliança de casamento, por isso não posso dizer se há alguém à sua espera em casa... Alguém que ama o suficiente para fazer coisas loucas ou improváveis.

— Não conheci o seu marido — ele explica. — Lamento muito por sua perda. Posso entender o seu desejo de ficar, mas simplesmente não é possível. Eu preciso...

— Houve outro pouso forçado em janeiro. Aqueles homens sobreviveram. E eu sei...

— Não foi *outro* pouso forçado, sra. Easley. Esse pouso foi em Great Sitkin, a ilha que se pode ver por essa janela, a quarenta quilômetros de distância. Menos que os setecentos quilômetros da cadeia de montanhas e sob a bandeira do Japão. O avião de seu marido foi visto caindo no mar, cerca de dezesseis quilômetros a leste de Attu. Se esses homens tivessem sobrevivido, pode ter certeza de que saberíamos. O inimigo gosta de alardear esse tipo de coisa. Um de seus operadores de rádio fala um inglês perfeito, com sotaque de Harvard. Ele zomba de nossos pilotos cada vez que se aproximam de Attu.

A sala não é mais fria do que qualquer outra na ilha, mas Helen precisa agarrar os braços da cadeira para não tremer.

O telefone toca, e o contra-almirante levanta o receptor, inclinando-se sobre a mesa.

— Entendi — diz. — Não. É só isso.

Desliga, levanta-se e ajeita o paletó. Tira o casaco do suporte e o coloca ao redor dos ombros, estendendo a mão para ela.

— Por favor, me deixe ficar.

— Sra. Easley.

— Por favor.

— Ficaria muito honrado se pegasse o meu braço. Venha comigo.

Helen não consegue se mover.

Ele pega o casaco de Helen e o abre, para ajudá-la a vesti-lo. Essa atitude delicada faz com que ela se recomponha e levante, começando a enfiar lentamente os braços nas mangas.

Styles ergue o cotovelo, e Helen apoia a mão na dobra de seu braço. Saem da sala juntos. Passam pelo secretário, que levanta os olhos atrás da mesa, atravessam a porta e saem na pista enlameada, ao lado de jipes que balançam e sacolejam, de homens animados com um novo senso de propósito. Ele conduz Helen para além do quartel e do hangar onde foi montado o espetáculo, até a extremidade do campo de aviação, onde os bombardeiros que voltam sobrevoam a pista. Os dois se aproximam do avião onde Stephen fuma seu cachimbo, conversando com os membros da tripulação. Dois homens sobem na aeronave, enquanto outros dois retiram os blocos que estão debaixo das rodas. O contra-almirante Styles acena com a cabeça e aperta a mão de Stephen. Grita alguma coisa acima do ruído geral. Helen não consegue entender as palavras. Sente um leve toque de mão em suas costas quando o homem se vira e vai embora.

DEZENOVE

O PRIMEIRO FOCO DE SUA ATENÇÃO é o cano de um fuzil. Apontado para baixo, para o peito de Easley, por alguém que parece gigantesco. O pescoço grosso, o tamanho e a compleição de um zagueirão, os olhos de um azul nórdico. O soldado cutuca Easley com a ponta da bota. Parece assustado, sem saber o que fazer. Easley esfrega os olhos, pisca com a luz, tentando ter uma noção do tempo em que ficou inconsciente. Uma hora, talvez duas? Sua atenção é atraída para além dos joelhos do gigante, uma visão inacreditável: homens correndo pela grama, transportando caixas e armamentos. Eles gritam, apontam e olham em todas as direções. Um tiro ecoa em algum lugar nas montanhas.

— Fala inglês? — O soldado segura o rifle erguido, cotovelos abertos, num estado de prontidão.

Easley aquiesce.

— Para onde eles foram?

— Os japas?

O soldado olha por cima do ombro.

— Estou com um prisioneiro aqui! — grita para os homens lá atrás. Depois, reconsiderando, pergunta: — Você é prisioneiro?

Easley não sabe.

O número de homens que vêm correndo agora é grande demais para ser contado.

Os pares de pernas verdes que o circundam logo bloqueiam a vista da terra. Easley se senta e ergue as mãos devagar. O soldado abaixa um pouco a arma e diz, para ninguém em particular:

— Que diabos eu faço com isso?

Tiros crepitam na praia. Os homens se agacham e mantêm o capacete no lugar. Quando os disparos cessam, alguns correm para longe. Finalmente alguém diz:

— Reviste-o.

— Está ferido? — o soldado pergunta. — Você parece bem mal.

Easley considera a própria aparência: a barba imunda, o cabelo nojento, a magreza de braços e pernas.

— Meus pés — diz. — Estão bem ruins.

O soldado olha para os pés enfaixados e encharcados de lama, depois volta a olhar por cima do ombro, como se quisesse estar bem longe dali. Por fim fala:

— Vamos fazer o seguinte.

Um paramédico de aparência insegura empurra o zagueirão de lado. Encharcado até as

axilas, deve ter acabado de chegar da praia. Parece tão assustado e confuso quanto os outros. Final da adolescência, rosto rechonchudo e infantil, bochechas coradas. Pede aos outros que prossigam, o que eles fazem, e saca sua maleta de médico. Abre um pacote novo de gaze sem dar muita atenção aos ferimentos. Quando percebe que está sendo precipitado, resolve olhar para os pés de Easley — e cai para trás sobre o traseiro.

— O que está fazendo aqui? O que aconteceu com você?

— É melhor começar pelos meus pés.

O paramédico desenrola a atadura de lã, mas logo se debruça numa ânsia de vômito. Regurgita algumas vezes, mas nada de mais. O almoço deve ter ficado no convés do navio. Limpa a boca e olha em volta, para garantir que ninguém mais viu.

— Desculpe. Acho que estou muito abalado.

— Por que não relaxa por um minuto ou dois? — sugere Easley.

O paramédico o ignora e logo pega sua maleta.

— Você consegue andar?

— Acho que sim.

— Está doendo?

— Não consigo sentir nada.

— É melhor não andar. Eu levo você.

O paramédico joga a sacola por cima do ombro e fica ao lado de Easley. Não parece forte o bastante para aquilo.

— Coloque os braços em volta do meu pescoço.

Easley faz o que ele pede, e o paramédico o ergue nos braços. Cheira como se estivesse banhado em combustível. A facilidade com que é transportado faz Easley imaginar quanto de si mesmo ficou para trás.

Em toda parte os soldados correm e se agacham, instalam equipamentos sobre o centeio esponjoso. Um grupo tenta desatolar um trator. O veículo subiu desde a praia, mas afundou sob o próprio peso no lamaçal. Alguns homens vasculham os morros com binóculos e rifles, outros correm por entre as colinas com pistola em punho, como policiais incompetentes num filme de gângster. A maioria usa casacos finos e botas de couro — vieram despreparados para o clima. Centenas passam depressa gritando, apontando, tropeçando à medida que o nevoeiro baixa sobre o porto. O paramédico para e grita para outro homem, que se aproxima correndo. Cada um apoia um dos ombros de Easley, e os dois se dão as mãos livres para formar um assento. Easley circula como a realeza sobre a terra.

Andam ao longo da praia, perto da gruta de Easley. Barcos desengonçados encalham na praia, baixam as pontes de desembarque na areia. Homens jorram para fora como sangue de uma ferida recente. Uma vez em terra, eles se agacham com as mãos viradas para fora, como lutadores prontos para a ação. Easley luta para ficar acordado.

O paramédico rechonchudo e seu companheiro acomodam Easley em meio a um agrupamento de macas e caixas que formam o início de um hospital de campanha, depois são prontamente mandados embora. Um choque percorre o corpo de Easley quando se lembra da lata de chá e dos tesouros que contém. Acabou ficando para trás quando ele caiu.

— A minha mochila. — Easley quase rola, lutando para se levantar. — Preciso ir buscar minha mochila.

— Deite-se, amigo. — O paramédico sênior parece ser espanhol ou turco, um tipo mediterrâneo. A barba não pode ter mais de dois dias, mas já está bem crescida. Parece estar no comando.

— Eu preciso da minha mochila.

— Você vai se deitar. — O paramédico se debruça sobre uma maca na qual outro homem estrebucha de dor. Easley conclui que ele é grego.

— É tudo o que eu tenho.

O grego chama outro homem para ajudar, depois enxuga as mãos nas coxas. Levanta-se e vai até Easley.

— Quem é você, afinal?

— John Easley.

— Posto?

Chega de fazer o papel do irmão.

— Nenhum.

— Prisioneiro de guerra?

— Não.

— Eles fizeram isso com você?

Ele se ajoelha, pega o braço magro de Easley, puxa a camisa e corre os dedos pelas costelas, examinando a pele macilenta.

— Minha nossa senhora! Como é que você ainda está vivo? Quando foi a última vez que comeu?

— Minha mochila. Lá tem todas as minhas coisas. Coisas que não me pertencem. Por favor. Não está longe.

— Deite-se.

O grego faz um travesseiro com um saco de pano grosso e o põe sob a cabeça de Easley. Examina seus pés e recua com nojo.

Em seguida, alcança uma caixa de papelão e pega uma seringa e um frasco. Extrai o fluido com a agulha e dá uma batida leve na seringa. Desabotoa a calça de Easley e o vira de lado. Um pouco de álcool frio molha seu quadril e a área onde antes havia uma bunda. O grego esfrega o local com algodão, descarta-o, repete o procedimento várias vezes. Finalmente enfia a agulha. Ergue novamente a calça de Easley e diz:

— Durma um pouco. Vai ter comida aqui mais à noite. Logo vamos chegar nessas pernas.

O tiroteio no sopé das montanhas chama a atenção de todos por um momento.

— Não há nada de errado com minhas pernas — retruca Easley. — Meus pés é que estão um pouco dormentes.

— Claro.

— Prometa que vai buscar minha mochila.

— Durma.

— Tem dinheiro lá. Pode ficar com todo o dinheiro. Por favor... *Por favor.*

O grego joga um cobertor sobre Easley e se afasta. Todos se agitam e gritam. Não parece haver nenhum plano ou diretriz. Na maca ao lado, um homem recita um rosário. A chuva começa a cair, e mesmo assim Easley se sente incrivelmente quente.

Quando volta a si, há uma tenda acima e um major do Exército olhando fixamente para seu rosto. O major parece exausto e impaciente. O grego segura o braço de Easley e mede seu pulso. As pálpebras de Easley baixam outra vez, mas o major sacode seu ombro.

— Onde eles estão?

O homem se refere aos japoneses. Easley se esforça para ver através da névoa que envolve sua mente. Estavam aqui, mas não estão mais. Lembra-se das figuras subindo as montanhas em fila.

— Não sei.

— Você os viu indo embora?

— Não. Mas eles devem ter percebido... que vocês estavam chegando. Vi alguns deles subindo pela neve... Estavam todos... vestidos de branco.

— Há quanto tempo está aqui?

— Desde o dia... 1º.

— De maio?

— De abril. O Dia da Mentira.

O major troca olhares com o grego.

— O que você disse a eles?

— Eu não falei com eles. Estava escondido numa gruta... — Easley olha para os pés, mas não consegue sentir nada abaixo dos joelhos. É como se os pés fossem de outro homem. — Eu matei um deles — declara, contente com a chance de dizer a verdade. — Então resolvi me entregar, mas eles já tinham ido embora.

Easley consegue ver a parte da frente da tenda. Está anoitecendo, e não há mais cores na luz. O tiroteio é constante e parece estar vindo das montanhas, porém ele não tem certeza. O major parece suspeito, ávido por mais informações. Easley começaria desde o início, contaria a

ele cada detalhe, se conseguisse encontrar as palavras.

Os lábios do major se mexem, contudo Easley não consegue entender o que diz. É como se estivesse falando debaixo d'água. O major tira o capacete, coça o couro cabeludo, cobre a cabeça outra vez. Enquanto fala com o grego, Easley observa o queixo deles mexendo para cima e para baixo, até não conseguir ver mais nada.

Quando Easley desperta novamente, um movimento brusco chama sua atenção. Um homem levanta uma caixa de madeira vazia, raspando o teto da tenda ao fazê-lo. Carrega a caixa entre as fileiras de macas, coloca-a na lama ao lado de Easley. Parece usar meias nas mãos, no lugar de luvas. A seguir vai até o fogão, retorna com uma tigela fumegante e senta-se na caixa. Puxa a meia da mão direita com os dentes da frente e a deixa sobre o joelho. Com a mão livre, pega uma colherada de mingau.

Pelo menos uma noite se passou, disso Easley pode ter certeza. A dor está agora centrada e profunda entre os olhos. A luz aumenta a dor, virar a cabeça, também. O homem pega o mingau com a colher, leva-o até a boca de Easley e espera.

— São os meus pés — insiste Easley. — Não há nada de errado com o resto do meu corpo.

A mão de Easley emerge dos cobertores e pega a colher. É uma luta para sentar. O homem vê o esforço de Easley e leva a colher à própria boca. Faz isso mais uma vez, põe a tigela no chão e ajeita um cobertor por trás dos ombros de Easley. Insatisfeito com o resultado, o homem encontra outro cobertor para dar maior apoio. Serve-se de mais um bocado de mingau, até Easley estender a mão e pegar a tigela.

— Você é um cara de sorte. — Lábios rachados, cabelos castanhos e barba por fazer. O sombreado cinza embaixo dos olhos o faz parecer um drogado. — Os feridos ganham rações especiais. Você está classificado como ferido. — Envolva novamente a mão com a meia.

Easley toma um pouco de mingau. Aveia quente, açúcar, sal, maravilha.

Embora a dor de cabeça não diminua com a ingestão de alimentos, Easley sabe que é importante comer até o fim. É o que pode fazer para ficar ereto.

Uma granada explode ao longe. É o primeiro sinal de guerra que Easley ouviu durante toda a manhã — se na verdade ainda for de manhã. Ele se vira na direção da explosão, mas a parede de lona limita a visão a poucos metros.

O novo companheiro de Easley nem estremece, não parecendo ouvir coisa alguma.

— Há quanto tempo você está aqui? — Pega a tigela vazia, enche um copo da água de um cantil e o passa a Easley.

— Mês e meio, me disseram.

— E você não foi capturado.

Easley abana a cabeça.

— Você não é militar...

— Jornalista, mais ou menos. — Exausto, Easley volta a deitar.

— É mesmo? Bom, eu tenho uma história para você. — O homem arrasta a caixa para mais perto da cabeça de Easley. — Diz pra eles que a Sétima Divisão de Infantaria, treinada em combate no deserto no norte da África, foi enviada de navio para o outro lado do mundo. Diz pra eles que nos deram umas roupas de merda que não mantêm a gente quente nem seco. Diz pra eles que não mandaram comida suficiente e que ninguém parece saber o que está fazendo. Mas acho que ninguém vai querer ler sobre isso.

A quatro macas de distância, o grego ergue os olhos enquanto enfaixa a cabeça de outro homem.

— Ninguém prometeu que você ia sair de férias. Poupe-nos de suas queixas.

O homem fica de pé num salto. Pega o cantil e sai andando no meio de uma dúzia de macas, para fora da tenda em direção à luz.

Só então Easley vê um pedaço da sua mochila aparecendo sob a maca. Sente uma onda de euforia, seguida de uma queda brusca quando se dá conta de ter esquecido Tatiana. Rodeado novamente por outras pessoas, não consegue mais sentir sua presença.

Easley fecha os olhos ao fluxo das conversas ao redor, ao ritmo de botas passando do lado de fora, a percussão do fogo de artilharia nas montanhas. Cai num sono profundo e sem sonhos.

Até a terra firme o engana. Easley está deitado, mas ainda assim levita longe do chão. É uma luta para abrir os olhos. Quando consegue, vê a papada invertida do mesmo paramédico gordinho que o encontrou e levou a um local seguro. As costas e os ombros do grego são visíveis a seus pés. No meio, Easley oscila na maca. Está mais uma vez do lado de fora.

O nevoeiro denso cai sobre seu rosto. Ele é transportado para outro lugar, mas não sabe qual. Seu estômago parece estar cheio, porém a lembrança do mingau parece ser de dias atrás. Outro truque da mente? Desde seu resgate, Easley se sente afundando continuamente enquanto o corpo enfraquece. O paramédico faz um sinal com o queixo, e os dois depositam a maca de Easley no chão, afastando-se rapidamente em seguida.

É surpreendido pela correria de botas de couro endurecidas de lama. Os homens estão ocupados armando barracas por perto. À direita, vê um homem com o pescoço enfaixado e sangue seco preto nas orelhas. Abre e fecha a boca como se estivesse tentando falar. Easley se senta, mas o afluxo de sangue quase o põe abaixo. Equilibra-se sobre a armação da maca. Por toda a volta, as montanhas fervilham de homens de capacete.

O grego retorna com um médico, um homem calvo com um olhar de soslaio expressando que não aguenta mais reclamações. O grego fala em voz baixa e o médico concorda, assentindo

com a cabeça.

Dois soldados trazem outra maca correndo. Deixam a maca na lama e acenam para o grego. Três homens se debruçam sobre a maca enquanto o médico continua de pé, olhando na direção oposta, para a relva, a praia, para o mar.

— Eu já falei pra não me trazerem cadáveres. — O grego se levanta. — Eu já disse isso a vocês. Registrem o nome deles.

Easley fecha os olhos. Quando volta a abri-los, o médico e o grego pairam sobre ele.

— Esse é o cara. — O grego puxa os cobertores e mostra os pés enfaixados de Easley. Pega uma tesoura do bolso e corta o curativo do pé direito. — Já se passaram três dias. É melhor alguém fazer alguma coisa logo. Até agora ele foi ignorado.

O médico olha para o peito de Easley, tomando o cuidado para não olhá-lo de frente. Pega a tesoura do grego e cutuca a carne pútrida.

— Está sentindo isso?

— Em volta da canela. Uma coceira.

Easley vê o médico cutucar a carne roxa outra vez. É como se fosse o corpo de outra pessoa.

— Limpe-o. Ele vai ser o terceiro a ser atendido, depois dos homens alistados — diz o médico por cima do ombro, já a caminho da próxima decisão.

O homem que deu o mingau a Easley passa com outra maca, que é colocada ao lado das outras. Tira uma das meias da mão e toma o pulso do homem ferido.

O grego fala perto do rosto de Easley:

— Isso não pode esperar... Você não tem placa de identificação nem documentos, não é? Vamos precisar de um parente próximo.

Easley abana a cabeça.

— John Easley. Civil. Escritor.

— Isso mesmo. Estou me lembrando.

— Minha esposa está em Seattle — continua, imaginando Helen atendendo o telefone ao receber a chamada.

O grego mexe nos bolsos, mas não encontra o que procura.

— Easley, John. Seattle. Vou tentar me lembrar disso. Turner virá preparar você. — Depois acrescenta: — Você vai voltar pra casa antes do que imagina.

O grego se afasta.

Turner se aproxima e tira o cigarro da boca com gestos suaves e pausados, ao contrário dos movimentos bruscos típicos dos outros soldados. Parece bem barbeado e revigorado. Até mesmo descansado. Talvez tenha acabado de chegar. Ainda assim, quando se inclina sobre

Easley, o cheiro forte do suor nervoso é sufocante. Antes de Turner conseguir anestesiá-lo, Easley pede notícias do progresso contra os japoneses.

— Progresso? — Turner parece surpreso que Easley consiga falar. — Eles estão em superioridade, mas ainda estamos aqui. A Marinha diz que pode impedir a entrada dos navios inimigos, mas quem sabe? E há milhares de soldados em Kiska. Nossos soldados estão enfrentando a lama há mais de uma semana. Estão com enregelamento nos pés por causa da umidade e da exposição, e não há comida para todos. Pergunte de novo daqui a uma semana.

Deixa o cigarro entre os lábios e corta a calça de Easley, removendo-a e jogando-a na lama.

— Um sujeito jogou uma granada na lagoa — conta. — Você não imagina a quantidade de peixes que eles pegaram. Agora estão cozinhando. Eu diria que foi a melhor coisa que aconteceu até agora.

Easley sente que está sorrindo.

Turner pega um pano branco limpo e enxuga os pés de Easley. O pano volta marrom, do sangue coagulado.

Easley se deita e olha para uma nuvem homogênea. Um novo par de mãos sai do nada e lhe cobre boca e nariz com um pano úmido. Easley agarra um dos pulsos, mas solta logo. Os flutuadores passam por seu campo de visão como plânctons num frasco. Logo tudo se perde na luz.

Easley acorda com bile subindo do estômago, mas não há nada para expelir. Vira de lado na maca e olha para a lama, sentindo-se mal. Só nesse momento percebe que voltou para dentro. Uma tenda maior dessa vez. A princípio é como se ninguém o notasse, até que vê o grego com as mãos no quadril, em pé ao lado de outra maca, olhando diretamente em sua direção. O estômago de Easley sossega, e ele deita de costas novamente.

De repente é tomado por uma onda de alívio. Tudo é novo — os cobertores, a camisa limpa. Estende a mão para baixo e descobre que não está vestindo nenhuma outra roupa. Até a cueca fétida se foi.

O homem na maca ao lado observa a avaliação de Easley, o inventário, esperando até ele terminar.

— Você vai ganhar a medalha Coração Púrpura — diz.

Easley olha para um garoto ainda na adolescência. Uma camada de acne colore seu queixo e a divisória entre o nariz e a bochecha. Está de casaco e capacete debaixo do cobertor, mas ainda assim treme de frio.

— Eu não sou soldado — responde Easley.

Ele se apresenta como Garret, soldado raso.

— Eles vão tirar o meu pé amanhã.

Easley levanta a cabeça e olha para suas próprias pernas. Onde deveria haver duas extremidades pontudas no final da maca, há apenas uma. Seu joelho esquerdo termina numa extensão plana de lã cinza. A mente rejeita o que está vendo.

Essa nova tenda foi armada num local diferente, e o declive de terra parece mais acentuado. Easley desenha um mapa mental do hospital de campanha, do local em que os japoneses estão escondidos nas montanhas e onde poderia estar a frente de batalha. Imagina as ondas de homens subindo à praia sem nenhuma esperança de cobertura. Por mais numerosos que sejam, ainda serão necessários muitos barcos mais.

— Hoje em dia eles fazem pernas postiças muito boas — continua Garret. — Você pode andar por aí na maior elegância. Claro que não dá pra usar bermuda. De qualquer forma, eu tenho as pernas tortas.

Uma contínua salva de tiros irrompe nas colinas. É desorientador não poder ver as montanhas nem a praia. Easley gostaria de dar uma olhada lá fora.

— Eu acertei um deles na boca. Ele estava gritando em inglês. O filho da puta ficou berrando pra nós durante uma hora: “Malditos cães norte-americanos, nós vamos massacrar vocês!”. Deve ter dito isso umas cem vezes. Parecia que era a única coisa que sabia falar em inglês. Eu fiquei esperando. Um companheiro lançou uma granada, e todos eles correram como ratos. Ficaram expostos. E ainda assim ele continuou gritando essa merda. Aí eu atirei. Não apontei para a boca, mas agora quando penso nele dá vontade de rir. Ele não morreu. Levou a mão na boca e tentou fugir. Alguém acertou o peito dele. Posso dizer que dei o passe pra fazerem o gol.

Easley está faminto. Será que a comida é servida em horas determinadas ou é preciso pedir? Todo mundo parece ocupado demais para se incomodar.

— Eu não tirei minhas botas por oito dias seguidos. Nem uma vez. Quando eles chegaram distribuindo meias e dizendo pra secar os pés, eu já estava com problemas. Espero não perder os dois pés.

Easley faz um rápido exame na barba loira e rala, espalhada entre as espinhas.

— Quer dizer que você está aqui há oito dias?

— Nove.

Alguém começa a chorar no outro lado da tenda, três macas abaixo. Easley vê as mãos do homem subirem para cobrir o rosto. Ele está com vergonha. Os soluços são incontrolláveis, tornando desnecessário dizer alguma coisa.

Ninguém se dá ao trabalho de explicar o que está acontecendo. E não é por Easley ser um civil. Ninguém explica nada a ninguém, até onde ele saiba. A conclusão é de que ninguém tem uma visão do conjunto, nem dos detalhes.

Caixas e equipamentos médicos são levados para fora primeiro. Easley ergue o corpo

sobre os cotovelos enquanto os homens esvaziam a tenda em meio a rajadas de metralhadora e franco-atiradores esporádicos. Os soldados de mãos vazias dão encontrões nos que estão carregados enquanto correm para retirar todas as coisas. Há homens demais para o trabalho. Por que não organizam uma corrente e passam a carga de um homem a outro?

Um soldado entra vestindo botas de borracha apropriadas, um sobretudo grosso à altura do joelho e um chapéu de pele — tudo japonês. Easley não precisa perguntar por que ele está usando roupas do inimigo. Só quer saber quando e onde as conseguiu.

— Eles fizeram uma pequena trincheira na passagem entre as montanhas. Acertaram quatro de nós antes de serem pegos. Achei um bolinho de arroz do bolso dois dias atrás... — O soldado remexe o bolso, como se pudesse haver comida que não viu na primeira vez. — Pegajoso. Com gosto de peixe. A única coisa que tive pra comer o dia todo. Pega uma caneca de metal e vai embora.

Logo depois Easley é levado para o campo aberto e colocado junto às outras macas.

Só agora o soldado Garret sai do nevoeiro do éter, começando a lamentar a parte de si mesmo que ficou para trás.

Easley desvia o olhar da ponta sul da própria maca, onde o cirurgião expôs a patela, cortou entre o fêmur e a tíbia e jogou fora a perna e o pé destruídos. O grego explicou que eles *esperam* ter cortado todo o tecido gangrenado, que logo ia tomar conta do resto do corpo. No espaço abandonado o cérebro continua pregando peças, dizendo que ele ainda sente uma coceira no arco do pé e na ponta dos dedos. Mas pé e perna se foram. Por certo não é o que acontece quando o corpo todo morre — essa persistente memória da dor.

Easley está grato por não ter mais de pensar nessas coisas sozinho.

Garret dá um suspiro fundo e esfrega o rosto. Logo depois se abre, cheio de conversa.

Alguns sujeitos estão dizendo que fomos enganados, declara. O ataque a Dutch Harbor? A ocupação de Attu e Kiska? Só para desviar a atenção de Midway. O plano do inimigo para dispersar as forças norte-americanas no Pacífico não funcionou. Os japoneses foram derrotados em Midway, mas isso foi há onze meses. A única razão pela qual ainda estão aqui é para aumentar a milhagem da propaganda quando voltarem. Vão incluir isso em seus mapas do Grande Japão. Muita gente, incluindo ele, não vai acreditar nessa conversa e tem certeza de que a invasão aliada do Japão partirá das ilhas Aleutas — se eles não nos invadirem primeiro. Agora que viu o lugar por si mesmo e presenciou a determinação do inimigo, ele sente isso nos ossos. Estamos muito perto, diz. A um pulo do Japão. Não é uma manobra diversionista. A guerra será vencida ou perdida aqui mesmo. É a chave de tudo.

Tira um frasco de debaixo do cobertor e derrama o conteúdo na lama. Bate o frasco duas vezes na armação da maca, antes de passá-lo a Easley. O garoto tem alguma razão. Pode ser a última chance para ter um futuro previsível. Easley se vira de lado, posiciona o frasco e se alivia de um modo desajeitado.

Finalmente, informação. O grego anuncia que serão transferidos mais uma vez. Os porquês e os destinos, no entanto, ele deixa de lado. Deve haver alguma estratégia em posicionar os feridos perto da praia, talvez para uma evacuação há muito aguardada. Seja qual for a razão, duas dezenas de macas terão de ser carregadas encosta abaixo e, depois, por um penhasco.

A respiração de Easley faz pequenas nuvens na garoa fina enquanto dois soldados o carregam. O fogo de franco-atiradores parece mais frequente, as rajadas de metralhadora mais próximas que antes. Seu coração bate ao reconhecer o grau de exposição deles e o próprio desamparo. Cada batida do coração desencadeia uma onda de dor no cérebro.

O homem à frente de sua maca não fala nem olha para Easley. Seu rosto está sombrio de medo. Mais velho que a maioria — uns trinta anos, talvez —, está com o nariz escorrendo. Easley vê que luta contra o muco escorrendo pelo lábio superior, deseja que pare a maca para assoar o nariz. Mas ele continua tentando limpar no ombro, mantendo a carga em movimento. Isso resulta em todos os tipos de contorções. De repente, três estrondos mais fortes fazem todos se abaixarem mais e se moverem mais rápido. Easley estica o punho da manga direita de modo que fique pendendo como um pano, posicionando-o perto do nariz do soldado. No início o homem parece assustado, como se Easley tivesse enlouquecido.

— Está tudo bem — diz Easley. — Pode assoar.

O carregador se inclina em direção à manga de Easley e assoa o nariz como uma criança hesitante. Na segunda tentativa, Easley segura o nariz dele, e o homem assoa com satisfação. Poucos passos depois, em meio aos inúmeros estouros e explosões, o homem solta um gemido, tropeça e cai. A cabeça e os ombros de Easley descem com ele. Os trilhos de madeira aram a lama, até que o outro homem que leva a maca derruba sua carga e também cai no chão.

Os disparos dos franco-atiradores continuam durante o que parece uma eternidade. Easley não pode fazer nada, a não ser olhar para o céu pingando e esperar que tudo desabe. Alguns homens, de bruços no chão, põem as armas no ombro e devolvem fogo. Quando o ataque amaina e os homens se levantam, o portador da maca com o nariz escorrendo não consegue se erguer. Easley se esforça para olhar em volta, mas vê apenas as costas de outro homem, checando os sinais vitais dele.

— Deus meu! — exclama o homem. Mais três chegam, e a maca de Easley se põe a caminho mais uma vez, apressando-se em direção ao penhasco.

Um soldado se ajoelha e enrola uma corda apertada em volta do corpo e da maca de Easley, fixando-o no lugar, prendendo tudo, menos seus braços. Easley está ali, amarrado e esperando, enquanto as outras macas desaparecem para cima e para baixo.

Quando Easley chega à beira do penhasco, outra corda é rapidamente presa na frente da maca. Há uma rápida expansão cinza de céu, depois a vista do alto da praia rochosa. Easley é baixado em movimentos curtos, bruscos, de forma controlada, um escorregador de quatro andares. Tudo o que pode fazer é apoiar-se e esperar. Abaixo, dois pares de mãos se estendem e

dirigem a parte inferior da maca em direção à praia. Quando se encontra no chão novamente, Easley está ofegante, embora não tenha feito nenhum esforço.

As macas são alinhadas lado a lado. Os feridos ficam à espera, ouvindo os altos e baixos da batalha e as ondas escalando a praia. Easley se permite imaginar a caldeira sufocante do navio que vai levá-lo para casa, a vista da ilha desaparecendo para sempre na cerração, os braços abertos de Helen. Então vem a ordem de levar todos de volta para cima, do jeito que desceram.

A viagem de regresso leva o dobro de tempo e esforço. O único consolo é que o tiroteio parece diminuir. Quando Easley está um pouco acima da metade do percurso, uma rajada de vento vira sua maca, fazendo-o ralar a palma das mãos e as bochechas no penhasco irregular.

No momento em que todos os homens e equipamentos estão de volta no topo do cume, os morteiros trovejam através das montanhas. Os japoneses recuaram ainda mais para as nuvens, enquanto os norte-americanos abaixo se esforçam para decifrar o que isso significa.

É tomada a decisão de levar os feridos de volta ao lugar original, que deve ser montado mais uma vez. Para surpresa de Easley, ninguém reclama do esforço desperdiçado, e, quando a tenda acaba de ser armada exatamente no mesmo local e as macas estão seguras no interior sob a cruz vermelha, o grego volta ao trabalho calmamente, ministrando ordens e morfina como se nunca tivessem saído de lá.

VINTE

EM SUA DESCIDA pelo teto de nuvens, não são as fileiras amontoadas de barcos de pescas, casas bem-arrumadas, ruas organizadas ou outros sinais de civilização que chamam a atenção de Helen no mundo que surge abaixo — é a profusão de árvores. Descendo a vertente das montanhas até a costa, elas são a prova viva de que ela encontrou o caminho de volta aos limites daquele mundo seguro e familiar, um mundo que não inclui John.

Agora Helen é a única mulher a bordo. Veio de avião de Adak com Gladys e Stephen, mas, como seu destino final é Seattle, mudou para outro voo na partida de Dutch Harbor. Stephen ergueu os braços admitindo sua impotência para manter o resto da trupe intacta. No fim, tirou o chapéu e fez uma vênia teatral quando o avião em que ela estava acelerou e entrou nas nuvens numa curva.

O avião circula duas vezes acima do campo de pouso da cidade de Sitka. Quando as cúpulas em forma de cebola de uma igreja ortodoxa aparecem, Helen lembra-se de ter lido em algum lugar que essa já foi a capital da América Russa, antes de a colônia ser vendida aos Estados Unidos e ganhar o novo nome de Alasca. Recorda a cruz russa no peitoril da janela de Ilya e o quarto de hospital de Jesse em Seattle. Eles mencionaram que sua gente foi levada de Atka até lá para esperar a guerra num campo próximo.

Finalmente o avião aterrissa, mais de dois mil e setecentos quilômetros a leste de Adak. Aqui, a tripulação vai descansar uma noite enquanto o avião é revisado e reabastecido. Quando Helen desce, um simpático jovem marinheiro avança e estende a mão, oferecendo ajuda. Orelhas de abano, sorriso ingênuo — não parece ter idade para estar de uniforme. Separa Helen da tripulação com delicadeza e explica que seus aposentos estão prontos e à sua espera.

— Mas ainda é cedo — ele observa. — Eu posso levar a senhora até a cidade pra dar uma olhada, se quiser. Fazer um passeio, sabe?

Helen está avoada, sem palavras, incerta da hora do dia. Faz um momento de pausa para considerar a pergunta, depois diz que parece uma ideia maravilhosa. O sorriso dele diminui, porém, quando ela pede para ser levada diretamente para a igreja.

Na catedral de São Miguel Arcanjo, Helen não vê bancos nem genuflexórios. Já esteve no interior de uma única igreja protestante, mas nunca entrou numa catedral russa. Incerta sobre como proceder, fica no fundo da nave e abaixa a cabeça. Não está sozinha. Não há uma missa em preparação, nenhum padre em evidência, mas umas seis pessoas estão rezando isoladamente. Mulheres de meia-idade com lenços cobrindo a cabeça e os dedos entrelaçados olham para cima de vez em quando, para os painéis de pinturas sacras e os portões do altar à frente.

Helen aproveita a oportunidade para agradecer ao Senhor pela proteção em sua jornada e pela libertação de John — seja qual for a provação que esteja passando. Reza pelo pai e pelos irmãos. Reza pelo final da guerra. De repente considera acrescentar novas orações à sua lista, uma pelo descanso da alma do marido e pelo perdão de sua falta de fé. Mas não consegue articular as palavras. Por isso reza pedindo força para aceitar a vontade Dele, pelo que possa acontecer.

Duas mulheres e uma garota ainda nova fazem o sinal da cruz, viram-se e passam por Helen no caminho para a porta. Ela observa suas expressões nativas: serão índias? Aleútes?

Não importa quanto o impulso possa parecer ridículo, ela se pergunta: *Será que viram John?* Talvez tenham respondido perguntas sobre a aldeia, a história, o modo de vida, ou o tenham visto tirando fotos de pássaros para seu trabalho para a *National Geographic*. John estaria bem atento, assimilando tudo, a cultura do povo, estudando a paisagem, a flora e a fauna, usando o bloco de notas que guarda no bolso de trás para anotar impressões, expressões, registrando detalhes que de alguma forma se encaixassem no tema de sua reportagem, uma reportagem que contribuiria para ajudar outras pessoas a entenderem mais sobre esse lugar. Dizer por que essas ilhas valem a nossa atenção e nos dar um vislumbre de sua assustadora beleza. Será que elas o viram, falaram com ele, apertaram a mão dele? Helen segue as três até a luz do dia.

As mulheres se reúnem nos degraus em roupas desalinhadas, conversando em silêncio. Quando Helen se aproxima, elas se afastam.

— Olá — diz Helen. — Desculpe o incômodo, mas estou indo embora das Aleutas e pensei que poderia ter a oportunidade...

Uma das mulheres dá meia-volta e se afasta com a garota, como se Helen pudesse ser contagiosa ou portadora de más notícias. A mulher que permaneceu, talvez de uns cinquenta anos, evita olhar nos olhos de Helen, mas anui respeitosamente.

— De onde?

— Eu fui até Adak.

A expressão dela se anima um pouco.

— Nós somos de Adak, da ilha do leste.

Agora essa súbita sensação de ligação — de proximidade — é tão familiar que ela a explora por reflexo.

— Eu parei aqui para rezar pelo meu marido — explica Helen. — O avião dele desapareceu perto de Attu.

A mulher olha nos olhos de Helen.

— Os japas prenderam todo mundo em Attu. O que fizeram com eles, ninguém sabe.

— E quase ninguém sabe que eles estão desaparecidos...

— Eu rezo por eles todos os dias.

Helen joga sua carta mais alta.

— Ilya Hopikoff e o filho, Jesse. Você os conhece? Nós nos conhecemos em Seattle. Ele já voltaram ao quartel?

— A mulher de Ilya é minha prima — diz a mulher, surpresa, reconsiderando Helen. — Eles ainda estão fora, até onde eu sei.

— Espero que voltem logo pra você.

— Eles estão melhor onde estão. — A mulher faz uma afirmação indiscutível. — Estamos na velha fábrica de conservas. Somos oitenta e três. Todos são de Atka. Eles nos jogaram lá pelo tempo que isso durar. Nós só viemos para ver o médico e o padre.

— Meu marido esteve na sua ilha. Será que por acaso você encontrou algum repórter na primavera? Um homem alto... — Helen mostra a altura com a mão. — ... magro, cabelo castanho, trinta e oito anos... bonitão.

A mulher abana a cabeça.

— Apareceram alguns forasteiros na nossa comunidade — ela explica. — Eles ficavam perguntando se tínhamos visto algum navio ou submarinos estranhos. Estávamos todos atentos aos japoneses.

Helen aquiesce.

— Sinto muito pelo seu marido. Que Deus acolha a alma dele.

Helen não consegue responder.

A mulher se despede, encaminha-se para onde estão as outras, esperando a uma distância segura na rua.

Helen volta andando pela cidade. Lojas, jardins, uma escola primária — visões cândidas e coloridas que não conseguem manter sua atenção. Mas, quando a base aérea aparece à sua frente de novo, ela se pergunta qual será o seu avião, de que marca e modelo poderia ser. O pai dela vai querer um relatório de todos os aviões em que voou, assim como o tipo de bomba que transportam. Vai abanar a cabeça quando ela admitir que se esqueceu de anotar sobre os equipamentos de rádio mais modernos.

Diz a si mesma que o som de passos se aproximando rapidamente não é motivo para preocupação, mas a lembrança do rosto do aviador Perera retorna. Enrijece a coluna, resiste à vontade de olhar para trás.

Um jovem chega correndo e para ao seu lado, ofegante e curvado, mãos nos joelhos. Cabelo preto e denso e uma compleição simpática. Ergue a cabeça para revelar malaras escuros e altos, olhos amendoados. Não mais que dezenove ou vinte anos. Limpa a boca, apresenta-se

como o filho da mulher com quem Helen conversou há pouco na igreja.

Quer saber o que ela viu em Attu, se encontrou alguém, se alguém conseguiu fugir. Os militares têm algum plano para ir lá e salvar todo mundo?

— Já ouviu falar sobre o que os japas fizeram com os civis na China? Num lugar chamado Nanquim? — As palavras saem espremidas da garganta. — O que eles fizeram com velhos e mulheres?

Helen percebe e sente a aflição dele, fisicamente. A aflição que também é dela. Alguém mais à deriva perguntando sobre Attu, alguém mais tecendo infinitas hipóteses.

— Os japoneses ainda estão entrincheirados — responde Helen. — Em Kiska também. Sendo bombardeados todos os dias. Mas nossos meninos estão fazendo alguma coisa. De um jeito ou de outro, a guerra vai se alastrar... e não deve demorar.

Ele não tem nada das hesitações da mãe. Conta a Helen que o pai era um clérigo leigo servindo em Atka e Attu. Desde que consegue lembrar, costumava acompanhá-lo nas viagens entre as ilhas, ajudando com o barco e os deveres da igreja. Em Attu, conheceu uma garota e se apaixonou. Ela disse que se casaria com ele.

— Aí a rádio de Attu ficou em silêncio. Isso foi no dia 7 de junho do ano passado. Alguns dias depois, todos nós fomos mandados pra cá de navio. Não tivemos mais notícias de Attu até você aparecer fazendo perguntas.

Mas Helen não sabia de nada. Se ao menos pudesse oferecer o que buscava para si mesma, alguma nova razão para ter esperança, algum novo caminho para ele seguir...

— Eu gostaria muito de ter algumas respostas pra você.

— O pai dela estava construindo um barco pra nós. Mas ele está ficando velho. E ela não tem irmãos. Eu deveria estar lá para protegê-la. Eu *tinha* de estar lá... — insiste, espetando o dedo no meio do peito.

Não olha para o outro lado, nem disfarça sua agonia. Fala tão alto que perde a voz. Helen tenta abraçá-lo, mas o corpo dele é um nó apertado, que não responde nem a afasta.

Afinal ele dá um passo para o lado e enxuga o rosto. Enfia a mão no bolso, tira uma nota de dois dólares e faz um sinal em direção à estrada.

— Você pode ir até aquela loja e me comprar uma garrafinha de conhaque? Eles não vendem pra mim.

Helen não hesita. Pega o dinheiro e se encaminha para a loja.

No fundo do prédio, longe de olhares curiosos, ela desarrolha a garrafa e dá um gole antes de entregá-la. Ele leva a garrafa aos lábios e fecha os olhos.

O jovem marinheiro que levou Helen de carro até a igreja estaciona na frente da janela de seus aposentos vazios. São quase oito da manhã. Salta do jipe e corre até a porta com uma espécie de

energia sem limites. Dá bom-dia, pergunta se ela chegou a tempo para o desjejum. Pega a mala e a acomoda na traseira do veículo antes de abrir a porta para ela. Helen sobe, sentindo que envelheceu dez anos nos últimos poucos meses, sem ter adquirido a sabedoria devida. O jovem corre para a frente do jipe e senta-se atrás do volante.

— Isso é pra senhora — diz, tirando uma folha de papel dobrada de uma presilha no painel. — Chegou ontem à noite.

Helen desdobra um bilhete escrito a mão que é produto de diversos autores. Primeiro, a mensagem saiu da Califórnia com um piloto indo para o norte da ilha Kodiak. De lá, foi ditada a um operador de rádio aqui em Sitka.

Querida Helen,

Este telegrama chegou para você no escritório quase duas semanas atrás. Eles tentaram nos entregar, mas por alguma razão se perdeu em Fairbanks. Sinto muito por essa notícia e espero que as coisas melhorem. Me diga como vão as coisas quando voltar para casa.

Com carinho,

Stephen

E depois, em letras maiúsculas:

HELEN EASLEY, A/C USO PACÍFICO
PAPAI NÃO ESTÁ BEM. ONDE VOCÊ ESTÁ?
SANTA BRÍGIDA LIGOU PARA NÓS.
VOLTE ASSIM QUE PUDER.

FRANK CONNELLY

Em sua ansiedade característica, seu irmão mais velho não se deu ao trabalho de informar os detalhes. Então Helen tem de fazer isso sozinha.

NÃO ESTÁ BEM... Será que o pai teve outro derrame, mais grave? Será que as coisas pioraram desde que o bilhete foi escrito? Será que o dia do enterro chegou e passou enquanto ela dormia em algum lugar ou estava no palco cantando um de seus números? Ela abandonou o pai quando ele mais precisava de companhia. Agora, até onde sabe, ela não só é viúva como também órfã.

O jipe passa pelo hangar e para sob a sombra da asa do avião. Quando a tripulação se aproxima, Helen pede desculpas, pula do jipe e passa por todos para entrar no hangar, onde encontra uma mesa e um telefone. Pede à telefonista que faça uma ligação a cobrar para a casa do pai. Quando ninguém responde, Helen pede que ligue para o irmão Frank, em Jersey City, onde são cinco da manhã. Tenta duas vezes. Quando a segunda tentativa não obtém resposta,

tenta a paróquia de Santa Brígida — onde parece que ninguém atende o telefone fora do horário comercial.

Helen é condenada a mais um estágio no limbo até seu avião aterrissar em Seattle. Tudo o que pode fazer é reler e analisar as palavras do irmão, fazer planos e traçar contingências, tentar compreender o que aconteceu e o que aquilo pode significar.

Se estivesse aqui com ela agora, John pegaria sua mão e lhe diria para não preencher o vazio com temores. Seja realista, diria, mas não se precipite em conclusões catastróficas. Lembre-se de quanto seu irmão pode ser sôfrego e do fato de não ter havido outros telegramas. Os fatos da vida já são difíceis de confrontar todos os dias sem se deixar levar pela imaginação — sem deixar que as preocupações drenem a nossa vida de verdade.

Helen deixa o bilhete de lado e fecha os olhos, saboreando a lembrança do marido.

VINTE E UM

A MANHÃ É TÃO RECENTE que mal pode ser diferenciada da noite. Um lampião a óleo pende da estaca, bruxuleante num pavio curto demais. Easley abre os olhos a uma sensação sonhada há muito tempo. A estufa no meio da tenda irradia calor, o ar lá dentro é de verão. Levanta a cabeça para ver se os outros sentem o mesmo, mas quase todo mundo está no ciclo mais profundo de sono. Sente-se seco e aquecido, e a pele do rosto parece luzir de contentamento por isso.

É o calor, ele tem certeza, que resulta em outra sensação que parece ser de outra vida: uma ereção tão plena e cheia que quase dói. Easley olha para o cobertor e vê o vulto pairando sobre o ventre. Dói em sincronia com sua pulsação. Não consegue se lembrar de uma ereção tão forte, ao menos desde que chegou àquele lugar ermo. Vira-se de lado para protegê-la.

A prometida evacuação dos homens feridos foi adiada mais uma vez. Easley não acredita em mais nada que ouve dos oficiais. Só bota fé no que dizem os soldados alistados. Eles afirmam que deve haver mais de dois mil japoneses concentrados nas montanhas acima da aldeia. Os norte-americanos desembarcaram mais de doze mil homens, com centenas de mortos ou desaparecidos e mais de dois mil feridos ou machucados. A invasão, que deveria ter levado setenta e duas horas, já se prolonga em sua segunda semana. Apesar da determinação dos japoneses e dos constantes disparos de franco-atiradores do alto das colinas, metade das baixas norte-americanas é resultante de exposição aos elementos. Centenas de homens estão perdendo os pés, outros tombam com hipotermia.

As posições agora estão bem definidas: o inimigo mantém o terreno elevado, e os norte-americanos ocupam as terras baixas e a praia. Estarão os japoneses esperando algum iminente resgate por ar ou por mar? Se e quando essa força chegar, os norte-americanos no solo estarão cercados — e expostos.

Embora os feridos estejam sendo alimentados regularmente, a comida nunca é suficiente para os soldados. O equipamento que trouxeram não é apropriado para o clima e o terreno. Tudo parece remendado. Dizem os boatos que o oficial comandante da operação está sendo transferido. Os homens conjecturam em voz alta se essa mudança chegará a tempo. Quando descobrem que Easley é jornalista, logo soltam a língua, como se a cooperação pudesse de algum modo reduzir suas sentenças atuais.

Um rosto conhecido entra na barraca. Faz um aceno com a cabeça para o grego, que ergue os olhos dos frascos que está contando perto da estufa. O homem tira o capacete, depois retira as meias das mãos. Coça a cabeça, examina a fileira de macas à sua esquerda — até encontrar o olhar de Easley. Pisca os olhos, encaixa o capacete no alto da cabeça e põe uma chaleira com

água para ferver no fogão. Um tossido emana de um leito perto da porta. O homem pega um cobertor de lã, anda até lá e o desdobra sobre o paciente.

Quando a água começa a ferver, despeja um pouco no capacete e senta-se num engradado. Tira uma gilete e uma barra de sabão do bolso. Ensaboia o pescoço e as bochechas e começa a se barbear. Ergue o espelhinho dos joelhos e considera o resultado. Encontra o olhar de Easley no reflexo da imagem.

— Dói?

Easley concorda com a cabeça.

O homem passa a lâmina na água, começando pelo côncavo das bochechas.

— Você ainda está com febre. A gente precisa ficar atento a esse tipo de infecção. Pode haver complicações mais adiante.

— E se houver? Vamos cortar até o quadril?

O homem olha para Easley, depois volta à sua tarefa.

— Do jeito que as coisas estão, a gente te dá um tiro e acaba com esse sofrimento.

Rajadas de vento estremecem e pressionam as paredes da barraca.

Com um grande esforço, Easley consegue se erguer sobre os cotovelos. Seu corpo parece ter enfraquecido de tanto ficar deitado.

— Alguma novidade?

— Mais do mesmo. Os japas estão morrendo de fome mais depressa que nós. O bloqueio está segurando... por enquanto. — Antes de barbear acima do lábio, ele aperta o nariz como um mergulhador. O homem chega até a prender a respiração. Ao exalar, ele diz: — Ou eles não conseguem encarar que estão encurralados ou sabem de alguma coisa que nós não sabemos.

Esfrega o rosto com as duas mãos. Satisfeito, abre o casaco e puxa a frente da camisa para enxugar as bochechas.

— Você devia aproveitar pra dormir enquanto pode. É provável que as coisas fiquem agitadas por aqui, de um jeito ou de outro.

— Eu já dormi demais.

O homem pega a caixa de medicamentos e vai até Easley. Puxa as cobertas e inspeciona as ataduras e a amputação, depois o pé que restou, onde a pele descasca com a diminuição do inchaço. Puxa um engradado, limpa o ferimento úmido de Easley e desenrola novas ataduras brancas. Quando termina, recosta-se, franzindo o cenho e observando o rosto de Easley.

Em seguida fuça em suas coisas e pega uma tesoura.

— Estou ficando cansado de olhar pra sua cara. Chegou a hora de tirar esse disfarce. Quer que eu faça isso ou você faz sozinho?

Easley pega a tesoura e separa um chumaço de barba. Corta com esforço, jogando os pelos de lado. Faz mais dois cortes, mas os braços se cansam, e ele se deita outra vez.

O soldado pega a tesoura e começa a aparar a barba de Easley. Quando os pelos ficam

curtos, pega mais água quente, esfrega sabão na palma das mãos e espalha no rosto de Easley, que fecha os olhos, embarcando no calor da água quente e no toque.

Warren insistiu que se barbeassem “adequadamente” no dia do casamento do irmão. Easley teve vontade de sair correndo assim que se sentou naquela cadeira de barbeiro. Expôs a garganta para um velho suarento, com mau hálito e uma navalha na mão. Jurou nunca mais passar por aquela experiência. Alguns meses depois Easley estava numa grande banheira de espuma, enrolado no lindo corpo de Helen. Suave, liso e ensaboado. Deita, ela diz. Relaxa, que eu vou cortar essas costeletas. E Easley diz que não. Os equívocos com que a gente tem de viver e lamentar. Coisas que ficam no topo da lista de coisas não feitas... Depois ela sai da banheira e vai para a cama. É o tempo certo do mês, explica. O tempo passa. Easley consegue se levantar na perna que resta, equilibrando-se, incapaz de concluir o movimento.

— Companheiro!

Easley acorda sobressaltado.

— Você está xingando enquanto dorme!

Easley fecha os olhos mais uma vez.

— Posso perguntar uma coisa? Pode parecer uma bobagem, dado o estado em que estamos.

— Não vai me dizer que você também quer cortar o cabelo.

— Como vou cumprimentar minha mulher, se um dia chegar a reencontrá-la? Não vou nem conseguir ficar de pé quando ela entrar na sala. Gostaria que me dissesse que eu posso aprender a me levantar e a andar de novo com uma boa perna postiça e uma bengala. Diga que com o tempo eu vou conseguir andar melhor. Diga que um dia vou poder abandonar a bengala, segurar a mão dela, andar pela rua como um homem normal.

— Claro. Você também é rico e bonito.

Do outro lado da cortina, a tosse começa de novo.

— Já que estamos em termos tão íntimos — diz Easley —, acho que eu devia saber o seu nome.

— Cohen.

De repente, o mundo lá fora explode com gritos agudos e maníacos se aproximando da barraca. Cohen se vira, olha para cima e sai correndo para a porta. O ataque desorientador desce de todas as direções. Vezes sem conta eles gritam *banzai*! O coração de Easley vai além do estado de vigília, passa pela escolha entre lutar ou fugir, até perceber que essas respostas físicas não são mais uma escolha para ele. Seu único ponto de referência fixo é o grego, que agora assoma ao seu lado como um pilar.

A gritaria aumenta, e antes de Easley conseguir levantar a cabeça para tentar ver alguma coisa a cortina da barraca é aberta, e o inimigo invade. A voz do homem na frente soa quase mais amedrontadora para ele mesmo do que para sua plateia. Seus companheiros entram atrás dele. O grego ergue o braço para se proteger quando uma longa lâmina voa na direção de seu

peito. Easley inclina a maca numa patética tentativa de fuga. A baioneta ataca, ataca outra vez. O grego recua, tropeça na maca e cai, prendendo Easley no chão.

O inimigo se espalha pela tenda, indo de cama em cama, chacinando homens feridos com espadas e baionetas. Escudado pelo corpo do grego, Easley consegue ver pelo menos três pares de pernas japonesas movendo-se pela barraca. O sangue flui quente em cima, empapando a camisa de Easley no ombro e nas costas. A mão direita do grego pende na frente do rosto de Easley — a vida reduzida a pequenos e espasmódicos tremores no polegar e no indicador. O lampião se apaga, e tudo fica escuro. Gritos e imprecações em inglês se misturam com brados de *banzai!* até a barraca estar tomada por um coro de gritos assassinos. Easley fecha os olhos e assume seu lugar entre os mortos.

Os atacantes correm para fora, mas um deles volta de repente para verificar se o trabalho foi concluído, gritando e chutando tudo no caminho. Uma bota roça a cabeça do grego. Easley prende a respiração quando o disparo de fuzis enche seus ouvidos.

Ele continua preso embaixo de sua camuflagem, enquanto o ataque feroz aumenta e diminui. Além do aglomerado de barracas, os sons do que parece um ataque organizado se desintegram em confusão. Poucos minutos depois, uma granada explode a distância. Respondida por fogo de fuzis e metralhadoras. Depois os sons da batalha se afastam.

A quietude dentro da barraca é rompida por um suspiro aflito. Em vão, Easley apura os ouvidos em busca de uma prova de que não está sozinho.

Depois de quase uma hora homens invisíveis se aproximam, ofegantes, sussurrando freneticamente em japonês. Uma nova onda de pânico o envolve, junto com a compreensão de que esse deve ser o fim. Mas logo o inimigo se afasta.

O estrondo de um canhão de 37 milímetros é seguido por um pipocar de granadas e rajadas de disparos de fuzil ao longe. Uma tosse abafada perto da entrada da barraca é seguida pelo ronco do estômago de Easley.

Vozes abafadas falando inglês se misturam no vento com gritos distantes e ininteligíveis. Na tenda, Easley ouve a tosse de novo, mais alta e mais definida. Levanta a cabeça devagar para olhar. Afinal um soldado coberto de ataduras e sem camisa joga as cobertas, fica de pé e sai cambaleando na luz fraca da manhã.

Easley se espanta com a variedade de reações àquela cena horrorosa. Soluços profundos, incontroláveis. Rejeição fria. Raiva silenciosa e abrasadora. De onde está, no fundo da barraca, Easley pode ver vários homens espiando lá fora. Um faz o sinal da cruz, outro vomita uma torrente de obscenidades.

Quando os cadáveres começam a ser empilhados na neblina, um homem grita:

— Glória ao Senhor! — Um sobrevivente foi encontrado perto da entrada da barraca. É levantado e transportado. Easley agora pede ajuda; timidamente, no início, depois com

determinação. Um par de botas se aproxima enquanto Easley luta para afastar o grego.

— Eu estou vivo. — É só o que pensa em dizer.

Um soldado adolescente examina o corpo do grego, engasga, retira a mão coberta de sangue. Agacha e olha para o rosto do grego, estupefato, perplexo.

A camisa ensanguentada de Easley é retirada pela cabeça. É examinado com ansiedade para ver se há ferimentos. Não encontrando nada de novo, o soldado tira-o do chão e o leva dali, passando por latas de lixo reviradas, cobertores retorcidos, braços e pernas. Lá fora, Easley pisca contra a luz. O rosto barbeado comicha no frio e os homens olham de queixo caído, como se ele tivesse ressuscitado dos mortos.

Easley é acomodado numa maca vazia, ao lado de outros companheiros feridos. Fica sabendo que não só uma, mas duas barracas hospitalares foram atacadas, barracas claramente marcadas com a cruz vermelha. A matança foi parte de um ataque suicida para capturar grandes morteiros para usar contra os norte-americanos. Quase funcionou. Apanhados no escuro e na neblina, desorientados pelos gritos e pelo alvoroço, alguns homens fugiram, outros resistiram, envolvidos num desesperado confronto corpo a corpo. Os japoneses se reagruparam, mas granadas explodiam crateras na sua linha de frente. O ataque afinal parou a passos de seu objetivo. Entretanto, na encosta do vale, ainda se podia ouvir a batalha se movimentando.

Ao lado da maca de Easley, homens se amontoam de braços cruzados, murmurando em tom baixo e reverente. Um deles se vira e olha para ele com olhos vítreos, tira uma meia da mão, e o rosto pálido se contorce num sorriso. Cohen se abaixa e segura as bochechas de Easley, verificando a qualidade de seu trabalho. Passa a mão na altura da boca e termina com um estalar de dedos.

Cohen se levanta, olha por cima dos ombros, na direção na barraca eviscerada, atento aos disparos de fuzil a poucas centenas de metros em meio à neblina. A expressão desaba ao sentir novamente o choque da situação.

— Onde está o repórter? Eu quero aquele maldito repórter. — Um sargento marcha com o fuzil a postos no peito, de prontidão, como se o inimigo estivesse à espreita entre os feridos. Rosto enegrecido de fumaça, distorcido de ânsia por vingança. Alguém aponta para Easley. — Traz ele aqui. Quero que veja isso. Veja com que tipo de inimigo estamos lutando.

Dois homens recebem ordens de levantar Easley e seguir o sargento e meia dúzia de soldados pelo terreno encharcado e esburacado. Andam tanto que os homens são obrigados a se revezar com a maca. Todo o tempo Easley luta contra a dor latejando sua cabeça e na perna amputada. Treme de frio. Esforça-se para assimilar todos os detalhes da cena ao redor.

No alto de uma escarpa, os homens descansam a carga e ajudam Easley a sentar. Todos olham para as pilhas de cadáveres espalhadas nos campos da última colheita de centeio. Duas pernas desincorporadas ainda presas pelo quadril. Um braço, amputado no ombro, a mão ainda

fechada em punho. Homens mortos chanfrados, emaranhados, divididos em dois por granadas de mão apertadas ao peito. Homens mortos às centenas. Todos japoneses.

— É *assim* que eles lutam. — O sargento aponta a cena macabra. — Primeiro eles matam os próprios feridos, antes de virem atrás dos nossos. Matam os homens indefesos, depois se explodem aos pedacinhos. Esse é o valor que eles dão à vida humana. Até mesmo à vida deles. Onde está a honra nisso?

Easley não tem resposta.

— Dá uma boa e longa olhada. Escreve sobre como esses merdas são loucos. E nós estamos em solo norte-americano. Espera só pra ver como vão ficar malucos quando invadirmos o Japão.

Parece que faz muito tempo desde que Easley voltou a essas ilhas para testemunhar e relatar. A vangloriosa convicção do escritor de achar que, de algum modo, pode entender o mundo ao captar os eventos, comunicar o que viu em palavras numa página. Easley nunca contou com a possibilidade de que esse lugar e esses eventos reescreveriam sua vida de maneira tão drástica.

Os soldados se espalham entre os mortos, cutucando cadáveres intactos com a ponta dos coturnos para ver se estão mortos.

— Contem os mortos! — grita o sargento. — Disponham os corpos numa certa ordem.

Ele e Easley ficam olhando enquanto os homens começam a cumprir a odiosa tarefa.

— Escuta o que eu digo — diz o sargento. — Essa guerra não vai acabar nunca.

VINTE E DOIS

HELEN FECHA A PORTA da frente com delicadeza e se encaminha para a cozinha. Encosta-se na pia, reunindo forças, olhando para além das panelas e dos caldeirões de molho, vendo a macieira pela janela aberta. As frutas ainda estão muito pequenas. Apesar do benéfico sol dessa semana, ainda vai demorar uns dois meses até aumentarem de tamanho, adocicarem e avermelharem com o calor.

— Quem era? — O pai de Helen está na sala de estar, gritando acima do volume do rádio.

— Só um minuto.

Volta a se erguer, enfia as mãos na água e recomeça a lavar a louça. Precisa de um momento para se recompor, pensar. A imagem de Ilya Hopikoff na porta, chapéu na mão, ainda faz seus joelhos bambearem.

Já faz treze dias desde a Batalha de Attu. Helen leu os relatos de ataques anfíbios e da morte de 549 norte-americanos e 2.351 japoneses. Um punhado de correspondentes de guerra credenciados foi levado para cobrir a batalha. Ela foi atrás dos autores dos poucos artigos publicados que leu, perguntando se tinham encontrado algum prisioneiro com os japoneses ou sobreviventes de um avião desaparecido, se tinham conhecido um tenente Warren Easley, da RCAF. Ninguém tinha a menor ideia. Para manter o foco, ela mantém uma lista de pessoas com quem entrar em contato, pistas para seguir, coisas a fazer. Isso lhe permite sentir que faz algum progresso, como se ainda fosse possível. Ouviu que ainda poderia haver baixas em Fort Lewis, perto de Tacoma, e está reunindo coragem para ir até lá pesquisar. Milhares de soldados que combateram em Attu já foram redirecionados para lutar em outros lugares — Itália, Pacífico Sul... Foram forçados a se mudar com a guerra. Desde que voltou das Aleutas, Helen diz a si mesma que também precisa aprender a viver o presente, superar suas falhas, mesmo enquanto continua sua busca. Apreendeu a racionar a esperança, assim com outras necessidades da vida. Mas então alguém bateu à porta.

Ilya Hopikoff estava sozinho hoje, pois o filho Jesse ainda tem alguns dias de aula. Em comparação à sua aparência cinzenta de dois meses atrás, hoje ele pareceu descansado, revigorado. Ficou a alguns passos de distância da porta, declinando seu convite para entrar. Jesse se restabelecia rapidamente da pneumonia, mas seus sintomas eram mais persistentes. Os médicos descobriram que tinha tuberculose, mas não era mais contagiosa e se recuperava bem. Mandou Jesse ficar com a família da Igreja Ortodoxa e o matriculou na terceira série. Assim, todo aquele tempo não seria perdido. Jesse está se dando bem na companhia de outros garotos da sua idade, e Ilya finalmente voltou a encontrar o filho duas semanas atrás.

Quando Helen explicou que havia encontrado o primo de sua falecida esposa em Sitka,

Ilya olhou para o chão, mexendo o chapéu nas mãos. Disse que ele e Jesse não voltariam enquanto as pessoas de Atka continuassem confinadas na fábrica de conservas. Seria melhor para os dois continuarem em segurança e sendo bem tratados aqui e só voltar para as Aleutas quando a guerra acabasse e todos os forasteiros tivessem partido.

Então ele chegou ao assunto que o havia trazido ali.

Na semana passada ele conheceu um soldado no hospital que tinha lutado na Batalha de Attu. O homem não sabia nada dos aleútes desaparecidos, mas tinha lembranças vívidas do que foi preciso para expulsar os japoneses do local. Também mencionou ter ouvido falar de um avião que caiu na ilha antes da invasão, que sobreviveu comendo mariscos e aves. Em abril nas Aleutas? Sozinho naquele território? De início ele descartou os rumores, porém depois se lembrou da visita de Helen, encontrou o cartão dela e simplesmente não pôde deixar de vir.

— Não quero levantar esperanças desnecessariamente, mas fiquei pensando se já tinha ouvido essa história — falou. — Fiquei imaginando se não seria o seu homem.

Joe fala da sala de estar:

— Eu perguntei quem está aí na porta!

— Eu já disse que vou estar aí em um minuto!

Ultimamente Joe tem se mostrado impaciente. Seu entusiasmo inicial com a viagem iminente agora é temperado com relutância e apreensão — de sair da casa onde criou os filhos e cuidou da mulher, de deixar a filha para trás. O trem parte no sábado.

Quatro semanas depois de Helen ter partido para o Alasca, um casal de andorinhas fez um ninho no meio dos tubos do órgão de Santa Brígida. Joe queria retirar o ninho antes que os pássaros pusessem os ovos, fechar a passagem que permitia que entrassem e saíssem à vontade. Mas os pássaros voltaram para reivindicar o espaço e assustaram Joe em cima da escada. Joe caiu, torceu seu pulso bom e sofreu uma concussão. O padre não conseguiu localizar Helen, por isso mandou um telegrama urgente para os filhos. Para surpresa de Helen, Joe se deixou convencer — agora por causa do urgente pedido de ajuda de Frank com o próspero negócio da família. Ele e Patrick poderiam usar o velho em vários prédios, ele explicou. Surpreendentemente, Joe concordou em viver sob o mesmo teto que o filho mais velho. Mas se recusou a ir enquanto Helen não estivesse de volta e em segurança.

Helen sabe que Joe vai prestar muita atenção enquanto ela conta os detalhes da conversa com Ilya Hopikoff, em busca de indícios de que ela esteja se deixando levar mais uma vez por sonhos impossíveis. Helen já pode ouvir suas objeções: *Pode ser algum outro homem que estava no mesmo avião desaparecido, um homem de um sem-número de aviões, um aleúte de pele clara que escapou dos japoneses.* Todos aqueles comentários parecem razoáveis, maduros. Então por que ela não consegue parar de sorrir?

VINTE E TRÊS

EASLEY ESTÁ SOZINHO OUTRA VEZ, embora haja outros por perto. Como quando vivia como uma sombra na caverna, Easley está livre para vagar, no entanto continua preso — agora por suas limitações físicas e pela lei. Depois de várias idas e vindas entre o leito de hospital e a cela da prisão, passou as duas últimas noites num depósito de suprimentos no hospital de Fort Richardson, a poucos quilômetros de Anchorage. Imagina que vá continuar preso até segunda ordem.

Já disseram que não sabem mais o que fazer com ele, mas ainda assim esse quarto parece ter sido projetado como uma zombaria. Uma máquina de escrever sem fita abandonada em cima de uma mesa pesada, a menos de três metros de seu catre. Ainda não se sentiu atraído a tocar nela. Continua proibido de entrar em contato com qualquer um fora do prédio: editores, agências de notícias, advogados ou amigos. Está sob ordens estritas de não escrever sobre Attu nem sobre a campanha nas Aleutas, até que seu caso seja “resolvido”. Quando chegou ali, era incapaz de fazer mais do que erguer a cabeça do travesseiro. Ainda assim, continuam preocupados que ele tente escrever uma reportagem, comprometendo de alguma forma o relato oficial da Batalha de Attu.

Easley vê pela janela o céu azul sobre as bétulas e os pinheiros escuros, vivos e vibrantes sob o sol do Norte brilhando resplandecente. Pega a camisa e a calça, começa a se vestir. As roupas civis foram dadas por um jovem oficial de Bellingham, uma cidade a meio caminho entre Vancouver e Seattle, entre o lar de sua infância e a vida que construiu com Helen. Joga a perna pelo lado do catre, puxa a cadeira de rodas em posição. Prepara-se para a partida.

Suplicou a oficiais, médicos, enfermeiras e guardas que deixassem mandar um recado a Helen, ao menos para informar que estava vivo. Helen contaria à mãe de Easley que ela ainda tinha um filho. O fato de não poder aliviar a preocupação das duas o atormentava, principalmente à noite, quando o duradouro crepúsculo do Norte não o deixava dormir. Tudo no devido tempo, diziam. Mas o devido tempo se prolongou em doze dias antes de ele saber que logo iria ser libertado. Agora dizem que ele estará em casa amanhã à tarde. Finalmente vai poder implorar para usar um telefone, ouvir a voz dela ecoar e fugir a quilômetros de distância, mas ele se controla. Em apenas mais um dia — menos de vinte e quatro horas — poderá entregar sua mensagem em pessoa. Vai ver a alegria de Helen refletida nos olhos, corresponder ao seu abraço.

Na primeira vez em que o levaram para o continente, Easley foi interrogado longamente. Admitiu por livre vontade ter-se feito passar por um oficial, invadido instalações militares dos Estados Unidos, desobedecido aos termos de sua expulsão prévia do território, de ter sido um

estorvo. O livro que Karl roubou do acampamento japonês — o livro com o tributo de Easley rabiscado entre as linhas — foi apreendido e escrutinado. Acabou-se revelando poesia clássica. Easley não teve pressa, contou tudo o que sabia. Eles abanavam a cabeça, sem conseguir acreditar. Qualquer informação que conseguisse fornecer sobre a ocupação japonesa era bem-vinda, e isso rendeu alguns pontos. Mas ele duvida que pudesse ter fornecido qualquer coisa útil para o inevitável ataque a Kiska, onde a maior parte das forças inimigas continua à espera.

Há mais de uma semana ele não vê seus interrogadores. Talvez tenham sido transferidos. Hoje de manhã o guarda armado foi substituído por um ordenança, um fumante inveterado que puxa conversa com quem passar por perto. No caso do refugiado John Easley, o Exército norte-americano parece ter perdido o interesse.

Os médicos, no entanto, estão prestando cada vez maior atenção. Agora está claro que o que restou de sua perna não se recupera muito bem. A infecção voltou, a ponta do fêmur parece insistir em romper a superfície da pele. Isso vai exigir mais cirurgias, um procedimento e uma convalescença que seriam mais bem conduzidos no continente, sob cuidados de médicos civis. O médico já providenciou sua transferência, porém ninguém parece saber o que isso representa para o seu *status*, nem para as acusações que serão feitas contra ele. Ninguém disse que Easley não vai mais ouvir falar sobre o assunto. Ele conclui que é melhor não chamar atenção.

É surpreendente descobrir quanto pode ser feito com três pontos de contato. O pé que resta no chão, duas mãos no corrimão do catre, empurrar para subir. Girar, agarrar os braços da cadeira de rodas, reverter o movimento, massagear até parar de latejar. Easley pega no bolso da camisa os comprimidos que o médico mandou tomar no voo para casa. Joga-os na garganta e os engole.

Durante os últimos dias ele começou a ficar em pé no urinol, apoiar-se na pia para fazer a barba, até tomar banho de pé. Faz força para ficar diante do espelho, vê os olhos fundos, as faces encovadas e o membro amputado. O médico não quer nem ouvir falar em colocar uma prótese até a infecção estar sob controle, depois da próxima operação, quando o toco estiver totalmente curado. Mesmo assim, essas vitórias simples o fazem deixar de se lamentar em pensamento e avaliar as possibilidades.

Mantendo sua palavra, Easley não escreveu sobre os eventos que o trouxeram ali. Não foi difícil manter a promessa. Ele não tem força, nem vontade, nem clareza de pensamento para sumarizar os eventos, para ter coragem de escrever sobre a solidão da guerra. Esse empreendimento vai demandar algum tempo. Tempo para pesar tudo o que viu e aguentou em comparação à sua nova vida futura. Tempo para assentar e curar, interpretar e formalizar, tentar descobrir algum significado para tudo isso. Easley não lida com essas coisas. Na maior parte do tempo, pensa em Helen.

Easley se propôs o objetivo de compensar parte desse tempo perdido escrevendo a ela todos os dias, descrevendo seus progressos, seu purgatório, seus sonhos com o futuro. As cartas

são acumuladas numa pilha crescente. Escreve todas as coisas que sentiu mas pareceu incapaz de dizer em sua vida anterior, na vida antes da guerra. Começa pedindo desculpas por tê-la deixado sozinha e dar tão pouco em troca. Depois percebeu que não estava descrevendo os graus de subtração causados pela separação que provocou, e sim elaborando uma lista compilada de pequenos e inumeráveis prazeres negligenciados da vida em comum, que agora parecem maiores do que tudo.

Porém, em vista do que vivenciou na remota Attu — a onipresente urgência da autopreservação, um inimigo propenso à autodestruição —, é difícil descartar a impressão de que essa guerra ainda pode se revelar como uma maldição a ser passada para a próxima geração. Uma nova Guerra dos Cem Anos. Se de alguma forma viver o suficiente para ver seu fim, ele vai fazer as coisas de maneira diferente. Ele e Helen vão comprar um modesto pedaço de terra e aprender a cuidar, plantar e desenvolver os próprios legumes. Se não tiverem filhos, vão criar cães e coelhos, galinhas e abelhas. Talvez ele comece um pequeno jornal local ou tente lecionar. Nenhum dos dois voltará a dormir sozinho.

Alguém bate à porta. O ordenança veio para acompanhar o amputado até a pista de pouso, garantindo que seja acomodado e afivelado na posição. A decisão sobre se o paciente deveria viajar deitado ou sentado — um tópico de algumas discussões entre o hangar e o hospital — ainda não foi revelada. Se puder viajar sentado, Easley vai passar o tempo compondo uma nova carta para Helen, uma carta descrevendo sua tão esperada emancipação. A carta vai completar a pilha.

Manda o homem entrar, dá a bagagem a ele, contudo declina a oferta de ajuda com a cadeira. Prefere passar pela porta e voltar à vida com as forças que ainda lhe restam.

VINTE E QUATRO

A JULGAR PELA APARÊNCIA, seria de desconfiar que Tom Sorenson passou a guerra jogando tênis. Estamos apenas na segunda semana de junho, e ele já está em forma e bronzado. Na verdade, o ex-colega de Easley acabou de voltar da Sicília, onde viveu sua parte de violência enquanto escrevia dezenas de reportagens. Mas também jogou de acordo com as regras. Easley não pode acusá-lo de nada. Sorenson aperta a embreagem, pisa no acelerador e passa um grande braço lustroso por cima do outro para virar o volante. Easley nunca teve um automóvel, nunca se considerou um motorista e, agora, percebe que não tem mais essa opção. Essa última perda, recém-percebida, terá de encontrar seu lugar na fila.

O avião de Easley pousou pouco depois do meio-dia, e ele foi levado direto ao hospital para uma avaliação. Não conseguiram disfarçar a reação ao verem o que já foi o seu joelho. Apesar de estar longe de qualquer frente de batalha, Easley esperava que a equipe médica tivesse desenvolvido um atendimento mais prático a essa altura da guerra. O médico prescreveu um período de três dias — setenta e duas horas — para descansar antes da cirurgia. Tempo suficiente, esperavam, para os antibióticos fazerem efeito e o recente inchaço da perna melhorar. Sorenson largou o jornal e pegou na mão de Easley assim que ele entrou de cadeira de rodas na sala de espera. Já tinha se dado ao trabalho de comprar roupas novas para Easley. As roupas de Sorenson se mostraram muito curtas na perna e nas mangas e folgadas demais no resto do corpo. Para Easley, essa generosidade o lembrou de quando os dois tentaram pela primeira vez entrar nas Aleutas clandestinamente. Sorenson não hesitava em dividir comida, bebida ou dicas quando tudo se tornava escasso. Aguentou firme ao lado dele em Kodiak, quando quatro marujos da Marinha mercante estavam a fim de brigar. O que Sorenson vê nele, Easley não consegue saber. Mas sua presença e os novos comprimidos que o médico forneceu fazem Easley sentir-se renovado. Bem-disposto para tomar um banho e se barbear sem muita dor. Easley imagina que está o mais apresentável possível.

Sorenson ligou antes para avisar Helen de que o Natal tinha chegado mais cedo. Contou que Helen chorou de alegria quando ele prometeu que os dois iriam direto para a casa dela. Easley tem uma boa visão de como deve ser essa reunião. Já compôs a cena na cabeça, visualizou-a muitas vezes. Vai reentrar na vida dela como um homem o mais completo possível. Estará diante dela outra vez — vendo, ouvindo e tocando nela de novo — na casa onde ela passou a infância, não num terrível quarto de hospital.

— Tem umas coisas que você precisa saber — explica Sorenson. — Helen seguiu todas as pistas, foi atrás de todos os jornalistas e editores da cidade. Quando isso não funcionou, viajou lá para o Norte. Seguiu sua pista até as Aleutas... Vou te dizer, essa mulher sabe ser insistente.

Seria uma repórter melhor que nós dois juntos.

Easley fica sabendo como Helen se reformulou para perseguir seu objetivo. Como preferiu deixar o pai convalescente em casa. Como conseguiu chegar a Adak com uma trupe da USO quando soube que ele tinha assumido a identidade do irmão, que o avião em que estava foi abatido perto de Attu e, mesmo assim, continuou acreditando. Como, no final, uma fonte que descobriu aqui em Seattle deu uma dica sobre um homem encontrado em Attu. Como aquela dica a levou a ligar para um oficial de alta patente que conheceu em Adak, como Adak levou a Anchorage...

— E ao hospital de Fort Richardson?

Sorenson vira-se para olhar para ele.

— Ela ligou pra lá fingindo ser uma repórter do *Post-Intelligencer*.

Easley assimila a ideia por alguns instantes, abanando a cabeça devagar.

— Disse que queria confirmar os boatos sobre um homem que sobreviveu depois de ser derrubado sobre Attu ainda ocupada pelos japoneses. — Sorenson nitidamente se delicia contando a história. — Um homem que “sobreviveu aos invasores”. Mas, quando ela afinal conseguiu ligar todos os pontos, o seu avião já estava voando para casa.

Easley olha pela janela, tenta imaginar aquilo, no entanto só consegue visualizar a imagem da boca de Helen numa expressão determinada, as mãozinhas fechadas ao lado do corpo. Durante sua provação, tentou muitas vezes conjurar a imagem de Helen esperando por ele, na segurança de sua casa. Tentou extrair algum consolo desse pensamento positivo. Diante do relato de Sorenson agora, fica claro que ele ainda tem quase tudo a aprender sobre a mulher com quem divide o nome.

Mais alguns quarteirões e eles vão entrar à direita, na rua da igreja da paróquia da família dela, tomar o rumo oeste, sob a sombra das velhas aceráceas, e entrar no estacionamento, a janela do passageiro dando para a casa. Easley vai abrir a porta, sair com a máxima elegância que conseguir. Helen vai vê-lo alcançar sua estatura normal, de pé numa perna só sem ajuda de ninguém. Depois vai pegar as muletas. Não vai esconder nada dela, mas faz questão de mostrar o que ainda pode fazer.

Quando Easley a vê, refletindo sobre o que vai dizer, sente ao mesmo tempo uma grande fragilidade e uma duradoura sensação de paz. As razões de ter saído do lado dela parecem bastante longínquas, pequenas por algum motivo, mostrando uma validade apenas relativa. Só pensa no toque dela, no seu companheirismo e em como — privado daquilo — se tornou um homem que ela não mais conhece.

Sorenson dá um tempo para ele se preparar em silêncio. O brilho da luz do sol na janela lateral faz o braço pálido de Easley luzir. Ele recolhe a mão ao colo, vê os prédios passarem, nota como as fachadas das lojas competem por atenção. E por onde olha as pessoas estão andando, sonhando acordadas, cumprimentando-se umas às outras — mais ou menos à vontade.

Sabe que Helen vai fazer uma oração nesse momento. De vez em quando ele também se sentirá propenso a isso. E sente uma onda de gratidão diferente de tudo o que já sentiu. Sente-se agradecido pelo conforto, pela segurança e pela estabilidade dessa cidade e de toda a costa do Pacífico. Pelo amigo quieto e grandalhão ao seu lado. Por saber que Helen espera sua chegada naquela casa grande e vazia. Mesmo assim, não sente vontade de agradecer ao que um dia imaginou ser Deus. Fazer isso seria responsabilizar essa entidade por ter permitido a morte de seu irmão — de Karl, do grego, do pequeno padioleiro, do primeiro-sargento Uben Kubota, todos os que perderam a vida em Attu. Pelos aleútes desaparecidos. Mas não existe mais nada a culpar, ninguém a quem agradecer. Não é preciso olhar além de nós mesmos para encontrar a parte responsável. Ainda assim, sua gratidão continua a se expandir. É difusa, genérica, abrangendo a todos, a todas as coisas.

Sorenson vira o volante e dirige o carro até a entrada. Desliga o motor. Easley vira-se e vê que os olhos dele estão tímidos e aquosos. Easley estende o braço, os dois homens trocam um aperto de mão, em seguida ele abre a porta. Mas a casa está fechada, sem sinal de vida.

Sorenson planta um cigarro entre os lábios.

— Provavelmente ela está depilando as pernas. — Bate nos bolsos à procura de um isqueiro, olha para cima e logo tira o chapéu.

Easley vê a porta se abrir para dentro e a tela ser empurrada para fora num só gesto.

Quando Helen sai da sombra da varanda, a luz do sol ilumina os cachos avermelhados caídos no pescoço e nos ombros.

Easley se prepara, avança no assento, mão esquerda no painel, mão direita no batente da porta. Planta o pé direito no chão pouco antes da calçada. Gira o quadril, afasta-se, mas ela está em cima dele antes de encontrar o equilíbrio. Os braços estendidos em sua direção, os olhos fixos no rosto dele. O avanço de Helen vai de encontro a sua ascensão, e de repente ele está voltando para trás. Percebendo o problema, Sorenson atravessa o banco como um goleiro. Dá um empurrão firme nas costas de Easley, para evitar que caia para dentro. Helen é obrigada a dobrar os joelhos e abrir as pernas de um jeito nada feminino. E agora está com ele nos braços.

John parece magro e fraco. Peito afundado, braços finos, escápulas salientes. Tom garantiu que ele tinha recuperado parte dos vinte e cinco quilos que perdera na ilha. Mas não é o bastante. É como se ela abraçasse uma versão mais velha do marido, como se tivesse vivido duas vezes seus anos cronológicos. Contudo os braços dele, as mãos e o corpo respondem como antes. O cheiro de lã e tabaco, o leve aroma adocicado — até o cheiro é o mesmo. Enquanto ela reconcilia o passado com o presente, Easley beija seus lábios, as faces, a testa. Beija-lhe a palma das mãos. Os dois começam a oscilar outra vez, apoiados um no outro como dois bêbados. Riem com um alívio desajeitado.

Tom oferece as muletas, e depois volta para pegar uma mochila esfarrapada. John define o ritmo por todo o trajeto e através do pátio até, extraordinariamente, por quatro escadas até a

varanda. Helen mantém a tela aberta enquanto ele entra.

Tom deposita a mala na varanda. Aspirando a um cumprimento mais próximo, ele se apresenta para dar um abraço em Helen.

— Um chá gelado?

Tom abana a cabeça e desce a escada prometendo voltar na sexta-feira para levar os dois ao hospital. Volta correndo para o carro.

John senta-se ereto no sofá, muletas descansando ao lado discretamente. Não consegue afastar os olhos dela. Helen fica à sua frente, incerta do que virá a seguir, esperando alguma dica ou insinuação.

— Você foi atrás de mim.

Ela aquiesce, sente o rosto se contrair com a dolorosa lembrança. Easley ergue uma das mãos. Ela dá um passo à frente para segurar.

— Você me ama.

Mais uma vez, ela aquiesce sem dizer nada.

— Como eu amo você — ele completa.

Easley a puxa para mais perto, acaricia seus lábios, tateando, como se para confirmar que os dois estão mesmo ali. Depois passa a mão atrás da perna direita, puxando-a pelo joelho. Força as mãos para baixo, acaricia a barriga da perna, tira o sapato de Helen. Gesticula para a perna esquerda, tira o outro sapato. Ela fica descalça à sua frente.

Helen abre a blusa e o aconchega ao peito.

John cai sobre ela com a percepção de que aquele é o seu centro, o lugar para reconstruir a vida, o único começo ou o fim verdadeiro. É uma verdade em que ele não acredita, mas incorpora. Essa é a fé que vai perdurar. E é por isso que ele agradece.

Helen segura a cabeça dele entre as mãos, sentindo a eletricidade vital. Não consegue conter sua gratidão ao Senhor, à sua Mãe Abençoada e ao Espírito Santo, por trazê-lo de volta para casa. John é sua prova viva. Sua fé, sua esperança, suas aspirações satisfeitas. Será certo rezar num momento como esse? É a prece mais bela, mais de coração e agradecimento que ela jamais proferirá.

VINTE E CINCO

HELEN ESTÁ CANTAROLANDO na cozinha desde o início da tarde. O clima é tão convidativo que ela resolve que vão comer lá fora. Com temperaturas amenas e luz abundante, os dias parecem quase intermináveis, capazes de conter tanto a indolência como as ambições dos dois. Seu instinto primário é pedir que John pegue a mesa de armar e a leve para os fundos, mas consegue se deter a tempo.

John fica com ela na cozinha, observando-a enquanto faz os últimos preparativos. Depois dessa refeição, ele terá de ficar em jejum para a cirurgia de amanhã. Helen tira os ovos em conserva da geladeira. Espia dentro do forno para verificar a cebola dourando em cima do assado. Mexe os cubos de gelo do uísque dele quando passa por entre o armário e a despensa, pegando pratos e travessas. John tem o mesmo prazer e a mesma satisfação em observá-la que terá em comer a refeição resultante. Bebe o restante da bebida, pega as muletas.

Helen estende a toalha de mesa sob a macieira solitária, a árvore que o pai plantou no dia em que ela nasceu. Enquanto ela arma as cadeiras, Easley vem até a mesa, passando pelo varal do quintal. Senta-se em seu lugar e fica olhando quando ela traz uma travessa de cerejas bem vermelhas, um prato de salada verde. Ele não tem coragem de dizer que a visão e o cheiro de tal banquete são quase um total desperdício. Seu apetite parece ter desaparecido nesses dias, e ele busca uma forma de explicar. Ela fez até um bolo. Helen enxuga as mãos no avental na altura do quadril e volta saltitando pelo quintal, com dois copos de limonada. Tudo é tão bonito...

Vai com calma, Easley diz quando ela começa a encher seu prato. Deve ser a longa viagem, explica. Os comprimidos, o calor a que se desacostumou. Não faz menção ao que o aflige por dentro.

Enfim Helen se senta ao seu lado. Uma brisa começa a soprar. O velho pinheiro no quintal do vizinho balança suave sob o céu. Ela olha para as frutas verdes da árvore acima e imagina as muitas tortas e os doces por vir. John aproxima-se da mesa e pega a faca e o garfo.

Desde seu retorno, dois dias atrás, ele tem evitado discutir planos para o futuro. Helen imagina quanto deve ser difícil para ele pensar no pós-operatório, na convalescença, aprender a viver sem uma perna. Será que está ansioso para saber como eles vão se entender? Para tranquilizá-lo e dar força, ela menciona alguns planos próprios.

— A casa é nossa enquanto precisarmos. Papai não pensa em voltar. — Olha para a janela acima. — Podemos montar um escritório no antigo quarto de Frank e Patrick. É um lugar bem iluminado. Vamos comprar uma boa mesa e colocá-la de frente para a janela. Você pode ficar olhando as árvores enquanto escreve. Claro que eu já pensei na escada, mas já percebi como você se locomove. A não ser que esteja pensando em trabalhar em período integral num jornal.

Como colunista ou editor. Alguma coisa aqui na cidade... E em mais algumas semanas eu vou arranjar um emprego. As coisas estão diferentes agora. Existem muito mais coisas que as mulheres podem fazer. Quer dizer, a não ser que eu fique grávida demais pra trabalhar.

Easley sorri ante aquele panorama futuro, limpa a boca, contempla Helen com prazer. Mas não consegue aceitar seus sonhos nem ajudar a colori-los. Não até ela saber que tipo de homem está agora ao seu lado, o homem que divide a cama com ela.

Para se preparar para a longa estrada à frente, ele começa por um caminho mais fácil. Relata a conversa que teve com a mãe pelo telefone, seu pedido para que ela espere alguns dias antes de visitá-los.

— Ela insiste que usemos as economias de Warren — explica. — Dinheiro que estava guardando para comprar um pedaço de terra. Você sabe como ela é. Em vista das nossas condições, eu não consegui pensar numa objeção razoável. — Ao dizer aquilo em voz alta, John se surpreende com o fato de o irmão ainda poder interferir na vida deles.

Easley tira um embrulho do colo e o entrega a Helen. Ela leva o guardanapo aos lábios, dá uma espiada. São dezenas de cartas, em envelopes sem selo, datas e períodos inscritos onde deveria estar o endereço do remetente, seu nome escrito na frente de todos.

— Deixe pra ler mais tarde. Depois da operação. Quando estiver acostumada comigo e eu começar a te enervar outra vez.

Resolve revelar o que está pesando dentro dele desde que começou a acreditar que iria sobreviver. Fala sobre Karl, o tempo em que passaram na caverna, escondidos do inimigo. Como deixou o garoto sozinho no escuro e não conseguiu encontrar uma tala a tempo. Esperando com uma pedra acima da entrada da caverna, mirando a cabeça de um sargento japonês. Para sua surpresa, percebe que aquelas palavras pesadas fluem com facilidade, como se estivesse descrevendo episódios da vida de outra pessoa. Faz uma pausa de um momento, vê a mão dela crispada no pacote de cartas. Fala sobre os tesouros que encontrou enterrados numa velha lata de chá. Como teria perdido o resto do juízo não fosse pela foto de uma jovem aleúte, seu pequeno bilhete, a esperança que inspirou.

— Foi difícil explicar, até para mim mesmo — fala —, e não espero que entenda. Mas você precisa saber que ela era tão real para mim quanto minha própria vida ou como se você estivesse lá ao meu lado.

Helen vê tudo escrito na tensão da mandíbula dele, na curva cansada dos seus ombros. A culpa por ter desapontado um amigo, ter matado um inimigo. Mas depois ela perde o rumo. Essas duas mortes parecem um prelúdio ao bilhete e à fotografia. Não sabe ao certo se isso levará a uma revelação maior ou se é uma espécie de teste. Não sabe como proceder.

— John. Você está falando sobre uma fotografia. Como de uma garota de calendário.

— É o que estou tentando dizer. Não foi nada disso.

Helen toma um gole de limonada, afasta o cabelo dos olhos.

— Ela chegou até mim na hora mais sombria. Foi como se tivesse *escolhido* se revelar para mim. Helen... eu amei aquela garota. E senti o amor dela por mim. Teria dado minha vida por ela, mas foi ela quem me salvou. Sei que isso pode parecer chocante pra você, mas ela é a razão de eu estar aqui hoje. De estar ao lado da mulher que sempre amei.

— John...

— O nome dela é Tatiana. Nunca nos conhecemos pessoalmente. Os japoneses a levaram antes de eu chegar. Até onde sei, ela pode estar morta... Quando me ouço dizendo essas coisas, só posso imaginar o que você deve estar pensando. Mas eu preciso que saiba, preciso que me perdoe.

Helen deixa o guardanapo e as cartas de lado, recosta-se na cadeira. Tanta comida para duas pessoas com tão pouco apetite. Lembra-se do hangar em Adak, o palco inacabado, o avião Perera fixando pregos no piso. Por seu lapso momentâneo, ela já pagou o preço total. É um evento que ela não vê razão para reviver ou confessar, levando a confundir ou estragar esse dia.

No fim, o que resta é a confiança que ele deve ter nela. A fé que ela vai aceitar, sem entender, que o que os dois têm entre si não pode ser diminuído. John não sabe o que é o alívio de se confessar com um padre. Só a absolvição dela é o que importa. Ela percebe o peso de seu fardo e instintivamente se comove em aliviá-lo.

— John, se eu estivesse sozinha numa ilha, só com uma fotografia? Quem sabe? Talvez eu me apaixonasse por Herbert Hoover.

John entende a afirmação, aquiesce, olha para baixo e para o lado.

Seja real ou imaginário, seja o que for que tenha feito lá ou com quem, não é da conta dela agora. Helen está com ele outra vez. Ele tanto mudou como continua o mesmo. Na comparação, ela acredita que ele é mais do que o homem que conheceu antes. Helen pega na mão dele e a beija. Ela já ouviu sua história. Chegou a hora de esquecer. Não há nada a perdoar.

O estômago dele parece ter se acalmado, o apetite começa a se manifestar. Os dois comem em silêncio por um tempo. Com as costas da mão, Helen afasta com delicadeza duas vespas dos restos do assado. John pergunta sobre os salmões subindo a correnteza na primavera, se Joe conseguiu pescar alguma coisa antes de se mudar para a costa. Helen preenche os detalhes do derrame do pai, a queda da escada, sua resistência notável. Easley revira os olhos ante a súbita preocupação com os filhos pródigos. Fica animado com esses episódios mais recentes, narrando temas e personagens familiares. Mas na maior parte do tempo ele se perde, subindo e descendo ao ritmo da voz dela.

Antes de saírem para o hospital naquela manhã, de repente Helen se sente compelida a levar um dos quebra-cabeças do pai. A tampa da caixa mostra um moinho na orla de um campo de tulipas colorido em algum lugar da Holanda. Assim que se acomodam no quarto de John, ela espalha as

peças na mesa. Senta-se ao lado dele na cama. Primeiro estabelece os limites, organizando os fragmentos de flores por cor. Os dois trabalham juntos num silêncio agradável — até ele estender o braço e empalmar o seio dela.

A cirurgia só vai acontecer dali a duas horas. Quando chegar o momento, alguém vai chegar para levá-lo. O palpite do médico é que, durante a amputação, perdeu-se uma lasca de osso que agora está alojada dentro do músculo. Dadas as circunstâncias, os cirurgiões de campanha fizeram o melhor possível. O médico vai procurar e remover o problema, em seguida fazer com que a ponta do fêmur fique redonda e lisa outra vez. Depois disso, uma faixa de músculo e pele será puxada para recobrir o osso e costurada em posição. Quando os tecidos cicatrizarem e o músculo se recuperar, seu peso poderá voltar a se sustentar. Algum tempo depois, uma perna postiça feita sob medida. Se tudo der certo, o paciente estará andando no final do verão.

Poucas horas se passam sem que Easley não reveja de relance os olhos famintos de Karl, não sinta o peso do grego a pressioná-lo no chão. Algumas lembranças não esperam para ser chamadas do passado — elas moram aqui e agora. Será que o futuro se revela de maneira semelhante?

Estranhamente, Tatiana o deixa em paz.

À medida que as fileiras de tulipas tomam forma, Easley volta o pensamento para a imagem que vem chamando sua atenção desde Attu.

— Já entendi — diz, erguendo os olhos da mesa.

— O quê?

— Ontem você me perguntou se eu tinha planos. Bom, eu tenho. Na verdade não é um plano, só uma imagem.

Helen se recosta na cadeira e cruza os braços.

— Você usando um avental, de pé num campo, uns dois filhos correndo animados a distância.

Na visão de Easley, a guerra há muito já foi decidida. Talvez até lá tenha se passado tempo suficiente para ele afinal conseguir expressar seu fragmento da história. Isso também parece uma lasca de si mesmo, deslocada, um perigo para o tecido saudável ao redor.

— Você está com o dinheiro que eu te dei?

Helen abre um sorriso.

— Enquanto eu estiver aqui, quero que você saia, como nós combinamos.

— Sim, senhor.

Os dois conseguem alinhar mais umas poucas fileiras de tulipas até a chegada dos atendentes. Dois homens entram no quarto e rolam uma padiola até o lado da cama. Quando fazem menção de ajudar Easley a subir a bordo, ele os afasta com um gesto e sobe sozinho. Com todo o cuidado, Helen recolhe o quebra-cabeça para continuar à noite, amanhã ou no dia

seguinte, enquanto espera que ele acorde do torpor. Os atendentes o empurram em direção à porta. Helen toca no ombro de um deles, depois segura a mão do marido.

— Coisa linda — ele diz. — Te vejo à tarde.

Ela o beija no rosto, continua ancorada no chão enquanto os homens se afastam com seu marido.

Helen examina o quarto vazio, recorda a vigília do pai pela mãe moribunda. Sente uma súbita vontade de fugir. Mas se acalma, pega a bolsa e o xale. Sai para o corredor e anda na direção oposta.

O puro sol do meio-dia se reflete nos pisos recém-encerados. Helen passa por uma série de janelas, por sucessivas colunas de luz, compondo uma nova oração. Toma cuidado para não pedir novos favores ao Senhor e só agradecer mais uma vez por tudo o que já fez. Já se sente presenteada com tantas graças que só pede a sabedoria para continuar percebendo suas bênçãos. Fora do hospital, ela toma um ônibus a caminho do centro comercial onde, apesar do racionamento e da carestia, apesar da guerra, ela vai encontrar o perfeito vestido de verão.

Easley fica à espera, imaginando como Helen vai estar quando voltar. Coberto por um lençol fino, ele agradece pela tepidez da sala de cirurgia, o som de alguém assobiando logo depois da porta. Abstrai-se em meio às vozes que agora o rodeiam, discutindo o número e a angulação das luzes, a altura e a disponibilidade de mesas e bandejas. As luzes começam a esmaecer quando o vento balança a lona da barraca hospitalar. Sente a curva pesada da maca, a mistura úmida no ar. Alguém cantarola um trecho de uma música. Jazz? Tenta imaginar uma das rotinas musicais de Helen. Terá de pedir uma apresentação particular. A neve cai na entrada da caverna, a macieira está carregada. Como ela estará quando voltar? Logo depois todas aquelas coisas parecem perder a coesão e flutuar para longe, até ele se sentir totalmente leve. Nunca se sentiu tão limpo.

VINTE E SEIS

9 DE NOVEMBRO DE 1945

HELEN NÃO CONSEGUE ENXERGAR a cerca do quintal do fundo, nem as árvores, nem os postes telefônicos mais adiante. É uma das raras neblinas outonais que caem de repente sobre a cidade, afogando sons e luzes. O rádio adverte que qualquer um que pretenda atravessar a cidade hoje pense duas vezes. Além da neblina, um desfile não programado está passando pelas ruas. O tráfego está parado. Helen percebe que, se quiser ter alguma esperança de chegar ao seu destino a tempo, precisa pegar o casaco e sair. Enfia o pacote na bolsa, atravessa a silenciosa sala de estar e sai para o dia nublado.

Fora do raio de ação da estufa, a casa está fria há semanas. Não chega a estar tão frio a ponto de os canos congelarem, por isso faz pouco sentido desperdiçar calor na sala vazia. Logo mais o lugar estará cheio de vida outra vez. Helen assinou um contrato de aluguel por um ano com os pais de quatro crianças. Com Joe e Helen ausentes pelo futuro previsível, a casa teria caído no abandono. Dessa forma, alguém vai estar aqui para cuidar das coisas, manter o velho lugar vivo e respirando.

Depois de catorze meses de trabalho na Cruz Vermelha local, Helen está de olho na Europa, onde milhões de pessoas ainda estão desalojadas na esteira da guerra. Assinou contrato com uma instituição de assistência na França. Parte em onze dias. Lá vai distribuir roupas e alimentos, preencher incontáveis requerimentos de migração, ensinar inglês em campos de refugiados. Vai ajudar os que procuram por parentes perdidos. Vai encontrar as irmãs e o irmão da própria mãe, se eles tiverem sobrevivido. Estará disponível, oferecendo a ajuda que puder prestar. Vai lembrá-los de que têm uma família no outro lado do mundo. Helen fará essas coisas para se manter ativa, ser útil, tentar preencher o vazio em si mesma.

Os médicos lembraram-na delicadamente que não existem garantias em cirurgias. Apesar dos avanços, a ciência está longe de ser exata. O que não sabemos pode facilmente desequilibrar a balança. Coágulos de sangue e embolias, sistemas circulatório e respiratório enfraquecidos por má nutrição, os riscos da anestesia. Quando pensa nisso agora, fica claro que John encontrou seu fim nas ilhas Aleutas, mas de alguma forma conseguiu voltar para casa para enfim descansar. Seu retorno, e sua breve visita, bastou para confirmar e ser um doloroso teste para sua fé.

John foi restaurado a ela por três dias antes de ser perdido de novo. Agora, dois anos, quatro meses e vinte e sete dias se passaram. A ausência dele fez com que questionasse se existe outra vida além desta. Abalou suas certezas. Nesse período, ela perdeu muito do que antes

acreditava ser verdade. Só recentemente começou a se reconstruir, voltar a rezar. Uma coisa que nunca esteve em questão foi a necessidade de esperança — não um desejo etéreo por tempos melhores, e sim uma convicção que chama a ação, exige que ela encontre seu próprio caminho. Esperança: não apenas por si, mas pelo que revela.

A cidade já teve sua dose de celebrações pelos homens que lutaram do outro lado do oceano, boas-vindas espontâneas ou planejadas. Nessa manhã, depois da chegada simultânea de dois navios com tropas ao porto de Seattle, os soldados saíram pelas passarelas, ganharam as calçadas e as ruas, sendo festejados por transeuntes. Quase três meses depois do Dia da Vitória, o apetite pelo regozijo parece não ter diminuído. Mas Helen está numa esquina quando a neblina se dispersa e milhares de soldados uniformizados passam pelas aclamações sem corpo. Fica abraçada a si mesma, desejando que os homens passem depressa. Só quando estão à distância de um toque pode-se ver o bronzeado profundo e os cabelos queimados de sol. Sedans de família, táxis e jipes militares passam com homens debruçados nas janelas, cantando e tocando buzinas. Os que estão a pé gingham numa formação casual, grupos de oito ou dez, acenando para a multidão. Uma banda num caminhão aberto toca “When the saints come marching in”. Civis aproveitam a oportunidade para se misturar com alguns dos últimos homens a voltar das ilhas recém-libertadas e dos atóis do Pacífico Sul. Helen considera se haverá algum veterano de Attu entre eles. Circunscreve a multidão, impossibilitada de passar no meio, obrigada a percorrer um longo contorno. Mas o céu está clareando, a névoa bate em retirada — os heróis puseram a neblina para correr.

Quando chega afinal ao desgastado saguão do hotel Cascade, Helen de imediato vê o homem sentado numa cadeira macia, de espaldar alto. Usa uma capa velha sobre camiseta branca, suspensórios presos na cintura da calça surrada. Tudo de segunda ou terceira mão. Os olhos são pretos e amendoados, a pele tem a cor de casca de noz. Parece nativo, mas poderia ser confundido com asiático ou até japonês. É difícil dizer, mas Helen adivinha que deve ter mais de sessenta anos. Nem cogita se esse é mesmo o homem que procura.

Helen se apresenta como a mulher com quem ele falou ao telefone ontem. Alexander Seminoff procura a beira de cadeira, engancha os óculos de aro de metal nas orelhas. Quer levantar para cumprimentá-la, mas Helen vê o esforço que vai custar essa atitude e logo se senta na cadeira ao lado. Descansa a bolsa no chão e pergunta como ele está.

— Estamos em boa forma desde que chegamos a Frisco. E todos estão nos tratando muito, muito bem.

Helen quer pular a conversa fiada, os “como vai a vida”, e pergunta como eles conseguiram sobreviver. Do Bureau de Assuntos Indígenas, ela soube o seguinte: quarenta e cinco pessoas desapareceram em Attu, e apenas vinte cinco sobreviveram. Relacionada entre as sobreviventes há uma mulher com o nome de Tatiana.

Helen fica sabendo que, depois da invasão japonesa, os moradores de Attu foram mantidos prisioneiros na ilha durante três meses, antes de ser embarcados para a ilha de Hokkaido. Lá suportaram três anos de trabalhos forçados. Dezesete morreram de fome ou doença. Os sobreviventes tentam encontrar o caminho para casa desde que o Pacto de Rendição foi assinado.

— Foi uma longa jornada — conta. — Antes de sair do Japão, fizemos a nossa primeira viagem de avião. Alguns ficaram assustados, mas eu achei meio emocionante. Depois, de repente, o piloto pede pra olharmos pela janela. “Deem uma boa olhada”, ele diz. “Vocês são os primeiros civis a ver as ruínas de Nagasaki.”

Helen aquiesce. Pode adivinhar, mas não consegue saber o que significa esse ponto de vista.

— Em Hokkaido, ficávamos imaginando como as coisas estariam ruins em casa. Aqui, pelo menos, mal parece que houve uma guerra.

— Sr. Seminoff, sinto dizer que pouca gente sabe o que aconteceu nas ilhas Aleutas. — Considera o tempo certo, adia sua fala de abertura. — Se não se incomoda que eu pergunte...

— O que aconteceu comigo está lá no meu quarto. Tem três caixas lá em cima. As cinzas da minha mulher, do meu irmão e do filho dele. Agora estou levando tudo para casa.

Parte dela se pergunta o que mais resta dizer. A outra parte, a parte que se identificava com John, quer ver tudo posto às claras, em plena luz do dia. Poderia colocar o homem em contato com Sorenson ou com vários outros repórteres ou editores que pudessem contribuir para aquela história ser conhecida.

— O senhor não acha que as pessoas deveriam saber?

A pausa resultante dá a impressão de que ele foi posto na berlinda, instado a se expressar em nome de outros, a falar com autoridade sobre coisas que ela não poderia jamais entender. O olhar dele vaga pelo fluxo estável de chegadas e partidas.

— Senhora? Agradeço pelo seu interesse, mas agora nós só queremos voltar pra casa. Achávamos que a coisa tinha sido difícil até vermos o que vimos, sabermos o que aconteceu em quase toda parte. Qual o sentido de expor tudo isso agora? Talvez um dia eu conte aos meus netos, se eles perguntarem. Quando parecer que estão prontos para saber.

Helen pensa em perguntar se já informaram que a aldeia dele foi destruída, mas não consegue reunir coragem. Ela não veio para anunciar mais essa perda, além das outras.

— A senhora disse que tem uma coisa para minha filha?

Uma coisa que Helen não tocava havia quase um ano. Uma coisa que se pretendia escondida em segurança.

— Tenho — ela responde em voz baixa.

— Ela já devia estar aqui. Acho que se atrasou, como todo mundo. Podemos esperar um pouco, se quiser.

— Será um prazer.

Ele parece contente em esperar em silêncio. É educado, mas parece não ter curiosidade de saber quem ela é ou como chegou até ali. Não pergunta como ela veio a estar de posse de algo pertencente a um membro da sua família ou o que poderia ser. Não pergunta sobre a guerra. Talvez tenha a sabedoria de desconfiar que ela também tenha pago seu preço.

Juntos, ficam observando os clientes irem e virem. Tantos homens recém-desmobilizados, todos à vontade de paletó e gravata.

Finalmente ele pergunta se ainda restam algumas aves marinhas por essas partes, de que tipo seriam ou se, como tantas outras coisas, foram todas consumidas pela guerra. Ela explica o pouco que sabe sobre marrecos e gansos canadenses, sorri ao pensar em John ouvindo aquilo, animado com a oportunidade de preencher os detalhes com ao menos uma dúzia de outras espécies.

Uma jovem entra no saguão. Círculos em torno dos olhos cansados. Rosto encovado. Cabelos negros como asa de um corvo. A mulher que já foi a garota da fotografia dentro do pacote aos pés de Helen. Ela já foi e será bonita outra vez.

Ao avistá-la, Alexander Seminoff se ilumina. Inclina-se para a frente na cadeira.

— Lá está ela com o marido. E aqueles são os primos.

Ao lado dela, um nativo com uma valise na mão. Deixa a mala no chão, passa o braço pelos ombros da mulher, aperta-a contra ele. Helen prende a respiração. Faz mais de dois anos e mil e duzentos quilômetros desde que o viu na estrada perto da catedral Ortodoxa de Sitka, quando dividiram uma garrafinha de conhaque atrás da loja. Ele cresceu tanto em peso como em estatura. Está transformado. Só agora ela percebe quanto chegou perigosamente perto.

O casal cumprimenta os primos, partindo depois para o que parece ser uma reunião há muito desejada. No rosto do jovem, Helen reconhece o que veio a conhecer como alegria ressuscitada — a felicidade rarefeita cujos boatos anunciaram a morte, mas que voltou à vida mais uma vez.

Helen viveu em dúvida se esse dia chegaria a acontecer. Pensou muito nisso durante a guerra, rejeitando como extremamente improvável. John jamais esperaria que ela fizesse aquilo, porém foi algo que quis fazer desde que soube que Tatiana estava viva. Reconheceu que era o momento de afinal proferir seu bem planejado discurso, a história de como aquelas coisas vieram parar na mão dela. O que significaram para John Easley. Como Helen deve a Tatiana a força que trouxe John para casa — ainda que tão brevemente.

Vendo-os agora, Helen considera o efeito que tal conhecimento poderia ter nessa mulher, tanto agora como no futuro. A forma como essa história pode se enraizar na mente do jovem ao seu lado. Imagina como ela própria se sentiria tentando explicar a improvável devoção de seu falecido marido. Num instante ela pesa todas aquelas coisas, antes de entregar o pacote.

— Desculpe — diz Helen. — Mas eu já estou atrasada.

Atrasada para quê, ela nem imagina. Acabou de chegar aonde se sentiu destinada a ir. Mas o fardo que achou que transportava de repente desaparece, surgindo em seu lugar a vontade urgente de proteger.

Helen se levanta.

— O senhor pode entregar isso a ela?

— Não quer dizer um alô?

— Sr. Seminoff...

Ele ergue os olhos, avalia o olhar dela.

— Fique com Deus — ela diz afinal. — Boa sorte para o senhor e a sua família.

— Para a senhora também.

Muda o pacote de mão e estende o braço direito. Helen tenta apertar a mão dele, que beija sua mão. Naquele momento, ela fecha os olhos e os abre de novo num mundo que mudou mas continua o mesmo. Depois se vira e atravessa o saguão, saindo para a luz e a multidão.

AGRADECIMENTOS

SOU PROFUNDAMENTE GRATO à minha primeira leitora e amada esposa, Lily Harned. Ela sempre acreditou.

Com este livro, fui extremamente afortunado por ter tido o tipo de editor que lê e relê nas entrelinhas. Obrigado, Lee Boudreaux. Grato a Daniel Halpern, por dar a este livro uma entusiasmada recepção e apoio na Ecco. Patrick Crean, da HarperCollins Canada, foi o primeiro em cena. Ele forneceu conselhos inestimáveis e apoio incondicional. Iris Tupholme manteve-se firme por trás deste projeto desde o começo. Sophie Orme, da Mantle/Pan Macmillan, ofereceu um sensível e bem-vindo *insight*. Rachel Meyers entregou a cópia editada do original antes de o bebê chegar, e Allison Saltzman fez o deslumbrante design da capa. Ryan Willard e Karen Maine mantiveram tudo na linha. Obrigado a Michael McKenzie, Ashley Garland, e a todos da Ecco/HarperCollins, da HarperCollins Canada e da Mantle.

Agradeço à minha extraordinária agente, Victoria Sanders, e à sua equipe: Bernadette Baker-Baughman, Chris Kepner e Chandler Crawford. O enorme apoio deles ajudou a garantir que este livro encontraria o caminho até suas mãos. Devo agradecimentos especiais a Mary Anne Thompson, cujo precoce e apaixonado apoio abriu muitas portas.

Ao longo da gestação deste livro, recebi imensa generosidade, encorajamento e apoio pelos quais sou profundamente grato. Primeiros leitores – incluindo Edna Alford, Georges Borchardt, Joan Clark e Michael Winter – ofereceram sonora crítica. A MacDowell Colony, a Banff Centre for the Arts e o Our Town Café ofereceram lugares convidativos para escrever. Doações do Canada Council for the Arts, do British Columbia Arts Council e da Access Copyright Foundation me permitiram viajar até as ilhas Aleutas e me proporcionaram tempo para criar.

Estou em dívida com os escritores que trataram do tema da ilhas Aleutas antes de mim. Vários livros, jornais, pesquisas de história natural, relatórios governamentais, artigos e ensaios foram fundamentais na minha pesquisa. Entre eles, sobretudo, está a excelente história militar de Brian Garfield, *The Thousand-Mile War: World War II in Alaska and the Aleutians*; o relato comovente de Dean Kohlhoff sobre a detenção do povo Aleúte, *When the Wind Was a River: Aleut Evacuation in World War II*; o relato extraordinário de Corey Ford das primeiras explorações nas ilhas aleúte, *Where the Sea Breaks Its Back: The Epic Story of Early Naturalist Georg Steller and the Russian Exploration of Alaska*; e o sensível e esclarecedor *Moments Rightly Placed: An Aleutian Memoir*, de Ray Hudson.

Obrigado, a todos e a cada um.

NOTA DO AUTOR

EM 3 DE JUNHO DE 1942, a guerra chegou ao Pacífico Norte. O navio imperial japonês bombardeou Dutch Harbor nas ilhas Aleutas no Alasca. Quatro dias depois, uma invasão de cerca de dois mil e quinhentos japoneses da tropa de combate tomaram posse das ilhas de Attu e Kiska.

Os habitantes de Attu – quarenta e quatro aleútes e dois cidadãos norte-americanos não nativos – foram feitos prisioneiros. Um homem foi morto; os demais foram enviados para o Japão. O restante dos oitocentos e oitenta e um aleútes dispersos pelas ilhas Aleutas e Pribilof foram evacuados pelo Exército norte-americano e confinados no sul do Alasca enquanto durou a guerra.

Nos nove meses seguintes, as forças norte-americanas mantiveram uma campanha aérea contra a ocupação japonesa. Entre 11 e 29 de maio de 1943, uma das mais duras batalhas da guerra ocorreu para recapturar Attu. Na proporção de homens envolvidos, foi ultrapassada apenas por Iwo Jima como a mais dispendiosa batalha norte-americana no Pacífico. Foi a única travada em solo norte-americano.

A guerra nas Aleutas foi relativamente pequena no contexto do conflito global, e no entanto cerca de quinhentas mil pessoas participaram. Dezenas de navios, centenas de aviões e estimadamente dez mil vidas foram perdidas. Jornalistas foram obrigados a sair da região, a censura militar apertou e a maior parte da campanha foi travada fora da vista da imprensa.

Esses eventos são notas de rodapé esquecidas na história da Segunda Guerra Mundial.